Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

IDENTIDADE EM CONFLITO
Os imigrantes lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai
(1920 – 1955)

ERICK REIS GODILAUŠKAS ZEN

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

Identidade em Conflito
Os imigrantes lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai
(1920 – 1955)

ERICK REIS GODLIAUSKAS ZEN

Tese de doutorado, em História Social no
Departamento de História da Faculdade
de Filosofia Letras e Ciências Humanas,
da Universidade de São Paulo, sob a
orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Luiza
Tucci Carneiro.

São Paulo
2012

Resumo

A presente tese analisa as formas de estruturação e as relações entre as comunidades lituanas radicados na Argentina, Brasil e Uruguai. De forma comparada, buscaremos compreender as referências identitárias deste grupo nacional durante o processo de desenraizamento territorial e a formação dos laços de solidariedade ao longo do processo de inserção nos diferentes Estados nacionais. Ao mesmo tempo, analisaremos como estas comunidades se relacionavam, para além das fronteiras dos países em que se estabeleceram, construindo intercâmbios de experiências e organizando movimentos sociais e políticos. Das diferentes posturas políticas identificaremos os conflitos no interior das comunidades e destas com os Estados e a sociedade argentina, brasileira e uruguaia. Ainda consideraremos o papel do governo lituano nas formações comunitárias, durante o período de independência do país (1918 – 1940). Procuraremos observar a relação entre os lituanos de origem judaica com a estruturação das comunidades nacionais lituanas. Adotaremos como balizas temporais os anos de 1920 a 1950, contemplando os dois principais momentos desta imigração para a América do Sul.

Palavras-Chaves: *imigração, Lituânia, Argentina, Brasil, Uruguai, identidade-nacional, Comunismo, nacionalismo, varguismo, peronismo, judaísmo, anti-semitismo.*

Abstract

We aim to investigate the forms of organization and the relation among the Lithuanian communities rooted in Argentina, Brazil and Uruguay. By comparing them, we seek to understand the identity references within each national group during the process of territorial unrooting and solidarity bonding along with the inset processes in the different national States. At the same time, we intend to analyse how those communities have related to each other, beyond the country boundaries in which they had established themselves, building experience interchanges and organizing social and political movements. From the different political postures, we intend to identify the conflicts within the communities and against the Argentinian, Brazilian, and Uruguayan States and societies. We still intend to consider the Lithuanian government role in the community formation during the period of the country independency (1918-1940). We also look for observing the relation among the originally Jewish Lithuanian and the Lithuanian national communities formation process. We have considered the years between 1920 and 1950 as our time range, comprising the two main moments of the immigration to South America.

Key-words: *imigration, Lithuania, Argentina, Brazil, Uruguay, national identity, Communism, nationalism, "Varguism", Peronism, Judaism, anti-Semitism.*

Sumário

AGRADECIMENTOS.....	5
SIGLAS E ABREVIATURAS	6
INTRODUÇÃO.....	7
I - ENTRE O ESTADO E A NAÇÃO.....	28
1.1. <i>As Crises do Império Russo e o sentimento nacional</i>	28
1.2. <i>Do movimento nacional à independência: a nação como artefato</i>	35
1.3. <i>Da Lituânia para a América do Sul</i>	47
II - LAÇOS ENTRELAÇADOS.....	56
2.1. <i>A formação das organizações lituanas</i>	56
2.2. <i>A política do Estado lituano na organização dos imigrantes</i>	71
III - IDENTIDADE EM CONFLITO	83
3.1. <i>Tempos de mudança: a crise liberal e as soluções autoritárias</i>	83
3.2. <i>O cotidiano de conflitos: nacionalistas, católicos e comunistas</i>	91
3.3. <i>A Frente Antifascista. Os lituanos vão a Guerra na Espanha</i>	112
<i>Momentas. Nr °. 3 Ano I Buenos Aires, 22/10/1936.</i>	136
<i>Biblioteca Nacional de La Republica Argentina</i>	136
IV – ENTRE TRAGÉDIAS.....	138
4.1. <i>Os lituanos em Tempo de Guerra</i>	138
4.2. <i>Novos desafios: o reordenamento diante da Guerra Fria</i>	147
4.3. <i>Os Deslocados de Guerra e a luta anticomunista</i>	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
FONTES.....	175
BIBLIOGRAFIA	178

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro pela orientação e apoio.

A Fapesp (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) pela bolsa de doutorado que permitiu a realização dessa pesquisa.

A ajuda de todos os membros da comunidade lituana, principalmente das associações *SLA*, *Nemunas* e *Mindaugas*. Tenho que lembrar Ana Semanas, Juan Ignacio Kalvelis, Alberto Stalioraitis. A Arnaldo Vezbickas que me permitiu acompanhar as classe de lituano na SLA, bem como aos meus companheiros (as) de aula.

Na Argentina, aos funcionários da Biblioteca Nacional que de boa vontade literalmente reviraram a hemeroteca para encontrar cada número dos jornais lituano. Aos professores Claudio Ingerflom y Ezequiel Adamovsky do Universidade Nacional General San Martín (UNASAN) e a María Laura Lagos, Universidad de Buenos Aires (UBA). A arquivista Mariana Nazar, por toda ajuda e apoio nos arquivos argentinos.

Um especial agradecimento a Roberto Aleksionas que muito me ajudou com a documentação e livros por ele preservados. A Silvana Caetano Matulis e família que me acolheram em Montevidéu, “*um mate y um kugelis*”.

Na Lituânia, aos arquivistas histórico do Partido Comunista Lituano (LKP) e aos bibliotecários da *Lietuvos Nacionalinė Martynos Mažvydo Biblioteka*. Ainda é preciso agradecer a todos os amigos que fiz na Lituânia que me ajudaram no difícil processo de adaptação ao país, em especial a Zita Darguzite, Daiva Repeckaite, Raimunda Zinkevičiute. A todos os amigos do *Lietuvių Išėivijos Institutas* de Kauna e aos professores de idioma lituano da *Vytautas Didžiojo Universitetas* (VDU). *Labai Ačiū!*

Aos companheiros que conheci no que hoje posso chamar de segunda casa, o Che Hostel de Buenos Aires. Afetuosos e acolhedores me acompanharam nos momentos mais difíceis e, também pelas alegrias compartilhadas: Alicia, Mara, Erika, Fabian, Victoria, Gustavo, Javier, Juliane, Sebastian, Melanie, Sandra, Ana Carolina, Gabo e todos os que passaram por lá... “*Gracias Totales*”...

Aos meus pais, principalmente a minha mãe e aos amigos que aqui residem, mais do que agradecer tenho que pedir desculpa pelas longas ausências, mesmo distante foram todos cúmplices da minha trajetória. Aos camaradas Uiran, Lucas. Aos amigos Bernardo, Patrícia, Monica, Olivia e todos que me deram “aquela força!”.

Em memória

Alberto Stalioraitis

Gene Godliauskas Zen

SIGLAS E ABREVIATURAS

ALDLD - *Amerikos Lietuvių Darbininkų Literatūros Draugijos* (Associação Literária dos Trabalhadores Lituanos na América)

Deops – Departamento Estadual de Ordem Política e Social

Deip – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

DIP – Displace Person (Deslocados de Guerra)

DULR e da Lituânia Kuno Kulturo Rumai (Escola de Educação Física)

IC – Internacional Comunista

LLD - *Lietuvių Lieteratūros Draugijos* (Associação Literária Lituana)

LKP - Lietuvos Komunistų Partija (Partido Comunista Lituano)

PCA - Partido Comunista de la Argentina

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PCU – Partido Comunista de Uruguay

PLB – Pasaulio Lietuvių Bendruomene (Comunidade Lituana Mundial)

SDKPiL - Partido Social Democrata do Reino da Polônia e da Lituânia

SLA - Susivienijimas Lietuvių Argentinoje (Lituanos Unidos da Argentina)

INTRODUÇÃO

A identidade dos lituanos na América do Sul foi definida a partir do estabelecimento de relações transnacionais que possibilitaram a formulação de distintos projetos políticos e sociais, os quais colocaram a coletividade em permanentes conflitos, tanto internos como com os Estados receptores. Das disputas e das distintas resoluções dos conflitos é que emergiram a compreensão do que deveria ser entendido enquanto "lituanidade". Com o propósito de compreender este processo, buscamos reconstituir a estruturação das organizações lituanas e seus laços de solidariedade na Argentina, Brasil e Uruguai, considerando três aspectos fundamentais que a influenciaram: as transformações pelas quais passaram o país de origem; os distintos projetos de Estado influenciaram a vida social, cultural e política dos imigrantes, sobretudo diante das distintas perspectivas assimilacionistas e de nacionalização das massas que foram sustentadas pelas elites tanto na Argentina, no Brasil e, também no Uruguai; os movimentos políticos estruturados pelos imigrantes em suas distintas orientações ideológicas. Compreenderemos que a vida social e política dos imigrantes foram permeadas por constantes conflitos e mudanças que definiram (e definem) sua identidade ao longo das décadas.

O imigrante, muitas vezes, foi entendido como um sujeito em uma situação intermediária, ou seja, era o indivíduo que se encontrava na transição entre a ruptura com a sociedade que deixara e a assimilação à nova. Razão pela qual, não raramente era visto de forma negativa, pejorativa e mesmo perigosa. Essa definição de imigrante se coadunava com uma perspectiva de Estado nação, que defendia como ideal uma entidade homogeneizada. Em outras palavras, afirmava-se uma coerência entre o Estado, entidade, política e nação. Esta última entendida em termos essencialistas, ou étnico linguístico, na busca por uma identidade única que pudesse compor o "caráter nacional". Essa perspectiva influenciou a leitura da história dos três países, que em suas historiografias, consideram que por volta dos anos de 1930, as respectivas sociedades, argentina, brasileira e uruguaia já “estariam prontas” e os imigrantes integrados, ou diluídos nela, deixando de ser considerados como sujeitos históricos

dos processos sociais vivenciados por cada país, desprezando as relações identitárias específicas de cada um dos grupos que compuseram essas sociedades e sua resistência aos projetos integradores. Como resultado, acabam por validar a perspectiva das classes superiores e negligenciando a dinâmica social das subalternas. Os movimentos sociais e políticos organizados por imigrantes, quando considerados, são vistos como momentos de uma pré-integração e se limitam às greves das duas primeiras décadas do século XX, sendo na Argentina até a semana trágica (1919) e dos conflitos na Patagônia, enquanto no Brasil o ciclo de greves na década de 1920.

Na nossa perspectiva, essa imagem de integração e dissolução dos laços de solidariedade e de relativa tranquilidade da década de 1930, no que diz respeito às questões políticas e identitárias, não se sustenta, pois foi justamente neste período que as associações de imigrantes se consolidaram formando uma rede de apoio que estava para além dos Estados nacionais. Assim, demonstraremos a participação dos lituanos nos movimentos operários nos três países, sobretudo junto aos partidos comunistas, bem como movimentos nacionalistas (fascista) e religiosos. Para além, os movimentos políticos organizados por estes imigrantes na América não se limitaram às fronteiras nacionais dos países receptores, ao contrário, foram planejados e buscaram organizar os lituanos na América do Sul, como um único corpo político. O que foi válido tanto para a esquerda, socialistas, comunistas, como para os nacionalistas que eram influenciados e recebiam o apoio do governo lituano que considerava os imigrantes como parte da "sua nação", ainda que tivessem nascidos em território estrangeiro, valendo-se do argumento étnico *jus sanguineo*. Operava da mesma forma as organizações católicas que viam entre os lituanos uma única comunidade dispersa por vários países. Neste sentido, podemos considerar dois conceitos: *diáspora* e *transnacional*.

O conceito de diáspora tem sido utilizado de forma recorrente pela historiografia, mas principalmente na Antropologia. No entanto, como acontece com os conceitos que passam a ser utilizados com frequência, sua origem e definição são, muitas vezes, ignorados, e o termo diáspora tem sido utilizado como sinônimo de imigrante. *Diáspora*, enquanto conceito, tem um sentido específico cujas origens devemos retomar para melhor entendê-lo. Para tanto, consideramos duas tradições distintas nas Ciências Humanas: a liberal-conservadora Norte-Americana e os estudos culturais na Inglaterra, em sua influência marxista. Somente assim, podemos compreender como um termo que era inicialmente associado à situação específica dos

judeus se transformou em um conceito chave para compreender os grupos étnicos, como observa Miguel Mellino¹.

Na tradição liberal-conservadora Norte Americana, o conceito emerge no contexto da drástica mudança na política imigratória daquele país, quando em 1965, se retirou a cota por nacionalidade do *Immigration and Nationality Act*. Entre 1926 e 1965 os Estados Unidos sustentaram como regime ideal para o ingresso de imigrantes, a cota de 2% por nacionalidade calculada sob o total de imigrantes de mesma nacionalidade que já estivessem estabelecidos no país. O objetivo da cota era promover uma imigração moderada por nacionalidade que permitiria, ao longo do tempo, a assimilação à sociedade americana, pois impedia o ingresso maciço de um único grupo nacional (ou étnico) ao regular o fluxo de ingresso no país. Para além, garantia a maioria das nacionalidades já estabelecidas. Com isso, se almejava a formação do que ficou conhecido como *melting pot*, uma mistura de identidades que, ao romper com os laços identitários originais, prevaleceria a americanização.

Com o fim da política de cotas, ao longo dos anos de 1960 e 1970, a sociedade americana se tornaria, ou se entenderia, como multicultural, assumindo o fracasso da política de assimilação cultural para a formação de uma identidade nacional homogênea. No entanto, o fim da política de cotas se deu concomitantemente a uma maciça imigração de latinos. A entrada de pessoas vistas como inassimiláveis à cultura americana casou reações na sociedade e nas Ciências Humanas. A reação conservadora entre os intelectuais teve como um de seus expoentes o funcionário do Pentágono, Samuel Huntington, que junto com outros membros do *status quo*, passaram a chamar a atenção para os perigos desta diáspora dentro do território dos Estados Unidos, colocando como questões a fragmentação, a não homogeneização e a segurança nacional.

Para Huntington, diáspora significa um movimento essencialista, intransigente e exasperado, pois os imigrantes seriam incapazes de cortar laços com seu grupo de origem e, portanto, de serem inassimiláveis². O autor acredita na impossibilidade de convivência e que o resultado seria necessariamente o choque entre civilizações. Outros autores, de forma diferenciada, apontaram para a mesma questão da não assimilação e de uma problemática convivência multicultural perigosa

¹ Miguel Mellino. *La Crítica Poscolonial. descolonización, capitalismo y Cosmopolitismo en los estudios poscoloniales*. Buenos Aires. Paidós, 2008.

² Samuel P. Huntington. *Who Are We? The Challenges to America's National Identity*. Simon&Schster, 2004

à identidade Norte Americana. Entre estes cabe citar: Arthur Schlesinger Jr. em *The Disuniting of America. Reflections on a Multicultural Society*³ e Peter Brimelow, *Alien Nation: Commonsense about America's Immigration Disaster*.⁴

Do outro lado do Atlântico, na Inglaterra, outra perspectiva de diáspora foi moldada, no contexto do governo de Margaret Thatcher (1979 – 1990). Durante aquele governo conservador se buscou formular um novo paradigma da identidade inglesa, sobretudo diante do fim do Império Britânico, enquanto potência hegemônica nos anos pós-Segunda Guerra e das ondas imigratórias, sobretudo, das ex-colônias para a ilha britânica. Os conservadores buscaram essencializar o sentido do que seria “ser inglês”, o que se coadunava, muitas vezes, com discursos verdadeiramente racistas. A reação ao conservadorismo, como definidor das identidades, emergiu com o que ficou conhecido como *Black Studies*. Entre as obras centrais podemos apontar, *There Ain't no Black in the Union Jack*⁵ de Paul Gilroy e os diversos escritos de Stuart Hall entre os quais “*Race, Articulation and Societies Structured in Dominance*” no qual o autor define que a identidade racial é um modo no qual se experimenta o pertencimento de classe.⁶ Nesse sentido, diáspora para os autores, significa a existência de múltiplas referências culturais para os imigrantes e para os estados nacionais no qual estão estabelecidos, sendo uma troca constante de referências culturais formuladoras de novas percepções e de identidade.

Podemos sintetizar essas perspectivas da seguinte forma: ao longo dos anos 1980 percepção da crise dos Estados Nacionais enquanto unidades homogêneas, ou com tendência a se homogeneizar, percepção provocou reações distintas. Por um lado, a busca por uma nova orientação conservadora e, portanto da negação das identidades diversas; por outro, a revalorização da diversidade, da tolerância e do multicultural colocando a perspectiva essencialista em questão.

Se faz necessário ainda, acrescentar uma recente formulação que emergiu, sobretudo na Europa Oriental, e aqui tomo como base a Lituânia. Com o fim do bloco soviético uma intensa imigração da Europa Oriental se espalhou pela Europa

³ Arthur Schlesinger Jr. *The Disuniting of America. Reflections on a Multicultural Society*. New York, Norton Books, 1991.

⁴ Peter Brimelow. *Alien Nation. Common sense about America's Immigration Disaster*. New York, Random House, 1995.

⁵ Paul Gilroy. *There Ain't no Black in the Union Jack*, London, Routledge. 1987. Outra obra de referência no mesmo autor *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*, London. Verso, 1993.

⁶ Stuart Hall, “*Race, Articulation and Societies Structured in Dominance*”. In: *Sociological Theories. Race and Colonialism*, Paris. UNESCO. Pag. 305 – 345.

Ocidental, e em menor quantidade pelos EUA. Calcula-se que mais de um milhão de poloneses, por exemplo, vivem espalhados pela União Europeia. Entre os lituanos o número chega a 700 mil, de uma população de 3,5 milhões de habitantes - não considerando os movimentos sazonais. Neste contexto, *diáspora* passou a ser adotada como discurso oficial dos Estados, articulando uma identidade única ainda que desterritorializada, com dois propósitos: o de “reencontrar” os emigrantes pré-soviéticos na América e nos Estados Unidos; e reforçar os laços com os novos emigrantes. Portanto, esta postura subverte os usos anteriores que colocavam justamente o Estado homogeneizado e a identidade nacional em questão. Essa subversão de usos e sentidos se enquadra em um momento em que a Lituânia busca sustentar vínculos políticos (eleitorais) e econômicos, já que o envio de recursos tanto dos Estados Unidos como da Europa são importantes para o país e fundamental para a sobrevivência de diversas famílias. Diante dessas complexas relações que os usos do conceito têm assumido, se faz necessário, sempre questionar qual é o sujeito do discurso e suas intenções ao invocar conceito de diáspora. Para o nosso propósito é importante ressaltar que o discurso do Estado homogeneizador sempre foi reduto dos conservadores nacionalistas e que contém o germe perigoso de racismo e intolerância.

Para superarmos essa perspectiva, propomos uma história política da imigração e que esta adote uma perspectiva transnacional. A adoção de uma perspectiva transnacional tem por objetivos superar os limites nacionais estabelecido pela historiografia acerca da imigração. De uma forma geral, esta sempre foi tratada como uma questão do Estado nacional receptor. Nessa perspectiva, caberia entender como esses ingressaram na formação da sociedade argentina, brasileira ou uruguaia e quais foram as suas contribuições para com essas. Na maior parte das vezes, varia entre força de trabalho, dança e culinária típica. Consequentemente, o objeto de estudo se torna a economia, os Estados nacionais e não propriamente os imigrantes enquanto sujeitos históricos.

Neste ponto é importante definirmos o que entendemos por história transnacional e no que esta se diferencia da história comparada. A história comparada é uma perspectiva bastante debatida.⁷ Na década de 1920, Marc Bloch, defendeu que a história comparada poderia ser frutífera quando houvesse certa similaridade nos

⁷ Sobre esta questão ver: Heinz-Gerhard Haupt, “O Lento surgimento de uma história comparada”, In: Jena Boutier e Dominique Julia (orgs.). *Passados Recompuestos: Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro. FGV, 1998 e Charles Maier. “La historia comparada” In: *Studia Histórica: História Contemporânea*, vol. X-XI, 1993.

fatos observados e certa dessemelhança dos ambientes em que ocorriam⁸. As abordagens comparativas tem uma longa trajetória na nossa tradição intelectual – e não é nosso propósito fazer um inventário dessa. É fato, que a comparação entre Estados Nacionais, como observa Nancy Green, são mais recorrentes⁹. Entre as comparações entre América do Norte e América Latina, como o clássico ensaio de Richard Moore, ou ainda as comparações entre o escravismo no Brasil e nos Estados Unidos. Entre sociedades latino americanas cabe mencionar, o capítulos Semeador e o Ladrilhador da obra de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Contudo, as comparações recentes têm focado os regimes políticos, os projetos de Estado, notadamente os trabalhos sobre varguismo e peronismo¹⁰, ou mesmo a similitudes e diferenças entre os Estados a política da América Latina¹¹ e ainda os que buscam comparar movimentos sociais, ou pensar a América Latina enquanto unidade.

No campo dos estudos migratórios ainda são raros os estudos comparativos, ou mesmo que visam relacionar os grupos de imigrantes da mesma origem nacional – ou regional - como italianos¹², espanhóis, russos e etc. Vale lembrar que, Argentina e Brasil, foram os principais países receptores de imigrantes na América do Sul e o ingresso deste contingente populacional em muito influenciou e moldou as duas sociedades. Como coloca Oswaldo Truzzi, ainda se faz necessário problematizar a natureza “isolacionista” no campo dos estudos migratórios¹³. A essa questão apresentada por Truzzi, acrescentamos uma observação de Boris Fausto, de que algumas questões estão, ainda, ausentes da literatura especializada em imigração, defende como estratégia de investigação “iluminar” as relações de lealdade étnica e lealdade de classe social, bem como preconceitos e de identidade cultural.¹⁴ No

⁸ Marc Bloch Bloch. “Pour une histoire comparée des sociétés européennes” em *Mélanges Historiques*, Seppen, 1963. vol I.

⁹ Nancy L. Green. *The Comparative Method and Poststructural Structuralism*. New Perspectives for Migration Studies. *Journal of America Ethnic History*, Summer, 1994.

¹⁰ Ver: Maria Helena Rolim Capelato. *Multidões em Cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas. FAPESP, Papirus, 1998.

¹¹ Maria Ligia Coelho Prado. “Repensando a História Comparada da América Latina”. São Paulo: In: *Revista de História da USP* n°. 153, 2005, p. 11 -34.

¹² Investigação comparativa sobre imigração italiana na Argentina e no Brasil ver: Samuel Baily. “The adjustment of Italian immigrants in Buenos Aires and New York”. *American History Review*, V.88, n 2, 1983. e “The role of press and assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo, 1893 – 1913”. *International Migration Review*, v 12, p. 321 – 340, 1978.

¹³ Oswaldo Mario Serra Truzzi. “Notas Acerca do Uso do Método Comparativo no Campo dos Estudos Migratórios”. In: Oswaldo Mário Serra Truzzi, Zeila de Brito Fabri Demartini. (org.) *Estudos Migratórios. Perspectivas Metodológicas*. São Carlos. Editora da UFSCar, 2005. p. 152.

¹⁴ Boris Fausto. *História da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Sumaré/FAPESP, 1991. pp. 12 – 14.

mesmo sentido, juntamente com Fernando Devoto, observa que o mesmo se dá com relação à produção historiográfica argentina¹⁵. No encontro destas questões é que buscamos o sentido da nossa investigação, considerando os lituanos.

Importante ressaltar que os movimentos políticos organizados por imigrantes só se tornam visíveis ao historiador se observamos o caráter permeável das fronteiras nacionais. É necessário considerar a constante mobilidade dos imigrantes e, principalmente o intercâmbio de literatura – jornais, revistas, livros, panfletos – entre os imigrantes de mesma origem estabelecidos em distintos países, que permitiu um diálogo constante e decisivo entre estes. Essas múltiplas e constantes trocas de influências é que foram decisivas na formação de uma identidade lituana. Desta constatação é que emerge a perspectiva transnacional. Portanto, não se trata de comparar o que aconteceu em um ou outro país, tomando-os como casos isolados, mas mostrar como as relações sociais dos imigrantes se interrelacionaram e dependiam uma das outras, influenciando, formando redes, movimentos e perspectivas de unidades que estavam para além das fronteiras nacionais dos países receptores. Assim, definimos transnacionalidade como: sistemático ou regular intercâmbio envolvendo imigrantes em diferentes Estados Nacionais ou seu lugar de origem considerando diferentes aspectos, cultural, político, econômico e religioso.

Um conjunto de pesquisas recentes propõe uma abordagem transnacional têm influenciado, sobretudo a Antropologia e se concentrado em objetos no período contemporâneo, ou seja, após a queda do Muro de Berlim (1989). Estes estudos enfatizam o aspecto da “globalização” caracterizada pelo rápido desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, bem como pelo movimento de capitais, que teria conectado o mundo de uma forma original e acelerado a circulação de pessoas. Assim, as análises que consideram apenas uma unidade nacional podem ser consideradas limitadoras, pois os próprios Estados Nacionais vivenciariam um período de crise assim como as identidades nacionais, pois entendem que estas se constituíam de forma “híbrida”.¹⁶ Esses aspectos caracterizariam a imigração contemporânea, sobretudo pela sistemática troca de informações, recursos e bens culturais, tanto com o país (ou localidade) de origem e com as comunidades

¹⁵ Boris Fausto e Fernando Devoto. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850 – 2002)*. São Paulo. Ed. 34, 2004. p. 181.

¹⁶ Como definida por Fridman. Ver: *Cultural Identity and Global Process*. London. Sage, 1996.

estabelecidas em outro território. Assim, os imigrantes estariam conectados a duas sociedades simultaneamente, como define Glick-Schiller.¹⁷

Sobre este aspecto duas considerações importantes. No mundo contemporâneo as reações às crises econômicas e sociais assumem aspectos nacionais, bastaria observar um mapa para constatarmos que justamente a partir dos anos de 1990 é que mais Estados Nacionais se tornaram autônomos, ou seja, hoje temos mais Estados independentes do que em qualquer período anterior. Outras tantas minorias étnicas e nacionais reivindicam seu reconhecimento, autonomia, bem como novas formas de integração nos Estados nacionais. A nova constituição boliviana é o mais original exemplo neste sentido, pois é a primeira constituição de um estado nacional que se reconhece como multi-étnico e garante representação às distintas etnias. Aqui, não fazemos apologia aos teóricos da globalização e nem mesmo acreditamos no fim dos Estados nacionais, como entidades políticas para um futuro próximo. Reconhecemos e enfatizamos que determinados fenômenos só podem ser apreendidos se propusermos leituras que superam a contingência nacional e observe a permeabilidade das fronteiras.

Consideramos ainda que a perspectiva transnacional é válida para períodos históricos anteriores ao que usualmente se denomina globalização, pois, como observa Anderson, desde as duas últimas décadas do século XIX, ocorreu, o que o autor denomina, de “Primeira Globalização”. Esta foi possibilitada pelo aprimoramento nas formas de transporte e comunicação: a invenção do telégrafo que foi seguida rapidamente por muitas melhoras e a extensão de cabos transoceânicos. O cabo permitiu a conexão entre todos os habitantes urbanos do planeta. A inauguração da União Postal Universal em 1876 acelerou enormemente o movimento de cartas, revistas, periódicos, fotografias e livros por todo o mundo. O navio a vapor – seguro, rápido e barato – possibilitou enormes movimentos migratórios de país a país de império a império e de continente a continente. Em suma: “(...) *uma rede cada vez maior de estradas de ferro movia milhões de pessoas e mercadorias dentro dos limites nacionais e coloniais, enlaçando em si interiores remotos e capitais*”.¹⁸

¹⁷ Glick-Schiller foi o primeiro a definir transnacionalidade entendida como: a process by which immigrants build social fields that link together their country of origin and their country of settlement. Ver: Glick –Shiller, N. Basch, L, Blanc-Szanton, C. 1999. *Transnationalism: New Analytical Framework for Understanding Migration*, in *Migration, Diaspora and transnationalism*, Eds. S. Vertovec, R. Cohen Cheltenham and Northampton: Edward Elgar Pub, 26-49, 1999.

¹⁸ “Un red cada vez mayor de ferrocarriles movía a millones de personas y mercancías dentro de los limites nacionales y coloniales, enlazando en si interiores remotos y con puertos y capitales”. Benedict

As possibilidades de deslocamento e troca sistemática de informações nos coloca como questão analisar o fenômeno migratório a partir das redes de comunicação e contato como os imigrantes radicados na Argentina, Brasil e Uruguai as utilizavam. Vale ressaltar que Buenos Aires e Montevideu são cidades portuárias e a proximidade entre Santos e São Paulo permitiu uma comunicação constante por meio dos navios que, não raramente, vindos da América do Norte ou da Europa, passavam pelos três portos. Como veremos, essa comunicação permitiu a troca de jornais de diferentes perspectivas políticas, além de ter possibilitado, no momento da imigração a mudança de porto de destino, ou diante das dificuldades encontradas a troca de país como estratégia econômica e ou política, embora não tenhamos condições de avaliar, nesta pesquisa. O mesmo vale para a troca de periódicos entre os países sul americanos e norte americanos. Alguns periódicos dos Estados Unidos e do Canadá, em idioma lituano, circularam regularmente na América do Sul. Assim, um dos pontos centrais de nossa análise é, portanto a produção e circulação de periódicos e literatura entre as comunidades lituanas na América.

A análise dos periódicos é uma estratégia para compreendermos como os lituanos articularam uma comunidade nacional, ou, adotando o conceito de Anderson, uma “comunidade política imaginada”. De acordo com este conceito, a comunidade é uma “agremiação horizontal e profunda” o que significa que independente das diferenças sociais e as explorações o que prevalece é a ideia de fraternidade, ou seja, de destino comum. Imaginada, porque os membros da menor nação nunca conhecerão, encontrarão ou ouvirão falar da maior parte de seus membros, mas ainda assim na mente de cada um existe a imagem de comunhão que, por outro lado, é limitada, pois a maior das nações não concebe incorporar toda a humanidade. O que teria propiciado essa ligação é o que denomina de capitalismo “impresso”

Esta ligação imaginada deriva de duas fontes indiretamente relacionadas. A primeira é, simplesmente, a coincidência em termos de calendário. A data no topo do jornal, de longe o mais importante e singular emblema presente, proporciona a ligação essencial – a marcação do decurso regular do tempo vazio e homogêneo.

A segunda fonte de ligação imaginada reside na relação entre o jornal, como uma espécie de livro, e o mercado. (...) Num sentido muito particular, o livro foi a primeira mercadoria industrial de estilo moderno a ser produzida em massa.¹⁹

No caso dos lituanos na América, essa relação em rede e o intercâmbio sistemático de informações construía uma percepção de unidade. Afinal, era essa percepção que dava sentido para que os jornais lituanos de Buenos Aires publicassem os resultados dos jogos de futebol entre os clubes lituanos de São Paulo com outras agremiações do município. O interesse demonstrado pelos resultados das outras associações de mesma origem nacional na América nos revela um nível de identificação entre estas, pois o resultado de um jogo, só faz sentido, se difundido em um curto espaço de tempo, o que nos indica a agilidade das conexões. Nos demonstra, também, uma forma de integração aos países receptores, pois na Lituânia não se jogava futebol.

Retomando o desenvolvimento conceitual de Anderson, entendemos que as definições da nacionalidade, fator nacional, e o nacionalismo como artefato cultural, é o resultado de um complexo cruzamento de forças históricas que uma vez criados se tornaram modulares, ou seja, possíveis de serem “transplantados” para distintos “terrenos sociais” o que permitiria que fossem integrado em variadas ideologias políticas. Acreditamos que a perspectiva é, em parte, válida. Contudo, cabe considerar as severas críticas que tem recebido. Destacamos, as observações contundentes de Partha Chatterjee, por questionar a homogeneidade do tempo ao afirmar que o espaço e o tempo na modernidade são heterogêneos. Ao mesmo tempo, critica o modelo de nação, pois se estes foram de fato criados na América e difundidos pela Europa, tendo uma característica “modular”, caberia perguntar: o que restaria para as demais partes do mundo inventar?²⁰

De certa forma, o autor, aponta para o eurocentrismo, que apareceria na obra de Anderson mesmo este reconhecendo a primazia da América na “invenção” das nações. No fundo, podemos sintetizar a crítica, na seguinte pergunta: Afinal, quem imagina a “comunidade imaginada”? Introduzimos uma perspectiva, em parte, ausente da obra de Anderson que é a dimensão do conflito. Da mesma forma, é

¹⁹ Benedict Anderson. *Comunidades Imaginadas*. Reflexão Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo. Lisboa. Edições 70, 2005. p. 53.

²⁰ Chatterjee, Partha. “Anderson’s Utopia”. *Diacritics* 29: 1999, 128-134. Ver também Chatterjee, Partha. *Nationalist Thought and the colonial World: A Derivati Discourse?* London. Zed Books, 1986.

necessário diferenciar o nacionalismo enquanto ideologia e a nação como “comunidade imaginada”. Como ressalta Akhil Gupta, adotando perspectiva gramsciniana, o que se entende por nacional não é um domínio definitivo, mas uma hegemonia frágil sempre em disputa e que nunca se completa e que exige um esforço constante de afirmação e reafirmação.

(...) não é como uma realização, mas como uma frágil e contestável hegemonia que foi formada em um amplo contexto geopolítico global, o capitalismo, uma mudança ideológica poderia nos oferecer uma imagem bastante distinta de tempo e nação do que nos focarmos somente na origem. O nacionalismo como uma ideologia e a nação como uma comunidade imaginária, exige um constante trabalho de se refazer e reafirmar e é um processo de constante conflito que altera o curso da nação e do nacionalismo em uma única direção²¹.

A partir desta definição, abandonamos qualquer perspectiva essencialista, que defina a identidade nacional *a priori*, pois entendemos que os imigrantes não constituem uma massa homogênea de pessoas ávidas por manter suas tradições em terras distantes. O que se define como identidade de um grupo é resultado deste constante conflito entre distintos projetos. Cabe, portanto, compreender estes projetos e as formas como se realizaram, bem como os conflitos que tiveram que enfrentar. Como define Sartre, para que possamos entender algo com relação à história, é preciso “*passar pelas mediações dos homens concretos e pelos instrumentos ideológicos a que usavam*”²². Enfim, reconhecer os seus instrumentos, nos possibilita perceber a forma como articulavam passado e presente e a que futuro almejavam, é justamente esta relação que se define como projeto.

Com relação aos periódicos, por exemplo, se faz necessário considerar o seu sistema de produção. Quem eram os sujeitos históricos responsáveis pela sua produção? Financiamento? Circulação? A quem se dirigia? Qual era a comunidade de leitores e a relação com esta? Com que outras publicações disputava o interesse dos leitores? Estas são perguntas necessárias para a análise de uma publicação²³. O

²¹ "(...) not as an achievement but as a fragile, always contested hegemony that was formed within a larger context of global geopolitical, capitalist, and ideological changes would give us a very different picture of the time of the nation on that focuses on origins alone. Nationalism as an ideology, and the nation as an imagined community, requires constant work of renewal and reaffirmation, and it is a conflict-ridden process that alters the course of nations and nationalism in unique direction". Akhil Gupta 'Imagining Nations' in: David Nugent and Joan Vincent ed. *A Companion to the Anthropology of Politics*, Malden: Blackwell, 2007,

²² Jean Paul Sartre. *Questão de Método*, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966. p. 39.

²³ Enquanto modelo de pesquisa nossa referência aqui é Robert Darnton, *Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

mencionado jornal que publicava o resultado dos jogos de futebol era vinculado a organizações nacionalistas. Assim, a ideia de unidade a que pretendia era plenamente consciente e as comemorações de vitória contra os clubes alemães, russo e poloneses não se devia a um “bom espírito esportivo”. Nesse sentido, consideramos fundamental a análise das lutas ideológicas, o discurso e as perspectivas de futuro que defendiam. Para além, como observa Howard Zinn:

Os panfletos (políticos) são quase tão antigos como a própria imprensa, e se tornaram populares por responder a necessidades urgentes. Imprimir um livro sempre é custoso e leva tempo. Os periódicos são mais baratos e mais rápidos, mas seu impacto é efêmero. Um panfleto, encadernado, com capa de papel combinava as vantagens de ambos: era barato, rápido de fazer, algo que podia ser conservado, lido detidamente e passado a outros. Mais adiante, os panfletos foram especialmente úteis para expressar as ideias de dissidentes, por ser curto (entre cinco e cem páginas), escritos em uma linguagem que as pessoas comuns poderiam compreender, e fácil de esconder das autoridades quando necessário.²⁴

A análise dos jornais, panfletos, revistas e as brochuras nos permitem ingressar no mundo do trabalho marcado por conflitos e tensões: de um lado, a degradante condição de vida e os movimentos de contestação; do outro, a reiteration da ordem promovida pelas classes superiores, que também lutava pelo domínio da classe trabalhadora utilizando a sua imprensa diária. Portanto, como observa Mirta Lobato, a imprensa operária tinha como principal função estabelecer um discurso contra hegemônico das elites se tornando "a base da capacitação do operariado para a prática política que o libera da opressão do domínio burguês" ²⁵. Contudo, podemos nos questionar qual era a relação entre os produtores dos jornais e os leitores?

Essa pergunta é necessária para evitarmos uma visão romântica sobre os trabalhadores. Visão esta que quer encontrar nas publicações de esquerda uma identificação imediata entre o discurso dos jornais, a consciência dos trabalhadores e suas práticas sociais. Entendemos que é sempre necessário identificar quem são os agentes produtores, distribuidores e leitores dos jornais e encontrar nesta análise o que

²⁴ Los Panfletos son casi tan antiguos como la propia imprenta, y se volvieron populares por responder a necesidades urgentes. Imprimir un libro siempre es costoso y lleva tiempo. Los periódicos son más baratos y más rápidos, pero su impacto es efímero. Un panfleto, encuadernado pero con tapa de papel combinaba las ventajas de ambos: era barato, de rápida factura, algo que podía ser conservado, leído detenidamente y pasado a otros. Más adelante, los panfletos fueron especialmente útiles para expresar las ideas de disidentes, por ser cortos (entre cinco y cien páginas), escritos en un lenguaje que la gente común podía comprender, y fáciles de esconder de las autoridades cuando necesario". Howard Zinn. "Panfletismo en América" In: *Artistas en tiempo de Guerra: historias que Hollywood no cuenta*. Buenos Aires, Capital Intelectual, 2007. p. 64. (Tradução Nossa).

²⁵ Mirta Zaida Lobato. *La Prensa Obrera*. Buenos Aires y Montevideo. Buenos Aires, Edhasa, 2009.

está além do discurso. Do ponto de vista prático, é impensável que alguém submetido a dez horas de trabalho volte para casa, acenda a lamparina e comece a preparar linotipos. O Linotipo tinha um custo relativamente alto, exigia investimento constante para a compra de tinta, papel além de um conhecimento técnico que teria que ser aprendido de alguma forma. Para além, era necessário distribuir os impressos estrategicamente, escapando da repressão policial.

Assim, neste processo, os jornais operários tiveram que contar com colaborações de indivíduos que se especializaram e passaram a ser remunerados para estas atividades. Eram os editores e tipógrafos, redatores, que muitas vezes, assumiam estas funções ao mesmo tempo. Formava-se, neste processo, um corpo de técnicos-intelectuais dedicados à causa dos trabalhadores e intermediários entre o mundo do trabalho e a difusão das informações. Em alguns casos, por seu conhecimento, eram os formadores e educadores, disseminadores de uma ideologia, fosse ela comunista, socialista ou anarquista.

Os impressos operários difundiam um discurso contra hegemônico diante da imprensa da elite dominante e se acreditavam como parte da educação das massas em luta. As ideias de esquerda pressupõem um conhecimento de como a sociedade funciona, um saber, dos mecanismos de opressão e como se libertar destes. Viam-se, portanto como uma missão de esclarecimento de ensino das perspectivas corretas a serem seguidas. Contudo, para que essa operação fosse realizada deveria de alguma forma estar diretamente conectado com as questões cotidianas e para que sua difusão fosse possível exigia uma relação de cumplicidade entre os leitores e os produtores. Eram os leitores que muitas vezes enviavam as informações a serem publicadas, participavam das comissões organizativas, da coleta de fundos, da distribuição, das leituras em grupo, de repassar o jornal já lido a outros trabalhadores. Era uma cumplicidade solidária e delicada, pois sabiam que a repressão política os rodeava. Se em algum ponto a rede de solidariedade se partisse o resultado poderia ser o fechamento do impresso, prisões, torturas, expulsões e mesmo a morte dos companheiros envolvidos. É justamente essa relação que diferencia um jornal operário da chamada "grande imprensa". Para a imprensa burguesa, o leitor é em grande medida, passivo, após a compra do jornal, recebe a informação e o seu discurso. Evidente que se uma quantidade significativa de leitores rejeitarem o seu conteúdo a publicação fracassa e, por questões financeiras, é levada à falência - salvo no caso de suporte externo, como do Estado ou de outros grupos de interesse. Seja

como for, o leitor não é diretamente identificado com o conteúdo expresso na publicação.

No caso da imprensa operária, o leitor é tomado como portador das ideias ali difundidas responsável por essa, sobretudo quando o conteúdo é considerado subversivo, bastaria abrir os arquivos da Polícia Política para identificarmos a quantidade de indivíduos presos, ou incriminados, por portar um jornal ou folheto que "atente contra a ordem". Neste mesmo sentido, como novamente analisa Lobato, podemos encontrar diversas fotografias de reuniões de trabalhadores nas quais estes portam e mostram aos fotógrafos os escrito que carregavam. Assim, o jornal significava uma bandeira de luta, um estandarte com o qual simbolicamente deixa evidenciar sua postura política e suas reivindicações. Nestas fotografias é possível observar os títulos em letras ampliadas, na qual se pode ler "greve", "salário", "revolução", etc.

Todas essas questões se tornam ainda mais amplas se analisadas em movimentos políticos de esquerda, como o comunista. Os jornais e demais impressos tinham que se enquadrar em uma perspectiva mais ampla de ação política, ou podemos dizer, em uma estrutura de poder: a seção de fábrica, a célula, o partido, a Internacional Comunista, a União Soviética. Os editores devem ser interpretados como um intermediário entre a concepção formada nestas estruturas, da qual são muitas vezes dependentes e o cotidiano dos trabalhadores. Por essa razão, é importante identificarmos quem eram esses indivíduos, que papel assumiam e a sua relação com o movimento de uma forma mais ampla. Assim, procuramos recuperar algumas trajetórias, para estabelecermos essas relações.

No caso dos lituanos, bem como dos demais grupos nacionais, que tiveram seu país de origem incorporado à União Soviética ou aos regimes comunistas - essa questão se torna ainda mais aguda, pois os participantes do movimento comunista tiveram que se encontrar com uma política de Estado. As agências soviéticas, como a *Tass* (Agência Telegráfica da União Soviética), ou ainda os órgãos diplomáticos soviéticos exerceram um papel significativo de forma a garantirem a circulação destas publicações e as alinharem às suas determinações. Esse processo não aconteceu sem traumas e rupturas, como analisaremos.

O mundo do trabalho não era um espaço disputado somente pelas correntes de esquerda, embora, de uma forma geral, a historiografia, tenha valorizado esse campo de análise, o que é legítimo. Contudo, precisamos incluir outras estruturas de poder

que mobilizavam as classes subalternas e disputavam um espaço de atuação, como a Igreja Católica. Em suas paróquias, esta constituiu um espaço de mobilização e ação social e política junto aos trabalhadores, incentivando a formação de associações e órgãos de imprensa. Essas ações tiveram forte influência sobre os grupos de imigrantes que partilhavam dessa religião.

Assim, formaram-se igrejas que mantinham certas características nacionais, nas quais manifestavam além da sua crença e cultivavam as características de sua terra de origem com diversas manifestações culturais: a organização de coros, que ademais dos cânticos litúrgicos valorizavam o idioma, quando não eram em latim, o ensino religioso que poderia ser realizado no idioma de origem. Da mesma forma, grupos de bailes folclóricos e de teatro que utilizavam os espaços das paróquias, ou ainda no preparo de culinária típica nacional para as festas religiosas. Era um espaço de sociabilidade mobilizador e que manifestava suas concepções na organização de diversas publicações, editavam circulares e até mesmo jornais. Entre os lituanos, cada paróquia na América do Sul chegou a ter ao menos um jornal em circulação. Essas publicações dependiam do comprometimento e do esforço dos participantes de cada localidade. A Igreja, enquanto instituição, procurava ajudar disponibilizando gráficas, material para impressão, etc. No período da Lituânia independente, as paróquias no país também enviavam suas publicações, livros e demais impressos para a América, possibilitando a formação de bibliotecas católicas.

Da mesma forma se organizaram os nacionalistas, que, apoiados pelo governo lituano, produziam publicações manifestando essa vertente ideológica. Não podemos nos esquecer de que a atividade de imprensa é também comercial. Estabelecido um público leitor regular foi possível a formação de empresas e da profissionalização de publicações. Essas teriam necessariamente que abranger o público mais amplo do que o de uma organização ou partido para que fosse viável economicamente e, como observaremos houve entre os lituanos casos que obtiveram êxito considerável.

Para além dos jornais outras atividades referentes à leitura e à produção de obras e sua difusão mobilizavam os imigrantes. Podemos observar a formação de bibliotecas e associações que se organizavam a partir da mobilização para forma-las. A razão de sua formação era a de difundir a literatura em sua língua natal - e mais tarde o idioma do país onde estavam radicados - além de organizarem atividades de ensino e alguns casos chegaram mesmo a formar escolas.

Ao ingressar em uma associação lituana na América notamos que se formou um padrão de organização, todas elas constituíram grupos de coro, baile e de teatro; montaram uma biblioteca à qual agregavam o ensino do idioma e de cultura. Davam suporte, ao menos, a uma publicação regular, quando não conseguiam manter sua própria imprensa. Formavam assim, um lugar de sociabilidade e ajuda mútua e de cultura que por um lado olhavam para seu país de origem e por outro ingressavam nas questões sociais e políticas locais. Essa condição as fez adotar posturas políticas e ideológicas distintas e a disputarem os imigrantes.

Práticas de uma pesquisa transnacional

A história moderna nasceu junto com o Estado Nacional e tinha como primeira função dar legitimidade a este. Por essa razão, até os dias atuais em muitos casos, a história toma os limites do Estado como uma "forma", reduzindo as análises dos processos históricos dentro deste. Tais considerações, nos leva a questões relativas às práticas de pesquisa. As organizações como as universidades, arquivos e bibliotecas são instituições nacionais, bem como a maior parte dos seus pesquisadores. Quando se propõe uma investigação *transnacional* é preciso se tornar um pesquisador transnacional, o que implica sair de uma zona de conforto institucional e se movimentar por distintos países, formulando novas redes de relações que permita o acesso às instituições que abrigam a documentação a ser pesquisada. Localizar os arquivos e coleções é um desafio, principalmente quando estes fundos encontram-se sob a guarda de particulares com particulares ou com organizações que não difundem seus acervos com frequência.

A pergunta é sempre a mesma: o que buscar e onde? Quando estamos em nossa rede de relações, ou seja, nas instituições que conhecemos ou que temos contato constante, esse trabalho é facilitado. No entanto, quando nos distanciamos do nosso abrigo das relações preestabelecidas nos tornamos estrangeiros e estranhos nos novos lugares, e nem sempre bem vindos. As dificuldades se ampliam e exigem um tempo muito maior até a adaptação ao local, pela língua, pela cultura, pelas práticas sociais e institucionais. Não raramente se torna perceptível a rejeição a alguém de "fora" que queira analisar a "nossa" história nacional, ou a "nossa" associação. É bem verdade

que na América Latina estamos acostumados aos europeus e norte-americanos desembarquem para nos interpretar.

A relação inversa é menos comum, embora esteja mudando, mas quando um brasileiro se coloca a debater a história nacional de outros, não para apreender, mas para colocar questões se torna, não raramente incômodo. Nossa experiência de debates com *scholar* sobre um país báltico deu mostras dessa rejeição e estranhamento: "alguém precisa ir lá e verificar o que você está nos dizendo", como escutamos depois de uma apresentação. Assim, como um "ninguém" seguimos em nossa caminhada de debates e convicções. A complicação é ainda maior diante de temáticas que ferem sensibilidades locais ou tratam dos traumas de cada país, é o caso do comunismo na Lituânia, do peronismo na Argentina, da democracia no Uruguai. Temáticas que se combinam com o próprio reconhecimento de uma identidade nacional.

No decorrer desta pesquisa, encontramos resistência como "você não entende porque não viveu aqui", ou "este é um fenômeno inexplicável da Argentina". Como se a história nacional passasse por uma razão, ou uma não razão, comum apenas aos membros da comunidade e que detêm as chaves de sua interpretação e sentimento coletivo. Esse é o mito nacional que todos os que são de "fora" vão em algum momento passar. Ao historiador não cabe transformar essas vivências em um detalhe menor e, como antropólogo, cabe tomar como objeto e incluí-lo em nossas reflexões. A mesma estranheza se dá ao solicitar em uma instituição periódicos lituanos em espanhol (em *castellano porteño*), ou, com muito acento, na Lituânia solicitar um livro comunista. Com maior ou menor intensidade foram vivências que fizeram parte dos nossos desafios. Os contatos locais nos abriram portas e, também as fecharam. As redes de contatos quase nunca são regulares e estáveis, assim como o tempo necessário para a pesquisa.

Toda investigação deve ter um cronograma inicial com o qual devemos nos organizar ao nosso tempo e buscar nossos objetivos. Ocorre que o tempo da pesquisa não obedece a determinações estritas e rígidas, principalmente porque o acesso à informação que não estão de posse das instituições estatais dependem da boa vontade e da disponibilidade de terceiros, que na realidade agem por sua boa vontade e não podem ser obrigados a colaborar. Para além, a própria análise das fontes documentais nos leva a abrir questões as quais não havíamos formulado anteriormente. Assim, muitas vezes é preciso se deslocar, voltar aos locais, procurar novos contatos, novas

referências, outros documentos. Esse deslocamento constante foi um dos principais desafios de nossa pesquisa, que apesar dos percalços e problemas nos resultaram em satisfatórias e inesperada contribuições. Parte de nossa experiência foi conhecer os locais onde, em nosso caso, os imigrantes lituanos, se fizeram presentes. Assim, foi nosso propósito estar em cada associação, nos bairros e nos locais. Se não o encontramos tal qual estavam há quarenta anos, podemos identificar vestígios, apreender a geografia, a organização urbana e as suas transformações que em muito tem a nos dizer sobre o funcionamento da sociedade a ser interpretada.

Na Lituânia, buscamos também conhecer os locais de onde os emigrantes saíram e os locais para os quais aqueles que regressaram se re-estabeleceram. Uma tarefa delicada e repleta de sensibilidades, pois, por exemplo, Šiauliai, local de onde saíram muitos lituanos, o que inclui os bisavós e a avó deste historiador, foi destruída durante a Guerra e não havia uma única casa, ou construção que permaneceu intacta - a não ser aquelas reconstruídas pelos soviéticos a seu modo - a geografia local também revela o impacto do processo de coletivização da terra e a formação dos *Kolkhoz*. Revela ainda os lugares de luta do Exército Vermelho e seus cemitérios, dos genocídios dos judeus e suas marcas nas covas comuns. Em Žagerė sobrou apenas um campo gramado e na cidade uma única família de judeus escapou dos assassinatos. Ainda assim, é local de visita constante de jovens israelenses descendentes de lituanos que contemplam o enorme gramado reconhecendo ali uma parte de sua experiência histórica. Desta forma, a história além dos documentos escritos, das entrevistas, é também experiências e vivências.

A experiência cotidiana se mesclou aos debates acadêmicos, buscamos em cada país participar de ao menos um seminário apresentando nossa pesquisa, participar de aulas e cursos de idioma e de pós-graduação. Uma estratégia para entrarmos nos distintos debates e experiências intelectuais que certamente em muito nos acrescentaram, seja pela melhor compreensão bibliográfica, pelas questões levantadas pelos intelectuais e companheiros nas aulas ou nos ambientes de sociabilidade. Estas se tornaram parte de nossa relação de nossa rede de contato e amizade, mais tarde críticos de nossos artigos e debatedores e, assim, interlocutores importantes para nossos avanços e dúvidas. As críticas foram particularmente pesadas ao comentarmos as questões relacionadas aos militantes lituanos comunistas na América. Encontramo-nos diante do silêncio na história lituana.

Conviver em cada país nos leva a entrar em suas questões locais, aos poucos assumimos hábitos, nos envolvemos em seus problemas atuais, com sua atividade política, eleitoral, nas marchas que cortam as ruas de Buenos Aires, com as greves que fecham as bibliotecas. Passamos a ser leitor dos seus periódicos, de sua literatura, espectadores de sua produção cinematográfica, apreciadores de sua música tradicional e contemporânea. Aos poucos acabamos por deixar de ser o de "fora" para nos tornarmos em "trânsito". Vamos perdendo as raízes e ganhando radares em um deslocamento permanente e necessário que esperamos ter resultado na apreensão da história a que propomos investigar, mas também em um entendimento mais amplo de cada sociedade e, de uma forma mais ampla, das relações humanas. Essa, do ponto de vista pessoal, foi a maior experiência de nosso trabalho. Objetivamente, o que propusemos analisar não poderia ser realizado de outra forma, e o exercício de fazer e refazer nossas experiências foi uma exigência de comprometimento com nosso objeto e estudo que esperamos ter ampliado nossos horizontes e como historiador contribuído para o entendimento do processo imigratório, das questões políticas e sociais.

Esse conjunto de relações foi parte de uma trajetória na busca por fontes documentais e com as relações com as instituições, pois embora tenhamos na primeira parte ressaltado a importância que demos à análise das publicações estas não foram as nossas únicas fontes. A investigação histórica em quatro países distintos coloca uma série de desafios que se relacionam tanto com as possibilidades de acesso à documentação como a forma com que foram preservadas. Por exemplo, temos que considerar que cada jornal, panfleto, escrito ou objeto produzido, sobreviveu a, pelo menos, dois regimes autoritários e ditaduras das mais sanguinárias. O autoritarismo, a censura, a negação da identidade do outro são características que conformaram aspecto dos regimes políticos argentinos, brasileiros e uruguaios – e particularmente intenso na Lituânia Soviética - que influíram decisivamente na construção das organizações, tanto nos grupos que se identificaram com os movimentos de esquerda, como naqueles que defendiam o nacionalismo.

Sobre a documentação produzida pelo Estado, as condições de acessibilidade, bem como, a preservação que cada órgão realiza variam entre os países, com regras que permitem maior ou menor acessibilidade. Em suma, entre os desafios de uma pesquisa transnacional está o de perceber que as fontes nunca são iguais em cada país ou mesmo homogênea. O que não deve ser considerado como um fator limitador a

nossa proposta, mas como uma característica do objeto. A forma como o documento ou a memória tanto nas comunidades, como nos Estados, é preservada já nos é um indicativo, uma fonte para nosso objeto. De toda forma, consideramos, assim, tanto a documentação produzida pelos Estados, como aquelas preservadas pelos imigrantes nas associações e, também por particulares.

Foram relevantes os documentos preservados pelas associações lituanas, que merecem uma atenção especial, visto que a acessibilidade a estas dizem muito a respeito da comunidade lituana em cada país. Um exemplo desta dificuldade, e das “credenciais” exigidas para tornar possível o acesso, pode ser observado em um e-mail trocado com o presidente de uma destas associações na Argentina que antes de autorizar o acesso fez o seguinte questionamento:

Necesito algunos datos, por ejemplo: Si tienes alguna relación con los lituanos en Brasil (nombre y dirección), si ya has visitado alguna de las Instituciones lituanas en la Argentina (nombre y dirección), motivo por el cual has elegido a Lituania para tu tesis, asimismo, envíame tu dirección en Brasil y tu edad, donde estás residiendo ahora en Buenos Aires, quien te dió mi dirección.

Superando situações como essas, foi possível consultar a documentação de todas as associações lituanas em atividade que, de uma forma geral, nos colocaram à disposição suas bibliotecas, bem como seus documentos institucionais. Na Associação *Nemunas*, em Berisso, tivemos acesso aos registros dos primeiros anos de funcionamento, como os livros de atas e de reuniões, e também dos jornais e periódicos que constam em sua biblioteca. O mesmo ocorreu na *Mindaugas* que, apesar de ter mantido uma das mais importantes bibliotecas lituana na Argentina, por razões institucionais, esta acabou desaparecendo. Hoje, parte deste acervo se encontra com particulares. A SLA (*Susivienijimas Lietuvių Argentinoje*) foi uma associação bastante receptiva e nos colocou à disposição a biblioteca, que ainda está sendo reorganizada, e que conta com diversas obras referentes à coletividade lituana. O *Clube Cultura*, localizado em Bernal, bairro da cidade de Quilmes, encontrava-se fechado devido a questões judiciais. Contudo, depois de muita negociação foi possível ali ingressar. Importante ressaltar que esta foi a última associação pró-soviética em atividade na América do Sul e suas atividades seguiram até os anos de 1990. Sua biblioteca e documentos, hoje abandonados, revelaram uma associação bastante ativa tanto política como culturalmente que mantinha amistosa relação com os representantes soviéticos no país, principalmente porque alguns dos cônsules e

embaixadores eram lituanos. No Uruguai a situação é bastante distinta, pois a associação de esquerda foi fechada pela ditadura e uma de suas sedes incendiadas, portanto, resta o que foi preservado por particulares que nos ofereceram contribuições significativas. A *Associação Cultural Uruguay - Lituania* não mantém uma biblioteca e sua documentação está desorganizada, bem como as fotografias. No Brasil a única associação em atividade é a *Sajunga*, que permitiu acesso permanente a sua biblioteca e documentação institucional.

Definimos como recorte cronológico, o período entre os anos de 1926 e 1955. Essa escolha se deve por considerarmos o ano da principal onda imigratória dos lituanos para a América do Sul e finalizamos na década de 1950 para que possamos compreender o impacto e a organização política da presença dos lituanos Deslocados de Guerra (DP). Referências sobre períodos anteriores se farão necessárias, sobretudo para compreendermos a formação do Estado nacional lituano e para considerar a diminuta, porém relevante, organização dos primeiros grupos de lituanos, particularmente na Argentina.

Considerando o recorte cronológico e nossos objetivos, dividimos nosso trabalho em quatro etapas: I-) A formação do Estado nacional lituano, considerando os movimentos nacionais ainda no Império Russo, a independência e o estabelecimento do governo de Antanas Smetona; II-) Análise do processo imigratório para América, a estruturação das coletividades na Argentina, Brasil e Uruguai, demonstrando a influência do governo nacionalista lituano e as divisões ideológicas, com a participação dos lituanos nos movimentos socialista e comunista; III-) Focalizamos na década de 1930, buscando compreender os conflitos entre os diversos grupos lituanos e destes com o Estados receptores, sobretudo as perseguições políticas aos movimentos de esquerda, bem como os projetos nacionalistas e assimilacionistas; IV-) Avaliaremos o impacto da Segunda Guerra Mundial na vida da coletividade, principalmente os momentos de ocupação soviético e nazista, a integração à URSS e a imigração dos Deslocados de Guerra.

I - ENTRE O ESTADO E A NAÇÃO.

Para compreendermos o movimento nacional lituano e o processo imigratório se faz necessário analisar: as crises políticas e sociais no Império Russo; o estabelecimento do Estado Nacional lituano e a formação do governo Antanas Smetona. Cabe ressaltar como neste processo se estabeleceu o regime político na Lituânia e sua relação com o processo imigratório para a América do Sul.

1.1. As Crises do Império Russo e o sentimento nacional

A formação do Império Russo, como passou a ser designado em 1721 pelo Czar Pedro I (1689 – 1725), foi o resultado de séculos de expansão territorial que chegou ao seu limite com a tripartição da Polônia (1795). Assim, o Império compreendia um território que se estendia da Europa oriental à América do Norte e do oceano Ártico, ao norte, ao mar Negro, no sul. Nesta territorialidade, a composição social era complexa e heterogênea, tanto no que se refere à etnia, à língua e à religião. Nesta complexidade desenvolveu-se uma organização política bastante peculiar que se denominou czarismo. O czarismo se diferenciou das demais monarquias europeias ao se consolidar como uma autocracia, detendo tanto o poder temporal como o domínio sobre a Igreja Ortodoxa. Assim, o czar não possuía um limite formal a sua vontade, pois ao não havia uma separação entre Estado e Igreja, se auto-definia como uma manifestação da vontade de Deus. Desta forma, podia conceder títulos de nobreza e retirá-los, além de distribuir cargos e funções e, o mais importante, a posse da terra.

As peculiaridades do Império não se limitavam à esfera política: a organização econômica e social, na parte central do território, adotava uma organização que se denominou *Mir*. A *Mir* era formada pela livre associação de camponeses que periodicamente redistribuíam as terras agricultáveis de acordo com a necessidade de produção e das famílias pertencentes à comuna. Organizava a forma de pagamento à nobreza e quem deveria prestar serviço militar, por vinte e cinco anos, além de demais

questões administrativas locais. Com esse sistema de organização, não houve uma preocupação em adotar uma política sistemática para homogeneizar a administração, a religião e nem mesmo a língua no Império. Não se adotou um “idioma oficial” e o russo era a língua utilizada apenas entre os camponeses. Em suma, não havia a associação entre “povo”, território e língua como forma de conferir legitimidade ao Estado. Como consequência, toda a legitimidade recaía sobre o domínio exercido pelo czar fazendo com que a margem de ação política dentro do Império fosse bastante limitada girando em torno da Casa Real. A história da Rússia foi marcada pela violência, pois foi nas rebeliões camponesas, de grupos organizados, nas intrigas palacianas, que não raramente resultavam no assassinato do Czar, que se encontrava uma forma de ação política.

Ao derrotar o exército francês durante as Guerras Napoleônicas (1799 – 1802), o Império Russo se viu imerso nas questões políticas europeias, passando a ser um dos pontos de equilíbrio e estabilização da nova geopolítica do continente a partir do Concerto Europeu e da formação da Santa Aliança (1815). Tornava-se, assim, uma potência cuja força provinha de seu poderio militar e da extensão territorial que lhe garantia posições estratégicas, tanto no continente Europeu como Asiático. Essa nova posição geopolítica e sua maior presença no continente europeu colocaram diversas questões sobre o seu futuro que foram expressas nas tensões de sua *intelligentsia*.

Como observa Isaiah Berlin, conceito de *intelligentsia* teve sua origem na Rússia, sendo inventada entre 1860 e 1870 para definir um pequeno grupo de letrados que não tinham um lugar na sociedade russa, formada em grande parte por uma massa de camponeses analfabetos e famintos²⁶. Foi esse pequeno grupo, sob severa censura e não raramente, no exílio e na prisão, que formulou e apresentou o que ficou conhecida como “questões malditas”: qual era a identidade do Império Russo? A Rússia era parte da Europa ou da Ásia? Teria uma missão universal? O Império deveria se ocidentalizar? Ou deveria valorizar características russas? As distintas variantes nas respostas destas questões formaram a divisão entre ocidentalistas e eslavofinos. Os ocidentalistas acreditavam que desenvolvimento econômico, social e político eram parte de um mesmo processo, e que, portanto o Império passaria pelas mesmas etapas de desenvolvimento que as potências ocidentais. O eslavofinos, por sua vez,

²⁶ Isaiah Berlin. “O Papel da *Intelligentsia*”. In: Henry Hardy (org.) Isaiah Berlin. A Força das Idéias. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

manifestavam uma paixão pelas peculiaridades russas e pela “tradição” eslava, viam o ocidente como decadente, corrupto, supersticioso e materialista.²⁷

Neste debate, entre esclavofinos e ocidentalistas, foram formulados distintos projetos políticos para o Império, sustentados pela elite intelectual e pela burocracia. Projetos estes que variavam desde uma percepção de reforma interna das estruturas administrativas – sendo almejada uma monarquia parlamentar, como a ocidental – até a revolução, que colocaria fim à ordem e ao regime. Mesmo dentro da perspectiva revolucionária houve distinções entre percepções ocidentalistas, como a social democracia e a valorização de determinadas características consideradas originais da Rússia, como os Populistas.

O fato de a Rússia emergir como potência, no início do século XIX abriu espaço para o aparecimento de suas fragilidades. Ao contrário das demais potências europeias, não houve no Império um processo de industrialização e a defasagem na sua produção e na tecnologia passaram a ameaçar a sua posição, enquanto potência. Essa condição ficou evidente com a primeira grande derrota militar, na Guerra da Criméia (1854-1856), na qual ingleses e franceses utilizaram recursos militares que os russos não dispunham. A partir de então, a modernização do Império, que implicava em industrializá-lo, passou a ser prioridade para que a Rússia mantivesse o seu poderio no continente europeu²⁸. Com o objetivo de impulsionar a industrialização, o czarismo adotou a associação entre capital estrangeiro e a intervenção do Estado. A Rússia se abriu para investimentos externos e realizou empréstimos com o propósito de modernizar a infra-estrutura do país. Para além dos investimentos, era necessário acabar com os entraves para o desenvolvimento da economia de mercado, pois a Rússia ainda utilizava o trabalho servil e não existia ideia de propriedade privada. Assim, o Czar Alexandre II aboliu a mão-de-obra servil e procurou estabelecer a propriedade privada no campo, em 1861. Essas medidas afetaram tanto a vida da nobreza como dos camponeses, pois alterar o *status* da terra significava interferir na forma de poder da nobreza.

Como consequência de tais mudanças, a produção no campo entrou em crise, sobretudo devido à concentração de investimentos do Estado na industrialização. O resultado foi a migração dos camponeses para as cidades na busca de trabalho. Em

²⁷ Sobre a questão ver: Isaiah Berlin. “German Romanticism in Petersburg and Moscow” In: Russian Thinkers. London, Pinguin classics, 1998.

²⁸ Eric Hobsbawn. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

São Petersburgo, principal cidade industrial, o nascente operariado russo encontrava-se em situação bastante precária com elevadas horas de trabalho e baixos salários. Combinação essencial para o desenvolvimento capitalista e garantia do lucro dos investimentos estrangeiros. Apesar da formação de cidades industriais, como a referida São Petersburgo, a maior porção populacional ainda se concentrava no meio rural, o que acentuava a desigualdade entre as regiões do Império, sobretudo aquelas situadas na extremidade oeste e sul como na Polônia, na Ucrânia e no Azerbaijão. Do ponto de vista econômico, o conjunto de reformas trouxe resultado: no final do século XIX, a economia russa era a que mais crescia na Europa, embora cada vez mais dependente do capital externo.

De acordo com o censo do Império Russo de 1897 aproximadamente dois milhões e setecentas mil pessoas viviam na Lituânia, sendo 83% em vilas e cidades pequenas no campo e 12,7% no meio urbano. Assim, no total eram 73% de camponeses. Neste período, começou a imigração de massa. Primeiro para as grandes cidades do Império, como São Petersburgo, onde a demanda por mão de obra era grande, e também para Riga, que apresentava melhores condições econômicas, e pouco depois começou a emigração para América. Os dados de ingresso nos Estados Unidos, que no período foi o principal destino, indicam que em 1914 havia 252.594 imigrantes lituanos dos quais 170.699 eram homens e 81.595 mulheres, lembrando que as autoridades Americanas começaram a registrar a chegada dos lituanos de forma separada à dos russos somente em 1898. Nos Estados Unidos, os lituanos começaram a se organizar em associações e comunidades, o que teve impacto na própria Lituânia, pois uma característica da imigração neste primeiro momento, era seu aspecto pendular, o que garantia um intercâmbio bastante significativo²⁹. Esse movimento migratório influenciou o processo de independência da Lituânia.

As mudanças econômicas e sociais no Império não aconteceram sem questionamentos e resistência. Por um lado, a nobreza e a incipiente burguesia se tornaram cada vez mais dependentes do Estado e, ao mesmo tempo, viam a autocracia czarista como um regime arcaico, que, de certa forma, limitava o processo de modernização. A ideia de que o desenvolvimento econômico necessariamente levaria a uma nova forma de sociedade não se realizara. Assim, havia um descompasso entre

²⁹ A. Kucas “jugtiniu Amerikos valstybiu”. In: *Lietuvių Enciklopedija*, South Boston, 1953.

o desenvolvimento econômico e o social-político. Enfim, a modernização não produziu uma sociedade burguesa.

As transformações sociais e econômicas foram acompanhadas de um processo de radicalização política e de movimentos de contestação à ordem czarista. Entre os populistas (*Narodnik*), que sustentava a volta e a manutenção da Mir como base para uma sociedade socialista, passou por uma divisão com a formação dos *Narodnaia Volia* (Vontade do Povo). A organização adotou um programa de ação direta, produzindo atentados contra as autoridades, sendo o mais importante o assassinato do Czar Alexandre II. Essas ações não podem ser reduzidas a um ato irracional que em geral se associa ao terrorismo. Os *Narodnaia Volia* entendiam que a única forma de fazer política era justamente quebrando o que impedia a existência de um campo político, ou seja, a autocracia. Contudo, vale ressaltar, que a maior parte dos populistas era profundamente democrática e tanto antes como depois da Revolução Russa (1917) obtiveram posições relevantes, por ocasião da realização de eleições.

No campo da esquerda crescia a influência das organizações socialdemocratas. Com a fundação da II Internacional no congresso de Haia, em 1889, o Partido Social Democrata Alemão, passou a ser visto como modelo a ser seguido tanto em termos teóricos marxistas como no que se referia à atuação política. O modelo alemão pressupunha uma representação partidária que atuasse dentro de um Estado nacional. Neste sentido, os debates e mesmo as decisões, de aceitação ou não na Internacional dependiam dos critérios sobre entendimento do que consistia o “nacional”, o que causou problemas tanto no que se referia aos partidos socialdemocratas dentro de impérios, notadamente o Império russo e o austro-húngaro, e com as nações que não podiam ser identificadas com um território, sobretudo os judeus³⁰.

O Partido Social Democrata Russo participou desde o primeiro congresso da Internacional sendo representado por Plekanov, principal teórico marxista e fundador do partido. No entanto, a questão nacional não estava resolvida nem mesmo no interior da socialdemocracia russa. A primeira divergência neste sentido foi em relação ao *Bund* (Aliança Social Democrata Judaica) no ano anterior ao do PSDR. No primeiro congresso os adeptos do *Bund* ingressaram junto aos russos. No entanto, as

³⁰ Para uma síntese do debate, ver: René Gallissot. “Nação e nacionalidade nos debates do movimento operário”. In: Eric Hobsbawm (org) *História do Marxismo*. O Marxismo na Época da Segunda Internacional, III. São Paulo. Paz e Terra, 1998.

divergências sobre o sentido de nacionalidade e como lidar com estas em um Império foi palco de diversas disputas e interpretações. Os partidários de Lenin, que depois constituíram os chamados bolcheviques, almejavam uma organização centralizada que representasse os diferentes povos do Império sem fragmentações por nacionalidade. O *Bund* pretendia que o Império fosse reorganizado em uma confederação na qual os judeus teriam a possibilidade de organização e representação. Devido a este propósito político o *Bund* acabou por se chocar tanto com o Partido-Social Democrata Russo como com os diversos movimentos sionistas, tanto de esquerda como de direita³¹.

Com relação aos populistas, as críticas dos socialdemocratas eram ainda mais radicais, pois ao contrário destes, a ortodoxia social democrata sustentava uma perspectiva “etapista”, ou seja, acreditava que a Rússia deveria passar primeiramente por uma etapa de desenvolvimento capitalista, por uma revolução burguesa, e posteriormente ao socialismo. Dessa forma, preconizavam a organização de um partido, condenavam o uso da ação direta e, principalmente, na possibilidade da *Mir* como um caminho ao socialismo, ao contrário, a viam como um entrave para o desenvolvimento do capitalismo.

Em meio aos distintos movimentos de contestação à ordem, as lutas pela autonomia nacional começaram a emergir no Império. Estas tiveram êxito tanto entre aqueles que se inspiravam em tendências liberais, bem como entre a esquerda social democrata, como mencionamos. Hobsbawm observa que a ideia de nacionalidade ganhou força na Europa ao longo do século XIX, quando as lutas pelas mudanças, pela reforma e mesmo pela manutenção da ordem, se identificavam com o “direito” à autodeterminação. A autodeterminação dos povos consiste na concepção de que um grupo nacional definido teria o “direito” de reivindicar um Estado independente e soberano. A definição de grupo nacional é variada, mas a tendência era a de se relacionar com a ideia de nação, entendida em termos étnicos, culturais e linguísticos. Invocava-se um sentimento entre as pessoas e a “sua” nação. Os movimentos nacionais acabaram por dar vazão às lutas políticas e sociais no interior do Império

³¹ Sobre o BUND ver: Arlene Clemesha. *Marxismo e Judaísmo. História de uma relação difícil*. São Paulo. Xamã, Boitempo, 1998.

Russo e emergindo como um fator de questionamento sobre a base de legitimidade do czarismo³².

De fato, os levantes que reivindicavam autonomia nacional tiveram início ainda na década de 1860, sendo os levantes poloneses (1863 – 1864) os mais significativos. O movimento foi o resultado do encontro de segmentos tanto da elite intelectual como econômica da região e encontrou eco no descontentamento dos camponeses diante das mudanças em seu modo de vida. Vale lembrar que a Polônia foi uma das últimas regiões a ser integrada ao Império e, portanto uma memória recente de autonomia podia ser mobilizada em situações de crise. Essa conjunção de fatores produziu levantes explosivos que foram reprimidos pelo czarismo resultando no massacre de centenas de camponeses. É importante ressaltar que durante mais de um século, a região da Lituânia esteve incorporada ao Reino da Polônia, o que significa que os levantes em questão perpassavam também os lituanos³³. O levante polonês teve impacto no conjunto do Império, pois radicalizou a percepção do poder mobilizador do apelo nacional, balizando as reações czaristas, principalmente ao longo da década de 1870. Após o levante deu-se início ao que ficou conhecido como processo de “russificação”.

Devemos notar que o conceito de “russificação” tem sido bastante questionado pela historiografia, o que se evidencia, é na verdade uma política anti-polonesa que se combinava como uma perspectiva de diminuir a influência católica. Assim, o Czar passou a basear suas ações apelando para os “russos enquanto russos”, buscando uma legitimidade para além da autocracia e da religião ortodoxa. Essa política pretendia homogeneizar o Império através de um conjunto de medidas: a imposição do russo como língua nas instituições educacionais, a proibição da utilização do alfabeto latino em qualquer impresso, impondo o alfabeto cirílico. Essa medida foi combinada com restrições a cargos públicos para os que não fossem ortodoxos. A exigência da ortodoxia tinha por objetivo diminuir, sobretudo, a influência católica considerada como desagregadora. Dessa forma, a identidade nacional dos russos, sobretudo dos membros das classes superiores se vinculava tanto à ideia de Império como à religião ortodoxa³⁴. Para os lituanos, a maior consequência foi abolição de seu idioma, em

³² Eric J. Hobsbawm *Nação e Nacionalismo desde 1780. Propaganda Mito e Realidade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1998.

³³ Jerzy Lukowski e Hubert Zawadzki. *Concise History of Poland*. Cambridge, University Press, 2002.

³⁴ Eric Hobsbawm. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

1864. Essa violência cultural, sustentada pela autocracia, passou a ser a primeira luta pelo reconhecimento do idioma lituano. O idioma passou a ser o principal símbolo nacional para os lituanos e símbolo de sua identidade.

1.2. Do movimento nacional à independência: a nação como artefato

Neste complexo quadro social e político é que tiveram início os movimentos nacionais pela autonomia da Lituânia, que passamos a abordar. Para tanto, recuperemos uma questão fundamental sobre o conceito de nação enquanto artefato proposto por Anderson, pois, como observaremos, distintas ideologias políticas se combinaram com estes movimentos. Ao mesmo tempo, é necessário observar como se formou um espaço de disputa em torno do sentido que deveria ter a nação lituana.

O movimento pela autonomia da Lituânia teve início neste período crítico e ganhou forças ao longo da década de 1870. Era um movimento formado pela intelligentsia dentro do círculo universitário de São Petersburgo e Moscou. A formação dessa intelligentsia, com apego a sua região de origem, era resultado das reformas agrárias promovidas pelo czarismo.³⁵ No báltico, a propriedade comunal foi rapidamente dissolvida e um pequeno número de proprietários passou a cultivar áreas significativamente maiores do que nas demais regiões do Império. Essa condição somada aos fatores climáticos permitiu que a região se tornasse uma das regiões mais produtivas. Assim, emergiu uma elite de proprietários enriquecidos que passou a reivindicar uma maior autonomia administrativa. Com o desenvolvimento econômico, os filhos de proprietários obtiveram acesso à educação universitária, tanto no Império Russo como nos principais centros europeus. Essa elite educada contribuiu para a valorização da origem lituana e formou os principais líderes do movimento nacional lituano como Jonas Basanavičius, Jonas Šliupas e Petras Vileisis³⁶. A valorização de uma cultura e de uma história comum dos lituanos passava pela valorização do idioma, como observa Benedict Anderson:

Pelos periódicos e revistas podia-se observar a crescente maré de nacionalismo dentro dos Impérios dinásticos da Europa (...). Fundamental nesta articulação dos

³⁵ Tomas Balkelis. *The Making of Modern Lithuania*. London/New York. Routledge Taylor & Francis (e-book), 2009.

³⁶ Graham Smith (org). *The Baltic States. The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*. London, Macmillan Press, 1994.

nacionalismos foi o esforço dos folcloristas, historiadores lexicólogos, poetas, romancistas e músicos por ressuscitar passados gloriosos diante de presentes humilhantes, e, em especial, substituir os idiomas imperiais por línguas vernáculas, para construir e consolidar as identidades nacionais.³⁷

Até a metade do século XIX, o lituano era a língua dos camponeses excluídos das escolas do Império nas quais o ensino era realizado em russo ou mesmo em polonês. Nestas condições, não havia uma literatura significativa em lituano seja acadêmica ou artística, pois as manifestações camponesas se davam, sobretudo de forma oral. Foi justamente essa tradição oral, bem como a cultura material produzida pelos camponeses, que os intelectuais procuraram valorizar como ponto de distinção dos lituanos com relação aos demais povos da região e como símbolo de luta contra a autocracia. Sob este prisma, teve início uma luta no campo cultural, cujo resultado foi a emergência de uma produção intelectual e artística em lituano que procurava articular uma história que remontava a uma Lituânia independente na Idade Média, com um território e uma língua antiga e preservada. Era a união legitimadora entre território, etnia, língua e independência política, coberta de apelos emocionais e imagens míticas³⁸.

(...) apesar do apelo emocional dessas reivindicações de base histórico-linguística, nada na história as justifica. A congruência entre os “povos” da Alta Idade Média e os contemporâneos é um mito. Os argumentos linguísticos e históricos vão abaixo rapidamente quando aplicados às questões contemporâneas de diferenças étnicas, e são ainda menos apropriados para a distinção dos “povos” europeus da Alta Idade Média. (...) Tanto em Estados fortes e hegemônicos como em movimentos pela independência, afirmações como “nós sempre fomos um povo” são, no fundo, apelos para que se tornem povos – apelos sem base histórica que na verdade são tentativas de criar a história. O passado, como sempre foi dito, é um país estrangeiro, e nunca nos encontraremos por lá.³⁹

Nas duas últimas décadas do século XIX e início do XX é que pode ser observado um aumento significativo de produção e circulação de impressos em

³⁷ Por periódicos y revistas podía observar la creciente marea de nacionalismo dentro de los imperios dinásticos de Europa (...). Fundamental en esta articulación de los nacionalismos eran los esfuerzos de folcloristas, historiadores, lexicógrafos, poetas, romancistas y músicos por resucitar pasados gloriosos tras presentes humillantes, y, en especial, sustituir los idiomas imperiales por lenguas vernáculas, para construir y consolidar las identidades nacionales. Benedict Anderson. *Bajo tres Banderas. Anarquismo e imaginación anticolonial*. Madrid, Arkak universitaria, 2008. pp. 108.

³⁸ Sobre a construção do idioma lituano ver: Timothy Snyder. *The Reconstruction of Nations. Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus (1569 -1999)*. Yale University, e-book, 2003.

³⁹ Patrick J. Geary. *O Mito das Nações. A invenção do Nacionalismo*. São Paulo. Conrad editorial do Brasil, 2004. pp. 51.

idioma lituano. Entre 1864 - 1904 foram publicadas aproximadamente quatro mil e cem obras, não incluindo os periódicos, que se somavam às setecentas e oitenta publicações em lituano realizadas nos Estados Unidos. Estas obras eram secretamente enviadas à Lituânia, em sua maioria pela então Prússia Oriental (Kroninberg). Os livros eram transportados pelos *knegynesiai* (livreiro) e vendidos de forma clandestina. A existência de literatura em idioma lituano passou a ser uma motivação para que realizassem o ensino do idioma, também de forma clandestina. Era uma atividade de risco, pois de acordo com as leis do Império, qualquer indivíduo poderia ser detido por portar ou transportar um impresso considerado ilegal. Observamos assim que praticamente toda a literatura lituana se realizava fora de seu território e em grande medida por emigrados. Nos Estados Unidos, também se desenvolviam atividades políticas e culturais, tanto de ensino como de imprensa em idioma lituano e estes jornais também chegavam clandestinamente à Lituânia⁴⁰. Assim, a constituição de um movimento de reapropriação do lituano, enquanto produção escrita e a esta vinculada uma percepção de identidade dependia de uma série de relações transnacionais e deslocadas territorialmente.

Em 1883, Jonas Basanavičius fundou o primeiro jornal *Aušra* (Aurora) que tinha como principal perspectiva a autonomia da Lituânia, o que significava maior liberdade administrativa e de expressão dentro do Império Russo, mas a questão da independência só vai aparecer anos mais tarde.⁴¹ Essas atividades relacionadas à literatura deram vazão a movimentos culturais de uma forma mais ampla, pela formação de ciclos de cultura, o que incluía atividades como a formação de grupos de teatros (*Klojino Teatras*) e a realização de pic-nics, os quais eram realizados em locais afastados nas matas, na beira dos rios. Essas reuniões para além de sua característica lúdica e de sociabilidade, prestavam-se para o intercâmbio de ideias, jornais, livros, para as leituras em grupos de poemas e outros impressos, apresentações de pequenas obras teatrais, danças e música. Não raramente tomaram

⁴⁰ Alfred Erich Senn and Alfonsas Eidintas. "Lithuanian Immigrants in America and the Lithuanian National Movement before 1914". *Journal of American Ethnic History*, Vol. 6, No. 2 (Spring, 1987), pp. 5-19 Published by: University of Illinois Press <http://www.jstor.org/stable/27500524> Accessed: 27/06/2009 13:11.

⁴¹ Vale aqui algumas palavras sobre a biografia de Jonas Basanavičius nasceu em 23 de novembro de 1951, estudou na Universidade de Moscou nos seminários de história e filologia, mais tarde estudou medicina na Academia de Medicina também em Moscou. Deixou o Império Russo e se dirigiu para Bulgária, mais tarde para Viena e Praga onde entrou em contato com o movimento nacional Checo, que o teria inspirado a produzir o jornal, já mencionado *Aušra*. Ao longo de sua vida publicou diversos estudos de folclore e idioma lituano e sua história. Por suas ações políticas é considerado um dos pais da nação Lituana

aspectos políticos e de debates. Ainda hoje, o pic-nic combinado com leituras é tradicional na Lituânia, principalmente com o início da primavera, depois de um longo inverno. Temos, portanto um desenvolvimento cultural que embora sua base seja pensada territorialmente e que produzia efeitos no interior da Lituânia, sua modulação se dava de forma extraterritorial. Essa característica para nós é de fundamental importância, pois ressalta o papel dos emigrados na formação dos diversos movimentos políticos que se tornaram parte da sociedade lituana. Uma sociedade que se forma em diálogo permanente entre o movimento lituano interno e externo ao país. Entre o movimento local e os diversos emigrados se formou uma rede de solidariedade que intercambiou não somente o suporte do texto escrito, mas o seu conteúdo ideológico que terá origens diversas⁴².

Nos Estados Unidos, pois este foi o país que recebeu a maior quantidade de imigrantes particularmente entre 1904 a 1914. Em 1905, os EUA receberam 18.604 imigrantes lituanos, 14.257 em 1906 e no ano seguinte 25.884. Assim, entre 1899 e 1915, 46.630 lituanos se estabeleceram naquele país, considerando que foi somente a partir daquele momento que os lituanos passaram a ser considerados pela burocracia como uma nacionalidade, diferenciando-os assim dos poloneses e russos. Na América, passaram a habitar as regiões de Boston, Philadelphia, Baltimore e principalmente as cidades de Pittsburg, Chicago e Cleveland. Nessas localidades começaram a organizar associações com diferentes perspectivas: nacionalista, católica, socialista, anarquista. Ao mesmo tempo, como observa Eidintas, muitos lituanos começaram a ingressar nos sindicatos locais (*Unions*), como, por exemplo, em Shenandoah contava com 4.000 lituanos e, ao todo, 15.000 lituanos eram membros de diferentes sindicatos.⁴³

Essas distintas perspectivas se refletiram na produção de uma quantidade significativa e diversa de periódicos produzidos que, para além de serem distribuídos no território americano, alcançavam as demais organizações no continente europeu e americano, e não raramente conseguiam ser enviados para o território lituano. Em 1898 dos dezoito jornais que circulavam na Lituânia onze eram publicados nos Estados Unidos. Com relação aos livros, entre 1875 e 1904, os lituanos naquele país produziram um sétimo de todas as obras em lituano publicadas entre 1547 e 1904.

⁴² Zigmantas Kiaupa. *The History of Lithuania*. Baltos Lankos, Lithuania, 2004. p. 198.

⁴³ Alfonsas Eidintas. *Lithuanian Emigration to the United States (1868 – 1950)*. Mokslo ir Enciklopedijų Leidybos Intitutas. Vilnius, 2003. p. 154.

Esse intercâmbio foi importante e influente, mas não se limitou à literatura. Ativistas políticos cruzaram o oceano, buscaram se apoiar nas associações nos Estados Unidos, onde também angariavam recursos. Assim, em 1913, a *Lietuvų Mokslo Draugija* (Associação de Ensino do Lituano) enviou representantes para buscar recursos para construir uma associação em Vilnius. Da mesma forma a *Tevyne Myletojų Draugija* (Associação dos Amantes da Pátria) também coletou donativos com objetivos de estimular o estudo e o ensino do idioma e da cultura lituana.⁴⁴ Entretanto, a imigração não era vista como algo positivo, pois muitos líderes políticos viam nessa um fator que fragilizava a nação.

Neste ponto, podemos recuperar uma questão teórica, sobre a formação do Estado nacional, ou o que Anderson conceituou como "comunidade imaginada". Vemos, que no caso Lituano, essa comunidade foi realizada de forma estendida. Ou seja, como ressaltamos, ela se deu a partir de ações que se realizavam em pontos à margem do território lituano, como na Prússia, nos principais centros dinâmicos, do ponto de vista econômico e social, do Império Russo, como Moscou e São Petersburgo, particularmente nos centros educacionais. Somava-se a esse o esforço dos emigrados na Europa e, principalmente, nos Estados Unidos. Vemos assim, uma relação transnacional dentro de um processo de diáspora. Modularam-se redes de comunicação e solidariedade articulando grupos externos e internos que contribuíram para a sua causa nacional. As condições vivenciadas por esses grupos externos trouxeram referências diversas apreendidas nos locais onde eles se encontravam. Essa característica, como veremos, acompanhou a história da Lituânia. Com essa análise, reforçamos a necessidade de entender essas redes para além dos limites territoriais do país, sua "comunidade imaginária" desde o início sempre foi para além dos seus limites geográficos. Nesse sentido, rejeitamos, uma vez mais, as definições essencialista de nacionalidade a partir de uma base étnica e presa à valorização unicamente dos agentes locais. Para nós a formação de um Estado nacional se dá a partir de múltiplas relações diversas e de distintos projetos políticos em conflito e que veem a autonomia política uma parte da sua realização.

A cultura nacional é parte desta disputa e se forma em meio a ela. É, portanto, uma construção histórica e não parte da natureza (em seu aspecto biológico) das relações humanas, como querem definir os movimentos nacionalistas. Essa luta, por

⁴⁴ Alfred Erich Senn, Alfonsas Eidintas. "Lithuanian Imigrants in America and the Lithuanian National Movement before 1914". *Journal of American Ethnic History*. Vol. 6, No. 2 (Spring 1987) pp 5 - 19.

exemplo, levou à formação de distintos periódicos e impressos revalorizando o uso e o ensino do idioma, como parte da base do movimento nacional. Da mesma, foi reapropriada e revalorizada uma história longínqua do período medieval, quando o reino da Lituânia era autônomo, pois este era o único momento de independência ao qual poderiam recorrer.

Membros do clero católico, também contribuíram neste movimento, sobretudo em resposta ao avanço da religião ortodoxa, e passaram a utilizar o idioma lituano em seus escritos e em parte dos cultos. O caso mais famoso foi o Bispo Motiejus Valančius, que para além, difundia a ideia de que o alfabeto cirílico e o russo eram expressões contra a fé católica. A ampliação do público leitor, pela ação organizada de alfabetização dos camponeses e da própria elite, possibilitou a ampliação do público leitor e assim a circulação de jornais. Apesar destas notáveis exceções, é importante ressaltar que a maior parte do clero que atuava na Lituânia provinha de movimentos vinculados à Polônia e não raras vezes foram vistos pelos nacionalistas lituanos como agentes de "polonização" e de fato o idioma corrente entre o clero era o polonês.

Em 1896 os socialdemocratas lituanos em um congresso realizado em 1 de maio formaram o Partido Social Democrata Lituano (PSDL) que ganhou um apoio, sobretudo dos camponeses nos distritos rurais, uma vez que, a maioria dos operários urbanos naquela região era constituída por pessoas de origem polonesa e judaica. O viés nacionalista em oposição ao internacionalismo se tornou presente quando das prisões das primeiras e principais lideranças que sustentavam uma postura internacionalista, entre os quais Domaszewicz e Trusiewicz, em 1889. Estes foram substituídos por lideranças formadas no meio rural de forte apelo regional que encaminharam o partido para um nacionalismo cada vez mais forte. As mudanças ocorridas no partido levaram com que Trusiewicz abandonasse o PSDL e fundasse a União Operária Lituana⁴⁵.

Na virada do século XX, a crise do Império se tornou ainda mais grave e uma de suas expressões foi a Revolução de 1905. A opressão, a crise econômica e a derrota na guerra com o Japão mostrou a fragilidade do Império que diante do movimento de massa foi obrigado a ceder. Nas principais cidades lituanas ocorreram

⁴⁵ James D. White. "Nationalism and Socialism ins Historical Perspective". In Graham Smith. *The Baltic States. The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*. Op. Cit.

levantes das massas e greves gerais que se estenderam por Vilnius, Kaunas, Panevėžys, Šiauliai. Em meio a estas tensões sociais emergem os primeiros manifestos de independência nacional. Naquele momento, já não se tratava de conciliar com o Império ou buscar uma maior autonomia administrativa e cultural. Colocar fim ao Império entrou para a ordem do dia. Importante observar que diante da radicalização do movimento, muitos dos clérigos recuaram no movimento nacional, afastando-se da perspectiva de independência. Diante do recuo czarista e da opressão ocorrida nos anos seguintes, a postura teve que ser moderada. Essa abertura se deu em duas dimensões, a cultural – com maior liberdade religiosa e do uso dos idiomas até então proibidos – e políticos com um proto-parlamento denominado de Duma. As duas medidas tiveram efeito na Lituânia, a legalidade do idioma multiplicou o seu ensino, a produção e a distribuição de literatura. Na dimensão política, foi organizada *A Grande Assembleia de Vilnius*, durante a qual foi manifesta a intenção de autonomia da Lituânia, além de eleger representantes para o Duma. Na eleição os grupos principais: a Democracia Cristã e a esquerda, fracionada entre Socialistas e Populistas.

No dia 29 de outubro daquele ano, o Vilnius *Žinios* (Notícias de Vilnius) publicou um documento conhecido como Declaração ⁴⁶. Nele, o tom moderado prevalecia, mas anunciava um compromisso em nome dos interesses nacionais. No mesmo mês, Jonas Basanavičius enviou um *memorandum* para o líder do conselho de ministros do Império: este é apontado como o primeiro documento que demanda direitos políticos e culturais em nome da história da nação lituana. Emergia assim, a imagem de uma nação histórica e, que por sua existência deveria ser considerada sua situação cultural e política, tais como as demais nações existentes. Entre os dias 21 e 22 de novembro de 1905 foi realizado um congresso para o qual atenderam cerca de dois mil lituanos de diferentes regiões, origem social e organização política. Contava, também com representantes dos imigrantes lituanos, de representantes da Bielorrússia e do PPS polonês, o seu principal condutor Basanavičius. Essas iniciativas não trouxeram resultados imediatos, pois logo a autocracia retomou o controle,

⁴⁶ Para evitar confusão de datas optamos por utilizar o calendário Juliano, como é mais usual, para nós e para os Lituanos, contudo em algumas referências bibliográficas que optam por manter o calendário Gregoriano costumam denominar esse manifesto como o de 11 de novembro.

inviabilizou o *Duma* e empreendeu um amplo processo de repressão alardeando um discurso antissemita e financiando as Centúrias Negras para realização de *pogroms*⁴⁷.

Mesmo diante da repressão, é preciso notar as importantes mudanças ocorridas na sociedade lituana, durante este período. Com a liberação do uso do idioma foi possível constituir escolas e ampliar o ensino e difusão deste. Acompanhava esse movimento uma produção de jornais e periódicos bastante intensa, depois do primeiro jornal legalmente constituído *Vilnius Žinios*, formaram outros trinta e um jornais. Estas atividades eram acompanhadas de intensa atuação dos diferentes partidos e dos sindicatos, sobretudo na capital Vilnius.

A situação política só foi alterada com o início da Primeira Guerra Mundial. Embora não seja nosso propósito nos aprofundar em questões referentes ao conflito, algumas referências são necessárias, pois foi nesse período que a independência da Lituânia foi delineada. Logo no início da Guerra, a região da Lituânia foi ocupada por forças alemãs e, assim, permaneceu até 1918. Durante a ocupação alemã aproximadamente sessenta mil lituanos se deslocaram para o interior do Império, na Rússia.

A ocupação desestabilizou a política regional. Por um lado, se observava um rompimento com o poder Imperial, o que levará a grupos políticos a lutarem e negociaram com os alemães a independência da Lituânia e, para tanto, formaram uma comissão para levar adiante este propósito e convocou um congresso que se realizou entre dezessete e vinte e três de setembro de 1917 na cidade de Vilnius e que tinha como principal liderança Antanas Smetona, pois o congresso foi dominado por partidos de direita. Com essas iniciativas políticas foi possível concluir esse processo em 16 de fevereiro de 1918, quando em Congresso, liderado por Basanavičius, se declarou sua independência, sob a condição de uma aliança perpétua com a Alemanha.

Em meio a este processo é preciso lembrar que a Rússia, após a Revolução de Outubro de 1917, deu início a negociações de paz que resultaram no pacto Brest-litovisk, reconhecendo as fronteiras ocupadas pela Alemanha, desintegrando o território Imperial no ocidente. É preciso ressaltar, que Lenin defendeu a autodeterminação dos povos, o que significava tacitamente o reconhecimento das

⁴⁷ Walter Laquer. *Black Hundred. The Rise of the extreme right in Russia*, New York. HarperCollins, 1993.

independências nacionais.⁴⁸ No entanto, ao mesmo tempo, em que reconhecia essa autodeterminação, o movimento comunista tinha como estratégia reunir os dissidentes socialdemocratas, que haviam aderido à perspectiva revolucionária de formar partidos comunistas que pudessem atuar localmente⁴⁹. Nesse contexto, foi formado o Partido Comunista da Lituânia (LKP), sobre o qual devemos voltar nossa atenção.

No período, diversos partidos comunistas nacionais foram formados, particularmente nas regiões que estavam sob ocupação alemã. O partido era integrado pelos dissidentes da social democracia fosse essa do Partido Social Democrata Russo ou de partidos nacionais. No caso da Lituânia, outros dissidentes do *Bund* e do Partido Social Democrata do Reino da Polônia e da Lituânia (SDKPiL). Tanto o *Bund* como SDKPiL há muito debatiam a questão nacional. O *Bund* reivindicava a representação judaica em separado do Partido Social Democrata Russo, na II Internacional. Já o SDKPiL, que tinha como principal referência política-ideológica Rosa Luxemburgo, há muito criticava a perspectiva nacional como um problema para a ação revolucionária e como parte da estratégia burguesa de divisão dos operários⁵⁰. Dessas influências diversas, a formação do LKP, vai encontrar resistência entre os próprios bolcheviques lituanos, pois a perspectiva naquele período era de uma revolução em escala europeia que aparecia como possível de ser realizada e, para eles, a autonomia nacional seria um ação contra revolucionária, o que gerou tensões entre os bolcheviques.

Assim, o primeiro partido comunista formado para a Lituânia foi o Partido Comunista da Lituânia e da Bielorrússia em Vilnius em primeiro de outubro de 1918, a partir de uma determinação de Moscou que enviou o líder da seção lituana da social democracia que havia aderido à perspectiva bolchevique, Aleksandra Drabaviciute. Naquele contexto se buscava uma forma de estabelecer um soviete em Vilnius e a adesão à Revolução. No entanto, como podemos observar a questão da autodeterminação era para o novo partido mais um problema do que uma solução, dois de seus principais líderes Vincas Kapsukas e Zigmas Angarietis há muito lutavam contra o nacionalismo, sob influência de Rosa Luxemburgo. Em outras palavras, o partido comunista nasce por uma determinação de Lenin e Stalin e por

⁴⁸ Sobre o impacto do tratado na região ver. Michael A. Reynolds. *Shattering Empires. The clash and Collapse of the Ottoman and Russian Empires 1908 – 1918*. Cambridge, University Press, 2011.

⁴⁹ James D. White. "National communism and word revolution: the political consequences of german military withdrawal from baltic area in 1918 - 19". *Europe Asia Studies*. Vol. 46 No 8. 1994, 1349 - 1369.

⁵⁰ A. Walicki. "Rosa Luxemburg and the question of nationalism in polish marxism" (1834 -1914)

fora do movimento levado adiante pelos ativistas locais que rejeitavam a autodeterminação e lutavam pela revolução na Europa, era assim parte da ala esquerda do bolchevismo.

A situação se tornou ainda mais complexa com o início da guerra entre a Rússia e Polônia que levou o Exército Vermelho para dentro do território lituano. No soviete formado em Vilnius e em outros locais aparecia como a oportunidade de um reencontro com a revolução. Stalin chegou mesmo a dar vivas à Lituânia independente e ao soviete. Contudo, a luta entre poloneses e russos logo derrubará essa possibilidade. O Exército Vermelho derrotou as forças polonesas, mas não consolidou o domínio da região e Vilnius acaba por ser incorporada à Polônia. Dessa forma, a Lituânia, junto com os demais países bálticos estavam apartados da Revolução. Os ativistas que permaneceram atuando localmente logo tiveram que passar para a clandestinidade ou voltaram a Moscou, onde na Internacional Comunista, formada em 1919, passaram a desempenhar diversas funções e em diferentes países, inclusive na América do Sul.

Essas questões nos são importantes, porque se tornaram, em muitos casos, base para a discussão da legitimidade da ação do partido comunista na Lituânia. Argumentos de que esse seria ilegítimo, pois foram formados a partir de uma intervenção externa, de Lenin e Stalin, são comuns de serem encontrados e é um fato. Contudo, isso não significa a ausência de lituanos desde o início do movimento bolchevique, e na esquerda do bolchevismo. Como ressaltamos, uma parte dos seus ativistas não vinha da influência russa, mas do movimento de radicalização da social democracia ocidental pelo SDKPiL, e, portanto luxemburguista, além dos membros do Bund, que mantinham uma longa discussão sobre a relação autonomia nacional e a revolução. Assim, em meio ao Báltico, duas concepções da radicalização da social democracia se enfrentaram e a maior parte dos lituanos se opunha ao entendimento de Lenin sobre a questão nacional e as instruções de Stalin. Neste sentido, a história do LKP, foi também um incômodo para a historiografia e a política soviética, pois lembrar seus primeiros ativistas significaria lembrar a oposição a Lenin e Stalin dentro do bolchevismo e a concepção e críticas de Rosa Luxemburgo a este. A questão nacional também era um problema para a socialdemocracia e para o Partido Comunista Polonês, pois ambos defendiam a integração da Lituânia a Polônia, sobretudo a região de Vilnius que tinha forte influência do Partido Popular Socialista da Polônia.

A todas estas questões temos que incluir os lituanos emigrados e os movimentos políticos. O impacto da Revolução Russa entre os imigrados foi significativo e levou à divisão entre todas as organizações socialistas lituanas nos Estados Unidos e, como analisaremos, na Argentina. Nos Estados Unidos, a divisão pode ser observada ainda no período da Primeira Guerra Mundial. Como apontamos anteriormente, a comunidade lituana na América do Norte era bastante dividida do ponto de vista ideológico e as atividades socialistas se davam, sobretudo na *Aliança Socialista dos Lituanos nos Estados Unidos* cujo principal impresso foi o jornal *Naujienos* (Notícias).⁵¹

Na primeira década do século XX, os lituanos cuja maioria havia se estabelecido em Chicago formaram a *Lietuvių Socialistų Sąjunga* (Aliança dos Lituanos Socialistas) e conseguiu produzir diversos jornais que tiveram vida efêmera como o *Keleiviu* (Passageiros), o *Kova* (Luta) que foi fechado, em 1917 durante a repressão que se estabeleceu no período da Primeira Guerra Mundial e o *Laisvė*, fundado em 1911. Mais tarde o editor do jornal lituano de Baltimor, P. Grigaitis, se mudou para Chicago dando início ao semanário *Naujienos* que chegou a se tornar um diário. Junto a este, outros jornais menores manifestavam a perspectiva socialista como *Apžvalga* (Análise) e *Mūsų Tiesą* (Nossa Verdade). Em dez de setembro de 1917, os socialistas, que ainda atuavam em conjunto, realizaram um congresso com o objetivo de constituir uma associação que possibilitasse a publicação e a circulação de livros a qual foi chamada de *Lietuvių Literatūros Draugijos*, LLD, (Associação Literária Lituana) cujo centro era a cidade de Nova York.

No final de 1917, com a repercussão da Revolução Russa e o ingresso dos Estados Unidos na Guerra, acentuaram-se as diferenças entre os diferentes grupos socialistas e os que aderiram à perspectiva bolchevique. É importante observar que a primeira grande divergência não se dá com relação à Revolução, mas com as posturas em relação à guerra. Os socialistas de esquerda se mantinham fiéis às resoluções da II Internacional de considerar o conflito como uma ação imperialista e o nacionalismo como um "desvio" na perspectiva marxista. Já os demais socialistas passaram a defender as ações de Guerra. Com a Revolução de Outubro as divergências se acentuam radicalmente, o que vai levar a rupturas definitivas. Naquele ano, uma parte

⁵¹ Jungtinių Amerikos Valstijų Pažangiųjų Lietuvių Organizacijos. Lietuvių Socialistų Sąjungos Literatūros Komiteto. Fondas 15808 – 1-14. LKP Archivas.

dos socialistas se retira do *Naujienos* e dá início a uma nova publicação *Žarija* (O Carvoeiro), que circulou por dois anos.

Com a divisão na esquerda, a LLD também passou por mudanças, pois, em um congresso realizado em 1919, os socialistas se retiraram e os pró-revolução russa assumiram a sua direção e o jornal *Laisve* mudou sua sede de Chicago para Nova York assumindo também a perspectiva bolchevique. Sedimentava-se assim a divisão definitiva entre os lituanos e cada um dos grupos buscou atuar defendendo sua perspectiva e não raramente em conflito com as demais. Em 1921 a organização adotou o nome de *Lietuvių Darbininkos Literatūros Draugija*, LDLD (Associação Literária dos Trabalhadores Lituanos), além do *Laisve* de Nova York que deu início à publicação do *Vilnis*, em Chicago. Neste período a associação se aproximou das organizações de esquerda que atuavam nos Estados Unidos como o *Workers Party* (Partido dos Trabalhadores) a partir de 1921 e que em 1948 adotou o nome de *Progressive Party* (Partido Progressista).⁵² Em 1938, a LDLD, passou a adotar a designação ALDLD. A atuação destas organizações se estendeu até o final da década de 1980, ou podemos dizer, até o fim da URSS⁵³.

No Canadá, a ALDLD também atuou de forma sistemática, primeiro conectado diretamente com as atividades realizadas nos Estados Unidos. No entanto, a imigração para este país foi bastante significativa, na década de 1920. Assim, a associação começou a ampliar suas ações e fundou uma seção em Toronto em 1932, na qual organizou a publicação do jornal *Darbininkų Žodis* (Palavra do Operário), que mais tarde foi denominado de *Liaudies Balsas* (Palavra do Povo). Como vemos, também entre os lituanos emigrados, a perspectiva bolchevique ganhou força e se difundiu de uma forma bastante rápida e, como analisaremos, os grupos que se formavam buscaram apoiar os demais lituanos na América do Sul influenciando em suas decisões e organizações.

Desta forma, os diversos grupos políticos lituanos começavam a reforçar as suas posições políticas, enquanto a Lituânia tentava se legitimar e ser reconhecida no âmbito internacional. Com o fim da Primeira Guerra Mundial foi realizada a Conferência de Paris, no Palácio de Versalhes, em janeiro de 1919, com a participação dos 27 países vencedores. Assinado, ao final, o Tratado de Versalhes,

⁵² Sobre a formação do Partido Comunista dos Estados Unidos ver: Theodore Draper. *The Roots of American Communism*. New Jersey, Transaction Publisher, 2003.

⁵³ *Laisve* 60-Mecio Jubilejiniš Albumas 1911 - 1971. Isleido "Laisve" 102-02 N.Y. 1971

reconhecia os países que declararam independência durante a Guerra, alegando respeito aos critérios “étnicos linguísticos”, o que preservava as fronteiras estabelecidas durante a ocupação alemã. A União Soviética reconheceu a independência dos países bálticos e da Polônia, pouco depois. Durante a Guerra Civil na URSS, forças militares polonesas financiadas pelas potências ocidentais e comandadas por Pilsudski, realizaram incursões no território soviético objetivando desestabilizar o governo comunista. Esses avanços e recuos do Exército Vermelho e das forças polonesas deixaram uma marca na geografia da Lituânia, pois durante o conflito a cidade de Vilnius, considerada a capital histórica da Lituânia, foi tomada pelas forças polonesas e anexada àquele país. Dessa forma, a capital da Lituânia foi transferida para Kaunas.

Definida as questões diplomáticas, as disputas políticas internas se davam entre a Democracia Cristã e os grupos de esquerda (socialistas e populistas). Em meio a esta disputa começou a ganhar força o *Tautos Pazangos Partija* (Partido do Progresso Nacional), sendo que alguns de seus principais líderes chegaram a ocupar o Conselho Nacional Lituano e foram representantes na primeira Duma, ainda no Império Russo. Com a independência, Antanas Smetona, o principal líder, foi designado presidente do governo provisório e Valdemaras, Primeiro Ministro. Contudo, na eleição para a Assembleia Constituinte (1920 – 1922), o Partido do Progresso Nacional não conseguiu eleger representantes, pois não se organizaram enquanto um partido de massas e reunia somente intelectuais, estudantes nacionalistas (neo-Lithuania).

No dia 20 de novembro de 1919 foi realizada eleição para o parlamento, para o qual a maioria era de Democratas Cristãos, seguidos por União Camponesa, Social Democratas e dois representantes sem partido. Entre os eleitos seis eram judeus três poloneses e um alemão. Assumiu o poder o Democrata Cristão Aleksandras Stulginskis, em 1920, primeiro como provisório até 1922, quando foi eleito e permaneceu na Presidência até 1926.

1.3. Da Lituânia para a América do Sul

As crises e transformações na Lituânia provocaram uma nova onda emigratória nesse país. Ao mesmo tempo, houve uma mudança no destino daqueles que de lá saíam. Até o início do século XX, os Estados Unidos, era o país mais

procurado pelos emigrantes, embora a América do Sul já fosse uma possibilidade desde o final do século anterior, particularmente a Argentina. Nesse ponto, é necessário abordar uma questão teórica. Explicar os movimentos de massa, o porquê deixar uma localidade e as formas como se escolhe um destino têm sido um desafio para a historiografia.

De uma forma geral, as explicações para os movimentos imigratórios se dividem em duas: os que enfatizam os fatores de expulsão e os que privilegiam os fatores de atração. Na historiografia norte-americana, sobretudo, estes fatores explicativos são chamados de *push* e *pull*. Ao enfatizarmos as mudanças ocorridas na Lituânia, não estamos defendendo a perspectiva da expulsão, mas acreditamos que é preciso buscar na estrutura e nas transformações por que o país foi o que, proporcionalmente, teve o maior número de emigrados no período. Da mesma forma, devemos considerar os fatores de atração e como estes trouxeram distintos contingentes diferenciados de imigrantes, ou seja, diferentes tipos sociais que buscavam a imigração. Para compreender este fenômeno, Fernando Devoto propõe outra abordagem: enfatiza as cadeias de informações utilizadas pelos imigrantes e as relações que estes estabeleciam com seus conterrâneos. Essa ênfase não descarta as leituras macro, pelo contrário propõe integrar a essas os instrumentos utilizados pelos imigrantes:

(...) las cadenas serían instrumentos que usan los inmigrantes y que se adaptan bastante bien a los cambios en las condiciones macroestructurales. Sin embargo, si queremos darle a la idea de cadena un papel analítico de las causas de la migración debemos vincularla con los problemas de la información y de la asistencia, vistos como los factores que no sólo posibilitan sino que condicionan la emigración, en el marco de una lectura desde la antropología económica.⁵⁴

Contudo, essas perspectivas não são suficientes para explicar dois fenômenos com relação aos lituanos: por que ocorreu essa leva de imigrantes que vai entre 1926 a 1930 e por que se dirigiram para América do Sul e não para os países que tradicionalmente recebiam estes imigrantes, sobretudo os Estados Unidos? As explicações do tipo *push* e *pull*, nos parecem tautológicas, pois para que o fenômeno imigratório se realize é preciso haver uma situação de expulsão por um lado e uma situação de atração, por outro. Portanto, atração e expulsão são explicações complementares e não excludentes. A proposta de Devoto pode ser relevante para

⁵⁴ Fernando Devoto. *Historia de La Inmigración en La Argentina*. Buenos Aires. Sudamericana, 2003. pp. 124.

grupos cuja imigração tenha sido constante durante um determinado período, mas no caso dos lituanos, a imigração anterior a 1926 é diminuta tanto para a Argentina, quanto para Brasil e Uruguai. As razões para deixar a Lituânia são bastante evidentes se analisadas sob o ponto de vista histórico: instabilidade política e social, como nos referíamos. Cabe, assim, analisar os fatores de atração com relação aos três países de destino.

Antes, no entanto, é necessário considerar este fenômeno no contexto das questões internacionais que influenciaram na direção tomada pelos imigrantes, pois os destino tradicionais implementaram de restrições a imigração. Os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia passaram a impor cotas de entrada de imigrantes por grupo nacional. Em 1921 os EUA sancionou uma lei de cotas que impunha como máximo de 3% da população de cada grupo estrangeiro presente no país em 1910. Esta cota se reduziu de maneira drástica em 1923 a 2% considerando a população estabelecida em 1890. Medidas restritivas de teor similar foram impostas na Nova Zelândia em 1920, no Canadá em 1923 e na Austrália em 1924.

Com essas restrições Brasil, Argentina e Uruguai passaram a serem os principais destinos dos lituanos. Contabilizá-los representa um desafio, e mais que números exatos procuramos ter uma ordem de grandeza, visto que em 1923, o governo lituano entregou os registros de saída às empresas privadas, que muitas vezes, procuravam mascarar suas atividades, não raramente ilícita. Essa atitude permitiu com que o aliciamento de potenciais imigrantes se transformasse em um comércio bastante organizado e rentável fosse para a prostituição ou para serem explorados enquanto mão-de-obra barata.

A documentação nos países de destino não nos auxilia a ter exatidão, pois muitas vezes encontramos lituanos que são considerados como russos, polacos ou em caso dos judeus são classificados como “israelitas”. Seja como for, a imigração lituana para América do Sul ocorreu em um período no qual o fluxo imigratório da Europa para o continente já se reduzia. Da mesma forma, os centros tradicionais de imigração como Itália e Espanha, deixavam de ser os mais significativos, enquanto se ampliaram os imigrantes do centro oriental da Europa, como nos revelam alguns dados argentinos. Em 1921 os imigrantes do centro, do leste e do sudeste europeu representavam 3,4% dois anos depois passaram a 9,3%. Entre estes estrangeiros, os

polacos constituíam a maioria. Em 1923, ano de recuperação pós Primeira Guerra Mundial, ingressaram aproximadamente 195.000 imigrantes e em 1930 o ciclo de crescimento se fechou com um total de 124.000 imigrantes, nos anos que se seguiram as cifras atingiram pouco mais de 20.000 anuais.⁵⁵

Da Lituânia entre 1923 e 1939 emigraram aproximadamente 80 mil lituanos destes 46.089 se dirigiram para a América do Sul. A maior parte para o Brasil 29%, seguido da Argentina 21%, os demais se espalharam pelos demais países como Uruguai, Colômbia e Venezuela. Com relação ao Uruguai é necessário observar, pelas trajetórias que identificamos, muitos dos lituanos que se radicaram naquele país, emigraram depois de um período na Argentina ou no Brasil, fosse em busca de melhores condições ou devido a perseguições políticas⁵⁶. Contudo, a onda imigratória para América do Sul durou apenas quatro anos. Em 1930 eram poucos os imigrantes que chegavam a Argentina, Brasil e Uruguai, pois além dos países terem buscado adotar medidas restritivas para o ingresso de estrangeiros – sendo o Brasil o mais efetivo neste sentido – a crise de 1929 degradou as possibilidades de emprego. Devemos também considerar que uma imagem negativa da América do Sul passou a circular na Lituânia, o que certamente reduziu a esperança com relação a emigração. Com essas considerações, passamos a analisar o processo imigratório para a América e a estruturação das coletividades na Argentina, Brasil e Uruguai, procurando compreender a influência do processo político lituano nas divisões ideológicas nas coletividades, considerando a participação dos lituanos nos movimentos socialista e comunista.

O processo imigratório dos lituanos se deu em um momento de crise do Estado. Essa crise abriu espaço para um descontrole das atividades de grupos privados de agências que proporcionavam, ou vendiam, aos potenciais emigrantes a possibilidade de uma nova vida em terras distantes. Foram essas agências privadas que fizeram o traslado dos lituanos para a América do Sul. Esse fato, muitas vezes sem controle ou na clandestinidade, obscurece os meandros do processo, realizado ao longo da década de 1920, sendo o principal ano de traslado o de 1926. Esse aspecto em muito caracteriza a situação dos lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai, uma vez

⁵⁵ Fernando Devoto. *Historia de La Inmigración en La Argentina*. Op.cit. p.357.

⁵⁶ Suzedelis, S. *The Sword and The Cross. A History of the Church in Lithuania*. Hunyington, Publishing Division, 1988. pp 237.

que se tratou de um grupo, que em sua maioria, imigrou ao longo de três anos (1925 – 1927), sem ter contatos anteriores com os lituanos estabelecidos e, por fim, se deu em um período em que a imigração da Europa para a América já havia diminuído e chegava a sua etapa final, pois com a crise de 1929 e as mudanças políticas nos três países americanos, medidas restritivas foram adotadas para o ingresso de imigrantes. Neste sentido, os lituanos se diferenciam das demais correntes imigratórias, como os italianos e espanhóis cuja imigração, em maior ou menor quantidade por ano, seguiu em um fluxo constante desde a metade do século XIX até as primeiras décadas do XX. Para além, os lituanos, junto com os poloneses, só foram de fato uma opção, quando o fluxo dos centros tradicionais começou a diminuir.

No caso brasileiro, podemos conhecer o processo em seus meandros, pois a ação das agências imigratórias foi de tal forma ostensiva e fraudulenta que acabou por resultar em escândalos públicos e ações judiciais. Os lituanos eram aliciados por agentes contratados por escritórios que se especializavam na busca de emigrantes, sendo os mais conhecidos o *Sulampol*, *Labor*, *Baltika* e *Alfa*. Cada agente recebia aproximadamente cinco dólares por emigrante recrutado além de, muitas vezes, venderem todos os pertences que estes não poderiam levar no navio. Os escritórios, por sua vez, buscavam subtrair o máximo de recursos possíveis dos emigrantes. Uma das formas mais praticadas era a de cobrar o valor da passagem para o Brasil, mesmo quando estas já haviam sido pagas pelos fazendeiros brasileiros. Nestas condições, o alvo dos agentes eram pessoas menos esclarecidas que sofriam com as transformações pelas quais passava a Lituânia e, portanto, mais propensas a serem seduzidas pelas falsas promessas e a principal delas era a de fácil acesso a terra.⁵⁷

A promessa da fácil aquisição de terras fez com que o Brasil se tornasse o principal destino dos que deixaram a Lituânia entre os anos de 1926 e 1930, somando 25.721 imigrantes⁵⁸. Mesmo os pequenos proprietários lituanos viam na emigração a esperança para ampliar suas posses, assim pequenos produtores se desfizeram de seus pertences para adquirir propriedades no Brasil. O caso de golpe na venda de terras com maior repercussão foi o da agência Alfa sediada na capital da Lituânia, Kaunas. A agência lançou o projeto de colonização denominado “Nova Lituânia” na região de Santo Anastácio, no Pontal do Paranapanema (próximo à divisa entre São Paulo e o

⁵⁷ Juozas Daugela. *Lietuviai Brazilijoje*. Nepriklausomų rašytojų ir žurnalistų grupės leidinys, kaunas, 1933.

⁵⁸ Quadro estatístico. Movimento Imigratório pelo Porto de Santos de 3ª classe. Período 1908-1936. Boletim do Serviço de Imigração e Colonização n.2, outubro de 1940.

estado do Mato Grosso do Sul), cujas terras foram divididas em lotes de vinte e quatro hectares que seria ocupado por cada família. As terras eram vendidas na Lituânia a preços exorbitantes para a época, considerando que se localizavam em um local pouco explorado, ainda coberta pela mata virgem e de difícil acesso. Para tornar o negócio viável foi estabelecida uma forma de financiamento em quatro anos. Aqueles que comprassem o lote teriam ainda que pagar o transporte tanto para o Brasil como de Santos até a localidade indicada.

A *Alfa* passou a aplicar uma série de golpes, ação que resultou em diversos processos judiciais. O governo lituano decidiu por liquidar a agência sendo os seus proprietários processados e presos. No final das investigações descobriu-se que o brasileiro que vendia as terras para a *Alfa* havia falsificado os documentos de propriedade, constatação que resultou na abertura de outros processos, pois se tratava de um caso de grilagem de terra. Esse empreendimento foi idealizado para ser o maior projeto de colonização no Brasil envolvendo lituanos; chegando mesmo a estabelecer famílias na localidade que se viram obrigadas a se retirar. No entanto não foi o único caso de estelionato vitimando estes imigrantes.

Como resultado desse processo, os lituanos não se concentraram em regiões específicas no interior do Estado de São Paulo, mas foram distribuídos em mais de cem localidades, entre as quais: São Manuel, Boa Esperança, Santa Rita, Anápolis, Campinas, Mococa, Colina, Ribeirão Preto, sobretudo na fazenda Santa Maria, em Araraquara na União e Tamoio, em Itararé na fazenda Barão de Antonina, além de Jaú e São José do Rio Preto. No estado do Paraná, principalmente na região de Arapongas e nas proximidades de Maringá e Londrina. Contudo, a experiência dos lituanos no campo foi bastante curta. As possibilidades de trabalho se viram reduzidas e estes começaram a se dirigir para a cidade de São Paulo, muitas vezes fugindo das fazendas, quebrando os contratos ou simplesmente as abandonando. A família do autor, por exemplo, foi dirigida à região de Pinhal e dali fugiu para a capital paulista, devido às más condições encontradas. Situações de fuga, não foram incomuns, como nos revelam os testemunhos:

Quando começou a imigração para o Brasil principalmente quando o governo do país pagava as companhias de navegação pelo transporte dos imigrantes estes eram levados para as fazendas, onde como escravos eram postos a trabalhar nas plantações de café e em outros serviços. As condições eram insuportáveis e a noite

clandestinamente o pessoal fugia das fazendas. Muitos lituanos caíram, tombaram das balas disparadas por guardas negros das fazendas.⁵⁹

A imigração para a Argentina e para o Uruguai foram bastante semelhantes, ou seja, foram essas mesmas agências que proporcionavam a imigração, não houve assim uma participação dos Estados receptores no processo. Nos dois países, ao contrário do que ocorria com Brasil, não foi o acesso à terra o principal motivador e sim a possibilidade de trabalhos melhor remunerados principalmente nos frigoríficos. Assim, os frigoríficos multinacionais como *Swift*, *Armour* e *Anglo* foram os principais locais de trabalho dos lituanos. Em particular, eram dirigidos para trabalhar no corte da carne e nas câmaras frias. Vale ressaltar, a história destas empresas, pois tanto na Argentina e no Uruguai foram os principais grupos econômicos que exploravam para exportação e a criação de gado.

Na Argentina, o Swift foi o primeiro grande frigorífico de capital estrangeiro a se instalar na região de Berisso, a partir da compra do único estabelecimento de carne existente em 1904. O *Armour* passou a atuar na mesma cidade, iniciando suas atividades em 1915. A demanda por mão-de-obra atraiu grande quantidade de imigrantes que neste período vinham das mais distintas localidades, desde a Europa Oriental até o Oriente Médio. Ao todo, Berisso concentrou dezenove coletividades nacionais e, de acordo com os registros do Museu dos Imigrantes cerca de 3.000 eram lituanos de um total de 30.000 habitantes, em 1930⁶⁰. Esse número reflete somente os imigrantes que foram diretamente para aquela localidade e nela se desenvolveram duas organizações lituanas. Considerando todo o país, ingressaram 16.307 lituanos, que se concentraram sobretudo no chamado cordão industrial – que une a Capital Federal a La Plata, passando por Lanus, Avellaneda, Quilmes, Hudson. Além da província de Buenos Aires, os lituanos se estabeleceram em Santa Fé e Córdoba.

No caso do Uruguai a formação dos frigoríficos com capital estrangeiro foi o principal motivador da imigração para o país no início do século XX. O primeiro frigorífico começou a funcionar em 1905 com o nome de *Frigorífica Uruguaya* e já em 1908, o país tinha 8.192.602 cabeças de gado e 26.286.296 cabeças de ovinos. Em 1911, o frigorífico foi adquirido pela empresa anglo-argentina *Sansinena* e no mesmo

⁵⁹ Correspondência de Antanas Saulis encaminhada ao jornal *Žinios*. São Paulo, 24/07/1948.

⁶⁰ Quadro estatístico disponibilizado pelo Museo del Inmigrante de Berisso, Argentina. O quadro toma como base os registros de entrada no porto daquela cidade.

ano inaugurado o *Frigorífico Montevideu* com capital uruguaio que em 1916 foi adquirido pela empresa americana *Swift*. No ano anterior havia sido instalado o *Frigorífico Artigas*, pertencente a empresa *Armour* e em 1922 *Liebig de Fray Bento* se converteu em *Frigorífico Anglo*. Dessa forma, toda a indústria vinculada aos frigoríficos era controlada pelo denominado monopólio de Chicago. Para operar essa indústria era necessária uma vasta mão-de-obra - estimativas apontam que em 1920 mais de cinquenta e sete mil pessoas trabalhava, na indústria ganadeira – dessa necessidade emerge o incentivo a receber imigrantes.

As últimas ondas imigratórias para o Uruguai ocorreram entre 1905 – 1914 e 1919 – 1930, com a interrupção gerada pela Primeira Guerra Mundial. A década de 1920 foi a última fase de imigração em massa sendo o quinquênio de 1926 – 1930 o de maior número: 73.101 imigrantes foram incorporados à sociedade uruguaia. Os espanhóis, italianos e alemães, nessa ordem, formavam as coletividades mais numerosas. No período 1904 – 1940 se incorporaram 63.095 espanhóis, 59.856 argentinos, 35.526 italianos e 13.077 alemães.⁶¹ Os lituanos somavam 5.471⁶², considerando aqueles que se dirigiram diretamente para o Uruguai, pois devemos acrescentar aqueles que ingressaram depois de um período no Brasil ou na Argentina, atraídos pelas melhores condições de vidas no país. Os frigoríficos em Montevideu se localizavam no Bairro do Cerro e foi neste que se estabeleceram as duas organizações lituanas que aí atuaram.

No Brasil, o frigorífico *Anglo* também transportou lituanos para trabalhar na região de Bauru, a situação à qual os imigrantes foram submetidos na localidade foram rememoradas por Irineu Luiz Moraes

O frigorífico era dos ingleses. Um dia chegou uma leva, um trem completo, lotado de pessoas: homens, mulheres, crianças, todos lituanos daquele lado da União Soviética. Eles vieram numa miséria danada, mas o frigorífico os recolheu. Foram instalados num barracão muito grande. Botaram todo mundo lá, mais de quinhentas pessoas, numa promiscuidade danada. Era uma coisa. Bom, a gente não tinha nada com isso: o frigorífico pôs os lituanos no barracão, está bom. Mas logo depois, notamos que a direção do frigorífico chamou cinco ou seis mulheres lituanas para trabalhar na secção da lataria de banha. Elas entravam lá, não sabiam falar português, não sabiam nada, mas as brasileiras foram ensinando o serviço. Dentro de quinze dias as lituanas já estavam praticamente fazendo tudo, porque era trabalho prático. De repente os

⁶¹ Juan José Arteaga. *Breve Historia Contemporânea Del Uruguay*. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2008. pp. 145.

⁶² *Lietuviu Enciklopedija*, XIX, Boston, 1956, p. 228.

ingleses mandaram as brasileiras embora. Dispensaram as brasileiras para ficar com as lituanas porque o salário delas era menor. Nós prestamos atenção naquilo⁶³.

Como ressaltamos, a experiência dos lituanos no interior do Estado de São Paulo e, sobretudo no que se refere à obtenção de terra foi frustrada logo nos primeiros anos. O resultado foi que migraram para a cidade de São Paulo, na busca por melhores condições e trabalho nas fábricas, no comércio e se empregaram na construção das estradas de ferro, na Indústria Matarazzo – tanto no cotonifício como nas tecelagens – na Fábrica Crespi, nas cervejarias Antártica e Nacional, nas fábricas de papel *Klabin* e nos matadouros e frigoríficos como *Armour*. Podemos estimar que em 1929 havia entre 15 e 20 mil lituanos na cidade de São Paulo. Bom Retiro, Alto da Mooca, Vila Bela, Vila Anastácio e, posteriormente, a Vila Zelina que concentrou a maior número de lituanos. No entanto, tornaram a encontrar nas fábricas e nas construções da cidade de São Paulo, a miséria e a exploração. Fábricas insalubres, longas jornadas de trabalho, falta de alimentação adequada faziam parte do dia-a-dia desses imigrantes que de camponeses passaram a ser operários.

A transformação de camponeses em operários marcou a trajetória dos lituanos nos três países. A Lituânia era, e em grande medida é, caracterizada por uma vida rural, vale dizer, a maior parte dos imigrantes não tinha experiência em grandes cidades. Frustrada a possibilidade da posse da terra na América, os lituanos passam a desenvolver uma cultura em meio urbano no qual estabeleceram suas organizações. Na Argentina, se localizavam em Buenos Aires, Rosário e Córdoba. No Brasil na cidade de São Paulo e no Uruguai em Montevideu. Essas organizações de auxílio-mútuo tinham que lidar com a situação de precariedade e miséria encontrada e foram pontos fundamentais para a inserção dos lituanos nos países. Em todos os casos vivenciaram a exploração das fábricas, o desemprego, a instabilidade, os conflitos sociais e, não raramente, situações de prostituição.

⁶³ Cliff Sebastião Welch, Geraldo. *Lutas Camponesas no interior paulista: Memória de Irineu Luís de Moraes*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992, p. 30.

II - LAÇOS ENTRELACADOS

As primeiras organizações lituanas na América do Sul foram estabelecidas no período anterior à independência do país e contemplava os primeiros imigrantes que se estabeleceram, principalmente, na província de Buenos Aires, Argentina. Contabilizar quantos imigrantes havia neste período ou mesmo aqueles que participaram das organizações é bastante difícil, pois os lituanos só passaram a figurar nos registros argentinos a partir 1918. Sabemos das atividades empreendidas por esse pelos poucos documentos preservados pelas próprias organizações que eram bastante precárias. Outras fontes significativas foram preservadas no Arquivo do Partido Comunista Lituano (LKP), que embora fragmentadas e dedicadas às organizações de esquerda, particularmente socialista e comunista, nos dão algumas referências que nos auxiliam a complementar esse quadro histórico. Acrescentamos ainda, os periódicos que eventualmente buscavam resgatar seus antecedentes organizativos e a história dos lituanos em cada país.

2.1. A formação das organizações lituanas

O primeiro registro que nos foi possível identificar sobre as atividades organizativas lituanas datam de 1909, quando foram fundadas associações em Buenos Aires, Rosário e Berisso. Naquele ano chegou da Lituânia um conhecido militante político que tinha participado dos levantes de 1905 em sua terra natal. Antanas Smulksty (Smitas) deu início aos trabalhos de preparação para um primeiro congresso dos lituanos residentes em Buenos Aires, com o propósito de formar uma organização de trabalhadores. Assim, no dia 16 de junho de 1909, se reuniram dezesseis pessoas decididas a trabalhar em prol da formação de uma organização. No encontro, formaram uma comissão para elaborar o estatuto que foi aprovado em um novo encontro realizado no dia 3 de julho, sendo a organização denominada de *Lietuvių Darbininkų Sąjunga Lygybė* (Aliança dos Trabalhadores Lituanos Liberdade). Dando

início as suas atividades, conseguiu reunir trinta e quatro sócios. Diante das dificuldades encontradas para se estabelecer, os sócios decidiram reorganizar suas atividades e, em 13 de outubro de 1910, deram início a uma nova organização que passou a ser denominada *Diegas*, que ao longo daquela década e nas seguintes passou a agregar cada vez mais sócios, ganhando importância e se tornando uma referência para a comunidade⁶⁴.

Ainda na primeira década, na cidade de Rosário, um grupo de trabalhadores também tomou a iniciativa de se organizar, unindo aproximadamente trinta lituanos para formar uma biblioteca a qual deram o nome de *Krivių Krivaičio*. Para efetivar seu projeto entraram em contato com os lituanos da Prússia, atual Kroninberg, onde, como nos referimos anteriormente, eram publicados os livros levados ilegalmente para a Lituânia. Dispostos a ajudar, os editores enviaram a Rosário uma coleção de livros de literatura, política e para o ensino do idioma. Desse sucesso inicial, a associação se desenvolveu e para além das questões literárias e do ensino do idioma, passaram a abordar questões mais amplas relacionadas aos lituanos. Assim, em 30 de junho de 1912, os sócios organizadores convocaram uma reunião para se reorganizarem e deram o nome de *Aušros Žvaigžda*⁶⁵ (Estrela da Manhã), que nos anos seguintes reuniu em torno de cinquenta e seis sócios. Contudo, em 1914, muitos lituanos tiveram problemas para conseguirem trabalho em Rosário e acabaram por se mudar para outras cidades, o que desarticulou a organização por algum tempo. Diante deste fato, ela teve de ser reorganizada em 1918. Nessa nova etapa conseguiram dar maior estabilidade e chegaram a fundar uma seção na cidade de Santa Fé.

Na cidade de Ensenada, na província de Buenos Aires, um grupo de dez lituanos deu início a uma organização de trabalhadores, para tal realizaram um encontro para definir um estatuto e a localidade da associação. O segundo encontro foi realizado em Berisso, então município de La Plata, onde foi fundada uma associação, em 17 de agosto de 1909. Sua denominação expressa claramente a situação que os imigrantes vivenciaram naquela localidade, pois adotou o nome de *Vargdienis* (Miseráveis). A miséria provinha da mesma fonte que os atraiu para a região, o trabalho nos frigoríficos, pois em Berisso se concentravam os dois mais

⁶⁴ As informações referentes a esta organização são muito limitadas. Argentinos Lietuvių Kolonija. Draugijoje “Diegas” Fondas 13698. Vilnius, LKP Arhivas.

⁶⁵ R. Mizara-Rosoda. *Argentina ir Ten Gyvenanti Lietuviai*. Brooklyn, New York, spauda Laisve, 1928. P. 103.

importantes do período o *Swift* e o *Armour*, como mencionamos, e foi em torno destes que se organizou a vida social e econômica da localidade.

A situação de precariedade e instabilidade neste ambiente foi constatada por Mirta Zaida Lobato, que utilizou como fonte o registro de pessoal da empresa *Armour*. Neste, entre 1931 e 1945, 50,6% dos homens e mulheres trabalharam até um ano (o maior número de casos se concentrava na faixa de um a dois meses, com 7,8%) e 26,7% trabalharam entre um a cinco anos (13,4% permaneceram no emprego na faixa de um a dois anos, 9,3% alcançaram entre cinco a dez anos; as porcentagens restantes se dispersavam entre aqueles que permaneceram mais tempo, os de que não trabalharam, ainda que tivessem ficha pessoal). No frigorífico *Swift* foram verificadas as maiores porcentagens entre os que trabalharam até um ano (77,3%) e 17,7% permaneceram na fábrica entre um a cinco anos.⁶⁶

Diante desta instabilidade, dos baixos salários e das dificuldades de organizar os trabalhadores, a situação era bastante precária. Em Berisso se desenvolveu entre os operários uma forma bastante peculiar para morar, o que foi denominado de “cama caliente”: várias pessoas alugavam a mesma cama e a revezavam em três turnos alternando com o trabalho nos frigoríficos que funcionavam dia e noite. Posteriormente, foram construídas casas de chapa e madeira, que ainda são utilizadas, formando o bairro. A vida social se concentrava na Rua Nueva York - um nome irônico em alusão a localidade para a qual a maior parte dos imigrantes no período desejava se dirigir – localizada na frente dos portões dos frigoríficos. Na rua, além das habitações se formou o comércio e bares, alguns destes dirigidos já por imigrantes e que eram frequentados por pessoas da mesma nacionalidade⁶⁷.

Assim, a *Vargidienis*, tinha como primeiro objetivo o de auxiliar os imigrantes lituanos. Analisando a documentação dos primeiros anos, observamos uma referência que se repete na lista de gastos “tradutor para médico”, ou seja, estava entre suas primeiras preocupações o pagamento de tradutores que possibilitassem a comunicação entre os médicos e os trabalhadores enfermos. Algumas listas de gastos nos demonstram a compra de remédios e pequenos empréstimos realizados aos sócios.

⁶⁶ Mirta Zaida Lobato. “O Perigo Vermelho” in: Claudio H. M. Batalha; Fernando Teixeira da Silva; Alexandre Fortes. *Culturas de Classe*. Identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas. Editora Unicamp, 2004.

⁶⁷ Sobre os imigrantes em Berisso ver: Marta M. Maffia (org.). *Donde están los inmigrantes?* Mapeo Sociocultural de grupos de inmigrantes. Mapeo sociocultural de grupos de inmigrantes y sus descendientes en la provincia. de Buenos Aires, La Plata. Ediciones Al Margen, 2002.

Dessa forma, temos que o principal objetivo da associação era o de ajuda-mútua, fundamental para garantir a sobrevivência e alguma qualidade de vida em meio à miséria. Sua organização, assim, obedecia a uma contingência imediata que dava estabilidade aos indivíduos diante das instabilidades no mundo do trabalho que tinham que enfrentar no cotidiano.⁶⁸

A documentação preservada nos demonstra o esforço para criar um ambiente de sociabilidade, uma busca por estabelecer uma sede onde pudessem desenvolver atividades culturais. Essa busca, como veremos, só teve resultado na década de 1920. Um episódio, bastante significativo, nos demonstra que a *Vargidienis* estabeleceu relações com outras associações lituanas em Buenos Aires. Uma ata de reunião aponta que em 1918 uma delegação de uma associação de Buenos Aires, não identificada, compareceu em Berisso para arrecadar fundos para a luta de independência da Lituânia. No entanto, a contribuição não pode ser realizada, devido à precariedade financeira. Com a ampliação do número de sócios, sobretudo a partir de uma nova onda imigratória de lituanos em 1926, a sociedade pode adquirir um terreno para construir uma sede, inaugurada dois anos depois. No mesmo ano, deram início a construção de um palco para apresentação de teatro e dança e de uma biblioteca.⁶⁹

Outra associação formada nas primeiras décadas do século XX, que dispomos de registro sobre o início das atividades, atuava no município de Avellaneda na província de Buenos Aires. Ali foi realizada a primeira reunião no dia 30 de junho de 1914 para a formação da *Susivienijimas Lietuvis Argentinoje* (SLA). Os primeiros anos de sua existência foram bastante difíceis, devido às condições econômicas que seus integrantes, agravadas pela crise econômica de 1919, assim os registros sobre as suas atividades são bastante limitados, mas o propósito central, assim como em Berisso, foi o de proporcionar ajuda-mútua. Durante algum tempo, os integrantes da *Diegas* buscaram se aproximar da SLA, no entanto, parte dos sócios se recusou, pois consideravam a *Diegas* uma organização de esquerda enquanto a SLA se pretendia uma organização suprapartidária e aberta à presença de todos os lituanos, defendendo uma posição de "neutralidade" em relação as questões políticas⁷⁰.

⁶⁸ Livro de atas da sociedade *Vargidienis* datado de 1918, s/pág. Biblioteca da Associação *Nemunas*, Berisso, Argentina.

⁶⁹ *Idem*.

⁷⁰ Pranas Ulevičius. *Pietų Amerikos Lietuviai*. Valstybine Politines ir Moksines Literatūros Leidykla, Vilnius, 1969.

No ano de 1914, outra iniciativa foi bastante importante na cidade de Buenos Aires. Os lituanos buscaram formar uma biblioteca que pudesse difundir o idioma entre os imigrados através de obras literárias e da circulação de jornais. Para poder efetivar esse projeto, entraram em contato com organizações de lituanos dos Estados Unidos, formando com esse suporte a *Tevynes Myletojų Draugijos* (Associação dos Amantes da Pátria). Era o início da Primeira Guerra Mundial, a Lituânia foi ocupada pelas forças alemãs e logo a ideia de independência começou a ser difundida, bem como uma percepção de que era necessário enviar ajuda para seu país natal, para socorrer as vítimas de Guerra. Essa ideia foi se desenvolvendo com os desdobramentos da guerra. Assim, em 20 de fevereiro de 1916, os lituanos em Buenos Aires, de diferentes perspectivas políticas, se reuniram em uma organização denominada *Argentinos Lietuvių Draugija Suselpomui Lietuvių Nukentejusių Nuo Kares* (Sociedade Lituana na Argentina de Socorro às Vítimas de Guerra na Lituânia). Essa organização se inspirava nas associações formadas no período da guerra, nos Estados Unidos e no Canadá. Cada sócio teria que emprestar vinte e cinco centavos para arrecadar o fundo necessário, para ser enviada as vítimas de Guerra. Em torno dessa arrecadação existiu uma polêmica, sobre a quem repassar na Lituânia, pois neste período, como abordamos, a Lituânia vivia um conturbado processo político, como vimos. Alguns sócios desejavam repassar aos nacionalistas, outros a oposição e aos grupos socialistas. Os católicos, por sua vez, desejavam que os recursos fossem entregues à Igreja. A associação atuou até 1920, quando as divisões internas se tornaram muito radicais, particularmente com a independência e a tomada do poder por nacionalistas e posteriormente pela Democracia Cristã. O certo é que os recursos captados saíram da Argentina, mas sua distribuição na Lituânia não nos é possível saber.

As atividades diretamente vinculadas com as organizações políticas argentinas, também atraíram os imigrantes lituanos, particularmente o Partido Socialista, que naquele momento dava especial atenção à questão imigratória além de buscar mobilizá-los para as ações políticas e, sobretudo eleitorais. Próximos a estas atividades, um grupo de aproximadamente cento e cinquenta lituanos formaram uma organização denominada *Lietuvių Socialistų Sąjunga* (Aliança Socialista Lituana) fundada em 4 de dezembro de 1914 nos subúrbios de Buenos Aires, estabelecendo seções em Berisso, pouco depois.

Contudo, aqueles eram anos difíceis para os socialistas, o início da Primeira Guerra Mundial já havia causado diversas fissuras entre os partidos membros da Segunda Internacional, e com o Partido Socialista Argentino não foi diferente. O partido de início seguiu estritamente as convenções da II Internacional que consideravam a guerra uma ação imperialista e trabalhava pela neutralidade dos socialistas nestas. No entanto, uma série de incidentes envolvendo a Argentina levou a que o bloco parlamentar do partido votasse um projeto de rompimento diplomático com a Alemanha. Essa posição abriu uma fissura em sua base e uma série de disputas internas, sobre a postura do bloco parlamentar. Essa questão que parecia de fácil solução, pois ruptura diplomática não é uma declaração de guerra e, portanto a Argentina e o partido continuavam neutros, acabou abrindo uma ruptura entre a elite do partido, composta por diversos membros fundadores que, em sua maioria, ocupavam cargos legislativos e a base mais jovem e de origem operária.

O conflito interno terminou com a retirada de diversos integrantes do Partido Socialista que formaram o Partido Socialista Internacionalista (PSI), em 1918 ⁷¹. Importante observar que a questão da Revolução Russa não foi um debate central naquele primeiro momento, pouco depois a questão se tornou central, pois o PSI adotou um postura pro-bolchevique e foi o primeiro partido Sul Americano a ser aceito na III Internacional (IC), aderindo às vinte e uma condições e, assim, adotou o nome de Partido Comunista Argentino (PCA).⁷²

O Partido Comunista Argentino se formou em um momento em que a violência contra os movimentos operários era intenso com os fuzilamentos no levante da Patagônia e a repressão às greves nos centros urbanos. Contudo, pode atuar na legalidade e em relativa liberdade até o golpe de estado de 1930. Ao mesmo tempo, foi um período marcado pela intensa imigração europeia, com o fim da Primeira Guerra Mundial. Assim, uma parte significativa do partido foi formada pelas denominadas células nas fábricas, nos bairros e também pelos denominados "grupos idiomáticos", que, como o nome indica, reunia os imigrantes a partir do idioma no

⁷¹ Sobre o PSI Ver Daniel Campione ? Partido revolucionario o partido de gobierno? La fundación del Partido Socialista Internacional. in: Hernán Camarero. *El Partido Socialista en Argentina. Sociedad, política e ideas a través de un siglo*. Buenos Aires. Prometeo Libros, 2005

⁷² As vinte e uma condições foram aceitas no congresso extraordinário do PSI no Primeiro Congresso Extraordinário de 25 a 26 de dezembro de 1920. Daniel Campione, Mercedes F. Lopez Cantera, Barbara Maier. Buenos Aires Moscú Buenos Aires. *Los Comunistas Argentinos y la Tercera Internacional*. Primeira Parte (1921 - 1926) Buenos Aires. Ediciones del CCC Centro Cultural Gorini, 2007. p.33.

qual se expressavam, facilitando a organização e a difusão das concepções do partido⁷³.

Entre os lituanos, o impacto da divisão do Partido Socialista e posteriormente a formação do Partido Comunista teve um impacto imediato. A *Lietuvių Socialistų Sąjunga* organizou um congresso entre os dias 14 e 15 de dezembro de 1918 na cidade de Quilmes, província de Buenos Aires, para o qual foram estabelecidos como temas centrais para debate:

- 1) Os princípios da *Lietuvių Socialistų Sąjunga*
- 2) A organização de um jornal e a compra de uma imprensa, para a edição de um jornal regular denominado *Proletaras*
- 3) A independência da Lituânia
- 4) A associação com o Partido Socialista Internacionalista
- 5) A ajuda aos presos políticos⁷⁴.

Nos debates, as resoluções foram aprovadas e logo incluída a adesão ao Partido Socialista Internacionalista e posteriormente ao PCA, como uma de suas seções idiomáticas. Com relação à independência da Lituânia foram levantadas diversas questões, mas se enfatizou a crítica aos nacionalistas e a "burguesia lituana", assim como o apoio aos bolcheviques. Diversos esforços foram realizados para a compra de uma imprensa que, por fim foi instalada na cidade de Berisso. Contudo, devido à falta de experiência e de recursos financeiros suas atividades foram bastante limitadas. De início conseguiram imprimir um número do *Boletinas*, informando as resoluções do congresso, já o jornal regular a que se propunham foi bem mais difícil de ser levado adiante. É preciso aqui lembrar a situação precária em que viviam. Em sua maioria os integrantes desta organização eram operários dos frigoríficos, assim, restava-lhes trabalhar no fim dos turnos e nos dias de folga. Por todas essas questões o *Proletaras* (O Proletário) teve poucos números e foi encerrado por falta de condições e recursos.

Em 1916, outras organizações lituanas dos Estados Unidos passaram a influenciar a formação de associações na Argentina, particularmente a *Amerikos*

⁷³ Herman Camarero. *A la Conquista de la Clase Obrera. Los Comunistas y el Mundos del Trabajo en la Argentina, 1920 – 1935*. Buenos Aires. Siglo XXI Editora Ibetoamericana, 2007.

⁷⁴ *Argentinos Lietuvių Kolonija. Lietuvių Socialistų Sąjungos Argentinoje Suvažiavimo*. Fondas 13698 - 1-3. Vilnius LKP Archivas.

Lietuvių Darbininkų Literatūros Draugijos, ALDLD, que deu suporte para a formação de uma organização similar em Berisso que foi denominada de Seção 18. Aos poucos, a organização foi se estabelecendo e expandindo as suas atividades sendo formada uma seção em Buenos Aires e outra na Patagônia identificada como Seção 110. Com essas iniciativas, conseguiu realizar a distribuição das brochuras, livros e jornais enviados dos Estados Unidos, em particular os jornais *Laisve* e o *Vilnis*. Vale lembrar que neste período, a organização assumiu uma postura pró-bolchevique, sendo abandonada pelos demais socialistas e socialdemocratas, abrindo amplo espaço a atuação comunista. Na Argentina, ocorreu o mesmo processo e a organização se tornou parte das atividades dos membros do PCA⁷⁵.

De fato, nas décadas que se seguiram, os principais militantes políticos lituanos orientados a esquerda política passaram a integrar as atividades comunistas. O que nos leva a questionar por que os comunistas tiveram maior sucesso na organização destes imigrantes desde o princípio? São várias as explicações possíveis, a começar pelas questões de pertencimento de classe, ou seja, o crescimento dos comunistas entre os operários nas décadas seguintes. O sucesso da Revolução Russa e a imagem de um país de operários, uma longa trajetória de radicalidade da esquerda lituana como já ressaltamos. A esses fatores gostaríamos de acrescentar uma questão em relação à identidade nacional. É preciso notar que a atuação dos partidos socialistas e socialdemocratas tem sua base na eleição parlamentar. Seguindo o modelo da social democracia alemã, acreditavam que constituindo uma representação do partido no parlamento poderiam introduzir questões relativas à classe trabalhadora. Não há como negar que em muitos casos foram bem sucedidos e obtiveram conquistas em diversas áreas trabalhistas, particularmente relativas ao direito dos trabalhadores.

Por outro lado, havia, para países como a Argentina, apresentava-se como questão o que fazer com a massa de imigrantes e como incorporá-la em sua base política? De acordo com as resoluções da II Internacional referentes ao tema imigração -, introduzida, vale dizer, pelo Partido Socialista Argentino - esta era um problema do país receptor.⁷⁶ Aos socialistas argentinos caberia o papel de mobilizá-los nos sindicatos e nos partidos. A única ação da internacional na Europa foi difundir

⁷⁵ Rojus Mizara. *Darbininkų Kalendorius*, 1928. *Laisve*, New York, 1928

⁷⁶ Sobre a questão II Internacional e imigração ver: Patricio Geli. *El Partido Socialista y la II Internacional: la cuestión de las migraciones in*: Hernán Camarero. *El Partido Socialista en Argentina. Sociedad, política e ideas a través de un siglo*. Op. Cit.

uma contra propaganda alertando sobre as mentiras difundidas pelos agentes responsáveis pela imigração, sobretudo na ideia de que na América haveria terras para serem ocupadas. Dessa forma, a opção dos socialistas argentinos era colocar os imigrantes em sua plataforma eleitoral. Tal dispositivo era possível pela lei *Sáens Peña*, que ampliava as possibilidades dos imigrantes para se tornarem eleitores. Tal ação significava, em última instância, nacionalizar os imigrantes, transformando-os em cidadãos argentinos. O partido obteve resultados positivos nessa política e de fato ampliou sua base eleitoral, mas houve resistência, muitos imigrantes se recusavam a se "nacionalizarem" e seguiam conectados com suas comunidades nacionais e organizações. Para uma imigração recente, como a lituana, para a qual a perspectiva de retorno se fazia presente, este era um problema bastante considerável.

A questão da nacionalização, por sua vez, não era central para o movimento comunista. Embora os partidos comunistas tenham participado de eleições, sobretudo na Argentina e no Uruguai, a ação parlamentar nunca foi seu fim último, menos ainda nos anos de 1920 e 1930. Assim, um imigrante lituano poderia aderir ao movimento comunista e permanecer em grande parte dentro de sua comunidade nacional. Estabelecia conexões com outros lituanos situados em diversos países que defendiam a mesma perspectiva política e mesmo com o Partido Comunista Lituano. Assim, a ideia de revolução mundial, solidariedade internacional, bem como ter como referência a Internacional Comunista e a União Soviética, possibilitava a seus integrantes diversas formas de vínculo aos movimentos e distintas conexões que variavam entre as ações internacionais, como a luta antifascista, a guerra civil na Espanha e ao mesmo tempo a questões locais fosse na Argentina, Brasil ou Uruguai e, sem perder de vista, a situação de seu país de origem.

Como vemos, essa perspectiva de conexões diversas e a possibilidade de manter sua atuação em relação ao país de origem teve maior poder de atração entre os lituanos de esquerda. Para além, devemos considerar que, ao perceberem que o governo lituano assumia posturas fascistas, envolveram-se na luta contra este e sua influência na América. Assim, no movimento comunista puderam articular uma luta global e transnacional, ao mesmo tempo, como podemos observar, particularmente nas publicações por eles organizada.

Apesar das importantes iniciativas elaboradas pelos primeiros imigrantes lituanos na Argentina, foi ao longo da década de 1920 que, de fato, as organizações conseguiram uma maior estabilidade e desenvolvimento. Da mesma forma, foi no

final desse período que obtiveram maior sucesso em organizar uma imprensa capaz de manter uma produção e circulação regular. Nas atividades culturais, ganharam força os grupos de teatro, a formação de melhores bibliotecas e mesmo atividades esportivas. Como ressaltamos, foi a partir da metade dos anos 1920 que as maiores ondas imigratórias chegaram à América do Sul. Assim as atividades lituanas tinham de ser pensadas para uma maior quantidade de pessoas e integrando os recém chegados.

Em 1926, na cidade de Córdoba, foi fundada a *Lietuvių Savišalpos Draugija Kordoba* (Associação dos Amigos dos Lituanos de Córdoba), que em 1929 passou a ser denominada *Lietuvių Savišalpos Draugija Neptunas* (Sociedade dos Amigos Neptunas). A organização formou uma biblioteca, promoveu o ensino do idioma lituano e dar apoio a atividades culturais, além de se tornar um importante centro de distribuição dos periódicos lituanos que começaram a ser regularmente editados e distribuídos.

Para coordenar as atividades tanto das associações vinculadas às perspectivas de esquerda, como para incentivar a sua difusão fundaram em 19 de outubro de 1924 na cidade de Avellaneda, província de Buenos Aires, a *Lietuvių Darbininkų Apšvietos Draugija Argentinoje*, LDADA. Nos primeiros anos de atividade, sua principal função foi a de mobilizar os lituanos recém-chegados, bem como atrair as organizações já existentes. Nesse esforço para integrá-los acabaram por estabelecer contatos com um grupo de lituanos que recém se estabelecera em Montevidéu, Uruguai, que naquela cidade decidiram por formar uma seção da *Lietuvių Darbininkų Apšvietos Draugija Pietų Amerikoje*, LDADA, (Sociedade dos Trabalhadores Esclarecidos da América do Sul). O resultado foi bastante positivo, pois em 1926 foram organizadas seções nas cidades de Córdoba, Berisso e Alsina e para tal foi chamado um congresso para coordenar as atividades que foi realizado entre 22 e 24 de maio. A principal questão debatida foi a necessidade de formar um periódico que pudesse ser distribuído regularmente. Contudo, as iniciativas para formar este órgão de imprensa não teve resultados significativos⁷⁷.

É importante ressaltar que para além de ajuda-mútua, organização de bibliotecas e ensino do idioma lituano, a formação de grupos de teatro e de música, sobretudo com a organização de coro, foi uma atividade bastante destacada em todas

⁷⁷ *Argentinios Lietuvių Kolonija. Lietuvių Darbininkų Apšvietos Draugijos Pietų Amerikoje*. Fondas 13698-1-9. Vilnius, LKP Archivas.

as organizações. A sociedade *Igualdade* chegou a organizar uma apresentação em um salão alugado na Rua Independência no qual foi apresentada a obra *Nepadejus Ner Ko Kastis*. Na sociedade *Diegas*, a formação de grupo teatral também teve um espaço considerável entre as atividades organizadas e ali foram organizadas e apresentadas diversas obras, principalmente nos fins de semana, com regularidade, formando um grupo musical, coro e teatral fixos. O mesmo aconteceu com a *Vargdienis*, a *Susivienijimas* e a *Lietuvių Socialistų Sąjunga*. Esta última passou a organizar suas atividades cênicas no teatro Roma na cidade de Avellaneda. A *Lietuvių Darbininkų Apšvietos Draugija Pietų Amerikoje* também teve um importante papel nestas atividades. Entre essas atividades, foi organizada a *Dailes Meno Ratelis*, que buscava reunir os mais talentosos "artistas" entre as organizações de esquerda. Além das apresentações teatrais, organizou um coro que foi denominado *Laisvė* (Leberdade). Suas ações eram voltadas principalmente para a juventude⁷⁸.

Em 1926, após os fracassos para a organização de um jornal, uma nova iniciativa resultou bem sucedida dando início ao primeiro jornal de esquerda publicado regularmente na Argentina. A estratégia foi reunir todas as organizações lituanas de esquerda para contribuírem financeiramente e integrá-las no trabalho de distribuição. Aderiram a esse projeto a *Lietuvių Darbininkų Apšvietos Draugija Pietų Amerikoje*, a *Aušro Žvaigždė* de Rosário e a seção da Patagônia, a *Vargdienis* de Berisso. Além das associações, era possível a contribuição individual e cada participante deveria doar cinquenta centavos para a compra de cotas da cooperativa de imprensa, a ser formada, no valor de cinco pesos. Após reunir os recursos necessários para a compra de material de imprensa foi lançado o jornal *Rytojus*, editado na cidade de Buenos Aires a partir de 25 de janeiro de 1927.⁷⁹

A falta de experiência para edição e distribuição, as dificuldades para sustentar financeiramente a publicação levaram a diversas dificuldades para manter a regularidade do jornal. Contudo, ficava evidente que existia um público leitor formado que solicitava cada vez mais o *Rytojus*. Para superar tal situação os organizadores do jornal entraram em contato com a coletividade lituana nos Estados Unidos, principalmente com a ALDLD que já distribuía regularmente suas publicações na América do Sul. Diante da solicitação, a ALDLD providenciou

⁷⁸ *Lietuvių Liaudies Teatro Albumas*. Impresso pela Kajer Polski, Buenos Aires, 1940. Ver também *Lietuvių Liaudies Teatro ir Sekcijų Posėdžių Protokolai. Teatro Susašinėjimas su sekcijomis, įvairiomis įstaigomis Darbo Kausimais*. Fondas 1369. LKP Archivas.

⁷⁹ *Rytojus*. n.º. 1 ano I. Nacionalinė Martynos Mažydo Martyno Biblioteka

recursos financeiros para comprar uma gráfica, além de enviar o ativista socialista e jornalista Rojus Mizara.

A trajetória política de Rojus Mizara, que muitas vezes assinava seus artigos como Miko Rosadas, teve início nos Estados Unidos, onde chegou em 1913 vindo da cidade de Alytus na Lituânia. Na América se estabeleceu em Chicago e ali apreendeu o ofício de gráfico, desde então trabalhou assiduamente nos jornais lituanos editados naquele país. Primeiro no *Keleivio* (Passageiro) e no *Kovos* (Combate). Em 1914 mudou para a cidade de Nova York, juntamente com a comissão editorial do jornal *Laisve* da qual foi redator. Aderiu ao comunismo e foi um dos principais ativistas das organizações literárias naquele país, que resultou na ALDLD, da qual foi presidente por dezoito anos. Entre 1922 e 1925 foi o redator do jornal *Vilnis*. Era assim, um dos principais ativistas do país e um destacado participante das atividades dos partidos comunistas⁸⁰.

Na Argentina foi um importante formador político, pois conhecia amplamente as perspectivas marxistas-leninistas então em voga entre os bolcheviques. Assim, formou um importante ciclo de estudos marxista que durou um ano, para difundir esta orientação entre os trabalhadores lituanos. Mesmo com uma passagem bastante curta em Buenos Aires, pouco mais de um ano, seu trabalho deixou vasta influência aos que deram continuidade às organizações, pois mesmo dos Estados Unidos, país para o qual regressou em 1928, manteve através dos jornais um vínculo com os lituanos da América do Sul e em particular com os Argentinos.

Ao chegar a Buenos Aires em 1927, Rojus Mizara adquiriu uma gráfica e reestruturou a publicação fazendo do *Rytojus* um jornal de melhor qualidade e distribuição, o que o levou a ampliar significativamente os seus leitores. A publicação passou a ser distribuída também no Brasil e no Uruguai e, chegou mesmo a ser enviado para Austrália. Como Mizara tinha amplo contato com os Estados Unidos, a publicação era enviada regularmente para aquele país e também para o Canadá. Essa ampla distribuição repercutiu no conteúdo do jornal, pois de cada localidade passou a

⁸⁰ Mizara escreveu aproximadamente dez obras que foram publicadas na URSS, local que visitou por diversas vezes em 1931 e entre 1950 e 1965. Sobre a Argentina escreveu e publicou nos Estados Unidos *Argentina ir Ten Gyvenanti Lietuviai* (A Argentina e os lituanos que ali vivem). Participou das principais organizações e jornais comunistas lituanos nos Estados Unidos. De acordo com entrevistas que realizamos, ele teria visitado a Argentina nos anos 1950 e 1960, no entanto não podemos confirmar essa afirmação por outras fontes documentais. Faleceu em 23 de novembro de 1967. *Laisve 60-mecio Jubiliejinis Albumas* 1911-1971. "laisve", N. Y. 1971.

receber correspondência e informações que eram difundidas em suas páginas. Assim, ele se tornou uma referência para todos os lituanos da América do Sul.

O *Rytojus* passou a ter uma presença cada vez mais significativa de ativistas comunistas pelos anos que se seguiram. Embora tenha sido sempre um órgão independente, não era um órgão oficial do Partido Comunista Argentino, ou Lituano. Com essa orientação cada vez mais forte, já em seus primeiros números assumiu uma posição crítica ao governo lituano de Smetona, constantemente apontado como fascista. Essa orientação trazia diversos conflitos para o interior da comunidade lituana, pois parte desta, particularmente as de orientação nacionalista defendiam o governo. A luta entre diferentes posturas políticas não raramente resultava em conflitos entre as organizações lituanas, mas também com os representantes diplomáticos do país na Argentina. Em um de seus primeiros números o *Rytojus* convocou os lituanos a se manifestarem publicamente contra o cônsul. De acordo com o jornal, o consulado estava denunciando às autoridades os lituanos de esquerda e estes, em muitos casos, perdiam seu trabalho, além de serem presos. Assim, foi organizado um *meeting* na frente do consulado e enviados protestos às autoridades argentinas para que o representante lituano perdesse sua credencial no país. Era o início de um conflito que se estenderia pelas décadas seguintes. Seguiu, assim, estreitamente a política da Internacional Comunista no período, conhecida como "obreirismo" que sustentava a luta de "classe contra classe" considerava os demais socialistas e anarquistas como seus principais inimigos. Essa postura levou a rupturas no interior da comissão do *Rytojus* que perdeu alguns de seus integrantes como Bronislau Švedo, que mais tarde fundou um novo jornal na cidade de Avellaneda denominado de *Darbininkų Tiesa* (Verdade Operária) que sustentava uma perspectiva anarquista⁸¹.

A situação no Brasil foi bastante diferente, pois não houve uma imigração significativa no período anterior à década de 1920 e assim as organizações somente se formaram no final desta década. Outro aspecto a ser ressaltado é que ao contrário do que ocorreu na Argentina, as associações não tiveram a mesma longevidade e nenhuma segue em atividade atualmente. Muitas sequer sobreviveram ao primeiro ano e a maior parte foi fechada pelas autoridades do Estado brasileiro, vale dizer, que das sete associações lituanas em São Paulo seis tiveram suas atividades encerradas

⁸¹ Argentinos Lietuvių Kolonija. *Argentinos Lietuvių Spaudas Koperatinės Bendrovės "Rytojus"*. Fondas 13698 – 1 -14. Vilnius, LKP Archivas.

devido à ação da Polícia Política. Por essa razão, recuperar suas trajetórias é bastante difícil e muitas vezes só foi possível saber de sua existência pela documentação policial.

A primeira organização lituana em São Paulo, que pudemos identificar, foi fundada em dezesseis de fevereiro de 1927 e denominada de União dos Lituanos no Brasil (*Susivienijimas Lietuviu Brazilijoje*) e durou três meses devido a divisões políticas. Pouco mais de dez dias depois os integrantes da União, que se identificavam com as ideias comunistas, formaram a *Aušra* (Aurora) cuja duração também foi efêmera, pois em 10 de setembro do ano seguinte foi fechada pelo governo brasileiro⁸². Não contentes com este fechamento, os integrantes remanescentes voltaram a fundar a União dos Lituanos que também foi fechada pelas autoridades brasileiras: o Deops-SP pôs fim a suas atividades em 28 de maio de 1930. Com o encerramento desta surgiram duas outras sociedades também voltadas para atividades vinculadas à esquerda, a *Žiburyš* (Luz) e a *Kultura*, (Cultura) as duas duraram menos de um ano e foram fechadas pelo Deops-SP⁸³. Pelo que se pode observar diante da repressão existente na cidade de São Paulo aos imigrantes que orientavam suas atividades ao comunismo manter uma instituição em funcionamento não era uma tarefa fácil.

Se as associações de esquerda não tiveram condições de se manter devido à repressão, a dificuldade financeira também foi a causa do fechamento das primeiras organizações. Entre estas a *Išėivių Globos Draugija* (Associação de Amparo aos Imigrantes) fundada em 1929 com a finalidade beneficente entre os imigrantes lituanos. Sua maior preocupação era com os recém-chegados, razão pela qual em 1930 constituiu uma comissão de receptividade aos imigrantes remunerando a Antanas Dutkus, sua tarefa era acompanhar os imigrantes da Estação da Luz até a Hospedaria do Imigrante, buscando evitar que fossem aliciados ou enganados como na troca de dinheiro. Com o mesmo propósito manteve uma seção em Santos e chegou a constituir um seguimento em Vila Bela. Devido às divisões internas e as dificuldades financeiras encerrou suas atividades no ano seguinte.

Outra associação efêmera foi a *Lietuvių Savivaldos Sąjunga* (Associação Autoprotetora dos Lituanos) que durou pouco mais de um ano. Nesta se iniciou um

⁸² Prontuário n. 534 – *Sociedade dos Lituanos no Brasil*. Deops/SP, APESP.

⁸³ Prontuário n. 1398. *Sociedade Lituana Cultura Jibury*. Deops/SP, APESP.

conflito que perduraria por muitos anos entre os lituanos em São Paulo, assim como entre os que se estabeleceram na Argentina, pois os membros vinculados à igreja católica procuraram impor como critério para ser aceito na associação praticar a fé católica. O próprio estatuto da associação anunciava “Proteger, informar e amparar os compatriotas que chegam da Lituânia e cuidar do bem-estar físico, mental e moral no amor à Pátria e a Deus”. A associação recorreu ao consulado para obter suporte financeiro, o que não ocorreu, razão pela qual encerrou suas atividades.

Os lituanos católicos radicados em São Paulo, também, passaram a se organizar e a primeira igreja onde passaram a se reunir foi a de Santo Antônio do Pari. Em 1928, a comunidade começou a articular a formação da *Lietuvių Rymų Katalikų S. Juozapo Bendruomene* (Comunidade Lituana Católica Romana de São José) fundada na assembléia em 9 de setembro de 1929 e dirigida por Jeronimas Valaitis. O objetivo principal, além de organizar os católicos, era construir uma igreja para os lituanos que nos anos 1930 foi concluída na Vila Zelina, no bairro da Mooca.⁸⁴

Entre as primeiras organizações estabelecidas as divisões ideológicas começaram a emergir. Suas atividades são difíceis de serem reconstituídas como nos casos das *Aušra*, *Kultura* y *Žiburys*, já mencionadas, pois além de terem sido efêmeras seus registros não sobreviveram até nossos dias e restam apenas os informes policiais. Contudo, podemos inferir a importância dessas através dos órgãos de imprensa vinculados aos movimentos socialistas e comunistas, que começaram a circular ainda na década de 1920.

No Uruguai, os imigrantes lituanos vinculados a perspectivas de esquerda também se empenharam para formar grupos e tiveram como primeiras atividades apresentações musicais e teatrais. Assim, começaram a organizar apresentações no Cine Edeno, localizado no bairro do Cerro, em Montevideu sendo a primeira peça e dois monólogos encenados em 24 de novembro de 1928. Com a formação da já mencionada *Lietuvių Darbininkų Apšvietos*, (Trabalhadores Lituanos Progressistas) as apresentações teatrais e musicais se tornaram mais regulares. A organização mudou o nome para *Lietuvių Savišalpos ir Kultūros Draugijos* (Sociedade Lituana dos Amigos da Cultura), em 1928, realizando diversas atividades no centro da cidade de

⁸⁴ *Lietuvių Imigracijos Brazilijon Penkiasdešimtmečio Komitetas*. Penkiasdešimtmetis 1926/1976. São Paulo, 1976.

Montevideu. Para aprimorar suas funções as duas organizações, do centro da cidade e do bairro do Cerro, decidiram se unir formando um teatro dos lituanos no Uruguai que adotou como nome *Dailes ir Meno* (Artes e Artistas). Com mais integrantes e apresentações sentiram a necessidade de organizar aulas regulares de teatro e de música, mas como as atividades teatrais eram mais importantes ficou conhecido como *Dramos Megeju* (Amadores Dramáticos). No ano de 1929, formaram uma associação cuja finalidade era a de ajudar aos presos políticos, a qual denominaram de *Lietuvių Politinių Kalinių Selpimo Komitetas* (Comitê de ajuda aos presos políticos).⁸⁵

Apesar das iniciativas para a formação de associações e de grupos teatrais e musicais, no Uruguai não se formou um órgão de imprensa na década de 1920. O que não quer dizer que estivessem ausentes de importantes iniciativas como, por exemplo, enviar informações regularmente para o *Rytojus* e distribuí-lo ou ainda organizar a formação de bibliotecas e distribuição de livros com o apoio da ALDLD e de seus periódicos. Essa situação mudou no início de 1930.⁸⁶

2.2. A política do Estado lituano na organização dos imigrantes

O ano eleitoral de 1926 foi marcado por profundas transformações políticas na Lituânia. Duas grandes questões colocavam em xeque o governo do país. A primeira era de ordem econômica, marcada por uma grave crise ocasionada pela queda nos preços dos produtos de exportação que foi agravada pela organização do setor produtivo devido a um desastroso processo de reforma agrária. A segunda questão era a desmoralização do governo formado pelos democratas-cristãos, pois a capital histórica da Lituânia, a cidade de Vilnius ocupada pela Polônia, foi reconhecida como diocese polonesa pelo Vaticano. Somava-se, enquanto fator de desmoralização graves acusações de corrupção. Diante destes fatores, as organizações de esquerda avançaram, os Social Democratas e Populistas formaram uma coalizão e conquistaram a vitória nas eleições, sendo eleito presidente Kazys Grinius.

O novo governo não conseguiu reverter a situação de crise e teve que enfrentar uma severa instabilidade com a contestação a suas políticas. Em setembro de 1926 o governo conduziu um pacto de não agressão com a URSS, anistiou os presos

⁸⁵ “Urugvajaus Lietuviai”. *Pietų Amerikos Lietuvių Kalendorius* 1937. Dabartis Spaudos Fondo Leidiny nr.3. Buenos Aires, 1937.

⁸⁶ *Urugvajus Lietuvių Kolonija*. Fondas 13699 – 1-9. Vilnius, KLP Archivas.

políticos, particularmente os comunistas, que sem ter que lidar com uma ativa repressão, passaram a desenvolver suas atividades, realizando inclusive demonstrações públicas. Diante de tais posturas, os grupamentos de direita deram início a uma ação de desestabilização, liderado pela Democracia Cristã, como boicote parlamentar, interpelações, o que praticamente paralisou o governo. A situação levou a constantes conflitos, particularmente organizados por estudantes vinculados a grupos de direita. A mais importante demonstração de direita ocorreu em 21 de novembro de 1926, quando uma manifestação de estudantes junto ao Túmulo do Soldado Desconhecido terminou em conflito com a polícia.

A crise política final se desenvolveu quando da proposta de redução dos gastos com o Exército. Um golpe de Estado foi levado a efeito na noite de 16 de dezembro de 1926 e na manhã do dia seguinte o governo, sem resistência, deixou o poder sendo o parlamento dissolvido e o presidente junto com seus ministros foram mantidos em prisão domiciliar e obrigados a renunciar. Dois dias depois um novo parlamento, que não incluía os Social Democratas e demais organizações de esquerda foi formado sendo eleito presidente pela segunda vez, o líder da LTS, Antanas Smetona que nomeou Voldemaras, como Primeiro Ministro. Uma nova constituição foi aprovada em 15 de maio de 1928 e o Primeiro Ministro demitido no ano seguinte, reforçando o poder de Smetona que governou o país até 1940, quando da primeira ocupação soviética.⁸⁷

Com o golpe de estado orquestrado pelos *Tautininkas* (Nacionalistas) tendo a sua frente Antanas Smetona, em dezembro de 1926, uma nova política com relação à emigração começou a ser delineada. No período anterior, como já apontamos, não havia um controle estatal sobre a questão e o Estado se demonstrava bastante frágil, ou podemos dizer negligente, com relação a este problema social. Nos anos de 1920, atuavam no país treze companhias de transporte de imigrantes sem qualquer regulamentação.

Naquele período, a onda imigratória, já havia se reduzido significativamente, sobretudo para os Estados Unidos, devido ao programa de cotas imposto por aquele governo. Assim, o estabelecimento de lituanos mudou de direção: Canadá e América

⁸⁷ Romuald J. Misiunas "Fascist Tendencies in Lithuania" Romuald J. Misiunas. *The Slavonic and East European Review*, Vol. 48, No. 110, pp. 88-109 Published by the Modern Humanities Research Association and University College London, School of Slavonic and East European Studies Stable <http://www.jstor.org/stable/4206165>. Accessed: 23/02/2010, 19:09.

do Sul desde o meio da década de 1920. Países com os quais a Lituânia tinha pouco ou nenhum contato regular, pois embora fizessem parte da Liga das Nações, não haviam sido abertos postos diplomáticos nestes países. Logo em abril do ano seguinte da tomada de poder, Smetona, através do Ministério do Interior e Relações Exteriores, decidiu estabelecer consulados e embaixadas no Canadá, Argentina e Brasil, justamente no momento em que a comunidade lituana nestes países começava a se formar, como vimos.

As razões desta mudança não eram somente uma preocupação política ou humanitária para com os imigrantes. As suas motivações eram ideológicas. A questão era como fazer os imigrantes aderirem à política nacionalista e mesmo ao partido nacionalista. A preocupação para esse posicionamento era o crescimento das organizações de esquerda entre os lituanos emigrados particularmente os comunistas. Para estabelecer sua política, Smetona recorreu ao líder político que mais admirava na Europa: Mussolini.

Assim, o governo lituano enviou para Itália V. Carneckis que realizou um estudo de como as organizações italianas estavam lidando com a questão imigratória. Neste estudo, apontou as medidas tomadas por Mussolini, chamando a atenção para a formação de uma série de instituições que compunham a sua política. Estas organizações visavam dar uma maior estabilidade aos italianos, mas sobretudo mantê-los como italianos em terras estrangeiras, sobretudo com o projeto de Estado e percepção de nacionalidade sustentada pelo movimento fascista. Assim, o imigrante passava a ser visto como um agente colonizador e que difundia os interesses italianos e os ideais fascistas, ao menos do ponto de vista ideal.

O relatório descritivo de Carneckis foi recebido por Smetona em 26 de abril de 1927 e, logo tanto a estrutura quanto a percepção com relação ao trabalho a ser desenvolvido começou a mudar e uma nova política foi implementada. O impacto desta pode ser observado nos anos seguintes, pois trouxera radicais consequências para o dia-a-dia dos imigrantes na Argentina, Brasil e Uruguai. Tais políticas nos colocam novamente como questão os aspectos fascistas do governo lituano. Como definimos anteriormente, por mais que as inspirações fossem evidentes, a implementação de uma política plenamente fascista encontrava como obstáculo a realidade objetiva das condições econômicas e políticas da Lituânia. Contudo, fica

evidente a mescla, característica dos fascismos de fazer fundir a estrutura de poder do partido, a ideologia nacionalista e as estruturas de Estado⁸⁸.

Para organizar a vida política dos imigrantes lituanos na América do Sul, o governo de Antanas Smetona fez uso da estrutura diplomática através dos consulados, que assumiam a função de zelar pela “lituanidade”, palavra bastante utilizada entre os lituanos nacionalistas, portanto muito além dos trâmites diplomáticos convencionais. Como observaremos, a nomeação dos cônsules para a América do Sul esteve relacionada com o papel que estes indivíduos desempenhavam dentro do partido controlado por Smetona, os *Tautininkas*, produzindo uma mescla de hierarquias que unificava os interesses ideológicos do partido com a estrutura de Estado. Neste mesmo sentido, outras organizações privadas foram associadas aos projetos políticos o que possibilitou aos lituanos na América a formação de associações, escolas, clubes cuja participação era condicionada e disciplinada pelos nacionalistas.

Esse aspecto pode ser observado se analisarmos, ainda que brevemente, a biografia de um dos principais responsáveis por essa política na América do Sul e a formação da estrutura diplomática que tomou forma definitiva no início dos anos de 1930. Em 1929, o Ministério do Interior concedeu seis mil Litãs para Teodoras Daukantas e passagem para o Brasil para enviá-lo ao Brasil e percorrer os locais onde os lituanos estavam assentados no estado de São Paulo e avaliar as condições de vida e as possibilidades de colonização para os imigrantes. Após o seu relatório ser enviado para a Lituânia, foi designado para modelar a estrutura consular do país para a América do Sul, o que ocorreu em 1931, quando foi instalado no Rio de Janeiro o Consulado Geral para América do Sul, ao qual respondiam os consulados de São Paulo, Buenos Aires e Montevideú. O general Daukantas, que foi o primeiro cônsul e ocupou o cargo de 1931 até 1935, possuía um longo currículo de serviços prestados ao Estado lituano. Nascido em 1884 na cidade russa de São Petersburgo serviu na armada russa até 1917 se formando no curso de naval. Com a Primeira Guerra Mundial e a independência da Lituânia retornou ao país onde recebeu o título de General e assumiu o cargo de instrutor do Exército, ocupou também o cargo de Ministro da Defesa entre 1924 e 1925 e, novamente entre 1927-1928. Designado como cônsul permaneceu no Brasil até 1934⁸⁹. Seu período de atuação foi definidor

⁸⁸ Alfonsas Edintas, *Lithuanian Emigration to the United States, 1968 – 1950*. Op. Cit. p. 166.

⁸⁹ Lietuvių Enciklopedija Leidykla. *Lietuvių Enciklopedija*. Boston, 1980

das políticas nacionalistas lituanas entre os emigrados e não raro foram os conflitos que resultaram em suas ações, que por um lado estava o de "zelar" pelo bem-estar dos imigrantes e por outro o de discipliná-los ideologicamente.

Esse interesse em zelar pela vida dos lituanos na América para o “engrandecimento” da nacionalidade lituana é expressa em diversos documentos consulares, ainda na década de 1920. A preocupação do consulado com os recém-chegados foi manifestada em um panfleto distribuído tanto no porto de Santos, como na Hospedaria do Imigrante, com recomendações para que o indivíduo não morrer para a família e não se tornar um inútil para a pátria:

Ao alcançar a terra, você será cercado por toda classe de agentes que se oferecerão para trocar o seu dinheiro, para carregar os seus pertences, para oferecer trabalho – não lhes dê atenção, mesmo se falarem em lituano. Antes de tudo, peça que o agente apresente a autorização para atividade, que apresente uma identificação. A autorização deve ser dada pelo Consulado da Lituânia. Saiba que agindo dessa forma você não cairá nas mãos de aproveitadores e terá a certeza de que ele é um representante legalizado pelo Cônsul.

Procure apreender com antecedência o valor do dinheiro no câmbio, que é mais ou menos constante. Ao escolher um local para dormir ou para se alimentar, informa-se bem sobre o preço. Anote o endereço e o telefone das organizações lituanas, das redações dos jornais e, principalmente, o endereço do Consulado.

Nos primeiros dias, não exija um salário elevado, aceite o trabalho que surgir. Saiba que, se procurar muito por um emprego melhor perderá esse também. Mesmo ganhando pouco, não o abandone até conhecer melhor o país, aprender o idioma e conseguir economizar algum dinheiro.

Saiba que, mesmo morando em terra estranha você é um lituano, uma lituana, e que os nativos seguem todos os seus passos prestam atenção em você e analisam como você age.

Comporte-se bem em qualquer lugar, seja diligente no trabalho e na vida particular.

Afasto-se do alcoolismo e dos amigos que se encaminham para desgraça.

Não atendendo a estas recomendações, você perderá o trabalho, a saúde, irá parar na cadeia, morrerá para família e será um inútil para a Pátria.⁹⁰

A ação dos consulados para a organização da coletividade lituana nos três países pode ser percebida tanto pela formação e suporte financeiro para associações contribuição a órgãos de imprensa e um projeto de educação que permitiu nos três países a abertura de escolas lituanas. Assim, os consulados, articulados com outros

⁹⁰ *Recomendações do Consulado Lituano em São Paulo aos Imigrantes Lituano*. São Paulo, 1929. Biblioteca Sajunga.

órgãos do Estado lituano, como o Ministério da Educação, além de sociedades beneficentes formadas na Lituânia com o propósito de auxiliar os imigrantes. Para que essa fosse efetiva, outras estruturas de Estado vão ser envolvidas com a questão imigratória, assim contribuíram o Ministério da Educação, que cuidava também da parte de esportes e lazer. Este foi o responsável pelo envio a América, por exemplo, dos professores lituanos para as escolas que se formavam. Construiu também bibliotecas e enviou obras de referência para o ensino dos lituanos que obedeciam os ditames e perspectivas governamentais. Assim, a ideologia nacionalista chegava à formação dos lituanos na América do Sul. Essas medidas podem ser observadas com a disposição de gastos realizada pelo governo. De acordo com as pesquisas realizadas por Eidintas, entre 1933 e 1938, um milhão e oitocentas mil Litas foram gastos com o salário de professores e padres, imprensa e livros. Outro milhão e duzentos mil foram investidos na Prússia. Assim, temos que foram investidos duzentos e quarenta mil no Brasil, quinze mil e duzentos na Argentina, duzentos mil na Letônia, cinquenta e cinco mil nos Estados Unidos e catorze mil para os lituanos na Inglaterra. Observamos assim, o volumoso investimento no Brasil, em comparação aos demais, o que pode ser explicado em parte pela maior quantidade de imigrantes no país e pelas dificuldades que passavam. Com relação ao Uruguai é preciso observar que este era parte da jurisdição do consulado argentino e tinha uma fração diminuta de imigrantes, como observamos.⁹¹

Com o objetivo de coordenar essa política foi criada uma associação, supostamente "apolítica", mas que tinha como função facilitar a "ação colonizadora" e não era justamente a expressão utilizada por Mussolini na sua visão para os imigrantes? Assim, na capital Kaunas foi fundada a *Draugija Užsiemio Lietuviams Remti* (Associação de Suporte aos Lituanos no Exterior), conhecida pela sigla DULR. A associação tinha maior liberdade de ação, como, por exemplo, comprar propriedade, além de escolher a quem seriam destinadas as doações sem que esta tivesse que passar para uma decisão de Estado. Da mesma forma, poderia operar na captação de recursos privados para os seus investimentos, assim, os sócios compravam cotas e faziam contribuições mensais, foram realizadas loterias e exposições com a finalidade de reunir recursos.

⁹¹ Alfonsas Eidintas. *Lithuanian Emigration to the United States, 1968 – 1950*. Op. Cit. p. 162.

As iniciativas deram resultado como veremos e para torná-las ainda mais efetivas foi organizado um congresso na cidade de Kaunas entre 11 e 17 de agosto de 1935, no qual participaram três mil lituanos advindos de dezenove países. A ideia de realizar um congresso não era uma novidade. O governo polonês, também com suas inspirações fascistas, organizou dois congressos em 1928 e 1934. No congresso lituano, ficaram excluídas todas as organizações de esquerda ou por boicote, porque não foram convidadas, ou ainda porque seus representantes tinham medo de ser presos assim desembarcassem país. Prevaleceu, portanto, a presença de nacionalistas e católicos que articularam a sua política de ação. Durante o congresso foi fundada uma nova associação que adotou como nome *Pasaulio Lietuvių Sąjunga*. (Aliança Lituana Mundial) sendo seu estatuto final aprovado em 1937. No mesmo ano deram início a uma publicação desta associação que foi intitulada como *Pasaulio Lietuvis* (Lituanos no Mundo).⁹²

O consulado lituano na Argentina patrocinou a fundação de uma sociedade denominada *Lietuvis* (Lituanos) em 10 de outubro de 1926. Inicialmente esta procurou agregar e organizar a grande quantidade de imigrantes que começava a chegar naquele ano, ao mesmo tempo, buscou se aproximar de outras organizações já existentes e que enfrentavam dificuldades, como SLA, à qual já nos referimos. No ano seguinte a sociedade passou a editar um primeiro jornal intitulado *Argentinios Lietuvis* e a organizar uma escola com aulas de lituano e espanhol. Em 1928, a sociedade organizou uma comissão para formar a *Lietuvių Namai* (Casa do lituano) Jonas Basanavičius que no ano seguinte recebeu doação de terrenos em Vila Lugano da sociedade *Lietuvių*. As duas instituições seguiram em atividade ao longo da década de 1930, mas devido a dificuldades financeiras as duas organizações se fundiram formando o *Lietuvių Centras* (Centro Lituano) em 1938⁹³.

A DURL, também formou escolas sendo três que atendiam a cento e cinquenta estudantes. Em Buenos Aires funcionavam a *Darius ir Gireno*, *Tumo*, a *Vaižganto I e II* – e uma em Berisso denominada *Presidente Antanas Smetona*. Em Córdoba o clube *Neptunas* também formou um escola em suas dependências. Em todas elas, eram mantidos professores enviados da Lituânia e um professor argentino, seguindo as determinações do Ministério da Educação do país elas foram reconhecidas como

⁹² *Pasaulio Lietuvis*. Lietuvios Nacionalinė Martyno Mažydo Biblioteka.

⁹³ *Argentinios Lietuvių Centras. Argentinios Lietuvių Centro metraštis 1927 – 1952*. Lietuvių Centras Buenos Aires, 1953.

escola regular. Para administrar os recursos, mas, sobretudo para construir prédios próprios foi constituído o *Mokyklos Statybos Fondas* (Fundo para a Construção de Escolas). Na escola *Dariaus ir Gireno*, também abrigava um orfanato e ali viviam dez crianças⁹⁴.

Em 1928, a organização formou uma Comissão de Imprensa e decidiu investir na produção de periódico regular, sendo fundado o jornal *Balsas* (A Voz) que contava com uma máquina de escrever e de impressão instaladas na residência de seu primeiro redator Jonas Bukevičius, pois não era possível realizar a impressão em uma gráfica convencional devido ao alfabeto utilizado no idioma lituano. Contudo, o *Balsas* se afastou da associação e passou a ser editado independente desta, se autonomizando tanto política como financeiramente. No início dos anos 1930, este periódico se apresentava como *Argentinios Lietuvių Balsas* (A Voz dos Lituanos), o único jornal “independente” entre os lituanos. De fato, em seu subtítulo acrescentava uma expressão *Bepartyvis Darbo Žmoniu Laikraštis* (jornal sem partidos dos homens trabalhadores) sendo um: “*informativo, comercial y defensor de los emigrantes en La República Argentina*”.⁹⁵ Em 1932, o seu subtítulo foi alterado, apresentando-se como órgão da Sociedade Cultura Lituana “*Lietuva*”, pouco depois a palavra independente foi removida e substituída por “apolítico”. Tantas mudanças na forma de se apresentar não são ocasionais e refletem as tensões pelas quais o periódico passava nos seus primeiros anos. Podemos nos perguntar, portanto, o que significaria “independente” ou “apolítico”, naquele contexto? Ou ainda, quem ou quais seriam os jornais “dependentes e políticos”? Em sua forma de se apresentar o *Balsas* procurava de imediato se afastar de dois grupos atuantes na coletividade lituana, os quais já mencionamos. Por um lado, dos nacionalistas e católicos, que denunciaram o jornal como órgão esquerdista e comunista e por outro, dos comunistas. O *Balsa* não foi a única dissidência desta organização: diante dos projetos nacionalistas do governo lituano, a SLA e seus membros resolveram não fazer parte do centro e seguiram como uma organização autônoma, o que significava sem o apoio do governo lituano, e se estabeleceram no município de Lanus, onde segue em atividade até os dias de hoje.

⁹⁴ *Momento Kalendorius*, 1939 metams. Spaudos B-ves “Talka” leidinyš nr.1. Buenos Aires, 1939

⁹⁵ *Argentinios Lietuvių Balsas*. Nr 5, ano I, Buenos Aires, 1/06/1929. Biblioteca Nacional de La Republica Argentina.

A intervenção do governo lituano também afetou a coletividade que se estabelecia no Brasil. Ao contrário do que ocorreu na Argentina, o consulado no Brasil se aproximou rapidamente do setor católico e conservador da comunidade e com ele se aliou para enfrentar os lituanos que se identificavam com as ideias de esquerda. O principal protagonista foi o cônsul em São Paulo Dr. Petras Mačiulis que ocupou o posto diplomático entre 1929 a 1935. Mačiulis possuía um extenso currículo de atividades junto ao governo lituano. Formado em direito e doutor em jurisprudência pela Universidade de Roma ingressou no serviço diplomático lituano em 1925 sendo designado para Legação Lituana em Praga. Entre 1926 e 1928 serviu ao Ministério de Relações Exteriores em Kaunas (Kovno), quando foi nomeado cônsul para São Paulo, formando o primeiro consulado nesta cidade em vinte e quatro de março de 1928.

Inicialmente suas ações foram voltadas para o combate às agências migratórias, principalmente aquelas envolvidas em casos de estelionato e de falsificação. Para esse fim, procurou se aproximar das associações lituanas já existentes, mesmo aquelas cuja postura ideológica se aproximava dos grupos políticos de esquerda. A mais significativa do período foi o *Lietuvių Išėiviu Globos Draugiją* (Círculo de Proteção aos Imigrantes Lituanos) fundada por Antanas Dutkus, como já mencionamos. Para que o consulado pudesse efetivamente intervir na organização dos lituanos era preciso cumprir a legislação brasileira que proibia aos consulados, enquanto instituições estrangeiras, adquirir propriedade. Para resolver a questão era necessária uma associação que respondesse juridicamente ao governo brasileiro e para tanto foi fundada a *Sąjunga* (Aliança Lituano-Brasileira de Assistência Social) que ao receber recursos provenientes da Europa pode oferecer uma infraestrutura para os imigrantes lituanos, organizando a construção de clubes, escolas e, até mesmo, uma imprensa em idioma lituano.

Assim, o consulado pode dar início à construção de quatro escolas lituanas estabelecidas na cidade de São Paulo, contando com a colaboração do professor Dr. J. Zilinkas. As verbas para a construção vinham de três entidades: do Ministério do Exterior da Lituânia, do Ministério da Educação e da DULR. A primeira escola foi a Dr. Vincas Kudirka, fundada no Pari e posteriormente transferida para a Mooca, onde crescia a concentração de lituanos. Eram ministradas seis aulas, sendo três em lituano e três em português, com professores de ambas as nacionalidades. Os pais deveriam

pagar pelas aulas, mas o consulado fornecia algumas bolsas de estudo. Outras escolas foram criadas de forma a atender a população lituana radicada na capital paulista: a Dr. Jonas Basanavičius na Vila Anastácio, *Lietuvos Kunigaikštis Vytautas Didisys* na Vila Bela, e a *Vyskupas Valančius* no Bom Retiro. Além destas passou a funcionar a escola *Maironis* localizada no Parque das Nações em Santo André.

A formação das escolas se fez acompanhada de uma preocupação com a prática esportiva. Assim, surgiu *Sporto Sajunga Lietuva* (Aliança Esportiva Lituânia) sendo a escola lituana do Bom Retiro utilizada como sede até 1935, quando a diretoria central foi transferida para Mooca. A Aliança Esportiva possuía cinco departamentos, sendo um em cada escola lituana, com equipes de futebol, basquete, tênis de mesa, xadrez, boxe, atletismo e musculação. Tal organização favoreceu a atividade esportiva entre os jovens da comunidade incentivando-os a participar dos torneios da cidade de São Paulo contra outras agremiações e clubes. Esta mesma organização deu início à formação dos grupos de danças folclóricas promovendo o fortalecimento da identidade lituana. A associação também recebia recursos financeiros da *DULR e da Lituânia Kuno Kulturo Rumai* (Escola de Educação Física)⁹⁶.

Assim, como na Argentina o consulado investiu na formação de órgãos de imprensa que pudessem, além de difundir suas concepções, combater os demais jornais que se manifestavam contra o governo de Antanas Smetona. A primeira experiência jornalística lituana no Brasil se deu no ano de 1927 com a formação do jornal *Brazilijos Lietuvis*⁹⁷ (O Lituano no Brasil) tendo como redator J Stankaitis e com relevante participação, também como editor, de Kostas Uckus. A posição ideológica do jornal pode ser considerada como socialista, postura que se manifestava em afirmativas como “os capitalistas são inimigos do povo que se enriquecem aproveitando-se da mão de obra dos pobres”. Consideravam como seu “maior inimigo” o fascismo e o nacionalismo, que naqueles anos crescia enquanto força política. Ao mesmo tempo, não poupavam críticas ao comunismo, principalmente a União Soviética. O jornal também manifestava descontentamento com relação ao governo lituano de Smetona, que passava a assumir posturas cada vez mais autoritárias. Pelas dificuldades financeiras encontradas a atividade do

⁹⁶ P. Ruseckas. *Pasaulio Lietuviai*. Draugija Užsienio lietuvių Remti – DULR. Kaunas, 1937.

⁹⁷ *Brazilijos Lietuvis*, coleção do autor.

jornal foi encerrada no mesmo ano. No entanto, seus redatores seguiram na atividade jornalística participando da produção de novos periódicos.

Pouco mais de um ano depois um novo jornal lituano passou a ser editado na capital paulista era o *Lietuvis Brasilijoj* (Lituanos no Brasil), que teve duas fases, na primeira foi editado por J. Ruskys que não obteve muito êxito, pois o redator participava da agência de imigração *Alfa* – que como mencionamos - ficou conhecida pelos casos de estelionato na venda de terras. Para além, o jornal adotava um tom agressivo contra as organizações lituanas. Essa situação fez com que as condições financeiras do jornal não fossem suficientes para mantê-lo, gerando uma dívida insustentável.

Devido às dificuldades, assumiu o jornal a *Spaudos Bendrove Šviesa* (Cooperativa Jornalística *Šviesa*), fundada em 7 de junho de 1929 pelo Consulado da Lituânia em São Paulo tendo como principais articuladores e financiadores, o cônsul Petra Mačiulis, Juozas Silickas, Stasys Puisys, Vladas Eidrigėvičius, Jonas Dimsas, Juozas Virbickas-Tevunas e próprio Ruskys.⁹⁸ Contava ainda com a participação do padre Jeronima Valaitis e de K. Uckus que foi desligado desta em primeiro de outubro de 1930, devido a divergências ideológicas. Com essa formação o jornal passou a seguir os ditames e a linha política imposta pelo consulado lituano. Em tom belicoso, atacava as organizações de esquerda defendendo um nacionalismo extremado que naqueles anos passaram a fazer parte do repertório, cada vez mais próximo do fascismo, do então presidente lituano Antanas Smetona.

Com essa trajetória que aqui buscamos reconstituir, podemos observar que no final da década de 1920 e início da seguinte, temos três núcleos principais que atraíam os lituanos: as organizações nacionalistas, com apoio e patrocínio do Estado lituano, as organizações que se vinculavam à igreja católica e finalmente os grupamentos de esquerda que, em sua maioria, vão se vincular ao Partido Comunista. Entre essas forças principais, vão emergir outros grupos com distintas propostas que tiveram que lidar e sobreviver às ações destas organizações. Vale ressaltar que as associações lituanas eram dinâmicas e palco de uma intensa luta e disputa política, portanto não raramente houveram momentos de mudanças de direcionamento ao longo de sua vida institucional. É justamente a essa dinâmica que devemos estar atentos.

⁹⁸ “Pirmausias Žodžus“. *Lietuvis Brasilijoj*. São Paulo, 7/07/1929.

A crise de 1929 foi um divisor de águas na história da imigração e no próprio processo político nos países que aqui analisamos. Com relação à imigração o resultado foi a diminuição dos fluxos causados pelas medidas restritivas e pela desesperança na emigração enquanto possibilidade, dadas as condições de vida daqueles que vivenciavam o processo. Para os lituanos, o resultado desta diminuição na imigração foi o fim de novos contingentes nas comunidades radicadas na Argentina, Brasil e Uruguai. As coletividades estavam, portanto, estabilizadas do ponto de vista numérico e não havia a perspectiva que pudesse ser ampliada nos anos seguintes. As ações organizadas da comunidade se davam sobre uma base constituída de imigrantes que só vai ser alterada significativamente no pós-Segunda Guerra Mundial.

As mudanças políticas, tanto na Lituânia como nos países sul-americanos, afetaram decisivamente as organizações comunitárias lituanas. Em todos os países, com significativas diferenças, emergiram e se enfrentaram as soluções autoritárias e nacionalistas diante da crise. Ao mesmo tempo, foi na década de 1930 que os partidos comunistas se desenvolveram nos três países e tornaram-se um dos pólos de atração dos imigrantes. Assim, foi nesta década que as diferentes perspectivas entre os lituanos se tornaram explícitas e o resultado foi um período de intensos conflitos que passamos a analisar.

III - IDENTIDADE EM CONFLITO

A presença de lituanos que sustentavam distintas orientações políticas resultou em diversos conflitos, bem como a formação de redes de alianças que visava unir os lituanos que lutavam pelos mesmos ideais radicados em diferentes países. Os conflitos vivenciados pela comunidade foram se tornando cada vez mais intensos ao longo dos anos de 1930, como resultado do processo de radicalização política. O avanço do nazi-fascismo, a Guerra Civil Espanhola, por um lado, as transformações na URSS que afetavam os partidos comunistas em todo o mundo, por outro. Como resultado, a comunidade se polarizou nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial. Nesta polarização, a aproximação com as autoridades dos Estados receptores foi fundamental para garantir a hegemonia de um grupo sobre o outro. Assim, os projetos de Estados sustentados por Argentina, Brasil e Uruguai foram os delineadores de qual organização política poderia prosseguir em atividade e qual deveria, ao menos em intenção, ser eliminada.

3.1. Tempos de mudança: a crise liberal e as soluções autoritárias.

A década de 1930 foi marcada por uma crise que reordenou o sistema econômico e político da maior parte dos países ocidentais. Se a crise de 1929 foi o ápice desta crise, pelo colapso econômico, é preciso enquadrá-la em um movimento maior que teve sua primeira manifestação com a Primeira Guerra Mundial. Até o final do século XIX, havia nos países europeus uma crença no progresso da humanidade pela aceitação crescente dos valores e de uma sociedade burguesa-liberal. Essa percepção afetava inclusive a social democracia que passava a acreditar em um futuro socialista alcançado pelo desenvolvimento natural do capitalismo. Essa percepção de mundo foi abalada pela tragédia da Primeira Guerra Mundial e com a Revolução Russa que recolocou a questão revolucionária nas perspectivas políticas.

Na instável década de 1920, apareceram as primeiras reações a esta crise cujas

soluções passavam por um processo de radicalização que levou à construção das perspectivas fascistas. Mussolini, na Itália, foi o primeiro a conquistar o poder negando tanto a perspectiva socialista e comunista, como os valores liberais. O nazismo dava seus primeiros passos na Alemanha, assim como outros tantos movimentos nacionalistas extremados que almejaram o poder na década seguinte, como na Espanha, Portugal, Polônia, entre outros.

Por outro lado, a União Soviética se consolidava, principalmente com as vitórias do Exército Vermelho na Guerra Civil que se arrastou até a primeira metade daquela década. O sistema soviético, dirigido por Stalin passava a dar seus primeiros resultados e a industrializar uma região atrasada e em poucos anos alcançando os níveis de produção ocidental que entravam em crise. Para além, com a formação da Internacional Comunista (IC), a URSS sustentava, ainda que de forma ideal, uma perspectiva de revolução mundial que articulava os partidos comunistas fundados naquela década em quase todos os países do mundo. Abria-se assim, uma fissura na esquerda, com uma original forma de partido, inspirada pelos bolcheviques. Embora fundados na mesma época, os partidos comunistas na Argentina (PCA), Brasil (PCB) e Uruguai (PCU) tiveram trajetórias bastante distintas.

O Partido Comunista Argentino foi fundado em 1918 e o Partido Comunista Uruguaio em 1921, os dois saíram dos respectivos Partidos Socialistas, pois nos dois casos já existia uma inserção das perspectivas marxista através da influência dos partidos sociais democratas europeus e da II Internacional. No caso do Brasil, onde o socialismo não era uma força política constituída, o partido foi formado em 1922 agrupando indivíduos provenientes de outras orientações tais como os anarquistas. O resultado foi que perante a III Internacional (IC) o partido brasileiro ficou submetido ao argentino, dadas as desconfianças geradas.⁹⁹

Esse processo que afetava todo o globo pode ser sintetizado como: crise do liberalismo, avanço dos fascismos e consolidação da URSS - balizou as orientações políticas na periferia sul americana, cujo colapso econômico em 1929 vai trazer à tona novos movimentos políticos na Argentina, Brasil e Uruguai. Se podemos situar os três países em uma mesma crise geral é preciso buscar a especificidade das soluções que

⁹⁹ Hernán Camarero. *A La Conquista de la Clase Obrera. Los Comunistas y el Mundo del trabajo en la Argentina, 1920 – 1935*. Buenos Aires, Siglo XX, Editora Sud Americana, 2007.

adotaram, destacando os aspectos políticos, uma vez que, de forma diferenciada, passaram pela reordenação do papel do Estado e por soluções autoritárias.

Embora as comparações entre Argentina, Brasil e Uruguai devam ser feitas com cautela dadas as dimensões, as complexidades e as especificidades de cada país, alguns pontos em comum podem ser apontados para a década de 1920. Os três países possuíam uma economia dependente voltada ao mercado externo, com base agrícola e pecuária. Nos casos analisados, a indústria era incipiente, embora com a Primeira Guerra Mundial e a substituição de importações tenha passado por um desenvolvimento que basicamente se concentrava em torno de algumas cidades, Buenos Aires, São Paulo e Montevideu e seus arredores. Tais características faziam com que as economias fossem vulneráveis e as oscilações do mercado externo e, evidentemente, ao colapso deste.

A industrialização, ainda que incipiente, fez emergir uma novidade: as massas urbanas de trabalhadores com as quais os Estados teriam que lidar. Essas massas concentradas começaram a se organizar, formando sindicatos, organizações anarquistas e socialistas. Esses movimentos tiveram que enfrentar os grupos de poder e o resultado foi os constantes embates entre as forças do Estado e os movimentos reivindicatórios ao longo da década de 1910 e 1920. Na Argentina, a marca deste movimento foi a Semana Trágica que como o nome indica terminou com o massacre de trabalhadores, em 1919. O massacre teve participação não só das forças estatais, mas de milícias organizadas que orquestraram verdadeiros *pogroms* atingindo os trabalhadores judeus, ou tidos como influenciados por estes. Os movimentos antissemitas na Argentina, Brasil e Uruguai, seguindo os movimentos europeus associavam os movimentos de esquerda à influência judaica. Em São Paulo, houve grandes movimentos grevistas, sendo o mais significativo o de 1917, que se seguiram pela década seguinte, resultando em diversos conflitos com as forças policiais e, mesmo com o exército.

No Uruguai, embora tenha sido chamado de Suíça da América do Sul, a situação não foi menos tensa em um ciclo de greves que durou três anos (1917 – 1919) envolvendo os trabalhadores dos frigoríficos. Em 1917 o movimento começou no porto de Montevideu e reuniu sete mil trabalhadores. A greve de 1918 foi a mais abrangente e a que resultou em maior confronto com o Estado, pois reuniu portuários

e operários dos frigoríficos no bairro Villa del Cerro. O então presidente Feliciano Vieira (1915 – 1919) respondeu com violência e ordenou a ocupação do bairro com batalhões de infantaria e cavalaria¹⁰⁰.

Essas convulsões sociais nos dão a dimensão do processo de mudanças pelas quais estas sociedades passavam e que foi agravada pelo colapso econômico de 1929. A crise econômica, na periferia, já vinha se delineando com as crises nos mercados do centro do sistema, assim, a quebra da bolsa de Nova York foi o cume de uma crise que se montava. Com a quebra, os principais produtos da Argentina, Brasil e Uruguai tiveram uma redução de valores e de mercados, vale dizer que se a quebra foi importante as medidas tomadas na Europa e nos Estados Unidos agravaram ainda mais a crise na periferia. Por exemplo, para resolver o problema do Império Britânico, a Inglaterra adotou medidas para garantia de seu mercado de carne às ex-colônias, sobretudo a Austrália. Assim, a produção de carne Argentina e Uruguai entraram em crise, particularmente os que tinham capital estadunidense.

O colapso econômico encontrou os três países imersos em uma crise política, pois sustentavam uma ordem política que já havia envelhecido. De um ponto de vista macro, podemos dizer que os três países eram dirigidos por uma elite que havia se enraizado no poder e sobrevivia através da acomodação de interesses dentro do Estado ao distribuir seus recursos aos distintos grupos de poder. Esse sistema foi derrubado com a manifestação desta crise. Assim, no ano de 1930, Argentina, Brasil e Uruguai passaram por profundas modificações no seu sistema político, os quais analisaremos separadamente apontando a especificidades.

A Argentina passou por um processo de transformação significativa na primeira década do século XX, quando pôs, ao menos do ponto de vista formal, fim ao período oligárquico. A Lei Sáenz Peña abriu o processo eleitoral tornando-o obrigatório para os homens maiores de dezoito anos que tinham servido as forças armadas. Como não estendia as mulheres e aos imigrantes apenas 30% da população votava, de acordo com o senso de 1914. Esse sistema permitiu uma constituição de sistemas partidários nacionais cuja hegemonia era disputada entre UCR (União Cívica

¹⁰⁰ Ver G D' Elia y A. Miraldi. *Historia del movimiento obrero uruguayo hasta 1930*. Ediciones de la Banda Oriental, 1984 e Benjamin Nahum. *La Época de Bttlista*, Historia Uruguay (1905 – 1929). Montevideo, Ediciones de La Banda Oriental, 2007.

Radical) e o Partido Conservador.¹⁰¹

A UCR chegou ao poder com a eleição de Hipólito Yrigoyen em 1916 e se manteve até 1930 com um mandato de Marcelo Alvear e o retorno de Yrigoyen, para um curto mandato. Sua ascensão se deve essencialmente a uma maior participação na política de um novo grupo social que emergia: a classe média urbana somada à mobilização de setores populares, sobretudo em Buenos Aires. Contudo, sua forma de se manter no poder foi através de uma rede clientelista o que o colocou em conflito com o Partido Conservador e com dissidentes no interior do partido dada a preeminência assumida pelo presidente.

Com a crise de 1929, a situação econômica, que já enfrentava dificuldades, entrou em crise devido à dependência dos mercados externos. Da mesma forma, os conflitos políticos se agravaram ocasionando divisões no interior da UCR e a reação do Partido Conservador que encontrou eco nos setores militares insatisfeitos com o governo que levou a um acordo entre os generais Justos e José Felix Uriburu para a realização de um golpe militar. Desgastado Yrigoyen se licenciou às véspera do golpe realizado praticamente apenas pelos cadetes da Escola Militar, em seis de setembro. Uriburu não conseguiu sustentar o regime e foi obrigado a convocar eleições, para esta impediu a participação do candidato da UCR Alvear.

O governo apoiou o general Augustin P. Justo que manteve uma coalizão sustentada no Partido Conservador, na dissidência anti-personalista da UCR e nos socialistas independentes. Se Uriburu tinha uma perspectiva autoritária, com inspiração fascista, Justos manteve o sistema formalmente liberal, com as organizações partidárias e realização de eleições. Contudo, o governo recorreu a um sistema de fraudes eleitorais, o que levou a UCR a se abster até 1935. Essa situação durou até 1943, quando houve um novo golpe de Estado.¹⁰²

Se na Argentina perdurou um sistema formalmente liberal-democrático, no Brasil prevaleceu a solução autoritária com o golpe de Estado de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder executivo. No país vigorava uma política oligárquica que

¹⁰¹ Uma parte significativa da historiografia argentina costuma associar a UCR a ascensão da classe média urbana essa visão tem sido questionada, ver: Ezequiel Adamovsky. *História de la Clase Media Argentina. Apogeo y decadência de una ilusión, 1919 – 2003*. Buenos Aires, Planeta, 2009.

¹⁰² Boris Fausto, Fernando J. Devoto. *Brasil e Argentina. Um Ensaio de História Comparada*. São Paulo, Ed. 34, 2004.

combinava a alternância de poder entre os principais grupos políticos e econômicos, São Paulo e Minas Gerais, era a chamada política café com leite. O voto era aberto e os votantes um minoria aliciada por redes clientelistas ou simplesmente obrigadas. Esse sistema começou a se fragilizar com as crises no principal produto exportador, o café, e com o colapso de 1929. Com os conflitos sociais do início do século houve a adoção de medidas centralizadoras e autoritárias, manifestas na forma de lei como a Lei Celerada que colocava fim à liberdade de expressão, ampliava as medidas restritivas às greves e de reunião, bem como agilizava os processos de expulsão de estrangeiros¹⁰³. Em certa medida, era semelhante à lei de residência adotada pela Argentina.

Essa escalada autoritária encontrou um conflito no interior dos grupos de poder o que levou a tensões dentro do acordo entre as elites regionais agravados pela instabilidade econômica. Dessa forma, abriu-se um conflito com setores militares, particularmente o movimento tenentista que enfrentou as forças governistas e, posteriormente levou à formação da denominada Coluna Prestes. Essa situação de instabilidade e conflito permitiu que Getúlio Vargas capitaneasse os setores descontentes e levasse a cabo um golpe de Estado orquestrado com o apoio de setores das elites regionais descontentes e dos tenentistas dissidentes. Vargas ocupou o poder executivo por quinze anos consecutivos, como chefe do governo provisório (1930 – 1934), presidente eleito pelo congresso (1934 – 1937) e como ditador no Estado Novo (1937 - 1945). Etapas de um processo centralizador, autoritário com inspiração fascista, marcado por uma política nacionalista e não raramente xenófoba. Dessa forma, o regime varguista, comparado com Argentina e Uruguai, foi o único a adotar uma política sistemática de nacionalização do imigrante, marcado por medidas restritivas que limitavam as manifestações culturais e política. Para além, usou sistematicamente a polícia para controlar e vigiar as organizações estrangeiras buscando dissolver os “quistos étnicos”, que se legitimava em um discurso antissemita¹⁰⁴.

O sistema político uruguaio era completamente diferente, no país prevalecia um equilíbrio de forças entre dois partidos: nacional e colorado. Cada um dos partidos

¹⁰³ Ver: Paulo Sergio Pinheiro. *Estratégia da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil (1922 –1935)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

¹⁰⁴ Ver: Maria Luiza Tucci Carneiro. *Anti-Semitismo na Era Vargas*. 3.^a edição São Paulo, Perspectiva, 2001.

tinha uma série de divisões internas que disputavam espaço, tanto do ponto de vista programático como através do clientelismo. Os dois partidos disputavam as eleições e o sistema eleitoral uruguaio funcionou de forma regular de 1919 até 1930: foram realizadas onze eleições nacionais que decidiam não apenas a ocupação de cargos, mas incluíam formas de plebiscito sobre questões nacionais. Como resultado dessas disputas e constantes consultas, houve o desenvolvimento de uma legislação eleitoral que garantia o sufrágio e a representação das minorias. Para completar o sistema, mantinha-se uma divisão no poder executivo. Era o chamado poder bicéfalo, assim as funções eram distribuídas entre o presidente e o Conselho Nacional de Administração. Ainda no poder executivo, no que se refere aos ministros, havia uma distribuição de cargos entre os partidos. Assim, três ministérios deveriam ser ocupados pela maior minoria. Neste processo, formou-se um equilíbrio de forças e a diferença de votos entre os partidos era mínima e, perder parte da rede de “clientes” poderia significar uma derrota.¹⁰⁵

Desde o início do século, o Uruguai havia adotado uma série de medidas econômicas e sociais, ampliando a função e os gastos do Estado como uma forma de compensar a crise. Esse processo passou a ser criticado duramente pelos setores conservadores. Em setembro de 1929 foi formado o Comitê de Vigilância econômica que visava combater as medidas “socializantes” do poder executivo e era composto pelas organizações patronais da indústria e de ruralistas. O comitê propunha o fim do executivo bicéfalo, diminuição do número de eleições, da burocracia estatal e dos gastos públicos.

Em meio a estas questões foram realizadas eleições em 1930, que devido às divisões e disputas internas, levou a vitória o Partido Colorado por uma ampla diferença de votos rompendo o equilíbrio entre os partidos. Naquele ano a crise econômica se fez sentir de uma forma intensa, um terço dos assalariados de Montevideu estava desempregado, o valor da moeda caiu 60% e no ano seguinte a exportação seguiu caindo, 18%. Com isso, o Conselho Nacional de Administração planejou novas intervenções na economia o que gerou conflitos com o presidente eleito, provocando instabilidade política, sobretudo porque no ano seguinte seriam realizadas eleições para o Conselho. Algumas forças políticas proclamavam

¹⁰⁵ Ver: Benjamin Nahum, Angel Cocchi, Ana Frega, Yvette Trochon. *Crisis Política Y Recuperación Económica (1930 – 1958)*. Historia Uruguay. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

abstenção e o total de votantes caiu pela metade.

Pairava ainda um clima de instabilidade e ameaças. Havia uma denúncia circulando de que se estaria planejando um golpe de Estado conduzido pelos comunistas o que levou à adoção de medidas restritivas, fechamento de jornais, mudanças no código penal e reforma na lei de imigração. Outras ameaças de golpe vinham dos caudilhos nacionalistas da fronteira e por fim, dos ruralistas tendo Herrera capitaneado uma marcha sobre Montevideu ao estilo Mussolini. Por fim, o presidente Gabriel Terra realizou o golpe de Estado, em 31 de março de 1933. A historiografia conservadora uruguaia costuma denominar a ditadura de Terra de “ditabranda”¹⁰⁶, comparando com o varguismo e com as medidas tomadas na Argentina.

As medidas tomadas por José Luis Gabriel Terra tiveram como efeito reordenar o Estado realizando uma reforma constitucional em 1934 que fortaleceu o poder executivo e pôs fim ao conselho e à divisão no ministério. Não houve a proibição explícita a alguma organização política, mas limitações como de liberdade de expressão e de reunião, além de prisões e desterros. O processo mais significativo foi o de reorganização e reordenamento do processo eleitoral. Gabriel Terra assumiu uma segunda legislatura constitucional em 1934 e permaneceu no poder até 1938, sendo o seu indicado o sucessor, Herrera, derrotado nas urnas por Alfredo Baldomir.

Devemos considerar que esta crise teve impacto decisivo também na Lituânia. O governo Antanas Smetona, também adotou soluções autoritárias para enfrentar a crise social e política pela qual o país passava. Em primeiro lugar, eliminou a oposição interna no partido nacionalista o que significou o afastamento de Valdemaras, um importante dirigente, fundador do partido nacionalista e que tinha sido um dos negociadores da independência da Lituânia em Versalhes. Com isso, Smetona se elevou a dirigente da nação lituana, o que significava, do ponto de vista simbólico, que passava a governar todos os lituanos independente de onde estivessem e não só de um Estado. Essa medida simbólica foi articulada com uma centralização de poderes, do culto a sua personalidade, dos símbolos e heróis nacionais, do folclore, enfim um projeto nacionalista de inspiração fascista.

Intrincados neste conjunto de relações foi que os imigrantes lituanos tiveram

¹⁰⁶ Como exemplo, ver: Juan José Artega. *Breve Historia Contemporánea del Uruguay*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2008.

que erigir suas instituições, formar suas percepções políticas e enfrentar os desafios que significou cada uma de suas escolhas. O embate entre os lituanos que defenderam diferentes ideologias políticas, a dureza dos Estados receptores e do projeto nacionalista da Lituânia afetou seu cotidiano, marcou suas trajetórias e moldou suas comunidades.

3.2. O cotidiano de conflitos: nacionalistas, católicos e comunistas.

Em outubro de 1930 as organizações lituanas em São Paulo foram estremecidas quando a Polícia Política, Deops, invadiu a sede do jornal *Garsas* detendo seus editores. Para que essa operação fosse possível, a polícia contou com informações privilegiadas, vindas da comunidade, sobretudo do padre Jeronimas Valaitis e do cônsul lituano Petras Mačiulis. A reação dos simpatizantes do jornal foi igualmente violenta: no dia 25 daquele mês os comunistas organizaram uma marcha pública durante a qual entoaram a *Internacional*, depredaram uma gráfica onde eram impressos os jornais vinculados ao consulado, bem como a sede do consulado lituano. A partir de então, o padre foi ameaçado de morte e impossibilitado de seguir suas atividades e, diante da persistência das ameaças, restou-lhe voltar para a Lituânia. Era o início de um conflito que atravessou a história dos lituanos na cidade ao longo de décadas.

O fechamento do *Garsas* pela Polícia Política de São Paulo não impediu que outros periódicos de esquerda fossem impressos, mesmo diante da repressão empreendida pelo Deops-SP, principalmente depois do golpe de Estado varguista de 1930. Menos de ano depois começou a circular *Darbininkų Žodis*, o primeiro em idioma lituano vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) sendo produzido pelos lituanos Abrahão e Tzia Kovalsky e Albino Kynas, sendo uma tipografia montada em sua residência¹⁰⁷. Ali, eram impressos tanto o jornal *Darbininkų Žodis*, o *Nossa Palavra*, em iídiche, além de diversos panfletos do Socorro Vermelho Internacional (MPOR). Dessa forma, nas páginas do jornal, podemos encontrar referências a movimentos políticos de distintas localidades, como EUA, Europa e Argentina. Do ponto de vista ideológico seguia estreitamente a linha política do PCB e da Internacional Comunista (IC) por essa época, ou seja, a da política independente

¹⁰⁷ Prontuário n. 1467 – Albino Kynas. Deops/SP, Apesp.

de classe que ficou conhecida na América Latina como *obreirismo*. Essa política negava qualquer possibilidade de coligação dos partidos comunistas com outras organizações de esquerda, em particular a social democracia que, muitas vezes, foi vista como um perigo maior que o fascismo. Podemos perceber pelas apreensões realizadas pela polícia, que para a produção do jornal foi articulada uma rede de comunicação com outros jornais lituanos, principalmente com os de orientação comunista publicados nos Estados Unidos, que para tal contava com o suporte da ALDLD e dos jornais *Laisve* (Liberdade) e *Vilnis* (Onda).

Outra publicação que seguia a mesma linha do *Darbininkų Žodis* era o *Mūsų Darbas* (Nossa Palavra) produzido em Buenos Aires, Argentina, do qual não dispomos de informações, pois o único exemplar preservado está junto aos arquivos do Deops. O jornal divulgou amplamente o fechamento *Darbininkų Žodis*, que ocorreu em dezoito de março de 1932, quando Abraão e Tzia Kovalsky foram detidos juntamente com Albino Kynas e Leon Shofferman. Assim, o *Mūsų Darbas* trouxe em suas páginas detalhes de como se realizou a operação policial e denunciando quem foram os delatores, pois a polícia contou com a colaboração do lituano João Gerulaitis, o que nos demonstra a comunicação dos grupos de esquerda entre os lituanos radicados em distintos países. O jornal de abril de 1933, assim descreveu:

Depois da reação desencadeada no Brasil e das provocações de Gerulaitis, o trabalho das organizações de São Paulo ficou quase completamente desorganizado (...) os órgãos dirigentes têm de revisar todas as nossas organizações para livrar-se de todos os desorganizadores os quais deixou o provocador Gerulaitis, do qual já arrancamos a máscara.¹⁰⁸

Se a atuação do consulado e da igreja ajudaram as autoridades brasileiras a colocar fim às primeiras iniciativas dos lituanos de esquerda, o combate ideológico perpassava o dia-a-dia dos seus jornais. Estes buscavam instigar os lituanos para que não participassem das atividades comunistas e, em tom agressivo, incitava a comunidade a combatê-los. Esse papel cumpriu, sobretudo o *Lietuvis Brazilioj*, que como mencionamos era editado pela cooperativa *Šviesa*, patrocinado pelo consulado lituano, tendo sido editado até o ano de 1940, quando foi fechado devido às leis de nacionalização adotadas pelo Estado Novo¹⁰⁹. Em suas páginas podemos encontrar a

¹⁰⁸ “As dificuldades de Organização no Brasil”. In: Jornal *Mūsų Darbas*, Buenos Aires, abril de 1933.

¹⁰⁹ *Lietuvis Brazilioj*. Coleção do autor.

difusão das atividades das organizações vinculadas ao consulado, como a *Sąjunga*, o coro de música lituana *Viltis* ou das escolas. Para além, difundia os avanços do governo de Antanas Smetona, visto como um grande líder político e que estava modernizando a Lituânia, chegava-se mesmo a publicar páginas inteiras com a transcrição de seus discursos. Assim, moldava-se o culto a sua personalidade, dos símbolos nacionais. Fotos com roupas típicas, desfiles e novos prédios públicos completavam a construção de uma imagem positiva da Lituânia. Fazia parte da estratégia do jornal criticar sistematicamente as atividades das organizações de esquerda, realizando um enfrentamento ideológico que buscava disputar a consciência política dos imigrantes. Entre os exemplos, destacamos um artigo que denuncia as atividades comunistas além de desclassificados.

Desde há muito concentra-se na Vila Zelina o ninho de comunistas denominado “associação de cultura” (...) trabalham sob a máscara de operários, mas não são. Que espécie de gente é essa que se chamam de “culturalistas” nem todos o sabem, pois que além dos festivais, em nada mais se distinguem, em nada mais aparecem, a não ser quando andam por aí a pregar panos vermelhos e a distribuir boletins comunistas, a espalhar literatura comunista.¹¹⁰

Pelos anúncios publicados no *Lietuvis Brazilioj*, podemos observar que os lituanos começavam a ter outra forma de inserção econômica, pois ali apresentavam seu pequeno comércio, suas lojas ou serviços que visava a busca de clientes entre os seus compatriotas. Contudo, um dos grandes patrocinadores do jornal nos anos 1930, foram empresas que lidavam com o comércio de terrenos e casa na região da Mooca. A ideia de um empreendimento imobiliário na região de Vila Zelina combinou com a busca dos lituanos católicos por construir uma igreja. Cláudio Monteiro Soares Filho doou para a *Comunidade Lituana Católica Romana de São José* um terreno no centro da região, em 1934. De posse do terreno, o próximo passo foi buscar recursos para a construção e a realização do projeto. Os recursos foram conseguidos e o projeto ficou a cargo do escritório de Ramos de Azevedo. Em apenas dois anos a igreja de São José foi erguida sendo consagrada em 16 de fevereiro de 1936, lembrando o dia da independência da Lituânia. Coube ao jornal lituano divulgar a construção da igreja e a fazer propaganda dos terrenos.

¹¹⁰ Tradução do artigo “Impressões do Festival dos Culturalistas” publicado pelo jornal em idioma lituano *Lietuvis Brazilioj*. nº 42 (250), São Paulo, 21/10/1933. Prontuário nº. 539 – *Clube Lituano de “Cultura de Vila Zelina*. Deops-SP, Apesp.

Dessa forma, uma parte significativa dos lituanos passou a se concentrar naquela região da cidade e, aos pouco, a Vila Zelina se tornou um lugar de referência para a comunidade. Dessa forma, articulando interesses econômicos, afinidades políticas e recursos provenientes da Lituânia, moldava-se um bloco entre nacionalistas e católicos que passaram a organizar e a disciplinar parte da comunidade. Entre os objetivos, como já exemplificamos, colocava-se o combate ao comunismo entre os lituanos. O processo na Argentina foi bastante semelhante no que diz respeito à repressão e à interrupção da produção de periódicos de esquerda, com o estabelecimento de relações amistosas entre os setores de direita da coletividade e as autoridades. Neste ponto reside uma questão fundamental, pois assim como no Brasil, as organizações que contavam com o apoio do governo lituano tinham acesso aos órgãos de Estado, em muitos casos diretamente com os responsáveis pela repressão, notadamente no Brasil esse papel coube diretamente ao Deops.

No Brasil, as autoridades lituanas, através do consulado, começaram a colaborar para reprimir os lituanos que se posicionavam contra o governo particularmente aos comunistas. Não raramente esta ação se deu através do uso da violência, o que incluiu a destruição de jornais e associações, prisões, torturas e expulsões. Foi um momento difícil para os trabalhadores lituanos, pois caso fossem denunciados pelo consulado lituano como comprometidos com as organizações de esquerda a primeira consequência era a perda do emprego e grandes dificuldades para encontrar novas possibilidades de trabalho. Essa era uma chantagem poderosa principalmente em períodos de crise. Esse projeto de denúncias e repressão não atingiu somente os comunistas, mas todas as dissidências políticas ao nacionalismo e à igreja católica. Como ocorreu com o *Lietuvis Aidas Brazilioj*.

O *Lietuvis Aidas Brazilioj* (Eco dos Lituanos no Brasil) foi organizado por Antanas Dutkus, que como mencionamos, foi um dos fundadores da primeira associação lituana¹¹¹. Dutkus organizou diversos jornais, mas o que teve maior circulação foi justamente o *Aidas* que começou a circular em 1927 e teve suas atividades encerradas em 1940, devido às leis de nacionalização impostas pelo Estado Novo que impedia a circulação de jornais e publicações em idioma estrangeiro.

¹¹¹ *Lietuvis Aidas Brazilioj*. Nrº 1, ano 1. São Paulo, 1/06/1927. Nacionalinė Martynos Mažvydo Martyno Biblioteka.

Em suas páginas constatamos uma postura crítica ao presidente da Lituânia Antanas Smetona, considerando-o nacionalista e fascista. Denominava a elite lituana de “feudais” por terem tomado a terra dos camponeses e repartido entre eles através de um projeto de “reforma agrária”. Foi justamente esta ação governamental que levou os lituanos camponeses a deixarem seu país de origem e, neste período, o destino foi o Brasil. Portanto, Dutkus responsabilizava a elite lituana, bem como o governo daquele país pelo momento traumático e, indiretamente, pelas péssimas condições de vida que os imigrantes encontravam no Brasil.

Com essa perspectiva, assumia uma postura crítica as formas de nacionalismo, particularmente aquela sustentada pelos lituanos do Partido Nacionalistas (*Tautininkas*) e a influência destes no Brasil. Defendia a democracia criticando todas as formas de autoritarismo, distanciando-se sobretudo dos fascismos no momento em que os conflitos com esses se tornavam mais agudos, como com o início da Guerra Civil Espanhola. A mesma postura observamos com relação às autoridades eclesiásticas, sobretudo aos padres que atuavam junto à coletividade lituana. Os artigos, muitas vezes, tomavam aspecto violento, quando atacavam o comportamento moral do clero e a função desta instituição religiosa, como no artigo: “Para que Serve a Igreja?”, no qual argumentou que esta instituição era o “pior inimigo do operário” e os padres viviam uma vida de volúpia e luxo:

Quem viu um padre ou um eclesiástico em farrapos, em vida de miséria, vivendo como nós operários? Ninguém pode ver, pois nenhum deles vive assim. Eles vivem nos quartos luxuosos, sustentam muitas mulheres, e entregam-se a prazeres corporais e volúpia, e o povo fanatizado socorre eles entregando tudo que ganha soando para os parasitas.¹¹²

As críticas constantes ao consulado lituano e à igreja começaram a incomodar as autoridades lituanas no Brasil que fizeram valer de suas boas relações com as autoridades brasileiras para impedir a circulação do jornal, além de indicar que seus editores deveriam ser presos e expulsos do Brasil, pois um jornal que “insultava” o governo da Lituânia, não poderia ser favorável “ao desenvolvimento das boas relações entre os dois países amigos” como afirmou em carta enviada ao Deops que foi concluída nos seguintes termos:

¹¹² “Para que serve a Igreja?”. *Aidas*, São Paulo, 22/08/1931. Prontuário nº. 5452 – *Aidas*. Deops / SP, Apesp.

É, justamente neste instante em que pelo Dec. N 702 de 21 corrente, o exmo Sr Presidente da Republica do Brasil suspendeu as garantias constitucionais atendendo a que se torna indispensáveis as mais enérgicas medidas de prevenção e repressão é mais do que nunca perfeitamente legal o fechamento do jornal *Lietuviu AIDAS Brazilioj* cujas atividades estamos demonstrando, assim como se impões, ao próprio interesse do Brasil a expulsão de seus dois diretores e redatores.¹¹³

A denúncia foi realizada quando a polícia buscava informações sobre o *Mūsų Žodis* e no momento em que vigorava a Lei de Segurança Nacional, uma das mais violentas do período Vargas que facilitava os processos de expulsão dos estrangeiros envolvidos com atividades políticas no Brasil. A estratégia, neste caso não teve resultados e a polícia não investigou o jornal. Este só foi fechado pelas autoridades com as leis de nacionalização, como já nos referimos.

O posicionamento político sustentado pelo jornal o colocou em conflito tanto com os comunistas, quanto com os nacionalistas e católicos. Dutkus disputou a direção da *Sociedade Lituana Žibury* e na ocasião militantes comunistas lançaram duros discursos atacando o *Aidas* na presença dos seus redatores. Argumentavam que estes haviam mudado de lado “saindo das fileiras dos padres e cônsul, para a banda dos operários, mas agora já era tarde”.¹¹⁴ Os comunistas, não identificados, se referiam ao fato de Dutkus ter se aproximado do primeiro cônsul lituano durante a formação da efêmera associação. Após essa reunião presenciada pela polícia, o *Žibury* passou a ser controlado pelos comunistas, razão pela qual foi fechado. Mas os ataques realizados pelos comunistas persistiram. Quando o jornal comunista *Mūsų Žodis* publicava críticas aos editores do *Aidas*, exemplares eram “atirados” na residência de Dutkus, como forma de provocação.¹¹⁵ Nesse sentido, podemos observar que o jornal se opunha as três principais forças políticas que atuavam na coletividade e sua longevidade nos mostra como encontrou um espaço de atuação.

Na Argentina, o *Rytojus* continuava em pleno funcionamento e com cada vez mais influência na América, mesmo com o retorno de Mizara aos Estados Unidos, e por seu crescimento, também teve que enfrentar os ataques nacionalistas. Para auxiliar na produção e distribuição, o *Rytojus* recebeu a ajuda de um experiente ativista político emigrado da Lituânia Pranas Ulevičius, cuja trajetória nos dá uma dimensão dos conflitos vivenciados e da rede de suporte constituídos pelos lituanos. Ulevičius

¹¹³ Carta do cônsul da Lituânia ao Delegado de Ordem Política e Social. São Paulo, 26/03/1936. Prontuário nº. 2748 - *Kostas Uckus*. Deops / SP, Apesp.

¹¹⁴ Prontuário nº. 1398 – *Sociedade de Cultura Jibury*. Deops / SP, Apesp.

¹¹⁵ Prontuário nº. 77670 – *Jornal Musu Zodis*. Deops / SP, Apesp.

nasceu em uma família de agricultores em 17 de outubro de 1907 em Vilkaviškis, teve onze irmãos dos quais quatro sobreviveram e uma delas imigrou para os Estados Unidos antes da Primeira Guerra Mundial. Sua vida de militante político começou quando ingressou na Juventude Comunista, em 1925. Naquele ano foi detido, junto com outros ativistas e torturado com eletrochoques e transferido para a prisão em Kaunas. Solto voltou a atuar na sua cidade natal, mas foi novamente preso em 1927 e passou a ser sistematicamente perseguido, o que impedia a sua atuação. Imigrou para a Europa onde atuou entre 1928 e 1929 no Partido Comunista Lituano que mantinha uma seção na Alemanha, onde trabalhou na parte de produção de material impresso e literatura comunista. Foi novamente preso e quando foi solto passou a viver em Kroninsberg. Novamente preso, passou a receber ajuda do MPOR e se mudou para Berlin e mais tarde para Luxemburgo onde também atuava politicamente entre os trabalhadores emigrados da Lituânia, principalmente distribuindo a revista comunista lituana *Balsas*. Foi aceito como membro do Partido Comunista de Luxemburgo naquele ano, mas em 1930 foi novamente preso e decidiu se mudar para a França. Não foi uma boa escolha, pois as autoridades francesas o enviaram novamente a Luxemburgo, preso e expulso naquele Gran-Ducado, voltou para Berlin e depois para Hamburgo, quando foi aconselhado a imigrar para a América do Sul.¹¹⁶

Esta história foi mais uma vez interrompida com o início da ditadura que se estabeleceu em 1930 na Argentina, a violência se tornou uma constante contra os grupos que contestavam a ordem e, assim, o *Rytojus* foi um dos alvos primeiros alvos entre os lituanos. Na madrugada de 22 para 23 de setembro de 1930, a polícia invadiu a gráfica do jornal lituano e a empastelou, destruiu os móveis e as máquinas de impressão, além de apreender uma série de documentos, como as cartas, livros caixa e demais documentos administrativos. Munidos destas informações a polícia passou a prender nos dias seguintes, os ativistas lituanos que contribuía com a publicação em suas residências. Na prisão eles foram submetidos a constantes torturas o que incluía espancamento, choques elétricos e afogamentos.

A violência empreendida pelas autoridades argentinas não fez com que os lituanos comunistas desistissem de suas organizações, pelo contrário, estavam determinados a não só dar continuidade a estas, como a denunciar os responsáveis pela violência a que foram submetidos. Quando o presidente da comissão do *Rytojus*

¹¹⁶ *Autobiografija Pranas Ulevičius*. Lietuvos Komunistų Partija Centro Komiteta. Fondas 77 – 28. LKP Archivas.

Robertas Nenenas foi solto, imediatamente deu início ao trabalho de reorganizar as publicações de periódicos lituanos. Para tal contou com a colaboração do então tesoureiro do jornal, além do casal Juozas e Ona Cerniauskas.

Como a situação era bastante difícil o grupo de lituanos comunistas optou por formar uma gráfica clandestina e lançar uma nova publicação, enquanto a do *Rytojus* estava impossibilitada. Para essa atividade foram escolhidos Pranas Ulevičius e Antanas Tomašiunas que instalaram uma imprensa nos subúrbio de Buenos Aires conhecida como Dock Surd e ali deram início ao quinzenário *Tiesas Žodis* (Palavras Verdadeiras) cujo primeiro número saiu em 17 de outubro de 1930. Entre os principais objetivos da publicação estava o de denunciar os lituanos colaboracionistas e as condições vivenciadas pelos presos políticos. A ênfase nesta questão e o rápido sucesso da publicação levaram as autoridades argentinas a empreender ampla e violenta investigação entre os lituanos e no dia 30 de maio do ano seguinte a gráfica foi descoberta e seus responsáveis novamente presos. Até aquele momento dezesseis números do *Tiesas Žodis* tinham sido publicados¹¹⁷.

O *Rytojus* não foi o único afetado pela repressão desencadeada, os grupos teatrais em sua maioria foram desarticulados, com a prisão de seus integrantes. A situação levou a dissolução do *Dailes Mano Ratelis*, em 1930. No entanto, os grupos teatrais buscaram se organizar e formaram em 24 de maio de 193 o *Liaudies Teatras* (Teatro do Povo)¹¹⁸. O novo grupo organizou além de peças de teatro, grupos musicais, particularmente de coro. Suas atividades eram constantemente denunciadas às autoridades argentinas, principalmente pelos padres e pelas organizações nacionalistas. Em alguns momentos foram interrompidas por atos de violência. Nessa situação de tensão em 26 de novembro de 1932 as autoridades argentinas detiveram diversos integrantes do grupo teatral. Essa ação não foi suficiente para intimidar aos lituanos que seguiram se organizando e montaram seções em diversas cidades, como em Buenos Aires e Quilmes. Em Rosário, os grupos teatrais decidiram aderir às atividades do *Liaudies Teatras* de Buenos Aires, em 1934. Articulavam, assim, o intercâmbio de obras e a coordenação de atividades.

Outro grupo afetado pela repressão foi a associação de Berisso *Vargidienis*, pois esta foi ocupada por forças policiais na madrugada de 17 de junho de 1931 e seus

¹¹⁷ *Tiesos Žodis*. Lietuvos Nacionalinė Martyno Mažvydo Biblioteka.

¹¹⁸ Argentino Lietuvių Kolonija. Lietuvių Liaudies Teatra. Direkcijos ir Sekcijų Posėdžių Protokolai. Fondas 13698-1-30. LKP Archivas.

integrantes, que eram vinculados às perspectivas socialistas e comunistas, foram detidos. O caso do *Vargidienis* nos demonstra a articulação entre o consulado lituano, grupo nacionalista (*Tautininkas*) e as autoridades argentinas. Após a ocupação da associação, o cônsul lituano assumiu a direção da entidade e nela fez ingressar os grupos nacionalistas que desde então a dominaram sendo os esquerdistas expulsos da mesma. Em 1936, o nome *Vargidienis* foi retirado da entrada da associação e pouco depois as atividades suspensas e em 1939, a associação, foi renomeada como *Argentinos Lietuvių Savišalpine Tautininkų Draugija* (Sociedade Amiga dos Lituanos Nacionalistas na Argentina).

A situação entre 1930 e 1931 foi marcada por protestos e violência, os movimentos os grevistas ocorreram episódios conhecidos como "balaceras" que, como o nome indica, era a organização de bando armados que não raramente incluíam policiais para disparar contra os manifestantes. Esses episódios resultaram em diversas mortes e entre elas destacamos a de dois lituanos. Stasias Simanavičius e Jobucas Lista eram ativos membros dos Partido Comunista, com atuação na fábrica Bela Vista na cidade de Rosário. Durante uma greve os dois foram alvejados e faleceram. A memória dos dois ativistas e dos episódios que levaram a seu assassinato foi registrada em um panfleto intitulado *Netekome Dar Dvieju Draugu!* (Perdemos Mais dois Camaradas!) publicado em 1931.¹¹⁹ Na mesma cidade, naquele ano, um conflito no frigorífico Swift, os grevistas Povilas Urbietis e Kazys Civas também foram agredidos pela polícia, juntamente com os demais operários que organizavam uma greve.

Com a eleição de Justos, em 1932, a repressão foi amenizada, pois o novo presidente concedeu anistia a muitos dos presos políticos, entre estes muitos lituanos que estavam detidos na Vila Devoto. Com a liberdade os militantes voltaram às suas atividades políticas. Naquele ano, tanto o Partido Socialista, como o Partido Comunista chamaram a uma luta nacional pelos direitos civis e por melhoria nas condições econômicas dos trabalhadores. Foi justamente nos sindicatos que atuavam na indústria da carne que este movimento tomou maior importância.

Naquele mesmo ano, os militantes lituanos em Buenos Aires deram início a reorganização do *Rytojus*, que após retomar sua propriedade e reorganizar o seu conteúdo, voltou a ser publicado, chegando inclusive a receber amplo apoio dos

¹¹⁹ *Netekome Dar Dvieju Draugu!* Argentinos Lietuvių Kolonija. Draugijoje "Diegas" Fondas 13698

lituanos radicados no Uruguai. No entanto, no ano seguinte as perseguições políticas voltaram a ameaçar o *Rytojus* e a comissão editorial decidiu publicá-lo na clandestinidade. Para esse trabalho foram designados Pranas Ulevičius e Antanas Tomašiunas. A ideia era trocar o local de impressão, mas sempre no centro da cidade de Buenos Aires, para facilitar a aquisição de material - como tinta e papel de diferentes fornecedores - e a distribuição.¹²⁰ A estratégia foi acertada, pois durante cinco anos o jornal foi regularmente publicado e difundido não só em Buenos Aires, mas também para o interior da Argentina, para o Uruguai, Brasil, Estados Unidos, Canadá e mesmo para a Austrália.¹²¹ Com esse progresso em suas atividades o jornal se tornou um importante instrumento de luta para os lituanos comunistas, tanto para a mobilização dos lituanos em questões mais gerais relacionados ao movimento comunista e sindical, como na luta interna contra outras tendências políticas na comunidade lituana, particularmente contra os nacionalistas e católicos.

Para reforçar suas atividades, os lituanos comunistas na Argentina consideraram que era necessário articular mais do que uma publicação regular e perceberam que deveria ser na cidade de Rosário, pois na localidade já existiam organizações e uma intensa luta antifascista. Assim, Pranas Ulevičius que se uniu com ativistas locais formando a revista *Dabartis* (Atualidade)¹²². A publicação tinha uma função diferente da do *Rytojus* era uma revista com trinta e duas páginas nas quais se valorizava uma análise mais profunda e teórica das questões políticas além de valorizar a literatura, fosse com tradução do espanhol, ou com escritores lituanos radicados não só na Argentina, como no Brasil e Uruguai.

A valorização de análises mais aprofundadas e de obras literárias fez com que os colaboradores da *Dabartis* organizassem um fundo editorial para a publicação de obras completas. Importante observar que o combate ao fascismo e o tema da Guerra Civil Espanhola tomaram cada vez mais importância, como podemos observar nos títulos publicados naqueles anos: *Kova Prieš Kara ir Fasizma* (A Luta Contra a Guerra e o Fascismo) que também foi traduzido para o espanhol por Juozas Makulis (seu nome verdadeiro era Juozas Sabaliauskas), *Espanha em Armas* (*Ispanija*

¹²⁰ Argentinos Lietuvių Kolonija. Argentinos Lietuvių Spaudas Koperativinės Bendrovės “Rytojus”. Fondas 13698 – 1 -14.

¹²¹ Como pode ser constatado nas diversas cartas enviadas e publicadas naquele jornal ao longo dos seus anos de atividades. *Rytojus Nacionalinė Martynos Mažydo Martyno Biblioteka*.

¹²² *Dabartis*, Literatūros, Kritikos, Mokslo, Menesinis Darbininkų Žurnalas. Editado por las Organizaciones Obreras Lituanas de Sud America. Nº.2, Ano. I. Dezembro, 1934. Coleção privada Roberto Alecksiunas. Buenos Aires, Argentina.

Gingluose) que foi traduzido por Antanas Tomašiunas, *Pietų Amerikos Lietuvių Kalendarius* (Calendário dos Lituanos na América do Sul)¹²³ que foi organizado e redigido por Pranas Ulevičius e que buscava não só analisar as temáticas mais importantes naquele momento sobretudo as questões relacionadas a Guerra Civil Espanhola, mas buscou retomar a trajetória das principais organizações de esquerda na América. A *Dabartis* encerrou suas atividades em 1937 depois de ter editado trinta números, pois a maioria dos seus editores uniu-se às Brigadas Internacionalistas para lutar na Espanha, como analisaremos, porém o fundo editorial constituído naquela cidade continuou a editar obras. Nos anos de 1940 foram editadas as obras de V. Codovila *Pela Liberdade e Civilização e Pela Vitória da Democracia (Už Demokratiją Perale)*¹²⁴.

Nos primeiros anos da década de 1930, os lituanos radicados no Uruguai deram início a órgãos de imprensa próprios. Como mencionamos anteriormente eles já davam suporte ao *Rytojus* e distribuíam regularmente a literatura enviada pela ALDLD, mas essas atividades foram interrompidas, quando o jornal argentino foi suspenso. Ao mesmo tempo, aportaram no país diversos ativistas vindos da Argentina e do Brasil que tinham sofrido processo de expulsão ou buscavam se refugiar da repressão nos dois países. Foi justamente o ativista Alfonsas Marma expulso do Brasil que deu início ao primeiro jornal lituano no Uruguai. Junto com as organizações de esquerda naquele país organizou o *Proletaras* (O Proletário) que lançou seu primeiro número em 1931. Apesar dos esforços, a publicação era bastante precária, pois ao não conseguirem uma gráfica, utilizaram o mimeógrafo.

Com os esforços para a primeira publicação, os lituanos no Uruguai conseguiram melhores condições e decidiram realizar uma nova publicação que passou a ser denominada de *Raudonoji Vėliava* (Bandeira Vermelha), sendo redigido também por Alfonsas Marma. Embora fosse melhor do que o mimeógrafo, o jornal ainda não contava com uma imprensa profissional e era feito de forma precária. Eram realizados em uma forma de "carimbo" e depois mergulhados na tinta e colocados sobre o papel. É importante lembrar que nesse momento o Uruguai passava por um período de instabilidade política, como colocamos, e que portanto essas publicações

¹²³ *Pietų Amerikos Lietuvių Kalendarius* 1937. Op. Cit. Biblioteca Susiveinimas. Buenos Aires, Argentina.

¹²⁴ Victor Codovila. *Už Demokratiją Perale*. Dabartis, Rosario, 1936.

eram realizadas na clandestinidade, sendo que alguns dos integrantes da comissão editorial chegaram a ser detidos pela polícia.

No país, as atividades socialistas também desenvolveram sua perspectiva em torno da associação *Kuturos Draugas* (Amigos da Cultura) que contava com aproximadamente setenta sócios regulares, que não eram muitas se comparadas com as demais associações lituanas. Organizavam apresentações teatrais, além de festividades que ajudavam a angariar recursos, com esses financiavam a publicação do jornal *Naujoji Banga* (Nova Tendência) que foi realizada durante sete anos o jornal foi planejada como uma ação conjunta do Partido Socialista Uruguaio e dos sócios da *Kuturos Draugas*. Os apoiadores compraram cotas no valor de dez pesos uruguaios para formar uma empresa denominada de *Bangas* (Tendência) que seria a responsável técnica e jurídica da publicação. Assim, em 7 de novembro de 1932 foi lançado o primeiro número do jornal sendo editado quinzenalmente. Somava-se ao esforço financeiro o empenho dos sócios que dedicavam seu tempo disponível para a sua realização. Contudo, os recursos obtidos com a venda não eram suficientes para dar continuidade à impressão e dependiam de doações externas ou das atividades da associação para complementarem os mesmos.

O jornal tinha seis páginas com diferentes seções de informações, de cartas dos leitores e uma específica das atividades da *Kuturos Draugas*, mais tarde a associação passou a manter um representante remunerado na redação do jornal. Em suas páginas, sistematicamente atacava os nacionalistas, os católicos e os comunistas. Manteve uma orientação antifascista e de defesa da República durante a Guerra Civil Espanhola, mas se recusou a fazer parte da Frente Única Antifascista seguindo a orientação recebida do Partido Socialista Uruguaio, por considerar que esta era dominada pelos comunistas. Com isso, manteve-se distante do *Darbas*, e não raramente o criticava, bem como das demais organizações antifascistas lituanas. Essa postura levou ao seu isolamento político e a sua decadência. Em 1939, por falta de recursos financeiros e dificuldades na venda, os sócios decidiram por encerrar a publicação, pondo fim à experiência socialista organizada entre os lituanos no Uruguai. Entre as dificuldades do jornal estava a de sobreviver diante da ferrenha polarização que se formou tendo de um lado a unidade católica-nacionalista e de outra o predomínio dos comunistas, o que não deixava espaço para outras perspectivas.

No início da década de 1930, a comunidade lituana na Argentina estava imersa em um conflito bastante violento. Três correntes políticas se organizaram e se

enfrentavam cotidianamente pelo controle das instituições e pela mobilização dos imigrantes. O primeiro grupo se vinculava as ideias de esquerda e se aproximava do partido comunista, a organização nacionalista (*Tautininkais*) e os católicos. Observamos assim uma importante diferenciação com relação ao Brasil, pois católicos e nacionalistas formaram um bloco único de apoio em São Paulo, já na Argentina a situação entre os dois grupos foi mais tensa.

Cada um dos grupos organizou seus órgãos de imprensa e disputavam o controle das organizações na Argentina. O jornal com maior distribuição e longevidade foi o *Pietų Amerikos Žinios* (Notícias da América do Sul) fundado em 1930 por Kazys R. Kliuga e se apresentava como um órgão dos lituanos nacionalistas na Argentina¹²⁵. O jornal sempre adotou uma postura conservadora e nacionalista com elogios ao presidente lituano Antanas Smetona e suas realizações e ao combate que empreendia ao comunismo. Ao longo dos anos de atividade seu discurso foi se tornando cada vez mais radical o que o aproximou do fascismo, chegando mesmo a elogiar Hitler e o exército alemão. A admiração ao nazismo e suas realizações se expressam não só nos artigos, mas em sequências de fotos que eram reproduzidas destacando os avanços técnicos e a construção de artefatos militares.

As questões da coletividade lituana eram tratadas com bastante violência, principalmente quando denunciava a atividade de lituanos considerados esquerdistas e comunistas. O jornal contava com um sistema de distribuição bastante abrangente, pois além do leitor poder realizar uma assinatura e receber pelo correio poderia adquiri-lo nas associações nacionalistas lituanas. Na Argentina os centros nacionalistas foram abertos em Avellaneda, onde o jornal era produzido, Berisso, Rosário, Tucumán e Córdoba e no Uruguai era distribuído na cidade de Montevideu, na associação nacionalista que se localizava no bairro do Cerro. Não temos informações sobre sua distribuição no Brasil, mas algumas considerações são necessárias. Analisando os artigos observamos que as informações referentes aos lituanos no Brasil tinham uma mesma origem o *Lietuvis Brazilioj*, o que demonstra um significativo intercâmbio de informações entre as duas publicações que, do ponto de vista ideológico e financeiro, pertenciam ao mesmo grupo que recebia recursos e propaganda do governo Lituano. As publicações eram parte do aparato montado por

¹²⁵ *Pietų Amerikos Žinios*. Biblioteca Nacional de la República Argentina.

Antanas Smetona, para na luta contra a esquerda, difusão do nacionalismo de inspiração fascista e no culto a sua personalidade que como vemos deveria mobilizar também os emigrados.

Esse esforço do governo de Smetona significava uma percepção ampla de comunidade nacional, pois abrangia mesmo aqueles que haviam deixado o país. Assim, os emigrados não eram vistos de forma pejorativa, como traidores, ou como aqueles que haviam abandonado a sua comunidade, pelo contrário, deveriam ser mobilizados envolvidos no processo social e político, ou seja, no projeto nacionalista. Poderíamos aqui nos perguntar qual era o propósito do governo? Teria um projeto de retorno para os imigrantes? Analisando os jornais, não percebemos incentivos ao retorno ou mesmo notícias de famílias que teriam retornado. Assim, mesmo que tenha sido uma intenção, ou um horizonte, na prática não se realizou. Como resultado, começou a se formar uma estrutura de instituições que modulava a comunidade lituana no exterior que, por circunstância políticas, acabou por desempenhar um importante papel na história da própria Lituânia.

Os conflitos entre os distintos grupos políticos não se dava somente através de palavras e em muitos casos buscavam apoio nas autoridades argentinas, principalmente recorrendo ao Ministério de Relações Exteriores. Na Argentina havia uma lei que estabelecia a redução de tarifas para jornais, o que incluía aqueles em língua estrangeira. Para tanto, a publicação deveria estar devidamente registrada. Portanto, o que se visava ao recorrer ao Ministério era que este suspendesse o registro do jornal para que fosse suspensa a tarifa reduzida e, assim, impedisse, ou dificultasse a circulação do jornal adversário. Essa situação ocorreu com dois periódicos de direita, o *Švyturys* (O Farol) editado pela Confederação Católica Lituana de Buenos Aires cujo presidente era o padre José Janilionis e com *Pietų Amerikos Žinios* (Notícias da América do Sul), ambos formularam ataques à Legação Lituana que recorreu de imediato ao Ministério argentino solicitando o fim da tarifa reduzida¹²⁶.

Na Argentina, o Ministério das Relações Exteriores recebia as denúncias formuladas pela Legação Lituana. Por sua vez, o Ministério das Relações Exteriores encaminhava as denúncias para os órgãos competentes, fosse o Ministério do Interior ou diretamente aos órgãos de polícia. Um exemplo, desta situação foi a denúncia

¹²⁶ *Švyturys*. Biblioteca Nacional de La República Argentina.

realizada em 17 de janeiro de 1933, quando em um Memorando a Legação da Lituânia informou que no dia sete daquele mês no restaurante de Kazys Kausakys “extremistas” da sociedade lituana “*Sandara*”¹²⁷ Janusaitis, Pranas Pivoriunas y Ambrazaitis atacaram o lituano Petras Čiučelis produzindo cortes com vidro em seu rosto deixando-o em estado grave, razão pela qual foi encaminhado ao hospital. O documento se refere ainda a outro ataque semelhante a K. Kliauga diretor do jornal de direita *Argentinios Žinios*. Afirma ainda que os lituanos extremistas teriam planos de explodir o prédio da Legação Lituana em Buenos Aires.

O Ministério se preocupou com os ataques e tomou duas providências: solicitou aos jornais que não mais formulassem ataques à Legação Lituana, com o qual os dois se comprometeram e, ao mesmo tempo, solicitou à polícia e ao Ministério do Interior que investigassem “discretamente” se as denúncias realizadas procediam. Para tanto, a polícia apreendeu exemplares dos jornais e os traduziu. Completou a ação o acompanhamento por parte da polícia das reuniões públicas realizadas pela coletividade lituana e enviou relatórios de vigilância ao Ministério para que esse acompanhasse os desdobramentos.

O conflito entre nacionalistas, católicos e a esquerda afetava as organizações lituanas, como no caso de Berisso, o conflito dividiu a primeira organização lituana na América, a *Vargidienis*. Em 1931 se formou na mesma localidade a *Sociedade Lituana Católica de Socorros Mútuos Mindaugas* de Berisso, reunindo inicialmente trinta sócios. A sociedade se desenvolveu e em 1935 aderiu à Confederação Católica e desenvolveu ampla atividade formando inclusive uma escola em sua sede. Com isso, a Confederação reuniu a igreja que se localizava na região de Avellaneda, a *Mindaugas* e adotou como órgão de imprensa, o mencionado *Švyturys*.

Com o propósito de combater os movimentos de esquerda as organizações nacionalistas e católicas realizaram um congresso objetivando unificar as suas atividade ao que se intitulou “*Frente único en la lucha contra el comunismo y ateísmo en Sudamérica*”, as resoluções foram publicadas no diário *Bandera Argentina* de setembro de 1936, no qual estabeleceram nove objetivos para os quais deveriam lutar e os enviaram para as autoridades argentinas além de difundi-los na imprensa:

¹²⁷ A *Sandara* foi uma organização com influência nazista que atuou na Lituânia, nos Estados Unidos e no Canadá. Na América do Sul encontramos poucas referências à atuação desta.

1°. Concentrar todas las fuerzas contra el comunismo y la organización disfrazada con el nombre engañoso de “Frente Popular” desenmascarándolos por la presa y asambleas de carácter popular, religioso y nacional, para aplicar con mano fuerte la ley salvadora de la Colectividad Lituana, amenazado por las huestes devastadoras del Soviet.

2°. Condenar oficialmente y protestar contra las actividades de la Legación Lituana, por alojamiento en la legación al famoso Matas Salcius, que es sembrador de discordia entre el pueblo pacífico, organizador del “frente Popular” y por la acción contra los católicos en Sud-America y del capellán de la colectividad, etc.

3°. Pedir al Gobierno que recomiende a la referida legación no proteger al frente subversivo y anticatólico.

4°. Pedir al DURL (Asociación Lituana pro Ayuda en el Extranjero), que suspendan los fondos destinados a la Legación para fomentar prensa del “Frente Popular” que siembra de nerviosidades en el ambiente pacífico de dicha colectividad y con ella provoca e incita a adoptar posiciones a exponer definiciones y ponerse frente a frente.

5°. Demostrar mayor aprecio y estima al capellán Pbro. José Janilionis, que ha merecido honoríficas distinciones en la Fé y Devoción para La Iglesia Católica y la Confederación Lituana.

6°. Facilitar la acción mutua entre los nacionalistas y católicos.

7°. Aunar fuerzas con la prensa católica nacional “ El Pueblo” y “Bandera Argentina” y felicitar a nuestro Cardeal, Obispos, personalidades civiles y eclesiásticas del país y extranjeras entre los que se cuentan el propio Secretario de la Santa Sede, e Excelentísimo Cardenal Dr. Eugenio Pacelli.

8°. Agradecer por escrito a la Administración del diario “La Razón” por el Salón de actos públicos.

9°. Autorizar a la Comisión Directiva de la Asamblea, para publicar en la prensa y firmar las resoluciones y felicitaciones. ¹²⁸

Complementando a nota, a Liga procurou esclarecer quais seriam suas próximas ações sempre enfatizando que se tratava de atividades anticomunistas e sua disponibilidade para o enfrentamento com os grupos de esquerda, enumerando as resoluções de uma reunião realizada em vinte e oito de setembro daquele ano:

- a) Aunar sus fuerzas con la Confederación Lituana Católica y con los Nacionalistas Argentinos para combatir el comunismo en toda forma o manifestación en que se presente, ser esta abierta o solapada. Hacer pública sus finalidades y el nombre de sus gestores anulando la eficacia de sus actos. Prescindiendo de toda finalidad política o material subalterno al elevado propósito que esta alianza, solicitar la

¹²⁸ “La Conf. Lituana Católica Hace un Frente Único en la Lucha Contra El Comunismo y Ateismo en Sudamerica”. *Bandera Argentina*, 20/09/1936. Carpeta Lituania 1934.

colaboración de todo argentino y lituano que quiera ver sufrir a la patria la vergüenza de Rusia o el dolor de España.¹²⁹

A partir da organização da Liga Nacionalista Lituana diversas denúncias contra os lituanos de esquerda foram enviadas ao Ministério de Relações Exteriores, complementando estas ações de solicitar intervenção das autoridades argentinas o presidente da Liga Dr. Hincas e seu secretário Nakutis enviaram uma nota ao Governador da Província de Buenos Aires. A nota enviada ao governador foi publicada na íntegra pelo jornal *Crisol* em outubro daquele ano, a destacando com o título: “*Se realizan actividades Soviéticas en la legación de Lituania. Lo Denuncia la Junta Nacionalista de Aqueel País. Nota Al Gobernador de Buenos Aires*”. Com esta denunciavam que a Legação Lituana em Buenos Aires “dava abrigo” a diversos elementos que se vinculavam à Frente Popular, além de apresentar uma lista de jornais em idioma lituano que estariam difundindo suas ideias das quais constam o *Argentinos Lietuvių Balsas* (A Voz dos Argentinos na Argentina), *Išven* (Solidariedade), *Momentas* (O Momento), *Dabartis* (Atualidade). Notemos que dos jornais mencionados consta o *Balsas* que não era vinculado ao movimento comunista, como analisaremos, mas o fato de apoiar o movimento republicano na Espanha e de ter se afastado dos nacionalistas e católicos, o colocava como suspeito. Portanto, sua independência dos grupos políticos não o livrou dos embates.

Em meio a essa polarização, o principal jornal lituano na América do Sul foi o *Balsas*, que não raramente teve que enfrentar tensões com os dois principais grupos em disputa e, como analisaremos, mudar de posição. Como já mencionamos, o *Balsas* foi fundado junto com as associações que dariam origem ao Centro Lituano e com o suporte financeiro do consulado lituano na Argentina. Assim, nos seus primeiros anos de existência o *Argentinos Lietuvių Balsas* se apresentava como o único jornal “independente” entre os lituanos, de fato, em seu subtítulo acrescentava uma expressão *Bepartyvis Darbo Žmonių Laikraštis*, ou seja, jornal sem partidos dos homens trabalhadores sendo um: “informativo, comercial y defensor de los emigrantes en la Republica Argentina”. Em 1932, o seu subtítulo foi alterado e apresentado como órgão da Sociedade Cultura Lituana *Lietuva*, pouco depois a palavra independente foi removida e substituída por “apolítico”. Tantas mudanças na

¹²⁹ Idem.

forma de se apresentar não são ocasionais e refletem as tensões pelas quais o periódico passava nos seus primeiros anos.

Podemos nos perguntar, portanto, o que significaria “independente” ou “apolítico”, naquele contexto? Ou ainda, quem ou quais seriam os jornais “dependentes e políticos”. Em sua forma de se apresentar o *Balsas* procurava de imediato se afastar de dois grupos atuantes na coletividade lituana, os quais já mencionamos. Por um lado, dos nacionalistas e católicos, que denunciaram o *Balsas* como órgão esquerdista e comunista e por outro, dos comunistas.

O posicionamento adotado pelo jornal gerou conflitos, pois os nacionalistas denunciavam seus editores às autoridades argentinas, particularmente Francisco Ožinskas como difusor das ideias comunistas. As denúncias deram resultados e no dia vinte e sete de outubro de 1931 Francisco Ožinskas foi detido para averiguação de atividade subversiva pela Seção de Ordem Social da Polícia de Buenos Aires. De acordo com a documentação policial enviada ao Ministério de Relações Exteriores a ação se deu, pois a polícia recebeu informações de que em sua residência se realizavam reuniões comunistas e que era militante do Partido Comunista ainda em sua terra natal. Na ocasião de sua detenção foram apreendidos livros com insígnias comunistas e dois “almanaques comunistas” editados na América do Norte. Em suas roupas quando foi “transferido da 2º. Seccion” (sic) foram encontrados artigos escritos por ele para um jornal comunista lituano criticando os governantes argentinos e o tratamento dispensados aos presos.

Não dispomos de documentação que nos permita aprofundar sobre a questão, já que a documentação da Polícia de Buenos Aires não está disponível para consulta – ou talvez não exista – e na documentação do Ministério do Interior disponível no *Archivo General de la Nación* não consta prontuário sobre a questão. Da mesma forma, por questões internas ou prudência diante das autoridades argentinas o *Balsas* daquele ano não faz referência ao acontecimento.

Mesmo diante destes acontecimentos e das mudanças na direção o jornal manteve suas atividades e pode se sustentar tanto pela vendagem e assinatura, com distribuição pelo correio, como pelos anúncios em suas páginas. Se compararmos os anúncios publicados nos outros jornais lituanos editados na Argentina ou no Brasil com o do *Balsas* percebemos que esse conquistou um espaço comercial bastante

relevante, pois não anunciavam apenas os pequenos comerciantes lituanos, mas também importantes fábricas, como a Quilmes, ou ainda instituições bancárias, como o Banco de Boston e o Banco Holandês. Esses dois últimos ofereciam como principal serviço o envio de dinheiro a Lituânia.

O êxito do *Balsas* se dava por algumas características que o diferenciavam dos demais jornais lituanos. Os jornais realizados em uma coletividade são vinculados a alguma associação ou partido e tem como principal função difundir a perspectiva de seus dirigentes. O *Balsas* conseguiu se formar como uma central de informações, construindo uma rede que o vinculou a diversos jornais lituanos editados pelo mundo. Assim, em suas páginas, encontramos a reprodução e comentários de outros periódicos lituanos como, por exemplo, do *Lietuvis Aidas Brazilioj*, ou ainda do *Laisve* dos Estados Unidos ou do *Balsas* da Alemanha, além de jornais da Lituânia. Mantinha uma seção de correspondências, a qual incentivava solicitando que os leitores escrevessem para o jornal suas histórias e notícias de suas regiões. Assim, cartas de diversas províncias argentinas, ou de outros países como Brasil, Uruguai, por exemplo, eram publicadas. Por essas sabemos que o jornal também chegava a estas localidades o que nos demonstra a sua capacidade de distribuição.

Com este desenvolvimento, a gráfica do *Balsas* passou a editar livros em lituano, além de vender por correspondência estes impressos. Entre estes impressos vendia anualmente um calendário da coletividade lituana. Tratava-se de um pequeno livro com os aniversários dos leitores, as festividades das mais diversas associações lituanas na América, encontros e congressos que ocorreriam ao longo do ano. Complementavam o calendário as datas cívicas da Argentina, Brasil, Uruguai e Lituânia, que eram ali explicadas. Todo este trabalho editorial fez com que o *Balsas* se tornasse uma referência para a coletividade lituana nos três países que aqui analisamos.

A partir destas considerações, podemos aprofundar nossa análise sobre o posicionamento político do jornal em seus anos iniciais. Nos primeiros números encontramos uma postura bastante crítica ao governo lituano, tanto assim que muitas vezes se refere ao presidente Antanas Smetona como ditador e fascista, ao mesmo tempo, denuncia as péssimas condições de trabalho nas fábricas e frigoríficos na Argentina, bem como os movimentos dos trabalhadores, principalmente através das

cartas enviadas por estes. Os movimentos políticos na América do Sul também recebiam especial destaque do jornal. No final de 1935, foi a “intentona” comunista no Brasil que ocupou as primeiras páginas. Para que fosse compreensível o que havia ocorrido no país o jornal recorria ao *Lietuvis Aidas Brazilioj* como fonte de informações, particularmente depois que este noticiou a detenção de cinco lituanos em São Paulo acusados de serem comunistas e de terem alguma forma de participação no movimento revolucionário.

Diante do conflito com os fascistas, o jornal *Balsas*, na segunda metade da década de 1930, assumiu uma postura antifascista e acompanhou os desdobramentos da Guerra Civil Espanhola com uma postura claramente antifranquista. Destacou a participação dos lituanos no conflito particularmente daqueles que saíram da América do Sul para lutar, divulgou a campanha de recrutamento para as Brigadas Internacionalistas incentivando o engajamento dos lituanos. Aos que foram para guerra, rendia homenagens e difundia informações, fotos e os nomes dos participantes.

A trajetória do *Lietuvis Aidas Brazilioj*, como vimos, foi subitamente interrompida pela truculência do regime varguista que com o Estado Novo, praticamente impediu a manifestação escrita em língua estrangeira e após a Segunda Guerra, não voltou a se estruturar. Já o *Balsas*, conseguiu uma longevidade muito maior. Mesmo considerando esta diferença algumas relações e comparações se fazem necessárias. O fato de não terem se posicionado, ou se distanciado, tanto dos nacionalistas, como dos comunistas, os colocou em meio a fogo cruzado e não raramente foram atacados pelos dois lados. O fato, de mesmo assim terem sobrevivido unicamente de seu público leitor - pois vale lembrar que eram os únicos jornais que não recebiam recursos de outras origens, fosse governo, partido, etc. - mostra que uma parte significativa da comunidade lituana não era mobilizada por nenhum dos projetos radicais, fosse da direita ou da esquerda.

Se os projetos comunistas e fascistas não os atraíam, isso não significou uma ausência de crítica social e política. Como vimos tanto o *Aidas* como o *Balsas* eram críticos radicais do governo de Antanas Smetona, sendo que o jornal editado no Brasil era declaradamente anticlerical. Eram também críticos das políticas adotadas pelo governo brasileiro e argentino respectivamente. Diante do avanço do fascismo, os

jornais se posicionaram ao lado da esquerda e das frentes antifascistas. Assim, podemos inferir que fora do âmbito nacionalista, na sua maior parte, a comunidade lituana adotou uma postura crítica aos governos tanto da Lituânia, como da Argentina e Brasil e não raramente associou estes ao fascismo. No caso brasileiro, essa postura foi dissolvida pela força do Estado e na Argentina foram as transformações causadas pela Segunda Guerra Mundial que fizeram a publicação mudar de postura, como analisaremos.

Os documentos enviados pela comunidade não era a única fonte de informação do Ministério de Relaciones exteriores y Culto, pois a polícia acompanhou o evento através do agente de 3°. Classe Nicolás Maximovich. A sua versão dos acontecimentos no Teatro Verdi contrastam com os documentos enviados ao Ministério, pois afirma ter sido um encontro “esquerdista” ao que chamava a formação de uma Frente Popular. De acordo com o agente, o orador principal Mastas Salčius foi apresentado por Francisco Ožinskas, diretor do jornal *Argentinos Lietuvių Balsas*. Salčius teria narrado suas viagens pela América do Sul, particularmente Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai e, também para outras províncias da Argentina, como Córdoba. Abordou a situação dos lituanos em Buenos Aires em uma “linguagem de agitador hábil” teria afirmado que:

“la colonia vivía antes bajo al patrocinio del nacionalismo, pero de los intereses personales de los obreros nadie se ocupaba. Actualmente la colonia está librándose del patrocinio de los consulados y curas y el obrero busca ya mismo sus reivindicaciones (...)”

Concluindo que:

“(...) el obrero necesita hacer el frente único para buscarse el pan y no necesita nacionalidades. Este movimiento ha producido disgusto entre la parte nacionalista lituano que se han valido de toda clase de provocaciones y mentiras”¹³⁰

Diante deste discurso, o policial teria procurado intervir, identificando e abordando os organizadores, no entanto, para evitar confusões não teria realizado nenhuma detenção. Notemos que o policial não faz nenhuma menção ao documento que teria sido aprovado neste encontro e levado às autoridades argentinas. Se as palavras de um orador transcritas por um policial é sempre passível de desconfiança, o que é preciso evidenciar é a divisão no interior da coletividade lituana.

¹³⁰ Idem.

Entre as organizações que buscaram um posicionamento político distante de comunistas e nacionalistas temos a SLA, que como vimos anteriormente se formou em 1914, sendo na década seguinte incorporada às iniciativas do governo lituano ao se aproximar do Clube Lituano. No entanto, com o processo de radicalização das perspectivas nacionalistas e com a busca do consulado em impor as organizações à coletividade lituana, a SLA se afastou e levou sua sede para a cidade de Lanús onde formou um importante centro cultural. Analisando os jornais do período observamos que a associação muitas vezes contribuiu para apresentações de grupo de Teatro Operário Lituano (*Lietuvių Liaudies Teatro*) que havia se formado na cidade de Quilmes¹³¹. Da mesma forma, abrigava palestras sobre temas políticos organizadas pelo jornal antifascista *Momentas*. Assim, podemos dizer que a organização manteve uma postura de não se aproximar do fascismo. Tal postura resultou em diversos ataques do jornal nacionalista *Pietų Ameriko Žinios*, que acusava a associação de ter se tornado comunista. Ao que consta esses ataques não produziram efeito, as tensões na comunidade persistiram, particularmente durante a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial.

3.3. A Frente Antifascista. Os lituanos vão a Guerra na Espanha.

Para os que eram jovens naquele momento foi e segue sendo como a lembrança e indestrutível de um primeiro grande amor perdido.

(Eric Hobsbawm, sobre a Guerra Civil Espanhola, *The Guardian*, 2007)

O fracasso da Intentona Comunista abriu um processo amplo de repressão que acabou por desarticular o movimento comunista no Brasil, o que incluía as organizações lituanas vinculadas a essa perspectiva. No período as organizações comunistas em escala mundial passavam por grandes transformações. Na segunda metade da década de 1930, o desafio dos partidos comunistas era o avanço do nazifascismo no continente europeu. A postura de “guerra de classe contra classe” levou os comunistas a um processo de isolamento, quando a perspectiva

¹³¹ *Lietuvių Liaudies Teatro Albumas*, Buenos Aires, Imprenta C N Kujer Polski, 1940.

revolucionária, ou de golpe de Estado, se afastava do horizonte político imediato. Neste sentido, foi no Brasil a última tentativa de Revolução planejada, financiada e executada pela Internacional Comunista e pela URSS. Como observa Michel Lowy, o levante de 1935 foi simultaneamente o último levante militar inspirado por um partido comunista latino-americano e o primeiro passo rumo a uma política de aliança de classe que orientaria o movimento comunista na maior parte de sua história. Não é nosso propósito entrar nas questões específicas do episódio que foi denominado por seus adversários de “Intentona Comunista”¹³².

Contudo, observamos que esta foi realizada em um período de transição. Seu programa era de frente popular, tanto assim que o PCB era a base para a formação da ANL, mas seu método de golpe de Estado. Com o VII Congresso da Internacional foi estabelecida, enquanto estratégia de luta, a articulação das frentes únicas antifascistas, em 1934. Frentes estas que deveriam, de todas as formas, buscar as alianças para enfrentar os movimentos de orientação fascista. No Bureau Sul-Americano estas mudanças foram levadas a cabo já em outubro daquele ano, na III Conferência Comunista da América Latina, com a presença de 19 delegações representando os respectivos partidos comunistas.¹³³

Essas questões podem ser observadas, quando analisamos o desenvolvimento das atividades comunistas entre os lituanos, sobretudo diante da repressão, dos regimes autoritários e do enfrentamento com os grupos nacionalistas, fascistas e nazistas. Para as atividades políticas dos lituanos comunistas em São Paulo, as mudanças de orientação política coincidem com o esforço para a articulação de um novo jornal devido ao fechamento do *Darbininkų Žodis* e a detenção de seus editores. Assim, menos de um ano depois, outro jornal comunista em idioma lituano começou a circular em São Paulo, apresentando as mudanças de orientação das diretrizes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o “obreirismo” foi deixado para trás e se articulava a política de frente ampla antifascista. No Brasil, a liderança comunista e a esperança de tomar o poder passou a ser depositada em Luís Carlos Prestes e a ANL – Aliança Nacional Libertadora, apresentada como uma organização importante no

¹³² Michael Lowy. *O Marxismo na América Latina*. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 1999. p.26.

¹³³ Ver J. F. Dulles. *O Comunismo no Brasil (1935 – 1945)*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977, também Marcos Del Roio. “O Impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil”. In: João Quartim de Moraes e Daniel Aarão Reis Filho (org). *História do Marxismo no Brasil*. Vol. I, O Impacto das revoluções, Campinas, Ed Unicamp, 2003.

combate ao fascismo. Mesmo antes do ingresso definitivo de Prestes na ANL, o *Mūsų Žodis* o colocava como um “importante líder das massas”. O fracasso da “Intentona,” abriu espaço para um amplo processo de repressão política no Brasil que se estendeu para a Argentina e Uruguai, levando a diversas detenções e mesmo a ruptura de relações diplomáticas entre Uruguai e URSS, por pressão do governo brasileiro. Se a “Intentona” teve um impacto decisivo no sentido da desmobilização diante da repressão, logo os comunistas tiveram que enfrentar mais um desafio na luta contra o fascismo. Para compreendermos esse processo é importante recuperar a trajetória do jornal *Mūsų Žodis* e da associação *Rytas*.

O *Mūsų Žodis*, começou a ser formado nas celas do presídio da Ilha Grande, onde se encontravam diversos lituanos detidos pela onda repressiva de 1932. Ali, decidiram retomar as suas atividades assim que ganhassem a liberdade ao fazerem uma avaliação dos erros cometidos na produção do *Dabinkų Žodis*. Em seu primeiro ano de existência, foram responsáveis por sua organização Albino Kynas e Ona Vaivutskas que instalaram sua imprensa na cidade de Pedro Valente. Mais tarde se juntaram ao trabalho Antanas Zokas, Alfonsas Marma que retornaram de Montevideu para São Paulo. A comissão ainda contava com Bronius Šabrinskas e Alfonsas Kušinskas.

Com a violenta repressão que se abateu sobre os comunistas no ano final de 1935 e ao longo de 1936 devido ao fracasso da "intentona comunista", a comissão sofreu diversas baixas, pois Albino Kynas foi preso e expulso do Brasil e acabou por se estabelecer na França. Šabrinskas solicitou autorização ao partido comunista para deixar o país e se instalou no Uruguai. Antanas Vaivutskas deixou a redação do jornal a pedido do PCB e passou a atuar junto ao principal órgão de imprensa *A Classe Operária*, porém mais tarde também deixou o país e se instalou em Montevideu. As constantes buscas empreendidas pelo Deops-SP dificultavam a realização do impresso, pois locais de compra de papel e material de impressão eram permanentemente vigiados. A cadeia de distribuição era constantemente afetada pela prisão de ativistas. Os lituanos nacionalistas e os consulados colocavam a comunidade em estado de alerta para impedir a sua distribuição, bem como denunciar qualquer movimento de possíveis envolvidos. Assim, a redação do jornal esteve sob constante ameaça e teve que ser mudada de local sendo instalada no apartamento de Stasio

Bendazius. A redação do *Mūsų Žodis*, coube principalmente a Antanas Zovkas, Alfonsas Kusinskas e Alfonsas Marma.¹³⁴

Como se não bastassem os problemas com a polícia e com as organizações de direita os militantes responsáveis pelo *Mūsų Žodis* tiveram que enfrentar a crise interna que afetou o Partido Comunista Brasileiro naqueles anos. Com o fracasso da "intentona" o partido se viu dividido em frações e acusações de desvios trotskistas fizeram parte dos embates. Com isso, toda a seção de São Paulo e sua direção se viram afetadas e chegou a ser suspensa. Alfonsas Marma foi um dos afetados pelas disputas e foi afastado de todas as funções do PCB, o que incluía as publicações lituanas. Vale lembrar, que aqueles foram anos de mudança na direção do movimento comunista em escala global com a formação das frentes amplas antifascistas.

Era fato que Marma foi um dos grandes propagandistas das concepções anteriores do partido, a luta de classe contra classe e que teve atuação enérgica tanto no Brasil quanto no Uruguai desde os anos 1920. Assim, ele buscou se reafirmar no partido, mostrando sua fidelidade incondicional aos princípios da Internacional Comunista. Sua defesa foi expressa em um artigo publicado no *Mūsų Žodis* intitulado: "Não Deixemos Manchar a Bandeira do Komintern". Neste afirma a correção das concepções do Komintern e sua fidelidade a estas, além de apontar os erros "desvios" que deveriam ser corrigidos. A defesa de Marma surtiu efeito, pois foi reintegrado a suas funções e à direção do *Mūsų Žodis* do qual foi o responsável até seu último número em 1939¹³⁵.

O *Mūsų Žodis*, a partir daquelas decisões passou a se dedicar ao combate ao fascismo, a formação das frentes amplas, a luta na Guerra Civil Espanhola. Empreendia ampla denúncias do governo lituano de Smetona e sua aproximação e inspiração fascista. Da mesma forma, criticava duramente as associações lituanas católicas e nacionalistas e as ações do consulado. Mesmo entre os grupos de esquerda era um crítico da publicação *Lietuvių Aidas Brazilioj* e de seus editores. Os comunistas costumavam enviar à casa dos editores do *Aidas* os exemplares de *Mūsų Žodis* com as críticas.

Apesar das dificuldades, o *Mūsų Žodis* foi bem sucedido e o local da sua imprensa nunca foi descoberta pela polícia, a estratégia de mudá-la de local e manter

¹³⁴ Apie Brazilijos Lietuvių Gyvenimą. Brazilių policijos nuždyti komunisto Alfonso Marmos Nutrauka. Fondas 17530-1-1. LKP Archivas.

¹³⁵ "Neileiskime Teršti Garbinga Kominterno Vėliavą". *Mūsų Žodis* n.4, São Paulo, 26/01/1938. Lietuvos Nacionalinė Martyno Mažvydo Biblioteka.

uma comissão editorial pequena surtiram efeito. Assim, como enviar os militantes que estavam sendo mais visados pela polícia para outro país. Da mesma forma, foram eficientes em manter contato com as publicações realizadas na Argentina e no Uruguai. Marma manteve um contato constante com Pranas Ulevičius, que conhecera no Uruguai, e contribuía com artigos para a revista *Dabartis* da qual era considerado como parte da comissão editorial, tendo assim contato regular com os lituanos de Rosário. Suas atividades se seguiram ao longo da década de 1930 e 1940 tendo ainda participado da formação de outras publicações em idioma lituano em São Paulo.

Entre estas organizações a mais importante foi a *Rytas*, fundada em setembro 1935 pelos lituanos que rejeitavam tanto a política nacionalista, como as organizações católicas e que, desde o fechamento pela polícia das primeiras organizações, não contavam com uma associação própria. Contudo, estava aberta a participação de lituanos de ambos os sexos e de distintas posturas políticas.¹³⁶

Na *Rytas* desenvolveu-se uma organização para fins culturais e nela desenvolveram-se tanto grupos teatrais como musical, sobretudo com a formação de orquestra e coro permanente. Em 30 de setembro daquele ano organizou a primeira noite de apresentações musicais e teatrais em uma sala na Rua General Magalhães. Os seus integrantes consideraram a noite um êxito, pois além de pagar os custos, atraiu uma quantidade significativa de jovens dispostos a colaborar. Tanto assim que em dezembro daquele ano conseguiu reunir os recursos necessários para alugar uma sala na Rua Ipiranga onde realizava diversas atividades artísticas diariamente, na parte da tarde. No ano seguinte, a associação abriu uma segunda seção da Mooca, e, naquele bairro, foi organizada uma equipe de futebol amador para disputar os torneios municipais, sem grande sucesso. Outra prática esportiva valorizada era o jogo de xadrez, com a organização de aulas e competições. Voltada às questões culturais e ao acesso à cultura pelas classes subalternas na cidade de São Paulo que sempre foi dificultada por sua elite - a *Rytas* organizou cursos de idioma lituano, formação musical e preparação de atores. Entre os mais dedicados músicos estava o maestro J. Stankuna que regia o coro e Alfonsas Balys que era responsável pela orquestra de

¹³⁶ Brazilijos Pažangiuų Lietuvių Organizacijos. Fondas 17530

cordas. Com tantas atividades, a *Rytas* alugou uma sala na Rua Conde Sarzedas para expandir seu funcionamento¹³⁷.

No segundo semestre de 1936, a *Rytas* deu início à publicação de uma revista mensal que levava o mesmo nome e foi organizada e editada por Pijus Storspirciu que chegou ao Brasil em 1929. A publicação enfatizava sobretudo as questões culturais e abria espaço para escritores lituanos tanto para artigos voltados ao cotidiano como para a literatura, revelando alguns talentos como o próprio Pijus Storspirciu, que faleceu com vinte e cinco anos de idade, em 14 de novembro de 1937.

A revista *Rytas* ficou suspensa por pouco tempo, pois uma nova comissão editorial que contava com a participação de Alfonsas Marma voltou a publicá-la até o ano de 1941, quando as leis de nacionalização imposta pelo Estado Novo proibiram as publicações em língua estrangeira¹³⁸. Este não foi o único problema político que a *Rytas* enfrentou com o Estado brasileiro, principalmente com seu braço repressor em São Paulo, o Deops-SP. Durante muitos anos a *Rytas* foi denunciada pelos lituanos católicos e nacionalistas como um lugar frequentado por comunistas. As autoridades brasileiras, também constantemente levantaram suspeitas sobre as suas atividades. Para lidar com a situação o Deops adotou uma estratégia diferente da anterior, quando simplesmente as fechava e prendia seus integrantes. O Deops optou por fazer um trabalho de infiltração, colocou entre seus integrantes um informante que passou a enviar relatórios sistemáticos de suas atividades e sobre os frequentadores. Assim, durante toda sua existência suas atividades estiveram sob constante vigilância.

Importante notar que anos mais tarde o responsável pela seção de estrangeiros do Deops, Luiz Apolônio, se tornou professor da academia de polícia civil e preparava os policiais que integrariam o Deops. Para formar seus alunos escreveu um manual e neste as ações de infiltração de agentes na *Rytas* são tomados como estudo de caso bem sucedido das ações policiais. Assim, foi através das ações nesta associação que a polícia desenvolveu uma técnica de vigilância. Essa atitude da Polícia Política levou os integrantes da associação a acreditarem que poderiam atuar com certa liberdade, sem perceberem que estavam sendo envolvidos em uma trama de

¹³⁷ “Pijus Storspirciu. Nezmirstmas R. “Ryto” Darbuotojas”. *Lietuvių Liaudies Teatro Albumas*. Op.Cit. p. 83.

¹³⁸ *Rytas*. Kultūros Meno ir Literatūros Žurnalas. nrº. 26 Ano V. Janeiro (Sausio), 1941.

espionagem que dez anos depois levaria ao fechamento da *Rytas* e à prisão de seus integrantes.¹³⁹

Além do Deops, o Estado brasileiro tinha outros órgãos de Estado que atuavam na vigilância das atividades das organizações estrangeiras como, por exemplo, a sistemática censura imposta pelo Deip (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) às apresentações públicas. Para cada apresentação, a *Rytas* tinha que enviar cópias dos programas e das peças teatrais no original e traduzidas que deveriam ser previamente aprovadas pelos agentes censores. Contudo, a *Rytas* não parece ter tido problemas para aprová-las, como podemos constatar no acervo do Deip. Outros mecanismos adotados pelo Estado eram as leis de nacionalização, como mencionamos a proibição do uso de língua estrangeira e a obrigatoriedade de uma direção e diretoria composta por brasileiros. A *Rytas*, com essas limitações trocou de nome algumas vezes, primeiro para Estrela Vermelha, o que foi negado pelas autoridades brasileiras e finalmente para Cruzeiro do Sul, denominação que levou até o seu fechamento¹⁴⁰.

Mesmo com essas limitações a *Rytas* foi a mais importante organização na mobilização dos lituanos para a luta contra o fascismo. Era ali que as informações sobre a Guerra Civil eram difundidas e durante os anos da Segunda Guerra Mundial, recolhia donativos para a Cruz Vermelha Internacional e para a Lituânia Soviética ao final do conflito, da mesma forma serviu como comitê eleitoral para a eleição ao senado de Luiz Carlos Prestes em São Paulo. Teve assim, uma vida política e cultural intensa que só foi interrompida pela truculência das autoridades paulistas nos primeiros anos de Guerra Fria.

Com a melhoria das condições organizacionais dos lituanos no Uruguai, estes decidiram por formar um órgão de imprensa que pudesse ser reconhecido legalmente. Assim, em 20 de outubro de 1935 foi lançado o primeiro número do jornal *Darbas* (Trabalho). Contudo, faltava aos integrantes da comissão editorial experiência para realizar o trabalho de edição e impressão pois, como ressaltamos, o mais experiente ativista Alfonsas Marma, tinha retornado ao Brasil. Para resolver a questão o *Darbas* entrou em contato com as organizações lituanas na Argentina. Essas enviaram para

¹³⁹ Luiz Apolônio. *Manual de Polícia Política e Social*. Escola de Polícia de São Paulo. São Paulo, 1954. p.33.

¹⁴⁰ Dossiê 30-J-08. Deops/SP, Apesp.

Montevideu um dos integrantes da comissão do *Rytojus*, Eduardas Sokelis e também a Pranas Ulevičius que passou a organizar as questões técnicas.

O *Darbas* conseguiu publicar vinte e nove números, mas por falta de recursos e a onda repressiva que se abateu sobre o Uruguai, o jornal foi suspenso em dezembro de 1936. A comissão editorial teve que passar por um processo de reorganização e na busca por novos fundos para se tornar viável. Para esse empreendimento contou com o suporte financeiro de Bronius Sabrinskas, que havia participado do *Mūsų Žodis* no Brasil, e que doou uma quantidade significativa de recursos. Pouco depois, também vindo de São Paulo, chegou a Montevideu Antanas Vaivutskas, experiente militante que já havia participado tanto da *Darbinikų Žodis*, como do *Mūsų Žodis*. Com essas ajudas o *Darbas* voltou a ser editado regularmente. Contudo, algumas mudanças em sua apresentação devem ser ressaltadas. No título foi excluída a frase do Manifesto Comunista e a referência “trabajadores en Uruguay” foi modificada para “periódico dos lituanos no Uruguai”. Se a referência explícita à ideologia comunista foi retirada a temática dos editoriais se manteve-se inalterada, como esclarece a coluna “Palavra da Redação” na qual se explica que o periódico segue na sua “luta antifascista”, ganhando, assim, a ideia de frente ampla antifascista.

Outro aspecto importante é que naqueles anos o *Darbas* começava a suprir as ausências de jornais na Argentina, com o fim do *Rytojus*, e no Brasil, com as dificuldades do *Mūsų Žodis*. Assim, foi ganhando importância na luta antifascista que se tornava cada vez mais intensa. A situação política do Uruguai permitiu essa longevidade e estrutura. Lembremos que, apesar da ditadura de Terra, o Partido Comunista Uruguaio fundado em 1923 permaneceu na legalidade e participando das eleições até a última ditadura, tendo seu registro eleitoral suspenso somente por um ano, em 1935. Desta forma, o Partido Comunista, bem como as organizações de esquerda, estavam inseridos na vida política e cultural uruguaia. Para os lituanos de esquerda Montevideu se tornou a referência e não raramente o lugar de refúgio diante das perseguições políticas. Podemos dizer que, foi o único local que desenvolveu por longo tempo e em liberdade uma cultura lituana voltada para o socialismo.

O início da Guerra Civil Espanhola foi um momento de mobilização intensa na Argentina, que impactou tanto no imaginário político dos militantes de esquerda do país, bem como nos grupos de extrema direita. As tensões e pressões entre essas diferentes perspectivas políticas vinham crescendo desde o início da década de 1930 e o estourar da Guerra fez explodir esta pressão. Era o primeiro conflito aberto entre

fascistas e a esquerda, a luta, portanto estava muito além das questões locais e agitava, podemos dizer, todo o mundo ocidental.

Na esquerda, as mudanças na perspectiva da Internacional Comunista na formação de frente amplas antifascistas tornou possível um chamado em escala global pela mobilização e pela solidariedade com o povo Espanhol. Esse chamado foi atendido por milhares de pessoas que de diversas formas se viram envolvidas no conflito, pelo alistamento nas brigadas, na divulgação de propaganda antifascista, na arrecadação de donativos, na organização de eventos em prol da República Espanhola.

No início da década de 1930, o PCA era um partido relativamente pequeno que contava entre 5.000 a 7.000 filiados, mas que já tinha uma grande quantidade de simpatizantes entre os imigrantes. Com as greves gerais do ano de 1936 o número de filiados cresce significativamente chegando a meio milhão. Nas cidades o PCA e o PS conseguiram grande inserção sobretudo nos sindicatos. A Guerra Civil Espanhola conseguiu mobilizar todas estas tendências, embora muitos não ingressassem diretamente na política de frente ampla. Assim, todas as tendências enviaram voluntários à Espanha, comunistas, trotskistas, anarquistas, socialistas, sindicalistas. No entanto, por sua estrutura e pelo apoio direto da URSS, foram os comunistas os que enviaram maior número de voluntários às frentes de combate.

No total, foram reunidos aproximadamente 40.000 voluntários de cinquenta nacionalidades. A questão da nacionalidade merece alguma atenção. No caso argentino, por exemplo, grande parte dos voluntários eram de imigrantes recém chegados ao país, como os lituanos, e que, após o conflito, não retornaram à América e se dirigiram ao seu país de nascimento, muitos dos quais tombaram durante a Segunda Guerra Mundial lutando no Exército Vermelho, sobretudo lituanos, russos, poloneses e demais imigrantes da Europa oriental. No mesmo sentido, vemos um número bastante significativo de poloneses nas Brigadas, muitos dos quais eram militantes comunistas que estavam na França, pois a Polônia enfrentava uma ferrenha ditadura e o Partido Comunista Polonês passava por uma intensa crise, chegou mesmo a ser dissolvido por Stalin.

Assim, podemos nos questionar como considerar essas nacionalidades. Há uma certa disputa historiográfica, particularmente na Argentina, de afirmar que todos os que saíram da Argentina eram argentinos - ou "argentinizados" - e que a grande quantidade de voluntários se deve ao clima político do país, da sua politização e

mobilização local. É fato que na Argentina, houve uma grande mobilização, sobretudo o Partido Comunista e a formação da FORA (*Federación De Organismos de Ayuda a la República Española*) deram enormes contribuições difundindo enorme propaganda, publicação de livros, folhetos e inclusive difundindo filmes em locais públicos. Os enfrentamentos entre grupos de esquerda e de direita foram também um fator de mobilização, que aguçava a necessidade de unidade frente ao fascismo. Nas ruas de Buenos Aires - o mais conhecido pela violência se deu na Avenida Callao - em Córdoba, Rosário e outras cidades, a violência passou a ser parte do dia-a-dia. Desta forma, a Guerra Civil Espanhola passou a fazer parte da cultura política do país, do seu cotidiano e nela muitos jovens e antigos militantes encontraram uma causa que levariam por muitos anos, mesmo após o término da Guerra como uma marca.

Vale dizer, que esta não esteve presente apenas nas manifestações políticas convencionais, entrou em um embate cultural, que se manifestava nas expressões artísticas, nas artes plásticas, no cinema, nos teatros e nas músicas, basta dizer que muitas das músicas compostas sobre o tema Guerra Civil Espanhola foram incorporadas à cultura de esquerda e seguem fazendo parte da sua tradição e de seu imaginário. Observamos que nas entrevistas que realizamos com os militantes comunistas lituanos na Argentina, que naquela época eram bastante jovens, alguns ainda criança, lembravam-se das canções ensinadas por seus pais e chegaram mesmo a cantá-las ou a declamaram seus versos durante nossas entrevistas. Assim, a observação de Hobsbawm, ele mesmo jovem no período, de que foi um "grande amor perdido", pode ser reveladora de um sentimento que passou a compor o imaginário de militantes de muitas nacionalidades, a solidariedade internacional contra o fascismo esteve para além de um mero discurso ou de uma política meramente estratégia da URSS. Foi um fato, que nem mesmo o pior dos revisionistas históricos vai conseguir negar.

As muitas nacionalidades que se envolveram no conflito podem ser observadas na mobilização das coletividades estrangeiras na Argentina que se somavam aos esforços, como, naturalmente, os espanhóis, através do *Agrupación Gallega de Ayuda al Gobierno de Españoles, Junta Pro Socorro y Reconstrucción de España* de Mendonza, *La Comisión Israelita de Ayuda al Pueblo Español*, que participou ativamente com doações de recursos financeiros e com uma campanha bastante sensível de fabricação e coleta de brinquedos para os órfãos da Guerra

Civil¹⁴¹. Dessa forma, é inegável que na Argentina houve uma ampla mobilização da sociedade civil e não só dos partidos ou sindicatos.

Entre as publicações em idioma lituano devemos lembrar que o *Rytojus* foi extinto em 1937 assim como a *Dabartis*, pois naqueles anos foi articulada uma intensa repressão em Buenos Aires, pelo governador Manuel Fresco. A situação não foi diferente em outras províncias. Em Santa Fé foram proibidas as reuniões públicas. No nível federal foi organizada a *Sección Especial de Lucha Contra el Comunismo*, que empreendia ampla repressão, além de não raramente utilizar-se de métodos violentos, como o sequestro, a tortura, espancamento público e prisões ilegais. Mesmo com toda essa violência, as atividades não foram interrompidas.

Na luta contra o fascismo, centenas de lituanos de diversas tendências de esquerda foram mobilizados. A mais importante no período foi a cooperativa de imprensa denominada *Talka* que teve como principal jornal o *Momentas* (Momento) sendo lançado o primeiro número em 8 de outubro de 1931.¹⁴² A cooperativa, em seu regimento, se propunha a ser uma organização aberta a todos os lituanos maiores de dezoito anos pertencentes a qualquer organização, credo religioso, ou perspectiva política. A questão central, portanto era a luta contra o fascismo e o nazismo.

O *Momentas* não se dedicava somente às questões políticas imediatas, enfatizava, mas abria espaço para as questões relacionadas à cultura e às ações das organizações lituanas antifascistas. Entre seus temas centrais esteve a Guerra Civil Espanhola e posteriormente a Segunda Guerra Mundial. Além de um jornal regular, a *Talka* editou dois Calendários no ano de 1939 e 1941, nos quais buscava enfatizar a necessidade de uma luta determinada contra o perigo fascista que rondava a Europa e em particular a Lituânia¹⁴³. Assim como os jornais comunistas viam o governo lituano uma ameaça à liberdade, a cultura lituana o considerando como fascista. Essa perspectiva o colocava em confronto direto com as organizações nacionalistas e católicas. Importante ressaltar que o *Momentas* era uma publicação legal e reconhecida pelo governo argentino. Assim sua distribuição podia ser realizada pelo correio e era beneficiário da lei de redução de tarifas postais, se diferenciava, portanto, do *Rytojus*, cuja longevidade dependeu da sua clandestinidade. Assim,

¹⁴¹ Lucas Gonzales, Jeronimo Boragina (Et ali) *Voluntários de Argentina en la Guerra Civil Española*. Editora del CCC, Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, Buenos Aires, 2008. pp. 32.

¹⁴² *Momentas*. Nr 1º, ano I. Buenos Aires, 8/10/1931. Biblioteca Nacional de la Republica Argentina.

¹⁴³ *Momento Kalendorius*, 1939 metams. Spaudos B-ves “Talka” leidiny nr.1. Buenos Aires, 1939.

quando o *Dabartis* e o *Rytojus* encerraram suas atividades, o *Momentas* se tornou o principal órgão de imprensa lituana antifascista na Argentina.

Se excluirmos as associações católicas e nacionalistas, todas as demais, inclusive as que não defendiam especificamente uma perspectiva de esquerda como a SLA se viram de alguma forma envolvidas nesta mobilização. Na SLA, foram realizadas diversas reuniões organizadas pelo periódico *Momentas* e pelo *Liaudies Teatras*, para discutir questões relativas ao conflito espanhol e para incentivar o envolvimento dos lituanos nesta. No dia 10 de fevereiro de 1935 foi realizado o VII encontro da *Lietuvių Darbininkų Savisąlybos Kultūros Draugijos* no qual, além de serem discutidas questões relativas à organização, decidiu-se por reordená-la e ampliar sua posição no embate contra o fascismo passando a ser denominada *Argentinos Lietuvių Darbininkų Prieš Fastine Prieš Karinę Sąjungą* (Aliança dos Trabalhadores lituanos na Argentina contra o fascismo e contra a Guerra)¹⁴⁴. Nas atividades contra o fascismo também se destacaram os lituanos que viviam na cidade de Quilmes, na província de Buenos Aires, sobretudo através da seção do *Liaudies Teatras* (Teatro do Povo) e na distribuição de literatura e realização de encontros para os quais trabalharam entusiasticamente¹⁴⁵.

Ao mesmo tempo, trabalhavam intensamente na luta antifascista o jornal lituano impresso no Uruguai, *Darbas*. Com as dificuldades de difusão de literatura impressa tanto na Argentina, como no Brasil, o jornal passou a ser distribuído clandestinamente nestes países ampliando sua importância junto à coletividade na América do Sul e se consolidando no final da década como o principal órgão impresso entre os lituanos. No Uruguai as associações de esquerda que davam suporte ao *Darbas*, também se empenharam na causa antifascista, organizando *meetings*, coletas de donativos, difundindo propaganda e através de ações culturais tanto musicais como da apresentação dos seus grupos teatrais que colocavam como tema central naquele período a necessidade de combater o nazi-fascismo. Assim, entre 1932 e 1939, a maior parte das organizações lituanas de esquerda estava unida pela causa espanhola. Como se intensificavam as atividades, foi organizado o Comitê de defesa da República Espanhola que contava com aproximadamente cento e oitenta

¹⁴⁴ Argentinos Lietuvių Kolonija. Argentinos Lietuvių Ispanijo Pilietinio Karo. Fondas 13698 – 1- 39. LKP Archivas.

¹⁴⁵ Lietuvių Liaudies Teatro. Teatro Susrašinėjimas su sekcijomis, įvairiomis įstaigomis Darbo Kausimais. Fondas 1369. LKP Archivas.

sócios que contribuía mensalmente. No dia 31 de julho de 1938, o comitê foi transferido do centro de Montevideu para o bairro do Cerro.

Portanto, vemos que as influências lituanas na América do Sul para a luta antifascista vinham de um longo período, pois, como ressaltamos, consideravam o governo lituano como parte do fascismo. Da mesma forma, as redes de informações entre os três países trabalharam em conjunto nesta luta. Com essas contribuía as organizações norte-americanas, tanto do Canadá, mas sobretudo dos Estados Unidos. A ALDLD passou a enviar diversas publicações e material antifascista juntamente aos seus jornais *Laisve* e *Vilnis*. Do Canadá era sistematicamente enviado o *Liaudies Balsas*, publicação que sucedeu ao *Darbininkų Žodis*. Através deste intercâmbio, os ativistas lituanos eram informados das mobilizações antifascistas em diversas partes do mundo e particularmente entre os seus nacionais nas Américas. A mobilização se tornou mais importante, em 1937, quando efetivamente se dá início ao recrutamento para a luta nas Brigadas Internacionalistas, atendendo as determinações da Internacional Comunista. Assim, os lituanos do Canadá, dos Estados Unidos começaram a se apresentar para a luta e desses países saiu a maior parte dos lituanos combatentes¹⁴⁶.

A informação sobre o recrutamento e a adesão dos lituanos começa a ser difundida pelos jornais da América do Norte que, por razão de segurança, não divulgam a quantidade precisa de voluntários e muito menos o nome dos brigadistas. Dessa forma, apenas alguns nomes eram citados, particularmente dos correspondentes dos jornais, muitas vezes com pseudônimos e dos que caía durante os combates. Na América do Sul o recrutamento também teve início e da Argentina saíram vinte e três voluntários, como homenagem a estes combatentes cujos nomes são raramente conhecidos vale mencioná-los: Julios Grazulis, Juozas Griculevičius, Gustavas Grunovas, Balys Katinas, Pranas Kazlauskas, Antanas Marčinkus, Povilas Parasciakas, Juozas Pavilionis, Juozas Peleda, Balys Pičiauskas, Pranas Pivorionas, Stasys Rackauskas, Dora Sukaite, Antanas Silanskis, Boleslavas Sileika, Jonas Simukauskas-Simukonis, Stasys Talalis, Antanas Tomašiunas, Pranas Ulevičius, Adolfas Vaitkevčius, Adolfas Valius, Mykolas Vileitas, Jozas Zavedzkas, Kostas Zinis. A eles se juntaram dois voluntários que saíram do Uruguai, J. Simakauskas e B.

¹⁴⁶ Antanas Petrika. *Lietuvių Literatūros Draugija ir Pažangieji Amerikos Lietuviai*, New York, ALDLD, 1965.

Katinas¹⁴⁷. Do Brasil temos o registro da participação do já mencionado Albino Kynas, que havia sido expulso do país e que integrou as Brigadas a partir de um recrutamento realizado na França, país onde se encontrava. Ao todo, atuaram setenta lituanos que estavam vinculados aos Partidos Comunistas. Não pudemos encontrar informações sobre a participação de lituanos entre os socialistas e anarquistas.

Vale ressaltar que conhecemos apenas aqueles que eram membros do Partido Comunista e estiveram junto às Brigadas Internacionalistas, contudo é possível que militantes de outras tendências socialistas e anarquistas tenham participado do conflito, embora seus nomes e funções ainda sejam ignorados, como, vale dizer, de muitos anarquistas.

Poderíamos nos questionar o porquê de não encontrarmos mais ativistas saídos do Brasil. É preciso lembrar que o PCB passava por uma crise depois da "Intentona comunista" e as possibilidades de mobilização eram menores. Para além, na Argentina, de uma forma geral houve uma maior mobilização para o recrutamento para a Guerra, pois embora não fosse exatamente uma democracia, não tinham que lidar com uma política de Estado que foi sustentado pelo Estado Novo e, portanto, o PCA e a Internacional Comunista puderam melhor se organizar. Vale ainda lembrar, uma maior imigração recente de espanhóis e uma ligação histórica com o país. Todas essas conexões fizeram com que o recrutamento no país fosse o segundo da América Latina. Cuba foi o primeiro, mas vale lembrar que este foi o último país do continente a se tornar independente e ainda mantinha fortes laços com a Espanha.

Se aqui retomamos a questão da nacionalidade dos brigadistas podemos observar que no caso dos lituanos, a forte mobilização na Argentina e a organização possível naquele país foram de fundamental importância. Contudo, é necessário notar que a mobilização cruzava fronteiras de forma transnacional e os lituanos trocavam informações tanto com o Brasil e Uruguai, mas sobretudo com a América do Norte, de onde provinha grande parte de sua literatura e do material de referência que utilizavam. Em meio a este emaranhado de informações de exemplos de distintas mobilizações é que podemos entender a expressiva quantidade de lituanos que se engajaram na Guerra Civil Espanhola vindos de diferentes países. Era uma luta de fato internacional e solidária, o inimigo era o fascismo não importa onde estivessem, que nacionalidade tinham. Uma solidariedade que talvez aos nossos olhos seja

¹⁴⁷ Argentinos Lietuvių Kolonija. *Argentinos Lietuvių Ispanijos Pilietini Karo*. Fondas 13698-3-39 Vilnius, LKP Archivas.

estranha, pois não mais a conhecemos. Ao menos não ao ponto de estarmos dispostos a colocar nossas vidas em risco. Esta distância torna o entendimento deste processo bastante difícil e não raramente buscam enquadrá-los em referências estranhas ao objeto. A Guerra Civil Espanhola nos revela uma das facetas que compunham as suas crenças e atitudes para com o mundo, como observa Schultze, ao analisar o PC uruguaio e ao que denomina de otimismo revolucionário:

(...) se reduce al mundo humano y parte de la premisa que es posible una transformación universal a corto plazo. Los seres humanos desde esa perspectiva filosófica, son capaces de crear un mundo justo para sí mismo. En esa visión hay dos conceptos básicos: uno es que son capaces de crear un mundo de acuerdo a ciertas ideas y otro es que son capaces de que ese mundo sea justo (...) ¹⁴⁸

Cabe aqui uma reflexão diante do estranhamento que causa verificarmos o fato de imigrantes lituanos terem voltado para a Europa para lutar na Espanha. O mesmo estranhamento não seria causado se abordássemos os imigrantes espanhóis, pois para nós pareceria como “normal” alguém lutar por um ideal em seu próprio país. Mas, por que alguém de origem lituana, que diretamente não tem nenhuma relação com a Espanha, se propõe a colocar a própria vida em risco? Por que consideraram aquele enfrentamento como seu? Neste sentido é preciso entender o que significava ser comunista naquele período, que identidade era essa que permitia se engajar em uma luta mundial.

Desde sua fundação, os partidos comunistas entendiam pertencer a uma organização mundial que se manifestava na Internacional Comunista (IC). Era condição seguir as determinações destas para que se fosse reconhecido e aceito dentro do conjunto do comunismo. Assim, o projeto comunista, essencialmente, não era para um país, localidade ou grupo específico, mas se dirigia a toda a humanidade e aqueles que faziam parte desta luta se reconheciam como em uma mesma luta. Portanto, as fronteiras nacionais não eram um limite para a luta a que deveriam levar adiante. São poucas as obras que visam pensar a identidade dos comunistas e aqui destacamos a de Marisa Silva Schultze, que analisa o Partido Comunista Uruguaio. Sem reduzir o comunismo a uma fé, ou ao irracionalismo, a autora aponta que diferentemente do que se atribui a fé, os comunistas tinham por característica: 1) otimismo que procurava se legitimar em uma ciência, o marxismo, que permitia prever o destino da humanidade;

¹⁴⁸ Maria Sulva Shultze. *Aquellos Comunistas (1955 - 1973)*, Montevideo, Taunus, 2009.

2) a de que são capazes de criar um mundo de acordo com certas ideias e que este mundo seja justo; 3) os militantes são homens de ação, ou seja, não só observam mas age, e conclui:

Eran racionales porque se autopercebían como individuos agrupados y guiados por una ciencia: eran planificadores y disciplinados porque creían que la organización a la que pertenecían era la única capaz de interpretar correctamente aquella ciencia. Una moral basada en la honestidad, la austeridad y la entrega total los sostenían porque se sentían, en algún sentido, el anticipo de los futuros seres humanos. Valoraban de sí mismos que no eran románticos ni creían que ellos llamaban estrepitoso heroísmo. Estaban seguros de que la especie humana es capaz de construir un mundo mejor que este y que todos los que han existido hasta ahora. Se sentían, por lo tanto, protagonistas de un momento crucial de la historia de la humanidad.¹⁴⁹

A determinação revolucionária, unida à necessidade de enfrentar o fascismo na construção da solidariedade internacional, foi o grande motivador capitaneado pela Internacional Comunista. Dai a quantidade de diferentes trajetórias e origens que se somaram as Brigadas ou contribuíram de distintas formas para os esforços de guerra. Evidentemente, que para ingressar nesta luta havia critérios. O recrutamento dava preferência aos jovens, solteiros e em grande parte tiveram que assumir o ônus de serem voluntários, as exceções se deram no nível diretivo, ou seja, aqueles que formavam parte do Partido e da Internacional em posições destacadas. Também vale destacar que diversas mulheres formaram parte desta mobilização, seja como combatente ou no suporte a estes. Portanto, não havia uma restrição em definitivo para as questões de gênero. Entre os lituanos que saíram da Argentina observamos a presença de uma mulher Dora Sukaite, a ela se somaram outras mulheres lituanas vindas dos Estados Unidos e do Canadá¹⁵⁰.

Entre os lituanos que podemos recuperar a trajetória cabe mencionar Albino Kynas. Kynas, como apontamos, trabalhou na formação do jornal *Darbininkų Žodis* em São Paulo e foi detido junto com o casal Kovalsky. Quando foi expulso se dirigiu à França e deste país se alistou para lutar junto as Brigadas Internacionalistas na Guerra na Espanha. Da frente de batalha, Kynas seguiu sua atividade de escritor e jornalista e se aproximou do jornal editado no Uruguai, o *Darbas*. Ao *Darbas* enviou uma série de correspondências narrando suas experiências de Guerra, os conflitos e perspectivas até a derrota final, quando novamente se dirigiu para a França. Dessa

¹⁴⁹ Idem, p.23.

¹⁵⁰ Kanados Pažangusijus Lietuvių Organizacijos. Fondas 17378-1-2. LKP Archivas.

forma, os ativistas lituanos na América do Sul eram informados diretamente do conflito e de seus desdobramentos.

Nas cartas enviadas aos seus companheiros e publicadas no *Darbas*, retoma sua trajetória no Brasil e pede para que os camaradas recordem seus tempos de prisão no Brasil e a vontade e disposição que tinham para pegar em armas e enfrentar o fascismo. Contudo, já no campo de batalha espanhol essa fé revolucionária era uma vez mais invocada, pois a disposição para a luta agora teria que superar a enorme diferença de equipamento militares entre eles e as forças franquistas apoiadas e abastecidas por nazistas e fascistas. Kynas chega a observar que se tivessem a mesma condição de equipamentos militares já teriam empurrado os fascistas até as margens do oceano em Portugal. Ali a vontade tinha que enfrentar os bombardeios e uma parafernália militar sem precedente e altamente letal. Apesar do seu otimismo a carta vai ganhando tons de dramaticidade, a vitória já não era possível e aos poucos os brigadistas vão percebendo que a derrota se aproximava. Importante notar que Kynas critica diretamente os lituanos envolvidos na guerra, afirma que estes queriam permanecer juntos em uma organização em separado, o que, para ele não era correto. Ao final, Kynas tenta um último otimismo: *"Se todo mundo aceitar que o espanhol na sua terra vai lutar pelos direitos democráticos da classe trabalhadora entende o prazer que é lutar ombro a ombro com eles nessa terrível guerra."*¹⁵¹

Com a derrota na Guerra Civil, restou aos Brigadistas que sobreviveram escapar para a França onde foram alojados em campos de refugiados. Mesmo com a derrota, os lituanos na América prosseguiram com envio de ajuda para aqueles que se encontravam nos campos franceses, *Gurs*, mantendo assim uma mobilização antifascista que logo teria que enfrentar a Segunda Guerra Mundial. As notícias enviadas da França não eram animadoras, entre os mortos e desaparecidos estavam dezenove lituanos que tinham saído da América do Sul. Dos campos franceses, nenhum dos voluntários voltou para a América. Da Espanha, partiram para a Lituânia e para a luta na Segunda Guerra Mundial. Vale lembrar que muitos tinham deixado sua terra natal ainda criança, ainda assim, se integraram ao Exército Vermelho e aos grupos de *partisans* que lutaram contra a ocupação nazista. Desta luta, foram poucos os que sobreviveram, como, por exemplo, Albino Kynas. Já nos campos franceses deixou de enviar cartas ao *Darbas*, e encontramos referência sobre as suas atividades

¹⁵¹ "Para a Luta na Espanha se unem todos os trabalhadores do mundo pela democracia e pela liberdade". *Darbas*. n° 6 (35). Montevideu,

em um artigo de Tomašiunas ao mesmo jornal. Neste informava que este abandonara a França e retornara à Lituânia, de onde tinha saído com treze anos de idade. Naquele ano a Lituânia passava pela primeira ocupação da URSS. Nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, Kynas desempenhou funções políticas e, quando da ocupação nazista passou a lutar como partisan, quando teria sido assassinado pelas forças nazistas, de acordo com um artigo do *Darbas* de 1947 intitulado *Pirmoji Darbininkiska Spauda Brazilijoje* (Primeiros Periódicos Operários no Brasil) que lhe rende homenagens. Nesse ponto é necessário observar de que forma a Guerra Civil Espanhola e seus combates, que sobreviveram tanto a este conflito como a Segunda Guerra Mundial entraram na história e na memória da Lituânia Soviética¹⁵². Aos que lutaram junto ao Exército Vermelho e se mantiveram fiéis às mudanças de direção partidária dentro da URSS, lhes foi possível ascender em sua estrutura burocrática ao longo das décadas, pois como militantes de longa data e ex-combatentes da "grande guerra patriótica" eram, em muitos casos, valorizados pelo regime e chegaram a ocupar posições de destaque. Dois exemplos dessa trajetória foram os já diversas vezes mencionados, Ulevičius e Tomašiunas, que saídos da Argentina acabaram por ser vincular a funções de imprensa e a educação. Ao longo de suas atividades publicaram diversos artigos relacionados ao tema tanto no jornal *Tiesa* (Verdade) - órgão oficial do partido na Lituânia Soviética, equivalente ao *Pravda* em idioma Russo - nos jornais lituanos de esquerda na Argentina, Canadá, Estados Unidos e Canadá.

Contudo, foi na década de 1970 que uma volumosa obra que teve entre os seus organizadores Pranas Ulevičius foi publicada. O livro, intitulado *Už Ispanijos Laisvę*¹⁵³ (Pela Liberdade da Espanha), traz artigos memorialistas escritos por brigadistas lituanos que saíram de distintas partes da América. Havia uma preocupação de tentar resgatar os nomes e as trajetórias de cada um deles para que não fossem esquecidos. Esta obra se enquadra em um projeto mais amplo da Academia de Ciência da URSS que publicou uma edição com vinte trabalhos de diversos países sobre a participação dos "soviéticos" no conflito espanhol, em 1974. Estes volumes foram escritos por comissões e delegações de comunistas de diversos

¹⁵² "Pirmoji Darbininkiska Spauda Brazilijoje". *Darbas*, nr °. 20 (301) Montevidéu, 18/10/1947. Biblioteca Nacional de Uruguay.

¹⁵³ K. Preikas, J. Blavas, B. Bulota, P. Ulevičius. *Už Ispanijos Laisvę*. Lietuvių Ispanijos Dalyvinių Atsiminimai. Vilnius. Valstybinė Grožinės Literatūros Leidykla, 1957.

países e compõe uma ampla contribuição para o estado do conflito, embora se enquadre em definitivo dentro do discurso oficial soviético.

No caso dos lituanos, ressurgem uma questão de fundo, que perpassa grande parte das obras memorialistas publicadas no período e que está diretamente relacionada com os problemas políticos na Lituânia. No início dos anos de 1970 houve diversos protestos no país, sobretudo organizados por estudantes das universidades e escolas. Esses conflitos expunham uma ferida dentro do sistema soviético que era o recorrente argumento de que a Lituânia foi militarmente ocupada e, que portanto, o comunismo era uma imposição de uma potência externa. Justamente em meio a estes tumultuados anos é que se publicaram as memórias de diversos militantes que atuaram na América, valorizando a participação dos lituanos no movimento comunista tanto na Lituânia como em diversos outros países. O propósito interno da obra era o de tornar o comunismo como algo também construído pelos lituanos.

A leitura de qualquer memória escrita no período soviético, em particular na Lituânia deve, portanto, considerar muito cuidadosamente o contexto local, os propósitos nem sempre claramente anunciados e o fato de que na União Soviética não era possível publicar legalmente uma única linha que não passasse pelos crivos da burocracia e do Partido. Vale dizer, Ulevičius era membro do Comitê Central do Partido Comunista Lituano e que, portanto, o discurso apresentado em suas obras e suas "memórias" passam pelas necessidades, retificações e lógica da estrutura soviética e, embora seja uma das poucas fontes disponíveis para os historiadores não pode ser retirada do contexto da sua produção. O mesmo vale para as publicações da Academia de Ciência da União Soviética, usada como referência em muitas obras sobre a Guerra Civil Espanhola.

Se devemos considerar todas estas questões no que se refere às pesquisas realizadas durante o período soviético é importante notarmos que na atualidade prevalece o silêncio e uma ausência de reflexão histórico-política sobre o tema nas ex-repúblicas soviéticas. Esse fenômeno se explica não pela ausência de documentação ou bibliografia, mas pela memória antissoviética que se assumiu como discurso oficial, particularmente nos países bálticos, na Polônia e em parte da Ucrânia. No caso dos lituanos, os brigadistas - tanto aqueles que saíram da América como da Lituânia - são simplesmente ignorados pela historiografia atual e nos espaços públicos não

receberam nenhuma homenagem, permanecem assim, ocultos e esquecidos, apesar de terem se sacrificado na luta antifascista.

Porto de Buenos Aires, despedida de quatro internacionalistas lituano a Guerra Civil Espanhola. Buenos Aires, 21/01/1937. Acervo privado de Roberto Aleksionas.

Pasaulio lietuvių I Kongreso
paudos parodos eksp. eilės Nr. 199

ALP 625
VISU ŠALIŲ PROLETARAI. VIENYKITĖS!

Mūsų Žodis

BRAZILIJOS LIETUVIŲ DARBINIKŲ LAIKRASTIS (Kaina 300 réisu)

Nr. 16 (19) | São Paulo, 1934 m. rugsėjo mėn. 15 d. | Metai II

REMKIME MORALIAI IR MATERIALIAI SANTŲ DARBINIKŲ DIDVIRISKA STREIKU KOVA!

Kiekviena liet. darbin. organizacija turi parodyti savo klasinį solidarumą kovojantiems draugams! Parinkime auką ir siuskime jį ekonominę viršūnei, skaitlingai dalyvaudime saukiantuos darbininkų vienos susirinkimuos, kad protestais sulaukyt policijos barbariska terora!

JU LAIMEJIMAS — YRA MUSU LAIMEJIMAS!

Naujoji Feodal-buržujo Konstitucija Jau Aplaištyta Darbininkų Krauju!

Pereito mėn. 23 d. Rio de Janeiro Getulio policija padarė pirmą naujos Konstitucijos krikštą darbininkų krauju! Dar vienas, faktas, ka reiskia ir ka duoda darbininkams buržuazinė demokratija.

Už ka policija užpuolė ta mitingą ir saudė i darbininkus? Tik už tai, kad jie protestavo prieš Getulio valdžios prisirengimą i kara, prieš badinimą darbininkų masių, prieš policijos terorizavimą streikuojančių; jie reikalavo, kad milijonai aikvojami prirėgimui karo ir naikinami maisto produktai būtų atiduodami badaujantiems reikalavo, kad darbininkams būtų leista organizuotis, turēt laisva žodi ir spauda. Bendrai suėmus, visi mitinge reikalavimai buvo už teisę gyventi. Tai aventa teisė kiekvieno gyvo sutvėrimo žemėje. Bet viespataujanti parazitų klasė i ta darbininkų reikalavimą atsakė savo apginkluotu banditu kulkomis!

Tai klasinis buržuazijos teisėtumas, kuri darbininkai, nieko daugiau, suorganizavę savo spēkas privalome be pasigailėjimo sunaikinti!

Koks skirtumas tarp dabartinės demokratinės valdžios ir buvusios Getulio diktatūros? Jokio! Dar-

bininkų žudymas eina kaip ėjo, kalėjimuos areštuotu kankinimui dar žiauresni kaip buvo, aktingu streikierių ir seip veikėjų deportavimai dar padidėjo! Stai visa praktikoj, ka darbininkų klasė gauna is tos demagogijos, kuria nepaliaujamai varo buržuazijos agentai soc.fasistai, anarchistai ir kiti «kovotojai» — apgavikai.

Taciau, su džiaugsnu tenka paminėti, kad frazių ir demagogijos laikotarpis baigiasi, darbo masės ima jieskoti savo teisių per kovą, kuriai vadovauja Komunistų Partija. Valdžios sutvėrimui d-ku sind k tai veja laip pastatyta vadovybės žvalgyba ir stoka kovon arba remia kovojančius. Tokiu ivykiu šiandien simtai visoj saly.

Darbininkai-ės! Sustiprinkim savo revoliuc. veikimą, kad kuo greitesniu laiku sutraukti po Kompartijos vėliava darbininkų masių didžiama ir tada revoliuciniu sukilimu sutrėkst kriminalni buržuazijos viespatavima, kaip padarė 17 metu atgal Rusijos darbin.

Salin Getulio diktatūra!

Salin policijos banditu teroras!

Tegyvuoją Brazilijos Komunistų Partija — vienintelis darbo masių kovos vadovas i sviesia ateiti, i socialistine beklasine visuomene!

VALSTYBINĖ
DOKUMENTŲ

23905

Mūsų Žodis. n°. 16 (19) São Paulo, 15/09/1934.
Nacionalinė Martynos Mažydo Martyno Biblioteka

Balsas. Nr. 5, Ano I Buenos Aires, 1/07/1929.
Biblioteca Nacional de La Republica Argentina

VISŲ SALIŲ PROLETARAI VIENYKĖS!

LIETUVIŲ DARBININKŲ LAIKRAŠTIS ARGENTINOS.

RYTOJUS

„RYTOJUS“
Casilla de Correo 15
Sucursal 15, B. Aires.

N 31 (213)—VI m.
„R.“ kaina: metams \$ 5 %; atskiras num. 10 cent.
1932 m. lapkričio 25 d.

Prieš fašistų bendrą frontą turi but sudarytas revoliucinis darbininkų frontas.

Pirmoje lapkričio pusėj fašistinės Lietuvos konsulo Kucinsko pastangomis buvo suauktas visų lištinij lietuvių organizacijų atstovų bendras posėdis, kuriame dalyvavo: Tautininkų Sąjunga, Katalikų Bendruomenė, d-ja „Lietuva“, „Sėdara“, Jaunimo d-ja, atstovas „Arg. Žinių“ ir kt.

Šio susirinkimo tikslas sudaryti bendrą fašistų frontą prieš komunistus-rytojiečius, nes lietuviai juos dšimčiai mato, kad revoliucinis judėjimas lietuviuose darbininkuose diena iš dienos stiprėja ir laikraštis „Rytojus“, kuris nurodo visus jų darbus ir nurodo kelią, kuriuo eidami bendrai su visų tautų darbininkais po Komunistų Partijos vado vybe nušluos visą parazitinį gaivalą nuo žemės paviršiaus ir įstels darbininkų ir valstiečių valdžią, todėl ji ms ir yra aštriausias peilis po kaklu. Dabar kada reakcija padidėjo visas juodasis gaivalas pakėlė savo galvas ir subruzdavo veikti bendrai. Tam tikslui sutvėrė ir „prieš komunistinį komitetą“, kurį suungė su Atstovų prieškomunistiniu komitetu ir Legion Civika (mušėikų-žmogžuočių gauja), griebiasi žvėriškiausių priemonių prieš lietuvių komunistus, revoliucinius darbininkus ir „Rytojų“.

Nieko nuostabaus, nes visi darbininkai gerai žino, kad Lietuvos konsulas to viso galva, cia ir atsiūstas šnipinėjimui, o ne lietuvių išvagybės reikalais rūpintis: kad tas tiesa turime daugybę faktų: tas pats konsulas vasario mėnesį pirmutinis (iš kitų salijų konsulų) pasirašė išdeportavimui fašistinėje Lietuvoje nieko nekaltus šešis darbininkus. Tas pats konsulas nunešė išvertęs žvalgybai kiekvieną „Rytojaus“ numerį ir inspiravo paštų viršininką neduoti „R.“ žemesne kaina persiuntimo tarifo. Tas pats konsulas perduoda visas žinias apie čionykštį lietuvių darbininkų judėjimą kruvinajam Smetonai ir t.t.

Beto dar ir B. Švedas ir kiti renegatai eina prieš komunistus ir revoliucinį darbininkų judėjimą, turavojant senam oportunistiniam g-ivalui, nors Švedas ir jo sėbrai tiesioginiai šlame bendrame fašistų fronte dar nedalyvauja, bet visas pastangas deda apšmeišti Sovietų Sąjungą, užkenkti „R.“ ir visam revoliuciniam liet. darb. organizacijoms.

Šito viso judojo elemento tikslas suirukdyti visą revoliucinį lietuvių darbininkų veikimą Argentinoje ir įduoti laikraštį „Rytojų“ ir veiklesnius draugus Justo kruvinai policijai.

Darbininkai prieš šitą fašistų puolimą turime tvirtai suglausti savo eiles sudarant revoliucinį darbininkų frontą ir paskelbti kovą visiem darbininkų klasės priešams, mulkintojams, šnipams ir parazitams. Cia neprivalo būti jiems vietos, užtektinai jie

prigerė darbininkų kraujo Lietuvoje ir dabar atsidanginę čio ai varo savo juodąjį darbą, persekiodami revoliucinį darbininkų judėjimą. Darbininkų pereiga atremti kiekvieną jų puolimą ir užkirsti jiems kelią ant visados. Čia padarysime sustiprindami revoliucines darbininkų organizacijas.

Dra, gal darbininkai, ruošdamiesi keturių suauduytų paminėjimui stekim visi revoliucines darbininkų organizacijas ir pradėkim energingą kampaniją prieš lietuvišką fašizmą sudarant bendrą revoliucinį frontą

Paminėjimas Revoliucijos sukaktuvių Rusijoje.

Sovietų Respublikų Sąjunga su didžiausiu entuziazmu prisluosė prie paminėjimo 15 metų Spalio Revoliucijos sukaktuvių. Darbininkų spauda daro santraukas pasekmingų ekonomijos laimėjimų. 1928 m. Rusija užėmė aštuntą vietą elektros technikos industrijoje, dabar užima penktą vietą pasaulyje. Klimkoj iš aštuntos vietos perėjo ketvirton. Akmens anglio produkcijoj iš šeštos į ketvirtą. Pieno geležies išdirbystėje iš šeštos vietos perėjo antron vieton pasaulyje ir pirmon vieton Europoje. Mašinų išdirbystėje iš ketvirtos į antrą ir pirmą vietą užima Europoj.

Žemdirbystei Rusija turi 150.000 traktorių ir 14
(Pabaiga 2 puslapyje)

Geležinis kryžius, simbolas moderniškios kapitalistinės civilizacijos.

Rytojus. Nr. 31 (213), ano VI Buenos Aires, 25/11/1932.
Nacionalinė Martynos Mažydo Martyno Biblioteka

BEGALINĖ DIDVYRYSTĖ
ISPANU LAURIDŽO LAURIDŽO

patsto oro kovon pirmi trīs voki-
kus lektuvus ties Santa Olalīa. Ja
pats lektuvu valdīt ir kulkova-
dīju veikls. Vokļediams pralov-
ja lektuvu. Urtnbi dar kiek galē-
mos aukācīau pakilo ir paskui stā-
cīai su savo lektuvu metēsi at-
vieno naxīu lektuvu. Tas būdu pa-

Jā sudegino prieco orlaivj. Vokietis lakūnas, tačiaus, parašītu: "Mēs esam gēlbejo. Kada respublikietis, kas emē tā vokiētj, jis īsaiprāst, ka nuvestu jī prie žuvuāio Urta. Tada sustojo, īsaistempē, pakēlētīstā savo dešinē rankā, ir sustojo: "Heil (Vallo) Urthn'ui!" Taigi ir Hitlerio nazis, ka

ri su, pagarba stebėti iš nepa-
to respublikos gynėjų karžygių

JAPONIJOS KARO ISLAIDAI
Zinios iš Tokio skelbia, kad kantiems metams Japonijos išlaidos numatomos 1,338,000,000 401,400,000 jeng, o pereitais metais buvo 1,293,082,000 (\$ 924,600) jeng. Vadinaai, šie jos bus gerokai didesnės.

Bet įdomiausia yra tai, kad nuos, tu išlaidų suš armija į

dėti ant žmonių nauji takai.
DIDŽIULĖ MOTERŲ

DEMONSTRACIJOS
MADRIDAS. — Tūkstančiai
terų demonstravo Madrido
vėmės dainuodamos: „Vyrai
nta moters retgvardijoj“.
Ištaigi tarnautojos metė d
ir išėjo į gatvę. Tokia moterų
monstracija padarė didelį įsp
Tūkstančiai vyrai stoja ginti
drida.

NEPRISIIMA KALTIM
PRAGA. — Čekoslovakijos
riaušybė grietlį protestuoja p
generolo Arandos kaltinima.

kitais kariškais ginklais ir armija Madrido vyriausybę.

MASKVA. — Oficialiai pranešama, kad užsienyje pasklidę žinia, būk laivas "Zarianin" Barce-

kariākos medžiagos, yra nepa-
tuotos.

**APIE LAISVAJĄ MEILĘ
BLOGA NUOMONĖ**

Vadinamoji "laisva meilė"
komercijinis produktas, nieko

dro neturintis su socialistiniu m
les supratimu, nei su Sovietų

jaunuolis laike vieny mety voo
5 kartus būt gerblamas sovio
jaunuomenės.

ties i saamens privatu gyvenim
bet neleis užmiršti, kad motin

la.

Director y Redactor:
JUAN JOMUSONIS
Calle de Correo 3325
MOM 2500, Capital
Precio Ejemplar: 0.35 cts.
Registro Nacional de la Pro-
piedad Intelectual N° 399273

TARYBU SAJUNGOS KOMUNISTU PARTIJOS CENTRO KOMITETO IRŠS MINISTRO TARYBOS IRŠS AUKŠČIAUSIOSIOS TARYBOS PREZIDIUMO PRANESIMAS

[illegible][illegible]

Ugesens gyvibei mylimojo tauta vade
ir mokytole Josite Vlasovskio
Stalino, su skaudancia siirdimi kvebi,
k'om qilauzta vrasojuta ir solida,
namu turybines Tarysai ir jos vyriaus,
ryba! Ryba! Ryba! Ryba!

IV – ENTRE TRAGÉDIAS

A Lituânia foi uma das primeiras vítimas da Segunda Guerra Mundial, sendo ocupada militarmente três vezes em quatro anos. Primeiro pela URSS, derrubando o governo Smetona (1940), logo depois pelos nazistas que avançaram sobre a região do Báltico. Os nazistas foram derrotados pelo Exército Vermelho, obrigando os alemães a iniciarem um recuo. A Lituânia foi retomada pela URSS e ali foi implementado o regime soviético (1944). Todos esses processos resultaram em genocídios e deportações em massa, além de provocar o refúgio de milhares de lituanos. No mesmo período, os países Sul Americanos passavam por mudanças políticas significativas, com a ascensão de Juan Domingos Perón (1946 – 1955), a queda de Getúlio Vargas (1930 – 1945) e a retomada da plena democracia no Uruguai. No conjunto dessas mudanças, a coletividade lituana teve que se reordenar, sobretudo diante da consolidação do regime soviético e do estabelecimento dos Refugiados de Guerra na América. Esse reordenamento, como na década anterior, gerou diversos conflitos, que nos cabe analisar.

4.1. Os lituanos em Tempo de Guerra

Com o avanço nazista em direção à Europa oriental, a URSS deu início a uma série de pressões para que o território lituano pudesse ser utilizado para instalação de bases militares. O pacto Ribbentrop-Molotov (1939) parecia ter selado o destino do país, pois este dividia secretamente a Europa oriental e deixava a Lituânia, ao contrário dos demais países do Báltico, sob a esfera nazista. O tratado de paz não foi respeitado e logo a pressão soviética, somada à atuação dos comunistas locais, começou a ameaçar o governo lituano, cuja única alternativa foi ceder às pressões. O resultado foi a ocupação do país e a fuga do governo de Antanas Smetona para a Alemanha e posteriormente para os Estados Unidos.

As reações à queda de Smetona e a implementação do regime comunista causaram diversas reações na América. Por um lado, a desestruturação das organizações lituanas sustentadas pelo governo, pois ficaram sem recursos e sem ter como defender um regime que não mais existia e cultuar um presidente em fuga.

Restou-lhes depositar esperanças no avanço alemão e na derrota militar do regime comunista, como pode ser observado nos jornais que permaneceram em circulação.

Vale lembrar que a situação nos países receptores era bastante distinta. Assim, no Brasil, devido ao Estado Novo, as atividades das coletividades estrangeiras estavam bastante limitadas e sob constante vigilância, como já demonstramos. Da mesma forma, a imprensa em idioma estrangeiro era impedida de circular, sendo assim, resulta difícil identificar as suas atividades no período. Esse problema torna-se mais grave com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Era uma contradição que afetava o cotidiano do país, por um lado o Brasil tinha um regime inspirado no fascismo e por outro ingressou na Guerra do lado Aliado. No dia-a-dia da cidade de São Paulo, esta contradição aparecia na atuação da Polícia Política que seguia reprimindo os movimentos de esquerda e passou a reprimir os grupos de extrema direita, notadamente os identificados com o fascismo.

A repressão silenciava a comunidade lituana, os nacionalistas tinham medo de serem associados aos nazistas e a esquerda já havia sido silenciada. Como resultado, não houve uma atividade significativa dos lituanos e só podemos abordá-la pelas notícias e cartas enviadas aos jornais uruguaio e argentino e, mesmo neste, é bastante limitada. Um exemplo desta situação foi um artigo assinado por “Darbo Pele” enviado do Brasil para o *Darbas* em 25 de janeiro de 1941. Neste, o autor, relata as dificuldades de organização e os conflitos com o padre Arminas que atuaria contra as atividades de esquerda, além das pressões da polícia e a impossibilidade de publicar jornais¹⁵⁴. Ainda que de forma limitada, por essas referências, podemos recompor as reações da coletividade diante das mudanças na Lituânia.

Como demonstramos anteriormente a comunidade lituana se encontrava dividida em dois polos que se enfrentavam. Assim, os debates realizados através de sua imprensa seguiam esta divisão. A esquerda se viu diante de uma dura derrota com o fim da Guerra Civil Espanhola e a vitória do franquismo. Os combatentes lituanos foram obrigados a fugir para a França e parte deles buscou voltar à Lituânia, como o mencionado Albino Kynas. Os avanços do nazismo animavam aos nacionalistas que estampavam nas páginas de seus jornais os progressos daquele regime, os avanços militares e tecnológicos e, ainda, a recuperação econômica da Itália e da Alemanha.

¹⁵⁴ *Darbas*. nº. 2 (116). Montevideu, 24/01/1941. Biblioteca Nacional de Uruguay.

Com o início da Guerra e a ocupação da Polônia, a perspectiva era de que o regime nazista destruiria o comunismo soviético. A questão se tornou mais tensa com as pressões sofridas pelo governo de Smetona e a instalação das bases da URSS na Lituânia que acabou por ser ocupada, levando o presidente a fugir. Como forma de compensação Stalin ocupou a cidade de Vilnius e a devolveu à Lituânia como capital, onde foi instalado o primeiro governo soviético.

A fuga de Smetona e o início do regime soviético reanimaram a esquerda da comunidade. Era a vitória diante do fascismo e de um governo que os havia perseguido, para além era a vitória da revolução comunista e o início da República da Lituânia Soviética. Os debates foram intensos sobre o significado deste ato. Antigos comunistas lituanos estavam fora das prisões e integrados ao novo governo, parecia de fato ser uma vitória da esquerda lituana. Assim, na Argentina e no Uruguai, principalmente o jornal *Darbas*, fez publicar diversos artigos sobre o tema, carta dos representantes comunistas no parlamento lituano e chamando os lituanos a integrar os esforços do novo governo. Em artigo publicado em 29 de junho de 1940, o jornal defendeu que não se tratava de uma anexação, como afirmavam os fascistas, mas da vitória do comunismo, de um país operário que levaria adiante o combate ao fascismo e derrotaria o exército nazista. Assim, via os lituanos integrando o Exército Vermelho. O Clube Lituano, ao qual o jornal estava vinculado, realizou, naquele ano, diversas atividades para tratar do tema: conferências, reuniões, além de festas, para celebrar e arrecadar fundos para os esforços de guerra da Lituânia Soviética. Como exemplo, um churrasco para comemorar a queda de Smetona.

Em 30 de janeiro de 1939 foi organizada uma conferência na cidade de Buenos Aires reunindo as organizações de esquerda que estavam mobilizadas em defesa da República espanhola. O objetivo era formar uma associação que pudesse ser legalmente reconhecida para o envio de ajuda aos lituanos que haviam participado das Brigadas, que foi denominada de *Lietuvių Komiteta Gelbejimui Ispanijos Lieaudies* (Comitê de Ajuda ao Povo Espanhol)¹⁵⁵. Essas organizações logo passaram a tomar como preocupação central os eventos da Segunda Guerra Mundial e o envio de ajuda à Lituânia, quando da ocupação nazista.

Apesar da formal neutralidade da Argentina durante a Segunda Guerra Mundial, as diversas simpatias na burocracia governamental organizaram uma ação repressiva

¹⁵⁵ Argentinos Lietuvių Kolonija. Argentinos Lietuvių Ispanijo Pilietinio Karo. Fondas 13698 – 1- 39. LKP Archivas.

às organizações de esquerda, diversos ativistas lituanos antifascistas foram detidos, como Tadas Adamonis, Danielius Jakubonis, Jonas Januska, Juozas Janusaitis entre outros. Presos foram submetidos a tortura e a um tratamento desumano que levou, mesmo os jornais mais conservadores, a denunciar a situação vivenciada pelos presos políticos. Mais tarde os presos foram enviados para o presídio da ilha Martin Garsia. No mesmo período o jornal *Momentas* e a cooperativa *Talka* foram colocados na ilegalidade em 1943. Com isso os lituanos perdiam o seu principal órgão de imprensa e como os demais jornais de esquerda já haviam encerrado suas atividades estes permaneceram o período da Guerra sem um órgão de imprensa na Argentina. Com isso, o jornal *Darbas* do Uruguai, ganhou importância como o único órgão de esquerda lituano na América do Sul que era publicado legalmente e, assim de Montevideu era enviado para a Argentina e para o Brasil. Mesmo nestas difíceis condições os lituanos continuaram a manter os esforços para a organização de um órgão de imprensa, mesmo que tivesse que ser realizado na clandestinidade. Assim formaram o jornal mimeografado *Kovas* (Luta) que, no entanto, teve somente um número, pois o seu editor Tada Adamonis foi preso pela polícia de Buenos Aires

Se as organizações lituanas encontravam dificuldades para atuar, buscaram um espaço de ação política junto às associações argentinas, primeiro junto ao *Comitê Democrático Argentino* que dava apoio aos países em luta contra o fascismo e o nazismo. Mais tarde, o Comitê formou a *Junta da Vitória* para apoiar as nações aliadas. Nessas, os lituanos de esquerda conseguiram formar seções específicas para angariar donativos, principalmente nas cidades de Buenos Aires, Berisso, Rosário, Córdoba. A reorganização dos lituanos que davam suporte à URSS só foi possível em 8 de janeiro de 1944, quando conseguiram formar a *Laisvoji* (Aliança Argentino Lituana Liberdade)¹⁵⁶. Contudo, a maior parte de suas atividades tinha que ser realizada na clandestinidade e além de dar apoio à Lituânia Soviética na luta contra o nazismo, lutava também contra os lituanos que se identificavam com o fascismo na Argentina e formaram seções por toda colônia lituana. Na sede de Buenos Aires chegaram a constituir grupo de teatro, organizar palestras entre outras atividades.

Em 1945, os lituanos na Argentina formaram uma organização para coordenar o envio de ajuda à Lituânia Soviética ao que se denominou *Argentinos Lietuvių Komisija Tevynei Remti*. Entre as formas encontradas para angariar fundos, a

¹⁵⁶ Argentinos Lietuvių Laisvoji Lietuva. Fondas 13698 – 1-47. LKP Archivas.

associação publicou um mapa da Lituânia Soviética que era vendido. Naquele mesmo ano, os lituanos lançaram um novo jornal ao qual denominaram de *Vienybe* (Unidade) em 19 de setembro. O jornal tinha seis páginas e enfatizava tanto as questões locais, como relativas à URSS e conclamava a luta contra as organizações nacionalistas e fascistas tanto na Lituânia como na Argentina. Em 1947, a mesma organização deu início ao *Jaunino Vienybe* (Unidade Jovem) que, como o nome indica, era voltado para o público jovem.

Essa postura, celebração e apoio diante do comunismo, não foi seguida com o mesmo entusiasmo pelas demais organizações lituanas e logo as fissuras naqueles que tinham adotado uma atitude antifascista na década de 1930 começaram a aparecer. A mais expressiva das rupturas foi com o jornal editado na Argentina o *Balsas*. Com o regime lituano implantado com a presença do Exército Vermelho, o jornal começou a questionar a intervenção e as posturas de Stalin e a não democracia. Diversos artigos foram publicados atacando um aos outros formando uma polêmica entre os dois jornais. Uma visita de Ožinskas, editor do *Balsas*, a Montevideu foi realizada para que as questões fossem tratadas. Contudo, o resultado foi nulo e os ataques seguiram até o ano seguinte, quando a Lituânia foi ocupada pelos nazistas, o que levou temporariamente um realinhamento antinazista.

Por outro lado, os jornais nacionalistas, que passavam por dificuldades por não mais receberem o aporte financeiro do governo de Smetona, celebraram a expulsão do Exército Vermelho do território lituano, ainda que isso significasse uma ocupação alemã, seguiam ainda cultuando a imagem do ex-presidente em uma perspectiva que não tinha mais futuro. Seja como for, os jornais nacionalistas comemoravam a queda do comunismo, mas tinham dificuldade de encontrar uma nova forma de atuação, é o que pode ser observado na crescente debilidade do *Žinios* que levou a sua extinção.

A Guerra era noticiada com grande destaque pelos jornais lituanos que se serviam de diversas redes de comunicação. No *Balsas* e no *Darbas*, por exemplo, eram reproduzidas notícias dos jornais americanos, ingleses, além dos locais. Transcreviam notícias das rádios tanto as argentinas, as uruguaias e também da Europa escutada por ondas curtas. Como o *Darbas* manteve contatos com o governo lituano comunista, mesmo quando este se retirou para Moscou devido à ocupação nazista, seguia reproduzindo suas cartas e discursos, seguindo desde o front, as notícias e as perspectivas dos lituanos integrados ao Exército Vermelho. Com a ocupação nazista, os lituanos comunistas que não recuaram para a Rússia organizaram

um movimento de guerrilha, partisans, que se escondiam nas florestas atacando as guarnições alemãs e as tropas lituanas que foram integradas ao exército nazista, sobretudo a *Waffen SS*. Sabotar a administração nazista foi a principal meta dos partisans. Essa luta desproporcional em força era tomada como heroica e glorificada pelo jornal.

O jornal denunciava a forma de tratamento dada pelos alemães aos lituanos, principalmente quando começaram a chegar as notícias dos massacres, dos assassinatos em massa. No mesmo sentido, denunciaram o fato de lituanos serem levados para trabalhar na Alemanha, somavam-se a esta denúncia os estupros e os casos de lituanas que eram obrigadas a se prostituir. Entre tantas tragédias, a esperança era depositada nos avanços do Exército Vermelho e para tal, o jornal e o Clube Lituano se juntavam aos esforços de guerra. Desta forma, organizavam jantares, festas, rifas, palestras e coleta de doações que eram repassadas à Cruz Vermelha. Essas festividades, muitas vezes, unificavam outros grupos de imigrantes com a mesma perspectiva política, como demonstra um panfleto preservado entre as páginas do *Darbas*:

GRAN FESTIVAL

Organizado por los ucranianos, lituanos y bielorusos que conmemoran el primer aniversario de la liberación y unificación de Ucrania y Bielorusia Occidental con las Repúblicas Ucraniana y Bielorusia Soviética de la capital histórica, Vilna, para el pueblo lituano.¹⁵⁷

O Festival foi organizado pela: *Sociedad Ucraniana y Bielorusa del Cerro, Sociedad Lituana del Cerro, Teatro del Pueblo, Centro Cultural Ucraniano, Sociedad Cultural Lemeo y Centro Cultural Lituano*. O programa apresentava diversas atividades que incluíam: Coro Ucraniano Bieloruso, Coro Lituano Recitado, Ballet Ucraniano, Recital Bieloruso, Ballet Lituano, Coro Lituano Chumok dança, além de uma peça teatral de um ato: “Encuentro de los hermanos” apresentado pelo *Cuadro Dramático Ucraniano* e terminava com uma festa baile que se estenderia até as quatro da manhã

O que o panfleto e o programa explicitam é a forma festiva como alguns grupos receberam a ação do Exército Vermelho na Europa oriental, o que demonstra como a URSS era vista de forma positiva e a integração de seus países de origem a ela

¹⁵⁷ *Darbas*. Nr. 10 (104). Montevideu, 10/09/1940. Biblioteca Nacional del Uruguay.

não era percebida como uma invasão. Da mesma forma, observamos que as celebrações eram realizadas através de uso de manifestações culturais consideradas como típicas de cada nação. Neste sentido vemos que não havia um conflito entre manifestações de “cultura nacional”, comunismo e União Soviética. Enfatizamos esta questão, porque, como observaremos este será um dos pontos centrais da tensão entre comunistas e anti-comunistas, ou seja, a direita sempre argumenta que a integração à URSS significou a destruição da cultura nacional, uma forma de etnocídio.

As festividades, como colocamos, serviam para angariar fundos que eram entregues à Cruz Vermelha ou, em alguns casos, conseguiam enviar diretamente ao Exército Vermelho. Durante a resistência de Estalingrado, um dos momentos decisivos da resistência soviética, chegou à redação do *Darbas* uma carta do Dr. Kolesnikov:

Moscu, 12 de mayo, hora 23. 40 via transradio – Secretorio de Accion Antinazi de Ayuda a lo Pueblos libres, Jose Massera – Montevideo.

El comite Ejecutivo de las Sociedades de la Cruz Rojo confirmando la recepcio de su caria de fecha 20 de octunre envia sinceros agradecimientos a la Accion Antinazi de Ayuda a los Pueblos Libres del Uruguay u a todos los ciudadanos uruguayos que aydam a los comatientes del Ejercito Rojo a derrotar a las hordas hitlerianas. Se a recebido cuatro envios de productos medicinales que han sido usado para el tratamiento de soldados enfermos o heridos del Ejercito Rojo. La ropa, el cazado u los alimentos han sido distribuidos entre los soldado heridos asi como entre los hogares indantiles y la poblacion civil de las regiones liberadas.

Agradecemos mucho tambien por la organizacion de la campaña a favor de los heroes de Stalingrado¹⁵⁸

Se as notícias da coletividade lituana estabelecida no Brasil eram raras e em geral apresentavam as dificuldades de organização, isso não significou que questões referentes ao país estivessem ausentes dos debates políticos do *Darbas* e o tema principal girava em torno de Luís Carlos Prestes. Desde sua prisão, em 1935, até a sua liberdade o jornal trouxe as notícias sobre sua situação, a entrega de Olga Benário para forças nazistas e a luta levada adiante por sua mãe Leocádia para a libertação de sua neta. Fotos de Prestes e Olga eram sempre publicadas e mesmo quando Vargas declarou guerra à Alemanha o jornal não deixou de notar a contradição criticando o fato de Prestes ser mantido preso¹⁵⁹.

Em 1944 a Lituânia foi novamente ocupada pelo Exército Vermelho, expulsando os nazistas que se puseram em fuga. Esse fato foi entusiasticamente comemorado pelo *Darbas* e pelo Clube Lituano. Festas, encontros e churrascos foram

¹⁵⁸ *Darbas*. Nr. 10 (191). Montevidéu, 20/05/1943. Biblioteca Nacional de Uruguay.

¹⁵⁹ *Darbas*. Nr. 16 (196). Montevidéu, 07/05/1943. Biblioteca Nacional de Uruguay.

realizados para comemorar a libertação da Lituânia e a volta do regime comunista. Era a vitória, vista como definitiva e da abertura de uma nova era. A vitória levou a uma reconstrução da imagem de Stalin, líder supremo, glorificado como herói que conduzia a libertação contra as forças nazistas. A esta imagem se acrescentava o papel dos combatentes lituanos e particularmente dos *partisans* que se somavam aos esforços de Guerra. Uma importante manifestação da coletividade lituana neste período foi realizada no Ateneu de Montevideú, no dia 14 de outubro de 1944.

Ha llegado el turno a los lituanos del Uruguay a identificarse ante el pueblo y gobierno uruguayo. Ya lo han hecho casi todas las colectividades etnicas: los slavs, los hungaros, los judios, los alemanes libres, los italianos antifascistas, etc. Ahora, se pronunciarán los lituanos. Dirán en un sector público sus tendencias, exteriorizarán su fevor democratico a la causa aliada, agradeceran y homenajearán al Gobierno del Dr. Juan J Amézaga para reiterarle – en retribucion reciproca – su total apoyo a las medidas de defesa nacional, puesto que los lituanos aman a esta gran tierra de Artigas con todo su corazón, y la consideran como su segunda Patria. Este es el caracter del gran acto que, festejando la liberacion de Lituania de los invasores nazis, se realizará en los salones del Ateneo de Montevideo, el sabado 14 del Cte. A las 20 y 30 horas.¹⁶⁰

O evento contou com a participação e o apoio de diversas autoridades uruguaias e também da recém formada Lituania Soviética. O *Darbas* que além de difundir com muita ênfase o encontro e sua repercussão. Assim, fez publicar duas cartas elogiando o evento. Uma delas era de Batile Berres, que ocupava o cargo de presidente da Câmara de Representantes parlamento, na qual felicitou o encontro e enfatizou a importância de defender a democracia. Observemos no discurso do parlamentar uma perspectiva de integração dos imigrantes na vida social e política do país, construindo uma referência a nova e a velha pátria.

La Democracia en América necesita la colaboración de todos, la vigilancia de todos los habitantes para defenderla de quienes quieren conspirar contra ella y en estos momentos, nosotros los uruguayos, ofrecemos nuestra tierra a los que han llegado hasta nuestra playas y lo único que pedimos es que nos ayuden a defender nuestras libertades y nuestro régimen democrático, que es la base de progreso de la Nación. Estos países jóvenes necesitan aumentar el caudal de sus masas humanas para poder obtener de la justa esperanza de que los hombres que han llegado hasta nosotros rehagan sus hogares y en el trabajo, prosperidad y tranquilidad, encuentren de nuevo la felicidad de vivir. Lituania es la vieja patria, pero Uruguay es la nueva, y es la patria de mañana, y en nombre del recuerdo y en la justa exigencia y esperanza del presente demos un viva a Lituania y al Uruguay.¹⁶¹

¹⁶⁰ *Darbas*. Nr. 20 (226). Montevideú, 12/09/1944. Biblioteca Nacional de Uruguay.

¹⁶¹ *Darbas*. Nr. 20 (226). Montevideú, 12/09/1944. Biblioteca Nacional de Uruguay.

Se o parlamentar uruguaio defendia a integração dos lituanos ao país, os parlamentares da Lituânia Soviética agradeciam e convidavam os lituanos do Uruguai a se unirem ao esforço de reconstrução da Lituânia, como nos demonstra um telegrama enviado pelos principais líderes do país: Justas Paleckis, Mecys Gedvilas, Antanas Sniekus, respectivamente Presidente do Soviete Supremo, Comissário do Partido Comunista e Secretário Geral do Partido Comunista.¹⁶² Os contatos do *Darbas* com o governo da Lituânia Soviética eram diretos, ou seja, podemos encontrar cartas de membros do governo dirigidas aos lituanos comunistas da América, o que incluía agradecimentos pelos esforços de guerra. Entre as cartas recebidas constam a do principal líder da Lituânia Soviética, o já mencionado Justas Paleckis.¹⁶³

A partir deste momento a atividade se voltou para angariar fundos destinados à reconstrução da Lituânia Soviética. Era uma luta que deveria envolver todos os lituanos e, mais do que os festejos e encontros que serviriam a este propósito eram valorizadas as atividades individuais.

Lituania es uno de los países que pagaron más alto tributo a la saña nazi. Es de los que están representados con más altas cifras en esos 690 mil millones de rublos que suman las depredaciones de los bárbaros en el suelo soviético y talvez, más aun, en las fosas de los muertos u en los 25 millones de seres sin hogar. Por el país rubio de mieses y de niños pasaron los rubios ancestrales, siniestros de uña negras y botas ensangrentadas, sin miradas, duros y aterradores, quemado aldeas saqueando hogares, violando mujeres y enterrando niños vivos.

Después fue la victoria y la paz llegó a Lituania pero ¿quién habría tenido allí una sonrisa para recibirla? ¿A quién habrá encontrado el buen tiempo con el alma sin sombras y la copa de vodka para celebrarle? ¹⁶⁴

Em meio a estas atividades, e em respeito à legislação adotada pelo Uruguai em 1945, o Clube Lituano, ao qual o *Darbas* era vinculado, teve que fazer um novo registro, adotando um novo estatuto, no qual definia suas atividades como:

- a) elevar el nivel intelectual, moral y físico de sus asociados mediante la cultura u el esparcimiento;
- b) propugnar por el mas alto concepto de democracia y justicia social, sin que ello implique adherirse directamente o indirectamente a ningún partido político escuela filosófica determinada;

¹⁶² *Darbas*. Nr. 20 (226). Montevideú, 12/09/1944. Biblioteca Nacional de Uruguay.

¹⁶³ *Darbas*. Nr. 19 (225). Montevideú, 30/09/1944. Biblioteca Nacional de Uruguay. Justas Paleckis (1899 – 1980) ocupou o Soviete Supremo da Lituânia até 1967 e do Soviètes da Nacionalidade (1966 – 1970)

¹⁶⁴ *Darbas*. Nr. 3 (258). Montevideú, 09/02/1946. Biblioteca Nacional de Uruguay.

- c) Adherirse en las mismas condiciones arriba mencionadas, a toda iniciativa que tenga por finalidad la conquista del bienestar y libertad de los pueblos;
- d) Editar un periódico
- e) Mantener y trabajar pro-cultura lituana.¹⁶⁵

Apesar de afirmar a não vinculação ideológica e partidária, o que era necessário para o seu registro legal, como estamos demonstrando seu vínculo era estreito com a URSS e com o comunismo. Essa aproximação, também valia para as posições políticas relacionadas ao Uruguai, ou seja, o Clube difundiu, através do seu jornal, os congressos, as decisões e as posturas do Partido Comunista Uruguaio, o que incluía a participação ativa nos processos eleitorais difundindo os candidatos do partido ou por ele apoiado. Nesse sentido, vemos a dupla inserção do Clube, uma aproximação com a política uruguaia e com a política soviética, assumida como lituana no pós Guerra. Esse duplo lugar ocupado pelo Clube revela a condição do imigrante. Eram dois os países de referência que o atraíam, sem estar absorvido pelo país receptor, já não mais pertencia a seu país de origem. Sua percepção oscilava entre um e outro e, entre as referências, a adoção de uma perspectiva ideológica. Para além os lituanos comunistas no Uruguai não se dirigiam somente aos lituanos daquele país, mas para toda a América do Sul.

4.2. Novos desafios: o reordenamento diante da Guerra Fria

Se por um lado os lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai se orgulhavam da construção da Lituânia Soviética logo as reações contrárias começaram a se articular envolvendo, sobretudo as antigas organizações nacionalistas e católicas, mas também recebendo novas adesões, como no caso do jornal *Balsas*. A Lituânia Soviética exigia um reordenamento dos lituanos que foi se estabelecendo à medida que a Guerra chegava a seu fim. Para buscarmos essas reações é preciso voltarmos nosso olhar para a Argentina, lembrando que no Brasil as manifestações ainda sofriam as restrições do já decadente Estado Novo.

A situação política da Argentina se transformou durante a Guerra, emergia um novo fenômeno, um novo líder, que marcou profundamente a história do país. Um golpe militar colocou fim à década infame construindo uma breve solução autoritária,

¹⁶⁵ *Darbas*. Nr. 10 (265). Montevideu, 08/06/1946 Biblioteca Nacional de Uruguay.

realizada por um golpe orquestrado pelos militares nacionalistas (1943 -1945). Neste governo emergiu uma nova força política, liderada por Juan Domingos Perón. Não é nosso propósito avaliar ou buscar uma interpretação sobre este fenômeno político, pois há uma ampla historiografia e de diversas áreas das ciências humanas com este propósito. Limitamos-nos ao nosso objeto, observando como este afetou as percepções políticas dos lituanos radicados no país.

Antes é preciso observar que algumas iniciativas dos lituanos tinham chegado ao fim como, por exemplo, o jornal antifascista *Momentas*, bem como os demais jornais comunistas. Do lado nacionalista, o jornal nacionalista *Argentino Aidas* também encerrou suas atividades, enquanto o *Žinios* seguiu em circulação até 1947, sendo que desde 1939 não contava mais com o suporte do governo lituano devido a Guerra. Entre os jornais católicos o *Švyturys* foi encerrado e seu substituto passou a circular em 1947 com o título *Laikas* (Tempo). Entre as associações não observamos uma mudança significativa na sua vida institucional, ou seja, de uma forma ou de outra, todas se mantiveram em atividade.

Podemos, neste ponto, comparar novamente com o caso brasileiro, pois na Argentina não houve um processo de nacionalização através do uso da violência. Desta forma, os jornais e demais publicações, bem como as atividades das associações não foram interrompidas. Observamos apenas alguns problemas pontuais no que se refere aos clubes. Entre eles o *Vargidienis*, que ao mudar o seu registro passou a ser denominado Associação Nacionalista *Vargidienis*, o que foi recusado pelo governo da província, que não aceitou a denominação “miséria e nacionalista”. Desta forma a associação foi registrada como *Nemunas*, em homenagem ao principal rio da Lituânia.

O maior problema vivenciado pelas organizações lituanas era o fim do suporte material e humano oferecido pelo governo lituano, o que a obrigou a caminhar por sua própria conta. Apesar das dificuldades, as associações seguiram em atividade e permanecem até os dias de hoje. As mais afetadas, certamente, foram as escolas que funcionavam tanto em Buenos Aires como em Berisso, junto ao *Mindaugas*, pois essas contavam diretamente com suporte financeiro, professores e material enviados da Lituânia, na década de 1930.

As associações lituanas tiveram que lidar com as ações do governo de Perón. Não observamos neste um processo de repressão ou de proibição das atividades da coletividade. Sua ação, ao contrário do varguismo, foi através da cooptação e do uso

dos meios de comunicação organizados pelas coletividades para difundir as ações do seu governo e a sua imagem. Analisando os jornais lituanos do período, notamos que na primeira página traziam textos em espanhol sobre as ações do governo, o que foi intenso com a adoção do plano quinquenal. Os textos, que eram iguais para todos os jornais e acompanhados de diversas fotografias tanto de Perón como de sua esposa Eva. Nos artigos era construída a imagem de uma Argentina em progresso que se desenvolvia tanto na área econômica como social.

Dessa forma, o discurso governista alcançava as coletividades utilizando-se de seus próprios meios de comunicação. Essa ação era possível devido aos mecanismos de controle do Estado argentino. Se o uso do idioma estrangeiro não foi proibido, isso não significava ausência de controle. Para um jornal poder circular e ainda receber os incentivos, como tarifa reduzida no correio, tinha que seguir uma série de determinações e nestas se inseriu a difusão de informação-propaganda orquestrada pelo regime em vigor. A análise dos jornais nos revela que, não se realizava um debate sobre a política argentina, ou seja, fora o texto oficial havia um silêncio com relação à situação do país. Podemos, assim, contrastar com o que acontecia no mesmo período no Uruguai, onde os jornais lituanos discutiam livremente a política e o governo do país, particularmente forte durante as campanhas eleitorais que ali eram frequentes.

Contudo, não devemos assumir que a coletividade lituana adotou alguma forma de perspectiva antiperonista. Assim, como grande parte da sociedade argentina o peronismo dividiu as organizações tanto na direita como na esquerda política. Uma mostra desta situação pode ser vista no jornal *Darbas* do Uruguai. Este, vinculado a uma perspectiva comunista, publicava cartas enviadas da Argentina que se utilizavam da expressão “naziperonismo”, adotando uma perspectiva bastante crítica, particularmente nos primeiros anos do governo¹⁶⁶. No entanto, ao difundir esses textos, o jornal recebeu cartas defendendo as ações de Perón, o que nos demonstra uma divisão de perspectivas já que o jornal se relacionava com os lituanos vinculados aos movimentos de esquerda. O jornal publicava os artigos que defendiam Perón em uma coluna intitulada *Laisvoji Sakykla* (Liberdade de Expressão), para separá-los da linha editorial adotada, como exemplo o artigo *Argentinos Politikoje Didi Permaina*

¹⁶⁶ *Darbas*. Nr. 2 (257). Montevideu, 26/01/1946. Biblioteca Nacional de Uruguay.

(Grandes Mudanças na Política Argentina) na qual os feitos do presidente argentino são valorizados¹⁶⁷.

Nos jornais publicados na Argentina, também podemos encontrar diferenças de perspectivas. O *Balsas*, por exemplo, difundia imagens de Perón em quase todas as suas publicações, o que incluía os *Kalendorius* (Calendário), livretos publicados anualmente com as atividades a serem realizadas em cada ano. Já o *Laikas*, jornal católico, se limitava aos textos de primeira página, como observamos. Os católicos tinham duas questões específicas para adotar uma atitude antiperonista. Primeiro a existência de um conflito mais geral entre católicos e o governo. Segundo, porque a Argentina em 1946 reconheceu a integração da Lituânia à URSS, abolindo as representações diplomáticas lituanas que ainda buscavam atuar em nome de um governo que não mais existia. Aqui podemos novamente contrastar com o Brasil, pois, assim como os Estados Unidos, o governo brasileiro só reconheceu a Lituânia Soviética na década de 1960 e aceitava a atuação dos antigos diplomatas lituanos em luta contra o regime comunista.

Essa atitude de rejeição dos católicos lituanos na Argentina só se torna evidente, e publicamente anunciada, com o fim do governo Perón, pois nos dias seguintes o jornal *Laikas* fez publicar uma carta aberta celebrando a queda do presidente e saudando aqueles que realizaram o golpe de Estado, o que foi acompanhado da transcrição do primeiro discurso de Eduardo Lonardi. Da mesma forma, cobravam dos novos governantes o não reconhecimento da URSS, o que nunca aconteceu. Na primeira página após queda de Perón o jornal publicou a mensagem da *Argentino Letuvių Bendruomene*:

Al Excelentísimo señor presidente Provisional General Eduardo Lonardi.
Com motivo asuncion mando felicitole caulurosamente y hago votos por prosperidad
heróica nacion argentina en nombre comunidad lituana propio dios guarde a vuestra
excelência.¹⁶⁸

O *Balsas*, por sua vez, apenas relata o fim do governo de Perón, sem acrescentar comentários e análises. Vemos assim, nesta sutileza de ações, a divisão de perspectivas causadas pelo então governo e que continua existindo. Apesar das importantes diferenças, os jornais mencionados tinham perspectivas em comum com

¹⁶⁷ *Darbas*. Nr. 18 -19 (273-274). Montevideu, 2/11/1946. Biblioteca Nacional de Uruguay.

¹⁶⁸ *Laikas*. Nr 149. São Paulo, 28/09/1955. Biblioteca Nacional de La Republica Argentina

relação à URSS, ambos desempenharam e levaram adiante ampla campanha antissoviética, defendendo uma “Lituânia livre”.

A situação no Uruguai foi bastante distinta das experiências argentinas e brasileiras, pois, apesar dos momentos de exceção o país conseguiu manter uma estrutura democrática e participativa e, nos anos 1940, a democracia plena foi reconquistada, afastando qualquer ameaça fascista e demais soluções autoritárias. Da mesma forma, não foram adotadas políticas específicas com relação aos imigrantes, como enfatizamos. Como resultado, podemos perceber pelos jornais lituanos e pelas atividades públicas que anuncia e difunde que, ali, houve uma maior participação na vida política. Um exemplo bastante significativo desta participação foi quando da crise institucional no ano de 1942. O Governo Terra chegou ao fim em 1938 com a eleição de Baldomir, mas as estruturas formadas no período de exceção permaneciam em vigor, razão pela qual era necessário realizar uma nova reforma constitucional e na legislação eleitoral. Esse processo sofria duros questionamentos por parte da oposição orquestrada por Herrera (herreristas), identificados como simpatizantes do eixo e que defendiam a neutralidade do Uruguai na Segunda Guerra Mundial. Diante dos impasses, o presidente em exercício orquestrou um golpe no qual dissolveu o parlamento e a suprema corte, que em muito se identificavam com o governo Terra. O principal objetivo de tal gesto de força era possibilitar a reforma constitucional retomando a democracia dissolvendo as estruturas do regime anterior, o que contou com amplo apoio popular.

Esse apoio ao gesto presidencial foi apoiado pelo Clube Lituano e manifestado no jornal *Darbas* que convocava ao apoio ao presidente e comemorava a derrota imposta aos herreristas, identificada como a vitória da democracia sobre o fascismo. Para tanto enviaram um telegrama diretamente à presidência que foi publicado no jornal.

Exelentísimo Señor Presidente de la Republica del Uruguay, General Arquitecto Don Alfredo Baldomir.

La Colectividad Litwana apoya su firme resolucion contra la 5 columna herrerista que obstaculizaba l unificacion del pueblo uruguayo en defesa de la Patria donde residimos
Saludamos muy atte.

Por el periodico Darbas.¹⁶⁹

¹⁶⁹ *Darbas*. Nr. 9 (148). Montevideu, 27/02/1942. Biblioteca Nacional de Uruguay.

Naquele ano, como projeto do partido comunista, foi proposta a formação de uma central sindical denominada de UGT (*Unión General de Trabajadores*) que também apoiava as medidas adotadas pelo presidente. Nesse processo, o jornal lituano, convocou os trabalhadores lituanos dos frigoríficos a se somarem aos esforços do governo e a aderir ao sindicato, como parte da luta antifascista.

Com a libertação da Lituânia da ocupação nazista em 1944 e a sua integração ao regime comunista e, posteriormente, à União Soviética, os militantes lituanos tiveram que se reposicionar e ainda enfrentar os nacionalistas que assumiam uma postura antissoviética. Como ressaltamos, a coletividade lituana no Uruguai que se vinculava a uma perspectiva comunista era a melhor organizada e o sistema político daquele país o que possibilitava a maior liberdade no que se refere às atividades políticas organizadas por estrangeiros.

Dessa forma, coube ao Clube Lituano de Montevideú tomar a iniciativa de reorganizar a esquerda lituana na América do Sul. Para tanto, já em 1945, propôs a organização de um Congresso que viabilizasse os debates necessários e a coordenação das atividades. Assim, o jornal *Darbas* começou a publicar uma série de artigos convidando os demais lituanos para a organização destas atividades. As respostas não tardaram a aparecer. Cartas enviadas da Argentina reforçavam a necessidade de incentivar essa iniciativa e assumiam o compromisso de se integrarem. Um pouco mais tarde, com o fim do Estado Novo, a comunidade lituana de São Paulo também começou a responder ao chamado, principalmente aqueles que atuavam junto à associação *Rytas*.

Como resultado, o Congresso foi marcado para a cidade de Montevideú entre 24 e 26 de agosto de 1946 e contou com a participação das seguintes organizações: Associação Lituânia Livre, de Buenos Aires, Teatro do Povo, *Associação Beneficente Neptunas*, Córdoba, Comitê Slavo Argentino, o jornal *Vienybe*, Associação dos Judeus Lituanos e Letões do Uruguai, além do cônsul da União Soviética em Montevideú. Do Brasil foram enviados cinco representantes, mas que não se identificaram como participantes de alguma organização eram eles: Paulina Cernauskas, Jeronymo Bubenias, Afonso Kucinskas, Vladas Burkas e Magdalena Latvanine.

De acordo com as informações do Deops, congressistas de São Paulo levaram para Montevideú cinquenta abaixo-assinados com 4.000 assinaturas de lituanos residentes no Brasil que davam “*felicitações à Lituânia Soviética, ao Exército*

Vermelho e a Stalin". Arrecadaram fundos para a reconstrução da URSS no valor de 100.000 cruzeiros e repassaram ao Conde Emanuel Benigsem, presidente do *Sub-Comitê Russo de Auxílio às Vítimas de Guerra*, que, por sua vez, encaminhou estes recursos ao embaixador soviético Jacob Z. Suriz. Em agradecimento, Suriz enviou uma carta aos colaboradores da "Lituânia Soviética" informando que, como a quantia arrecadada superava o objetivo inicial de 100.000 Cruzeiros, os congressistas decidiram doar o restante, aproximadamente 80.000 ao jornal *Hoje* em circulação no Brasil.

Além da participação do embaixador da União Soviética outras autoridades se fizeram presentes, como o vice-presidente do Uruguai, Alberto Guani, que aceitou ser o presidente honorário do Congresso. As autoridades da Lituânia soviética também se manifestaram favoravelmente ao evento enviando telegramas e cartas que foram ao longo dos meses seguintes difundidas pelo jornal *Darbas*. A mais significativa foi a do Presidente do Soviete Supremo da Lituânia Soviética, Justas Paleckis¹⁷⁰. Essas referências nos mostram a dimensão e difusão que a reunião dos lituanos teve e, por essa razão desagradou profundamente aos lituanos anticomunistas que utilizaram seus jornais para atacar violentamente aquele evento, em um artigo publicado no jornal *Balsas*, em espanhol, intitulado: "*Lituânia ocupada y sus hijos en America Latina*", afirma que no congresso:

Unicamente los grupos artificiales, formadas especialmente, y partidarios de la esclavitud rusa tratarán de hablar en el nombre de los lituanos de la América Latina. La situación de la nación lituana es sumamente trágica. Es necesario de obrar para el ejército y el gobierno ruso se retira del territorio lituano u para que sean devueltos a su patria los lituanos deportados hacia Siberia. Los pacíficos trabajadores lituanos de la América Latina quieren obtener permisos para llegada de sus hermanos, víctimas de la guerra. Para tales fines es necesario de obrar, condenando unánimemente a los regímenes nazi-comunistas que ocasionaron tantos daños a nuestra querida Lituania.¹⁷¹

O mesmo artigo ressalta que a maior parte das associações lituanas na Argentina e no Brasil não aderiram ao Congresso, como as duas organizações de Berisso, *Vargdienis* e *Mindaugas*, o Centro Lituano de Buenos Aires, a SLA de Lanus e a *Sqjunga* de São Paulo, e os lituanos em Rosário e Córdoba. De fato, a maior parte das organizações lituanas, sobretudo aquelas vinculadas às perspectivas nacionalistas

¹⁷⁰ *Darbas*. Nr. 15 (270). Montevideu, 10/09/1946. Biblioteca Nacional de Uruguay.

¹⁷¹ *Balsas*. Nr 788, Buenos Aires, 22/08/1946. Biblioteca de La Nación Argentina.

e católicas, repudiaram o encontro lituano além de defenderem o ingresso dos Deslocados de Guerra.

Alheio às resistências e às críticas, o Congresso transcorreu sem maiores problemas e as resoluções ali aprovadas foram publicadas no livro *Pirmojo Pietų Amerikos Lietuvių Kongreso Leidiny (Primeiro Congresso Lituano para América do Sul)* que apresentou os objetivos pelos quais os lituanos deveriam se empenhar em realizar:

- 1- Pedir aos governos Sul-americanos para não aceitarem nos seus países os “refugiados”, combatendo-os onde quer que apareçam.
- 2- Pedir aos países europeus a entrega a URSS (CCCP), de todos os refugiados para serem processados como criminosos de guerra “fascista”.
- 3- Pedir ao governo Brasileiro a liberdade de imprensa e de associação aos estrangeiros “progressistas”
- 4- Pedir ao Governo do Brasil, Uruguai e Argentina, o reconhecimento do Governo da Lituânia Soviética, bem como estabelecer, com ela, relações diplomáticas e não reconhecer os atuais diplomatas aqui residentes.
- 5- Protestar contra o regime de Franco exigir o rompimento de relações entre a Lituânia e a Espanha; reconhecer o Governo Republicano Espanhol.
- 6- Coordenar todas as atividades dos lituanos da América do Sul “progressistas”.
- 7- Considerar o jornal *Darbas* (Trabalho) de Montevidéu, como órgão dos lituanos na América do Sul.
- 8- Ajudar financeiramente a Lituânia Soviética, reunindo, para isso vinte e cinco mil pesos Uruguaios.
- 9- Enviar uma delegação à Lituânia Soviética juntamente com o dinheiro arrecadado.
- 10 – Estabelecer um comitê central (Soviete) para a América do Sul, incumbido de dirigir todas as atividades dos lituanos radicados no continente.¹⁷²

Os dois primeiros itens das resoluções se referem ao deslocados de guerra que começariam a chegar ao Brasil pouco mais de um ano após a publicação do documento. As exigências estavam de acordo com a política do governo soviético, ou seja, repatriar aqueles que se encontravam nos campos alemães e julgá-los como colaboracionistas do fascismo. Essa postura nos dá a dimensão dos conflitos ocasionados entre lituanos comunistas e anticomunistas com a chegada dos novos imigrantes. O conflito, contudo, foi rapidamente resolvido com a prisão dos congressistas pela polícia brasileira que contou com a ajuda de colaboradores lituanos. Além desta questão, as resoluções diziam respeito às representações diplomáticas: o reconhecimento da Lituânia Soviética implicava em não mais aceitar os antigos representantes diplomáticos que, conforme já abordamos, iniciavam campanha contra a URSS. Os demais itens se referem ao apoio dos lituanos à causa

¹⁷² *Pirmojo Pietų Amerikos Lietuvių Kongreso Leidiny*. Buenos Aires, 1947. Coleção do Autor.

comunista, apoio que implicava em ajuda financeira, coordenação do movimento, bem como o estabelecimento de um órgão de imprensa, o *Darbas*.

A prisão dos congressistas foi realizada em 1947, por uma seção especializada do Deops e autorizada pelo então governador Adhemar de Barros. A Seção de Expulsandos tinha à frente o delegado Antonio Ribeiro de Andrade, autoridade responsável pela investigação, prisão e expulsão de estrangeiros. Posteriormente o nome desta seção foi mudado para SEV - Serviço Especial de Vigilância -, mas sua organização e objetivo não foram alterados. De acordo com relatório produzido pelo delegado, assim que a Seção começou a funcionar, os lituanos foram investigados “sem perda de tempo” dada a “excessiva liberdade” com que atuavam “sob o manto protetor” do *Sub-Comitê Russo de Auxílio às Vítimas de Guerra*. Foi a partir dessas investigações que as autoridades tomaram conhecimento do Congresso dos Lituanos em Montevidéu. Pouco depois, a associação lituana *Rytas* foi fechada pela Polícia Política, colocando fim à última organização de esquerda entre os lituanos na cidade de São Paulo, que não mais conseguiram se organizar. O jornal *Darbas* deu grande ênfase em suas páginas às prisões realizadas no Brasil, bem como à repressão empreendida contra a *Rytas*. Desta forma, a reorganização da esquerda pretendida pelo Congresso, no que se refere ao caso brasileiro, não tiveram efeito.¹⁷³

A reorganização das atividades dos lituanos comunistas no Brasil passou por muitas dificuldades no pós-guerra. Em 1947, o PCB foi colocado na ilegalidade, a *Rytas* havia sido fechada, os que participaram do congresso no Uruguai continuavam presos e as publicações de esquerda já não conseguiam se sustentar. As prisões, a tortura e as perseguições começavam a prenunciar uma tragédia para aquele que foi um dos principais ativistas e editores de jornais lituanos na América Latina, Alfonsas Marma. Marma não conseguiu participar do congresso de Montevidéu, pois se encontrava detido pelas autoridades brasileiras. Uma questão jurídica complexa tornava a sua situação no país bastante instável, pois ele, ainda nos anos 1930 tinha solicitado deixar o país na sua primeira prisão como analisamos, portanto o seu processo de expulsão não foi concluído. No entanto, ele tinha retornado ilegalmente ao país, passando pela fronteira com o Uruguai sem ser identificado. Assim, a justiça brasileira precisava definir se a anistia dada aos perseguidos políticos do período ditatorial varguista era válida para o seu caso, se ele deveria cumprir pena ou ser

¹⁷³ Sobre o congresso e a repressão aos participantes ver: Erick Reis Godliauskas Zen. *Imigração e Revolução*. Lituanos, Russos e Poloneses sob Vigilância do Deops. São Paulo, Edusp, 2010.

expulso. Enquanto a justiça definia a questão, o Deops foi obrigado a liberá-lo.

O período de prisão foi bastante duro para Marma, sendo ele primeiro levado à Cadeia Pública, que era um presídio para presos políticos, e posteriormente para Ilha Anchieta onde estavam os demais lituanos comunistas detidos. Quando foi posto em liberdade, estava bastante debilitado pelas condições, muitas vezes desumanas, a que foi submetido nestas localidades. Ainda assim, não abandonou as suas atividades, seguiu vinculado ao Partido Comunista e lutando pelos seus ideais. Voltou a contribuir sistematicamente para o jornal *Darbas*, enviando seus artigos para Montevidéu, na sua maioria analisando as condições políticas no Brasil e denunciando as perseguições e a colaboração dos direitistas lituanos com as autoridades brasileiras. Em outubro de 1949, o Partido Comunista Brasileiro enviou Marma para a cidade de Tupã, localizada no interior do Estado de São Paulo, com o objetivo de realizar atividades políticas junto aos agricultores daquela região. A polícia, atenta às suas atividades, passou a acompanhá-lo sistematicamente e descobriu o local onde se encontrava reunido com os ativistas locais. A casa foi cercada, tomada e empreendida uma violenta ação policial que resultou no assassinato a balas de Alfonsas Marma, no dia 25 daquele mês.

A morte de Marma foi difundida rapidamente entre os lituanos, que se viram bastante abalados com a morte de um de seus principais ativistas. O idealizador dos mais importantes jornais, que, além de escrever os artigos, trabalhava na parte gráfica. Seus contatos na Argentina e no Uruguai logo receberam a notícia e trataram de difundi-la em todos os órgãos de imprensa lituano na América, acionando suas redes de comunicação articulada pelas diversas publicações. Assim, seu assassinato, também foi noticiado no *Laisve* e mesmo na Lituânia Soviética. A data de 25 de outubro dos anos seguintes passou a ser um dia de homenagem e lembranças e todas as publicações em lituano passaram a reservar um espaço para lembrar as atividades de Marma e as circunstâncias de sua morte. As homenagens partiam sobretudo de seus ex-companheiros de militância no partido, alguns dos quais haviam retornado para a Lituânia, como Linas Valbasys, Tomašiunas e Pranas Ulevičius.

O escritor e ativista político Linas Valbasys participou dos principais periódicos lituanos editados no Brasil que contavam com a participação de Marma, como o *Mūsų Žodis*, a revista *Rytas* e o jornal *Tiesa*. Quando voltou para a Lituânia Soviética, Valbasys seguiu em sua atividade de escritor e publicou diversos livros de poesias, um livro de memória, literatura, além de ter traduzido os livros de Monteiro Lobato

para o lituano. Em um de seus livros de poesia que reuniu a sua produção na América dedicou uma poesia em memória de seu amigo e companheiro de partido, escrita em São Paulo cinco dias após o assassinato.

IN MEMORIAN

(Alfonsui Marmo)

Turėjome draugą, kovotoją taurų -
Pakirto mirtis jį pikta ir baisi.
Jo garbei nupinsim vainiką iš laurų
O darbą pradėtąjį tęsim visi.

Vargdieniu jis gimęs - kovotoju žuvo,
Garbė šlovingoji tebus jam už tai
Jis kietas kaip plienas gyvendamas buvo
Ir dirbo dėl vargstančios liaudies tikrai

Jis laisvės tetroško - tyros, krikščioninės
Gyvenimo kelią tiesos saule švietė...
O žodžiais iš savo ugningos krūtinės
Varguolius į kovą su priespaula kvietė.

Tik sargas senasis Tupan Kapinyne
Su tėviška širdžia prie kapo herojaus,
Nors jo ir nematęs, nors jo nepažinęs
Žiauriai nukankunto gailejo, raudėjo.

Tika ryto aušrine skliautu atsiyrė
Ir apšvietė žemę ir žuvusio veidą.
Tik ji palydėjo marksistą didvyrį:
Jos jį mylėjo - ji jo neapleido.

Tik deimanto rastos ir skrendantis vėjas,
Ir paukščiai margi, jau pakilę iš guolio,
Ir motina žemė pri jų prisidėjus
Bučiavo sukrūvintą veidą jaunuolio.

Netekome draugo; iš kapo jis šaukia
Semiai jau pradėtą kovos darbą tęsti.

Nekaltas jo kraujas mūs atpildo laukia:
Visur visada žmogžudžių neapkęsti

EM MEMORIA

(De Alfonsas Marma)

Eu tinha um amigo, um nobre Guerreiro
A morte o atingiu ela é má e assustadora
Em sua honra uma coroa de louro
E o seu trabalho, continuaremos todos

Entre os podres nasceu morreu como guerreiro
Permanecerá sua gloriosa honra
A vida lhe foi dura como aço
E trabalhou para o povo pobre

Para liberdade ela é pura como cristal
Vivendo no caminho da verdade o sol brilhava
Suas palavras saiam de seu peito ardente
Convocava aos pobres a lutar contra a opressão

Como a velha guarda no cemitério dos Tupã
Com o coração de pai para o túmulo do herói
Mesmo quem não o viu ou não o conheceu
Brutalmente torturado até a morte triste, chorou

Apenas a estrala da manhã apareceu
E iluminou a terra e o rosto do morto
Apenas ela acompanhou o herói marxista
Descritos no amor – os seus não o abandonaram

Apenas o frio do orvalho e o vento soprava
Os pássaros manchados, subiu de seu leito
E a mãe terra o aceitou e o adotou
Beijando o rosto ensanguentado de um jovem

Perdemos um amigo, da sepultura ele convoca
As oficinas já começaram trabalhar
[para continuar sua luta]

Seu sangue inocente será recompensado
Todos e sempre os assassinos serão odiados ¹⁷⁴

¹⁷⁴ Linas Valbasys. *Leiskit į Tėvynę*. Valstybinė Grožinės Literatūros Leidykla. Vilnius, 1958. pp. 56 - 58.

Nos mais importantes jornais da Lituânia Soviética, Tomašiunas registrou a biografia de Alfonsas Marma, publicando artigos no seu aniversário de morte, exaltando a sua dedicação ao Partido Comunista, os seus feitos e ressaltando a repressão aos comunistas na América. No mesmo sentido, atuou Pranas Ulevičius, que como historiador e arquivista registrou em suas obras as atividades de Marma, particularmente em seu livro dedicado aos estudos de imigração lituana na América do Sul como o *Pietų Amerikos Lietuviai*¹⁷⁵. Para além, preservou as cartas que trocava com Marma, buscou documentos sobre suas atividades, selecionou artigos de jornais e documentos manuscritos com o propósito de preservá-los no Arquivo Histórico do Partido Comunista Lituano. Neste dedicou uma pasta que foi colocada no espaço do arquivo dedicada às biografias e aos documentos dos membros do Comitê Central. Após reunir esta documentação, Ulevičius proferiu um discurso na cidade de Vilnius em 25 de dezembro de 1968 em homenagem ao que seria o sexagésimo aniversário de Marma.

Neste discurso, relembrou o único encontro que teve com Marma em Montevideu em 1935, quando foi auxiliar na organização do *Darbas*. Comentou como ele já demonstrava sua vontade de voltar para o Brasil e participar dos movimentos políticos que se tornavam intensos naquele ano. A partir de então o relacionamento político entre os dois foi estabelecido através da troca de cartas e da ajuda de Marma com os jornais que Ulevičius organizava na Argentina, o *Rytojus* e o *Dabartis*, para o qual chegavam os artigos enviados do Brasil. Ao lembrar seu camarada de partido, ressaltou algumas de suas características, como as dificuldades vivenciadas pelos imigrantes e de seu aprendizado de forma autodidata, sempre organizando e incentivando a leitura de seus companheiros, apesar das dificuldades, ao que comenta:

(...) os livros o ajudaram a perceber uma forte visão marxista de mundo, na época bons livros eram ilegais e eram difíceis de serem encontrados. Se você não consegue comprar pode emprestar e esta era outra de suas vocações emprestar e acompanhar de perto a leitura. Em todo tempo que tinha estava com um livro e não o abandonava. Entendia a importância da auto-consciência sempre insistia com seus amigos para ampliar a sua auto educação, para uma melhor compreensão da luta de classes¹⁷⁶.

¹⁷⁵Pranas Ulevičius. *Pietų Amerikos Lietuviai*. Valstybinė Politinės ir Mokslinės Literatūros Leidykla. Vilnius, 1968.

¹⁷⁶Pranas Ulevičius. *Prano Ulevičius pasisakymas Alfonso Marmos šešiasdešimties metų*. [Discurso no sexagésimo aniversário de Afonsas Marma]. Vilnius, 25/10/1968. Lietuvos Komunistų Partija, Centro Komitetas. Asmens Bylas Marma Alfonsas. Fondas Nr 77. Apyrašas Nr. 28. Byla Nr. 6916. Arquivo Histórico do Partido Comunista Lituano, Vilnius.

Assim, ele "compreendeu a importância da grande instrução necessária aos líderes do proletariado". A esta observação, acrescenta que na última correspondência que teriam trocado este teria afirmado que estava preparando um livro sobre a história dos lituanos na América do Sul. Projeto que teria sido interrompido pelo seu assassinato. Assim, Ulevičius remonta a biografia de Marma e, seu discurso, assume um caráter didático. A busca de um lituano imigrante, militante exemplar ativista do partido comunista, que lutou por essa causa, se auto-educou e sempre foi fiel à União Soviética e às suas concepções. Seja como for, vemos como a militância política dos lituanos na América passava a figurar nos discursos políticos e, podemos dizer, da história e da memória da Lituânia Soviética.

Não foi somente no Brasil que a repressão colocou fim às iniciativas dos lituanos comunistas na América. Na Argentina, a repressão também foi bastante intensa naquele período. Em 27 de agosto de 1949 a polícia de Buenos Aires atacou a *Laisvojo Lietuva* e confiscou os recursos da associação e nos meses seguintes empreendeu uma represália contra as demais associações lituanas que se vinculavam à URSS. Naquele ano o jornal *Vienybe*, também foi fechado pela repressão. Importante ressaltar que além da publicação do jornal, a *Vienybe* editou uma série de livros e brochuras, sobretudo voltado às questões da Lituânia Soviética, pelos seus intelectuais e dirigentes, entre estes devemos mencionar: *Lietuvių Tauta Naujojuoju Keliu* de M. I. Kalinino, que era o principal teórico político soviético da Lituânia na época, *Einamasis Mementas ir Lietuvis Liaudis už Daviniai* de Justas Paleckis, principal dirigente do Partido Comunista da Lituânia Soviética, que foi traduzida para o espanhol por Danielis Jakubonis, *20-Tojo Amžiaus Barbarai* de Juozo Balciuno, *Tevyne Atgarsiai* que foi também traduzido por Danielius Jakubonis. Para além, foram publicadas obras literárias de escritores lituano-argentinos como do poeta Brinis Klimavičius. Vemos assim, que logo nos primeiros anos os lituanos na América recebiam as principais obras teóricas e de orientação política e ideológica da Lituânia Soviética e de sua produção cultural. Ainda valorizavam as iniciativas literárias locais, promovendo seus artistas e escritores. Essa relação se tornou tanto mais forte com o passar dos anos e a afirmação de laços de intercâmbio que se promovem entre as associações lituanas na América, com os órgãos de Estado soviético, que chegaram a incluir intercâmbios para estudos nas universidades lituanas que se iniciam nos anos 1950 e se estendem praticamente até os últimos anos da

Lituânia Soviética. Portanto, não havia um isolamento, ou desconhecimento da realidade do país, não foi através da propaganda distribuída por Moscou que os contatos se mantiveram, como acusavam os nacionalistas. Muito menos um processo de russificação ou de destruição da identidade nacional, ao contrário, o que era produzido tanto em termos culturais, intelectuais, literários o que incluía o teatro e musicais na Lituânia era amplamente difundido. Através dos jornais, mantinha-se um contato permanente com o país de origem, sobretudo com a agência de informações *Tass*, que nos anos seguintes, através de telegramas enviava as informações que deveriam ser difundidas.

O mesmo processo aconteceu no campo da educação, pois os participantes das associações lituanas na América recebiam livros em lituano para formar bibliotecas, o que incluía obras didáticas para o ensino do idioma, de história e de outras disciplinas escolares. Aqui vale uma breve observação sobre o sistema educacional soviético, pois a partir do final da década de 1950, foi incluído para os estudantes escolares das repúblicas bálticas um ano extra, para que se enfatizasse o aprendizado do idioma local, das "tradições" e da história. Essa medida fez ampliar a produção local de material escolar que era difundido também na América. O mesmo podemos dizer com relação aos esportes, tais como o xadrez, para o qual os livros de jogos e de teóricos são de fundamental importância. Vale dizer que nos campeonatos entre as coletividades os lituanos sempre se destacaram nesse esporte, assim como no seu principal nacional, o basquete.

Para esse período, é preciso destacar também a troca de correspondência, praticamente interrompida durante a Segunda Guerra Mundial, pois o tema central, para além do político, era reatar os contatos com as famílias, pois muitas cidades lituanas foram devastadas, saber quem sobreviveu ao conflito, onde estavam e em que situação. Os jornais lituanos publicados nos diferentes países fazia este trabalho. Assim vamos encontrar anúncios vindos da Lituânia procurando por familiares na América, como os jornais na Lituânia publicando anúncios enviados da América. Esse contato era tanto mais importante para os órfãos de guerra, pois na Lituânia Soviética muitos orfanatos foram abertos e houve um esforço nestes para buscar parentes das crianças em todo o mundo. Em alguns casos, cartas pessoais eram publicadas nos jornais, para difundir a possibilidade do reencontro. Em nossas entrevistas, registramos alguns casos de contatos que foram estabelecidos entre primos, tios, afilhados entre outros, muitos desses contatos se mantiveram por anos, em alguns

casos até os dias atuais. Dessa forma, as questões familiares, políticas, sociais e culturais da Lituânia Soviética, mesmo com os filtros da União Soviética e mais tarde das ditaduras latino-americanas, sempre chegavam a seus compatriotas e descendentes.

A partir dos anos 1950, a URSS, através de sua embaixada na Argentina, estabeleceu a possibilidade de solicitação do passaporte soviético. Em outras palavras, um argentino, brasileiro ou uruguaio que comprovassem a sua origem de uma das repúblicas soviéticas poderia solicitar o seu passaporte e a autorização de trânsito. A solicitação do passaporte não implicava necessariamente no retorno ou na repatriação, mas abria a possibilidade, por exemplo, de estudos ou trabalho para as agências da URSS. Muitos imigrantes e descendentes assim o fizeram. Para os lituanos, havia uma vantagem, pois os dois cônsules soviéticos na Argentina eram lituanos. Embora não seja possível quantificar, muitos lituanos tomaram a iniciativa de solicitar a cidadania soviética.

Em 1951, os cidadãos soviéticos de origem lituana, bielorrussa e ucraniana se uniram em uma organização ao que denominavam de Clube Cultura que tinha sede na cidade de Buenos Aires e seções em outras. No entanto, os lituanos abandonaram a associação, pois de acordo com as leis argentinas a associação teria que indicar uma entidade para a qual os bens seriam repassados em caso de fechamento. Os sócios decidiram que os bens deveriam ser repassados à igreja ortodoxa, o que provocou uma reação bastante negativa entre os lituanos que não aceitaram deixar bens para igreja, menos ainda para a ortodoxa.

Em sete de setembro de 1955, na cidade de Quilmes, teve início a organização do Clube Lituano de Cultura, que mantinha estreitas relações com a URSS e com seus representantes na Argentina. Formou uma ampla biblioteca e mantinha um grupo de teatro, *Lieudies Teatras* (Teatro do Povo), além de música como coro e corpo de baile folclórico. O clube seguiu em atividade até o fim dos anos 1980, quando devido a uma crise econômica, os sócios passaram a alugar a sede para um clube de aposentados. O lugar segue existindo até os dias atuais e abriga a antiga biblioteca e administração. Nas décadas de funcionamento, a Argentina passou por muitas transformações políticas, mas foi possível contornar de alguma forma e seguir em funcionamento. Na primeira ditadura militar (1966 - 1972) foi o período no qual os seus integrantes tiveram maior problema com as autoridades argentinas. Durante a última ditadura militar (1976 - 1983), de acordo com os seus ex-integrantes, que

entrevistamos, não houve grandes problemas, pois como a Argentina mantinha estreita relação comercial com a URSS, os cidadãos soviéticos - e mesmo a maior parte dos militantes que seguiram a linha estreita do PCA - não foram "muito incomodados" e puderam, assim, seguir com suas atividades culturais. Nestes períodos algumas estratégias foram adotadas, por exemplo, a mudança de razão social da associação várias vezes ou mesmo, um dos sócios assumir a propriedade da casa onde estava localizada evitando assim intervenções governamentais. A mesma sorte não tiveram os lituanos no Uruguai, com eles a ditadura foi implacável.

Desta forma, com todas as dificuldades, os lituanos pro-soviéticos na Argentina continuavam a organizar suas próprias associações, procuravam manter em funcionamento um órgão regular de imprensa, assim, no mesmo ano que foram encerradas as atividades do *Vienybe*, começaram a organizar uma nova publicação, ao qual denominaram de *Tevyne* (Pátria) fundado em 1949 na cidade de Buenos Aires, tendo como seu editor Francisco Zilinskas, e o *Vaga*. O *Tevyne*, apesar de se autodenominar "*Periódico de los Lituanos en la Argentina*"¹⁷⁷ e de receber anúncios de comerciantes lituanos, não apresenta em suas páginas referências ou informações sobre as organizações lituanas ou a vida da coletividade. De fato, o jornal era financiado pela embaixada Soviética no país e a maior parte de suas notícias era transcrita da agência de informações soviética, a *Tass* (Agência Telegráfica da União Soviética). Mantinha uma coluna que denominava "Vida na Coletividade", mas nestas eram publicadas cartas elogiando o *Tevyne* (Pátria) e a Lituânia Soviética. O jornal circulou até 1956, ano do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) realizado em 23 de fevereiro, para o qual o jornal deu grande destaque, indicando que a partir do Congresso grandes mudanças viriam.

Foi uma ação policial que colocou fim ao jornal *Tevyne* em 1958, mas no mesmo ano o mesmo grupo se organizou e no seguinte deu origem ao *Vaga* (El Surco), que na prática e no conteúdo era uma continuidade do *Tevyne*, tanto na sua organização, na forma de obtenção de informações, pois era conectado a *Tass*. Sua edição era realizada em uma oficina onde eram impressos todos os jornais das associações vinculadas à URSS. Ali eram impressos os jornais em ucraniano, russo entre outros. O *Vaga* também informava sobre a vida dos lituanos que regressaram e particularmente aqueles que participaram das lutas políticas e sociais. Celebrava os

¹⁷⁷ *Tevyne*, Argentinos Lietuviu Laikrastis. Nr.º 8, ano I. Buenos Aires, 16/11/1940. Biblioteca Nacional de La Republica Argentina.

aniversários de nascimento e morte recuperando suas trajetórias e empenho no movimento comunista e na Lituânia Soviética. Assim, no dia 25 de agosto de 1977, o jornal celebrou a biografia política de Pranas Ulevičius, informando a data de seu falecimento. Recuperava também a história dos jornais, das prisões, da luta contra o fascismo, da guerra civil na Espanha, da construção da Lituânia Soviética¹⁷⁸. Era, assim, a forma de inserir todas essas histórias em uma tradição de luta e um vínculo com o comunismo e com sua terra natal, sendo editado até o fim da década de 1980.

O Clube Lituano de Montevideu e o seu periódico *Darbas* seguiu em plena atividade e o jornal, um importante meio de comunicação para toda a coletividade lituana. Pelas cartas enviadas da Argentina e do Brasil e nele publicadas percebemos que os lituanos que defendiam a Lituânia Soviética nestes países encontravam no seu jornal uma forma de se expressar. Essa situação perdurou até 1974, com o início da ditadura militar uruguaia, quando o Clube foi fechado pelos militares, seus participantes presos e a sua sede incendiada. Não é nosso propósito analisar todos estes anos de atividades.

Se a esquerda se organizou contando com o apoio da Lituânia Soviética e foi suprimida pela opressão nos países receptores, o movimento antissoviético recebeu um suporte bastante significativo, pois em 1946, Argentina e Brasil receberam novas levadas de imigrantes lituanos formadas pelos Deslocados de Guerra (DIP). Embora a maioria destes imigrantes tenha preferido se dirigir aos Estados Unidos, uma minoria adotou como destino a América do Sul e aqui desempenharam ampla influência nas organizações lituanas.

4.3. *Os Deslocados de Guerra e a luta anticomunista*

No final de 1946 os Aliados estimavam a existência de 47.887 lituanos refugiados vivendo nos campos da Alemanha, Austrália, Itália. Vivendo nestes campos sob supervisão da UNRRA e da IRO, os refugiados foram capazes de organizar uma complexa e integrada rede social. Dentro dos campos constituíram escolas, grupos de teatro, dança, canto e demais manifestações culturais. Ao mesmo tempo começaram a se organizar politicamente e a articular uma luta que levariam

¹⁷⁸ “Kovotojas Internacionalistas”. Vaga. Ano XVI. Nr. 15 (396). Buenos Aires, 25/08/1977. Acervo particular, Adela Simuokas.

adiante nos distintos países que os receberam e que podemos dizer durou até o fim da URSS.

Naquelas condições, desenvolveram uma crença disseminada entre os refugiados, que apesar dos desafios enfrentados, o fato de estarem fora da Lituânia Soviética era uma oportunidade para manter a cultura e nacionalidade lituana viva. Acreditavam que o regime comunista e os genocídios por ele impetrados eram uma ameaça à continuidade desta identidade nacional. Colocavam-se como missão e se auto-identificavam, portanto, como os responsáveis por manter a “lituanidade” viva e enquanto pudessem atuar e difundi-la a Lituânia estaria a salvo. Eram, assim, os que deveriam salvar uma etnia e suas manifestações. A esta perspectiva se somava o combate feroz ao regime comunista em seu país e ao comunismo onde quer que estivessem.

A primeira organização formada pelos lituanos foi a *Vliklas (Vyriausias Lietuvos Išlaisvinimo Komitetas)* que começou a ser formada ainda no campo de refugiados, na Alemanha. Nos campos alemães, com a apoio internacional, os lituanos foram capazes de formar escolas e inclusive editar livros para o ensino da língua, além de grupos de teatro, dança e música. A maioria dos refugiados dirigiu-se para os EUA, onde passou a desenvolver uma intensa atividade política e organizou uma instituição capaz de influenciar toda as coletividades lituanas espalhadas pelo mundo. Com esse propósito, formaram a *Pasaulio Lietuvių Bendruomenė (PLB)* em 1949, difundindo na ocasião a *Carta dos Lituanos*:

A nação lituana, temperada durante séculos em lutas para ser livre e independente em terras ancestrais, defendendo sua língua e sua cultura, cultivando as tradições como um exemplo para outras nações, obedecendo a vontade de Deus para ser livre e atendendo a antigos anseios, declara:

- I- Uma nação desde o nascimento, forma uma sociedade. Mas ninguém deve ser forçado a pertencer a ela contra a sua vontade. Os lituanos espalhados pelo mundo formam a Sociedade Lituana Mundial – *Pasaulio Lietuvių Bendruomenė*.
- II- O ser humano tem o direito nato de professar e cultivar livremente sua nacionalidade. O lituano é sempre lituano em qualquer lugar e sempre. A alma dos ancestrais da Nação Lituana continua nas gerações futuras e, assim, a Lituânia viverá eternamente.
- III- A língua é o elo mais forte da sociedade organizada. A língua lituana é um orgulho para a Nação.

- IV- A família é a vida da Nação. O lituano constrói a família lituana.
- V- A cultura nacional é o caminho para o reconhecimento da Nação e seu relacionamento com as demais. O surgimento de um gênio lituano será um tributo de nossa cultura ao avanço da humanidade. Todo lituano deve contribuir para a cultura da nação.
- VI- A nação é o ponto alto da sociedade organizada e condição para a liberdade, a criação de cultura e a segurança. Trabalhando, estudando, criando riquezas e ajudando o próximo, o lituano defende e mantém a Lituânia livre.
- VII- A escola é a chama eterna da alma lituana. É dever supremo de todo lituano apoiar as escolas lituanas.
- VIII- A Sociedade Lituana colabora ativamente com a cultura lituana. Os lituanos criam e apoiam movimentos culturais, religiosos, de juventude e profissionais, ajudam ao próximo e as outras organizações lituanas.
- IX- Os sacrifícios e as lutas de nossos pais pela liberdade da imprensa lituana é um legado para a Nação. O lituano difunde a palavra escrita de nossa gente.
- X- A história da Nação é o nosso melhor mestre. O lituano dá muito valor ao passado e aos costumes tradicionais. O lituano esforça-se para ser digno de seus antepassados e transmitir seus honrados valores às futuras gerações.
- XI- A solidariedade é o maior tesouro da Nação. Todos os lituanos são iguais perante a Nação, são irmãos entre si. Para melhor entendimento e melhor união, todo lituano presta constante tributo de solidariedade.
- XII- As cores nacionais: amarelo, verde e vermelho. O dia nacional lituano: 16 de fevereiro. O clamor do lituano: “Nascemos Lituanos e Sempre Seremos Lituanos!”.
- XIII- O lituano é leal ao país onde vive. As relações de um lituano com não-lituanos estabelecem amar o próximo e respeitar a liberdade, a honra, a vida, a saúde e a propriedade de cada um.¹⁷⁹

Algumas considerações são necessárias sobre o entendimento de identidade nacional manifesto na Carta. A primeira é percebermos uma mescla entre cristianismo e nacionalidade, ou seja, o lituano seria lituano pela vontade de Deus e aí residem os atributos positivos, como o da liberdade. A liberdade, aqui, significa poder manifestar a sua identidade e rejeitar a imposição de outras. Identidade essa que teria se formado ao longo dos séculos. Como já mencionamos, toda nação constrói um passado

¹⁷⁹ Comitê Superior da Libertação da Lituânia, exílio 14 de abril de 1949.

indefinido, uma eternidade que se projeta ao passado e ao futuro e que deve ser preservado pelos seus códigos culturais. Assim, observamos a valorização da língua, da escola e da forma escrita que constitui o orgulho, vale dizer, para que alguém seja considerado lituano é preciso falar e escrever em lituano fazendo com que a língua e a família formem a percepção étnica da comunidade.

Essa percepção é manifestada, também nos atos coletivos, na religião, no civismo das datas nacionais e nas cores de sua bandeira. Os atos coletivos que devem reforçar a solidariedade, pois esta é a forma de ampliar a ideia de família, ou seja, de pertencimento coletivo. Podemos concluir que a carta prepara, portanto e para formar uma nação, ou mantê-la, diante de um processo de desterro. Criar uma nação, quando esta já não pode ser identificada diretamente com um Estado e um território, ainda que este permaneça como referência de origem. Dessa forma, a associação que propõe, marcada por ser transnacional, busca formar uma nação dispersa. Entendia-se que a Lituânia estava perdida, mas caberia sustentá-la viva, enquanto nação, onde quer que estivessem.

No plano prático, a estratégia da organização era rearticular todas as instituições modeladas pelo governo lituano na década de 1930, articulando o que pode ser denominada como governo no exílio. Assim, além dos clubes, associações e jornais, buscavam construir uma rede de consulados (pró-consulados) que tinham como missão representar a “Lituânia livre” em todos os países, principalmente aqueles que não reconheciam a anexação da Lituânia à URSS. Pressionavam as instituições internacionais levando aos diversos fóruns de debate, como a ONU, as denúncias de genocídio e de desrespeito aos Direitos Humanos. Não podemos deixar de notar que a bandeira dos Direitos Humanos foi bastante instrumentalizada pelos movimentos antissoviéticos, mesmo por aqueles que tinham trabalhado junto ao governo ditatorial, fascista, de Antanas Smetona e passado vários anos na Alemanha nazista. Essa evidente contradição era possível em um ambiente de Guerra Fria e da necessidade de coadunar suas ações com as estratégias norte-americanas de crítica à URSS e aos Estados onde passou a vigorar o regime comunista. Lembremos que era o período de aprovação da Declaração de Direitos Humanos e nada melhor do que usá-la como instrumento legitimador. Assim, crimes de guerra podiam ser esquecidos e essas organizações, não só a lituana, receberam apoio do governo americano.

Na América do Sul, as atividades antissoviéticas foram articuladas logo no início da Segunda Guerra, como destacamos. A coletividade se dividiu em sua

percepção, apoiando os distintos governos em conflito, como demonstramos no processo de polarização vivenciado na década de 1930. Com a ocupação da Lituânia pelo Exército Vermelho, novas organizações começaram a surgir, entre elas, o Centro Pela Libertação da Lituânia, que formou comitê em todos os países onde havia coletividade lituana organizada. Este procurou coordenar as demais associações em uma luta comum, criticando energicamente o regime comunista implementado no país. Suas ações se fizeram sentir nas páginas dos jornais e no financiamento de diversas publicações.

O principal autor de livros assinava com o pseudônimo de Casimiro Verax, mas seu nome verdadeiro era Kazimieras Čibiras. Em suas obras vale destacar, *Lituânia Entre Fogo Cruzado*, *Ensayo sobre El destino de un país*, *¿Europa o Genghis Khan?*, *Diez Años de Martírio*, *El Império del Genocídio* é a mais extensa. Essas tinham basicamente a mesma organização. Iniciavam com um amplo histórico da Lituânia que começava na Idade Média e se estendia até o genocídio que estaria sendo realizado em sua terra natal a mando de Stalin.

A trajetória de Čibiras é bastante relevante para analisarmos sua perspectiva. Jornalista na Lituânia, emigrou para a Argentina em 1941 e desde esse período participou das atividades da coletividade lituana e junto à representação diplomática do país que seguia em atividade e trabalhava pelo não reconhecimento da Lituânia Soviética. Em 1946, quando a Argentina reconheceu a integração da Lituânia a URSS, se mudou para o Uruguai onde se tornou um dos principais colaboradores da publicação anticomunista *Laisvoji Lietuva* (Lituânia Livre), além de organizar diversas atividades pró-libertação da Lituânia buscando reunir os lituanos na América do Sul, seguindo as instruções das políticas formuladas nos Estados Unidos. Vale acrescentar que o referido jornalista residiu durante um ano em Chicago onde ficava a sede da *Pasaulio Lietuvių Bendruomenė* (PLB). Assim, houve um encontro de perspectivas o que possibilitou à PLB encontrar na América do Sul ampla recepção, permitindo reordenar as organizações lituanas e, vale dizer, influenciá-las até hoje, através da realização de diversos congressos, distribuição de literatura, orquestrada em Chicago, e com estas ações acabou por impor sua perspectiva sobre a identidade lituana e sobre as interpretações da história do país.

A *Laisvoji Lietuva*, começou a ser editada em 1945 pela Associação Cultural Uruguai – Lituana que naquele país era equivalente a *Sqjunga* no Brasil ou ao Clube Lituano na Argentina, ou seja, era o clube constituído pelo governo de Smetona e se

localizava no bairro do Cerro assim como o Clube Lituano. Os artigos da publicação eram bastante intensos e procuravam denunciar os massacres realizados pelo Exército Vermelho, o qual era acusado de realizar um genocídio no país e destruir a cultura lituana. Esse era o centro da argumentação das atividades anticomunistas: construir uma oposição entre identidade nacional e comunismo. Assim, a URSS era vista como a destruição da “lituanidade” e o comunismo um monstro a ser combatido. Em uma série de artigos publicados em espanhol nas primeiras páginas intitulado “¿Libertacion? ¡Mejor la Muerte!” concluía e analisava nos seguintes termos:

La situación de la nación lituana y sus vecinos es excepcionalmente trágica. Sus perspectivas de libertad son ¡hay! Pequeñas. Hasta los representantes de la democracia occidental intentan acallar “dignamente” sus derechos a la recuperación de su independencia. Pero nosotros esperamos contra toda esperanza. Vamos con aquellos cuya voluntad y anhelos de vivir libremente desprecian la mismísima muerte. Débese elegir únicamente entre la libertad. No hay ni puede haber elección entre dos tiranías aunque sean de distinto color. Los jefes del destino del mundo tendrán que tener muy en cuenta este principio, y en caso contrario deberán cargar con la responsabilidad de ser los autores de la tragedia universal: “La noche que vendrá”.¹⁸⁰

Neste período, as ações não se limitavam às palavras ou à troca de ofensas por meio das suas publicações. Diversas atividades públicas eram organizadas. Demonstrar o descontentamento, marcar posição era uma forma de mobilizar a opinião e pressionar os governos locais pelo reconhecimento ou não da Lituânia Soviética. Não dispomos de documentos referentes aos eventos, mas pelo jornal *Darbas*, podemos observar as manifestações de descontentamento dos grupos de esquerda diante destes. O palco das manifestações era o mesmo onde um ano antes se celebrou a Lituânia Soviética.

DECLARA A LA OPINIÓN PUBLICA EN GENERAL

- 1) Que la llamada Confederación de asociaciones y organizaciones democráticas lituanas” no existe como tal, y que bajo este título inventivo se pretendió dar entidad organizativa al acto del Ateneo de Montevideo realizado el día 16 del ppdo;
- 2) Que el llamado “presidente” de la mencionada no existente “federación”, un tal “doctor” Sacikauskas, de antecedentes nazi-fascistas y actividades comprometedoras en lo moral y material – según lo denunció el periodista lituano Sr. Jurgis Lazdauskas (que nadie lo pude tachar comunista)m en el diario de Chicago Daily News, de fecha 26, 27 y 28 de septiembre de 1941, - actúa por

¹⁸⁰ “¿Libertación? Mejor La Muerte!” *Laisvoji Lietuva*. Ano I, Nr. 5, Montevideu, março, 1945. Biblioteca Nacional de Uruguay.

cuenta de los enemigos del pueblo lituano, en compañía de los reaccionarios polacos;

- 3) Que llamamos la atención de las autoridades e instituciones nacionales para promover una investigación sobre las actividades del aludido “doctor” en la República O. Del Uruguay.
- 4) Que lamentamos, creyendo que han sido sorprendidos en su buena fe, la adhesión de varios demócratas uruguayos y de la Dirección del Ateneo de Montevideo, al acto de “duelo lituano” organizado por dicho “doctor”, con móviles antidemocráticos;
- 5) Que, por nuestra parte, e interpretando el sentir de la mayoría absoluta de nuestra colonia, expresamos la seguridad de que nuestra vieja patria – la República Socialista Soviética de Lituania –, por voluntad de su pueblo, ha instaurado un régimen legal y constitucional, y dentro de la familia de naciones soviéticas, disfruta de las más amplias libertades sociales, culturales y políticas, constituyendo un Estado libre e independiente, por el cual han soñado y luchado los mejores hijos de Lituania;
- 6) Que desautorizamos y repudiamos la acción de esta minoría ínfima en nuestro medio, que al conjunto de las fuerzas belicosas y anti-soviéticas del mundo, pretende engañar a la opinión pública nacional y servir a la causa notoriamente antidemocrática o antipueblo;
- 7) Que el Congreso Lituano de América del Sur, a realizarse en Montevideo el 20 de julio próximo, será una prueba cabal de lo que antecede de esta declaración.¹⁸¹

No Brasil, a PLB também assumiu uma postura bastante combativa e os Deslocados de Guerra foram responsáveis pela articulação do principal jornal lituano e que continua em atividade até hoje, o *Mūsų Lietuva* (Nossa Lituânia) que nos primeiros anos assumia uma postura agressiva com relação ao comunismo e à URSS, construindo uma imagem idealizada da Lituânia independente e cultuando seus símbolos nacionais. Dava-se, assim continuidade ao nacionalismo do período de Smetona no contexto da Guerra Fria. Na Argentina esse papel coube, como nos referimos, ao *Laikas* e ao *Balsas*, embora houvesse significativas diferenças de postura entre os dois periódicos

¹⁸¹ *Darbas*. Nr.10 (265) Montevideu, 8/06/1946. Biblioteca Nacional de Uruguay.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em diferentes tipologias documentais e em distintos países nos permitiu constituir um conjunto de referências para analisarmos as formas de estruturação das organizações lituanas na Argentina, Brasil e Uruguai. Ao adotar uma leitura transnacional, como proposto por Glick-Schiller, da história dos imigrantes, nos foi possível perceber que as relações entre os imigrantes de uma mesma comunidade nacional superavam os limites das fronteiras dos Estados no qual estavam radicados. Os imigrantes foram capazes de formar uma imprensa que levava informações de uma região a outra no interior de cada país e de um país ao outro. Essas informações eram regulares e abrangiam tanto questões mais imediatas do cotidiano da comunidade - como o resultado de um jogo de futebol - como elaboradas perspectivas políticas e sociais.

Essa comunicação regular, muitas vezes realizada de forma clandestina, criava uma comunidade de leitores que se vinculavam, compartilhando os desafios cotidianos, perspectivas políticas, ideais e projetos de futuros. Constituíam, assim, uma “comunidade imaginada” ampliada que superava os limites da territorialidade. Territorialidade tanto do seu Estado nacional de origem, a Lituânia, como dos países receptores. Assim, o imigrante estava inserido em uma rede que reforçava os seus laços identitários e comunitários, ainda que comunidade dispersa.

Essa comunidade não se formava a partir de uma homogeneidade política, pelo contrário. Nossa aproximação nos permitiu identificar os diferentes posicionamentos políticos assumidos que se modulavam por um lado, com as tensões vividas no interior da própria comunidade, e por outro, como a relação com as políticas adotadas por cada país com relação aos imigrantes, de uma forma geral, e aos movimentos políticos e sociais. Além dessas questões é de fundamental importância compreender que os Estados nacionais, como no caso da Lituânia, sustentam projetos para os seus emigrados e como buscam influenciar na organização destes mesmo que em outros países. No caso lituano, como analisamos.

Desta forma, evidenciamos como essas organizações políticas eram diversas e manifestavam distintas posturas ideológicas que variavam da aproximação com o

nacionalismo, fascismo, e comunismo. O resultado, o processo de inserção dos lituanos foi marcado por um constante conflito. As soluções destes conflitos dependiam, por sua vez, das estratégias adotadas por cada país onde se radicaram. No entanto, este conflito não provocou um distanciamento das referências nacionais lituanas pelo contrário, as constantes mobilizações fizeram com que a Lituânia seguisse o lugar de identificação dos imigrantes. Os apelos nacionais, de identificação nacional e a coletividade, foram realizados tanto pela direita como pela esquerda, o que nos demonstra o caráter modular do sentimento nacional, como nos demonstrou Anderson. Se Benedict Anderson nos abre uma ampla perspectiva se faz necessário superá-lo, considerando as críticas que sua obra tem recebido. Percebemos que a definição do “nacional” é uma comunidade instável, ou o resultado de um constante conflito e de disputa entre distintas perspectivas. Em outras palavras, diferentes projetos disputam a hegemonia do grupo, da coletividade, aqui retomamos a proposta de Akhil Gupta e de Partha Chatterjee. Se enfatizamos esses aspectos, não ignoramos a particularidades e os desafios vivenciados em cada país. Trata-se aqui de buscar como estas múltiplas tensões influenciaram na formação das identidades, no nosso caso da lituana na América.

Na Argentina, as organizações lituanas tiveram condições de sustentar atividades a despeito de suas diferenças ideológicas, e de momentos críticos de confrontos com o Estado, particularmente dos grupos que sustentavam uma perspectiva comunista foram identificados, levando ao fechamento de algumas publicações, além de prisões de ativistas. O conflito entre católicos, nacionalistas e a esquerda fez com que emergissem, no país, a maior quantidade de associações, algumas delas separadas por poucas ruas, como no caso da localidade Berisso, que naquele período era parte do município de La Plata. O governo de Juan Domingo Perón, não significou a impossibilidade de atuar e os jornais continuavam a circular, mas levando para dentro das comunidades seu discurso, sua imagem, as fotos do então presidente eram constantemente publicadas. Assim, buscava a cooptação que foi menos efetiva com os católicos do que com os outros grupos. Seja como for, é importante ressaltar que neste caso não houve uma política ativa voltada à suspensão das manifestações culturais dos imigrantes, em particular com relações aos lituanos.

Esse aspecto o distingue radicalmente do caso brasileiro, particularmente no período varguista, quando a estratégia adotada foi a da desmobilização sistemática, através de medidas proibitivas e do uso da repressão. A primeira vítima desse

processo foram os grupos de esquerda e, posteriormente, os demais, pois as medidas adotadas no Estado Novo visava interromper as manifestações políticas e culturais dos imigrantes e, portanto, todas as organizações foram afetadas e os jornais e demais impressos proibidos de circular. Com a queda de Vargas, houve maior liberdade para determinadas formas de manifestações, mas a repressão se fazia presente e a única organização de esquerda, a *Rytas*, foi fechada pelo Deops durante o governo de Eurico Gaspar Dutra.

No Uruguai, a democracia, com poucos momentos de exceção, sobreviveu às turbulências e com ela a possibilidade de uma sociedade aberta à participação política, mesmo aos imigrantes. Ali se desenvolveram associações e jornais que por décadas defenderam abertamente o comunismo e a União Soviética, por exemplo, o que era impossível tanto na Argentina como no Brasil. Essa liberdade de atuação facilitou aos lituanos assumirem uma postura ativa na vida política do país manifestando-se publicamente, mesmo nos momentos críticos. Assim, o Uruguai acabou por se tornar o refúgio daqueles que foram perseguidos nos demais países ou mesmo expulso deles. Trajetórias de lituanos expulsos do Brasil e que se integram à militância no Uruguai não foram incomuns. Essa liberdade de atuação terminou com o golpe militar de 1973, quando as organizações lituanas foram fechadas. O Clube Lituano foi incendiado e o que restou foram alguns nomes na lista dos que permanecem desaparecidos.

Entre as experiências distintas vivenciadas em cada país se entrecruza as questões transnacionais modeladas por estes imigrantes. Por um lado, as organizações nacionalistas, erguidas pelo governo lituano, em seu projeto de manutenção da identidade lituana através do suporte financeiro e da difusão de uma percepção política que não raramente se aproximou ao fascismo. Esse projeto incluiu a formação de associações, jornais e trabalhou efetivamente na cooptação das organizações católicas. Com o final da Segunda Guerra Mundial, esse projeto foi reordenando com a montagem da PLB organizada nos Estados Unidos, mas que teve um amplo impacto em todo o conjunto dos imigrantes lituanos. A perspectiva de identidade lituana por ela sustentava recuperava o discurso do governo nacionalista de Smetona, um catolicismo conservador coadunado a um ambiente de Guerra Fria e, num certo sentido, a ideia de povo em diáspora cuja cultura teria de ser salva, ou preservada, diante da destruição comunista. Vale dizer, esse discurso segue vigente e influente, pois o primeiro presidente da Lituânia pós-soviética foi o presidente da PLB, nos

Estados Unidos. Do ponto de vista prático, a ideia desta organização era se comportar como um governo no exílio, ou podemos dizer, paralelo que deveria assumir a Lituânia quando da queda do comunismo, no que foi bem sucedida.

Aqueles que se identificaram com os projetos de esquerda, particularmente, os comunistas também dependeram das relações transnacionais para sustentar suas atividades que, na medida do possível, tentavam coordenar. O intercâmbio de literatura, a circulação de jornais com informações sobre cada comunidade, integrava a luta específica a um projeto amplo sempre voltado à revolução. Essas conexões ultrapassavam os países sul -americanos. Na década de 1930, constatamos que foi importante o intercâmbio de literatura com os Estados Unidos, particularmente os jornais *Vilnis* e *Laisve*, além da formação da ALDLD que permitia a circulação de literatura. Com a Segunda Guerra Mundial, a conexões se fizeram diretamente com o governo da Lituânia Soviética, desde o primeiro momento de sua implementação e, posteriormente, com a integração a URSS. Os esforços de Guerra e a mobilização dos lituanos na América para contribuir com estes foi um momento decisivo da aproximação que se manteve, via embaixada soviética no Uruguai até 1974.

Desta síntese analítica podemos concluir que os lituanos não constituíram um grupo nacional de imigrantes por formarem uma massa homogênea de indivíduos desterrados sedentos por manter suas referências culturais em terras distantes enquanto são assimilados pela economia e pela política dos países receptores. Essa forma, caricatural que reduz o imigrante a culinária, festa e dança típica como “casca” a força de trabalho. O fato de serem sujeitos históricos, capazes de sustentar distintos projetos a partir da forma como concebem suas experiência e ao que almejam para o futuro. O lituano poderia ser comunista ou fascista, ou de qualquer outra orientação política ideológica. O que o tornava parte de uma mesma coletividade era a percepção de uma experiência comum cujo passado e futuro estava em disputa e, podemos dizer, permanecem. São assim laços que constantemente se entrelaçam em conflito permanente que ao longo da história passam de tragédia em tragédia e, no caso lituano, não foram poucas.

Por fim, acreditamos que com esta incursão histórica abrimos novas perguntas que, talvez, possam de alguma forma possam ser respondidas no futuro. Caberia pensar de forma mais apurada a relação entre os imigrantes da América do Norte e da América do Sul. Aqui comprar e, sobretudo elaborar uma perspectiva transnacional

possa abrir novos caminhos para a história da imigração, principalmente no que se refere às mobilizações políticas.

FONTES

Arquivos e Acervos

Arquivo do Estado de São Paulo.
Archivo General de la Nación, Argentina.
Archivo de la Nacion, Uruguay.
Archivo MRECIC, Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto , Argentina.
Archivo Museo de la inmigración de Berisso.
Archivo del Partido Comunista de la Argentina.
Arquivo do Partido Comunista Lituano (LKP Archivas) Lituânia.
Biblioteca Nacional de La Republica Argentina.
Biblioteca Nacional de Uruguay.
Biblioteca Lietuvių Katalikų Savyšalpos ir Kulūros Draugija Mindaugas, Argentina.
Biblioteca Nacionalinė Martynos Mažydo Martyno Biblioteka, Lituânia.
Biblioteca Sociedad Cultural Litwana de Socorros Mutuos Nemunas, Argentina.
Biblioteca Susivienijimas Lietuviu Argentinoje, Argentina.
Biblioteca Taminent Library, New York City, Estados Unidos.
National Archive and Record Administration, Washington DC, Estados Unidos.
National Archive and Record Administration, Chicago, Illinois, Estados Unidos.

Arquivo do Partido Comunista Lituano (LKP Archivas, Vilnius)

Argentinos Lietuvių Kolonija. Draugijoje “Diegas” Fondas 13698.
Argentinos Lietuvių Kolonija. Lietuvių Socialistų Sąjungos Argentinoje Suvažiavimo. Fondas 13698 -1-3.
Argentinos Lietuvių Kolonija. Lietuvų Darbininkų Apšvietos Draugijas Pietų Amerikoje. Fondas 13698-1-9.
Argentinos Lietuvių Kolonija. Argentinos Lietuvių Spaudas Koperativinės Bendrovės “Rytojus”. Fondas 13698 – 1 -14.
Argentino Lietuvų Kolonija. Lietuvių Liaudies Teatra. Direkcijos ir Sekcijų Posedžių Protokoliai. Fondas 13698-1-30.
Argentinos Lietuvių Kolonija. Argentinos Lietuvių Ispanijo Pilietinio Karo. Fondas 13698 – 1- 39. LKP Archivas.
Argentinos Lietuvų Laisvoji Lietuva. Fondas 13698 – 1-47.
Brazilijos Pažangiųjų Lietuvių Organizacijos. Fondas 17530
Jungtinių Amerikos Valstijų Pažangiųjų Lietuvių Organizacijos. Lietuvių Socialistų Sąjungos Literatūros Komiteto. Fondas 15808 – 1-14.
Kanados Pažangusijus Lietuvių Organizacijos. Fondas 17378-1-2.
Pranas Ulevičius. Lietuvos Komunistų Partija Centro Komietas. Fondas 77 – 28
Lietuvių Liaudies Teatro ir Sekcijų Posedžių Protokoliai. Teatro Susrašinėjimas su sekcijomis, įvairiomis įstaigomis Darbo Kausimais. Fondas 1369.
Urugvajus Lietuvių Kolonija. Fondas 13699 – 1-9.

Archivo MRECIC, Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto

Carpetas “Lituania”. Anos: 1924, 1930, 1931, 1933, 1934, 1935, 1937, 1939, 1940, 1944, 1946

Periódicos

AIDAS
 Argentino Naujienos
 Brazilijos Lietuvis
 Balsas
 Dabartis
 Garsas
 Išven
 Laisvoji Lietuva.
 Laiškas
 Momentas
 Mūsų Darbas
 Mūsų Lietuvą
 Mūsų Žodis
 Pietų Amerikos Žinios.
 Rytas
 Rytojus
 Sypsenos
 Švyturys
 Tėvyne
 Tiesos Žodis
 Žinios

Impressos

Antanas Petrika. *Lietuvių Literatūros Draugija ir Pažangieji Amerikos Lietuviai*, New York, ALDLD, 1965.
 Argentinos Lietuvių Centras. *Argentinos Lietuvių Centro metraštis 1927 – 1952*. Lietuvių Centras Buenos Aires, 1953.
 Juozas Daugela. *Lietuviai Brazilijoje*. Nepriklausomų rašytojų ir žurnalistų grupės leidinys, Kaunas, 1933.
 Laisve 60-Mecio Jubiliejinis Albumas 1911 - 1971. Išeido "Laisve" 102-02 N.Y. 1971
 Linas Valbasys. *Leiskit į Tėvynę*. Valstybinė Grožinės Literatūros Leidykla. Vilnius, 1958.
Lietuvių Liaudies Teatro Albumas. Impresso pela Kajer Polski, Buenos Aires, 1940.
 Lietuvių Imigracijos Brazilijon Penkiasdešimtmečio Komitetas. Penkiasdešimtmetis 1926/1976. São Paulo, 1976.
 Momento Kalendorius, 1939 metams. Spaudos B-ves "Talka" leidinys nr.1. Buenos Aires, 1939
 Pasaulio Lietuvis. Lietuvos Nacionalinė Martyno Mažydo Biblioteka
 P. Ruseckas. *Pasaulio Lietuviai*. Draugija Užsienio lietuviams Remti – DULR. Kaunas, 1937.
 Pietų Amerikos Lietuvių Kalendorius 1937. Dabartis Spaudos Fondo Leidinys nr.3. Buenos Aires, 1937
 Pirmojo Pietų Amerikos Lietuvių Kongreso Leidinys. Buenos Aires, 1947.
 Pranas Ulevičius. *Pietų Amerikos Lietuviai*. Valstybinė Politinės ir Mokslinės Literatūros Leidykla. Vilnius, 1968.
 Redakcinė Komisija. *Albumas Dešimties Metų Lietuvių Darbininkų Susienijimo*. Lietuvių Darbininkų Susivienijimas. Brooklyn, New York City, 1940.
 Rojus Mizara. *Argentina ir Ten Gyvenanti Lietuviai*. Brooklyn, New York, spauda Laisve, 1928. P

Rojus Mizara. Darbininkų Kalendorius, 1928. Laisve, New York, 1928

Série Prontuários Deops/SP, Apesp.

Prontuário nº. 2748 - Kostas Uckus.

Prontuário n. 534 – *Sociedade dos Lituanos no Brasil*.

Prontuário n. 1398. *Sociedade Lituana Cultura Jibury*.

Prontuário n. 1467 – *Albino Kynas*.

Prontuário nº. 5452 – Aidas.

Prontuário nº. 77670 – *Jornal Musu Zodis*.

Série Dossiê Deops/SP, Apesp

Dossiê 30-J-08.

BIBLIOGRAFIA

Artigos:

ANDERSON, Benedict. "Western Nationalism and Eastern Nationalism. Is there a difference that matters?" . *New Left Review*, n 9. may-jun 2001. pp. 31- 42.

BAILY, Samuel. The adjustment of Italian immigrants in Buenos Aires and New York. *American History Review*, V.88, n 2, 1983.

----- The role of press and assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo, 1893 – 1913. *International Migracion Review*, v 12, p. 321 – 340, 1978.

BERTONHA, João Fábio. Fascismo, anti-fascismo y las comunidades italianas en Brasil, Argentina y Uruguay: una perspectiva comparada. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, v.14, n 42, 1999.

BUDRYTE, Dovile. "Experiences of Collective Trauma and Political Activism: A study of Women Agent of Memory in Post-Soviet Lithuania". *Jornal of Baltic Studies*. Vol. 41, n 3, september, 2010. pp. 331 – 350.

CADIOT, Juliette. "Searching for nationality: Statistics and national categories at the end of the Russian Empire (1897-1917)". In: *The Russian Review*. nº. 64, july 2005. pp. 440 – 455.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci "A Imagem do Imigrante Indesejável". In: *Revista Seminário 3. Imigração, Repressão e Segurança Nacional*. São Paulo, Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2003.

CIUBRINSKAS, Vytis. "To be of for your own Country". *Missionary Identity of the Lithuanian Transmigrants*. *Socialiniai Mokslai*. Kaunas, Nr. 3 (53), 2006.

DUTRA, Eliana de Freitas. "Crime Político e Segurança Nacional". In: *Revista Seminário 3. Imigração, Repressão e Segurança Nacional*. São Paulo, Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2003.

GREEN, Nancy L. "The Comparative method and poststructural structuralism. New perspectives for Migration Studies". *Jornal of American Ethnic History*. v. 13, nº. 4, 1994.

HARTMAN, Gary. Building the Ideal Immigrant: Reconciling Lithuanianism and 100 Percent Americanism to Create a Respectable Nationalist Movement, 1870 – 1922. *Journal of American Ethnic History*, Vol. 18, N 1 (Fall, 1998), pp 36-76. <http://www.jstor.org/stable/27502373>. Acesso:23/02/2010.

HAUPT, Heinz-Gerhard. “O Lento Surgimento de uma história comparada” In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passado Recompsto. Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1998.

KLUMBYTE, Neringa. “Memory, Identity and Citizenship in Lithuania”. *Jornal of Baltic Studies*. Vol. 41, n 3 September 2010. pp. 295 – 313.

MAFFIA, M. “Pauriné: Construcción de la história de vida de uma imigrante lituana”, La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 1995.

-----, MORGANTE, G y FORA, M. “Lithuanian Immigration to Argentina”, em *Two Homelands: Migration Studies* (9). Ljubljana, Scientific Reserch Centre of Slovenian Academy of Sciencies and Arts. The Institute for Slovenian Emigration Studies.

MAIER, Charles. “La historia comparada”. *Studia Historica: Historia Contemporánea*, vol. X-XI, 1992-93, 11-32.

MONKEVICIUS, P. “La Comunidad lituana y los usos del pasado. Algunas consideraciones sobre las ceremonias conmemorativas” em *Revista de Historia Bonaerense*. Instituto Histórico de Morón, ano VII nº. 22, noviembre, 2000.

----- “La identidad lituana em Argentina y la cuestion nacional”, em *Periódico del CEID*. Buenos Aires, Centro de Estudios Internacionales para el Desarrollo, ano I, nº. 2, Julio, 2001.

SENN, Alfred Erich. “Perestroika in Lithuanian Historiography The Molotov-Ribbentrop Pact”. *Russian Review*, vol. 49. N 1. Jan, 1990, pp 43 – 56.

SENN, Alfred Erich. “The Formation of the Lithuanian Foreign Office, 1918-1921.” *SlavicReview*, Vol.21, No.3Sep.,1962,pp.500-50. [http:// www.Jstor.org/stable/3000451](http://www.Jstor.org/stable/3000451). Acesso: 23/02/2010.

-----, EDINTAS, Alfonsas. *Lithuanian Immigrants in America and the Lithuanian National Movement before 1914*. *Journal of American Ethnic History*, Vol. 6, No. 2 (Spring, 1987), pp. 5 19 Published by: University of Illinois Press Stable <http://www.jstor.org/stable/27500524> Accessed: 27/06/2009, 13h11m.

SEYFERTH, Giralda. “Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”. In: *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

----- “A Assimilação dos imigrantes como questão nacional”. In: *Revista Mana*, Estudo de Antropologia Social. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. nº 3, ano 1, 1997.

SPIRES, Scott. “Lithuanian linguistic nationalism and the Cult of antiquity”. *Nations and Nationalism*. n 5 (4). 1999. pp 485-500.

TRUZZI, Oswaldo. "The right place at the right time: syrians na lebaneses in Brazil na the United States, a comparative approach". *Jornal of American Ethnic History*, v. 6 n°. 2 p 3-34, 1997.

----- ; BERNASCONI, Alicia. Política Imigratória no Brasil e na Argentina no anos de 1930: aproximações e diferenças. In: SALES, Teresa; SALLES, Rosário Política Migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Paulo: Sumaré e EdUFSCar, 2002.

VALANTIEJUS, Algis. "Early Lithuanian Nationalism: sources of its legitimate meaning in an enviroment of shifting boundaries". *Nations and Nationalism*". 8 (3), 2002, pp. 315-333.

SABALIUNAS, Leonas. "Social Democracy in Tsarist Lithuania, 1893-1904". *Slavic Review*, Vol. 31, No. 2 (Jun., 1972), pp. 323-342 <http://www.jstor.org/stable/2494337>. Accessed: 23/02/2010

SOURCE, Stanley Vardys. "The Partisan Movement in Postwar Lithuania". *Slavic Review*, Vol. 22, No. 3 (Sep., 1963), pp. 499-522 <http://www.jstor.org/stable/2492495>. Accessed: 23/02/2010.

MOORE, David Chioni. "Is the Post- in Postcolonial the Post- in Post-Soviet? Toward a Global Postcolonial Critique". *PMLA*, Vol. 116. N. 1 Jan 2001. pp. 111-128.

WALICKI, A. Rosa Luxemburg and The Questiono f Nationalism in Polish marxism (1893 – 1914) *The Slavonic and East European Review*. Vol. 61, n 4, (oct. 1983) pp. 565-582. <http://www.jstor.org/stable/4208754>. Acesso: 23/02/2010.

WEEKS, Theodore R. "Russification and Lithuanians, 1863-1905". *Slavic Review*, Vol. 60, n 1, 2001, pp. 96-114. <http://www.jstor.org/stable/269764>. Acesso: 21/11/2010.

WHITE, James D. "National Communism and World Revolution: The Political Consequences of German Military Withdrawal From the Baltic Área in 1818-19." *Europe Ásia Studies*. Vol. 46 n 8, 1995. pp. 1349 – 1369.

Obras:

BALKELIS, Tomas. *The Making of Moderna Lithuania*. London/New York. Routledge Taylor & Francis (e-book), 2009

CAMARERO, Hernán. *El Partido Socialista en Argentina*. Sociedad, política e ideas a través de un siglo. Buenos Aires, Promoteo Libros, 2005.

----- *A La Conquista de la Classe Obrera. Los Comunistas y el Mundo del trabajo en la Argentina, 1920 – 1935*. Buenos Aires, Siglo XX, Editora Sud Americana, 2007.

CAMPIONE, Daniel. *Buenos Aires Moscú Buenos Aires*. Los Comunistas argentinos y la Tercera Internacional. Primera Parte (1921-1926). Buenos Aires, Ediciones del CCC Centro de Cultura de la Coop. Floreal Gorini, 2007.

CAMPOS, Alzira Lobo Arruda. *Estrangeiro e Ordem Social* (São Paulo, 1926-1945). In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH / Ed. Unijuí, vol. 17, n.º 33. 1997.

CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência. A Polícia da Era Vargas*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1993.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidão em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas, Papirus, 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Anti-Semitismo na Era Vargas*. 3.ª edição São Paulo, Perspectiva, 2001.

----- *Brasil, Refugio nos Trópicos*. São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

----- *Livros Proibidos Idéias Malditas. O Deops e as Minorias Silenciadas*. 2.ª edição. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

----- (org) *Minorias Silenciadas*. São Paulo, Edusp, Imprensa Oficial/FAPESP, 2002.

----- *O Veneno da Serpente*. Reflexões sobre o Anti-semitismo no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 2003.

----- e KOSSOY, Boris (orgs) *Imprensa Confiscada*. São Paulo, Ateliê Editorial, IMESP, Arquivo do Estado, 2004.

----- *Preconceito Racial em Portugal e Brasil Colônia*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930 - 1937)* São Paulo, Difel, 1982.

----- *O Estado Novo (1937 - 1945)* São Paulo, Difel, 1977.

CATTARUZZA, Alejandro (org.) *Nueva Historia Argentina. Crisis Econômica, avance del Estado e incertidumbre política (1930-1943)*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2001.

CAVALCANTE, Bernice. *Certezas e Ilusões: Os Comunistas e a Redemocratização da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense/UFF, 1986.

CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e Judaísmo. História de uma Relação Difícil*. São Paulo, Boitempo Editorial/ Xamã Editora, 1998.

DEVOTO, Fernando J. *Historia de la Inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

----- *Historia de los Italianos en la Argentina*. Buenos Aires: Biblos, 2006.

DONGHI, Túlio Halperin. *La Argentina y La Tormenta del Mundo*. Ideas e Ideologias entre 1930 y 1945. Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

DRAPER, Theodore. *The Roots of American Communism*. New Jersey, Transaction Publisher, 2003.

DULLES, J F. *O Comunismo no Brasil (1935 – 1945)*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.

----- *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

EIDINTAS, Alfonsas. *Lithuanian Emigration to the United States (1868 – 1950)*. Mokslo ir Enciklopedijų Leidybos Intitutas. Vilnius, 2003.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo, Sumaré / FAPESP. (Série Imigração), 1991.

----- *História do Brasil*. 7.^a edição. São Paulo, Edusp, 1999.

GERMANI, Gino. *Estructura social de la Argentina. Analisis estadístico*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1987.

GREENBAUM, Masha. *The Jews of Lithuania. A History of a Remarkable Community (1316 – 1945)*. Jerusalem, Gefen, 1995.

GILBERT, Isidoro. *El Oro de Moscou*. Historia Secreta de la Diplomacia, El comercio y la inteligência soviética en la Argentina. Buenos Aires, Sudamericana, 2007.

GONZÁLES, Lucas; BORAGINA, Jerônimo; DORADO, Gustavo; SOMRARO. *Voluntários de Argentina en la Guerra Civil Española*. Editora del CCC, Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini. Buenos Aires, 2008.

HOBSBAWN, Eric J. *Nação e Nacionalismo desde 1780. Propaganda Mito e Realidade* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

----- *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

----- *Era dos Extremos. O Breve Século XX 1914 - 1991*. São Paulo, Companhia Das Letras, 1997.

----- *Pessoas Extraordinárias. Resistência, Rebelião e Jazz*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

----- (org) *História do Marxismo*. O Marxismo na Época da Segunda Internacional I, II, III. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

----- (org) *História do Marxismo*. O Marxismo na Época da Terceira Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

----- e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. 2ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

KIAUPA, Zigmantas. *The History of Lithuania*. Baltos lankos, Lithuania, 2004.

LOBATO, Mirta Zaida. *La Vida en las Fábricas*. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904 – 1970). Buenos Aires, Prometeo Libros, 2001.

----- *La Prensa Obrera*. Buenos Aires y Montevideo. Buenos Aires, Edhasa, 2009.

LOWY, Michael. *Marxismo na América Latina*. Uma Antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, 2006.

LUKOWSKI, Jerzy e ZAWADZKI, Hubert. *Concise History of Poland*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

MAFFIA, Marta M. (org.). *Donde están los inmigrantes?* Mapeo Sociocultural de grupos de inmigrantes. Mapeo sociocultural de grupos de inmigrantes y sus descendientes en la provincial de Buenos Aires. La Plata: Ediciones Al Margen, 2002.

MARGULIS, Marcos. *Os Judeus na História da Rússia*. São Paulo, Edição Bloch, 1971.

Maria Bjerg. *Historia de La Inmigración en la Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 2009

MORAES, João Quartim de & REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*. Volume I. O Impacto das Revoluções. São Paulo, Unicamp, 2003.

PAIVA, Odair da Cruz. *Breve História da Hospedaria do Imigrante e da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2000.

PANDORF (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PINHEIRO, Paulo Sergio. *Estratégia da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil (1922 –1935)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

REYNOLDS, Michael A. *Shattering Empires. The clash and Collapse of the Ottoman and Russian Empires 1908 – 1918*. Cambridge, University Press, 2011.

SAYAD, Abdelmalek, *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHULTZE, Marisa Silva. *Aquelloos Comunistas (1955-1973)*, Montevideo, Taurus, 2009.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SENKMAN, L. Argentina: *La segunda Guerra y los Refugiados Indeseables*, 1933 – 1945. Buenos Aires: Grupo Editorial Latino Americano, 1992.

SIPAVICIENE A. *International Migration Development in Lithuania: Causes, Consequences, Strategy*. Vilnius, Lithuanian Institute of Philosophy na Sociology, 1997.

SUZIEDELIS, S. *The Sword and the Cross. A History of the Church in Lithuania*. Huntington, Publishing Division, 1988.

SMITH, Anthony D. *The Ethnic Origins of Nation*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

----- *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.

----- y MÁIZ, Ramón. *Nacionalismo y Movilización política*. Buenos Aires: Prometeu, 2003.

SMITH, Graham (org). *The Baltic States. The National Self-Determination of Estonia, Latvia and Lithuania*. London, Macmillan Press, 1994.

SNYDER, Timothy. *The Reconstruction of Nations. Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus (1569 -1999)*. Yale University, e-book, 2003.

Van REENAN A. *Lithuanian Diáspora: Konigsberg to Chicago*. Lanhan, University Press of America.